

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**MARIANGELA SANTANA GUIMARÃES SANTOS**

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA**  
**DE CAXIAS MARANHÃO**

**São Leopoldo/RS**

**2018**

**MARIANGELA SANTANA GUIMARÃES SANTOS**

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DA CIDADE DE  
CAXIAS DO MARANHÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutora em História.

Linha de Pesquisa: Sociedades Indígenas, Cultura e Memória.

Orientador: Prof. Dr Jairo Henrique Rogge.  
Coorientadora: Profª. Drª. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos.

São Leopoldo/RS

2018

S237f Santos, Mariangela Santana Guimarães

Fragmentos da memória: contribuições à história da cidade de Caxias do Maranhão / Mariangela Santana Guimarães Santos. \_\_ São Leopoldo: UNISINOS, 2018.

208 f.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge.

Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
Curso de Pós-Graduação em História.

1. Memória. 2. História. 3. Patrimônio. 4. Maranhão - Caxias. I.  
Título.

CDU 94(812.1)

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

**MARIANGELA SANTANA GUIMARÃES SANTOS**

**FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DA CIDADE DE  
CAXIAS DO MARANHÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutora em História.

DATA DE DEFESA: 05 de janeiro de 2018

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eder da Silva Silveira - UNISC

---

Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr - FACCAT

---

Prof. Dr. Marcos Antonio Witt - UNISINOS

---

Prof. Dr. Marcus Vinícius Beber - UNISINOS

Dedico o presente trabalho aos meus pais, Sebastiana Santana Guimarães e Edson Guimarães, *in memoriam*, maiores incentivadores para a realização dos meus sonhos, nos estudos e na profissão. Sempre acreditaram no meu compromisso e cuidado com a minha trajetória intelectual e profissional.

Dedico também aos três amores da minha vida, a meu esposo Silvio César Costa Santos, que soube compreender as minhas ausências e me apoiar em todas as minhas tomadas de decisões. O seu carinho e atenção foram de extrema importância para o transcurso desse trabalho. Aos meus amores infinitos, filhos queridos, Silvio César Costa Santos Segundo e Enzo Santana Guimarães Santos, que me compreenderam mesmo nos momentos que não pude acompanhá-los na escola, nas festividades, no corte do cabelo, na rotina do dia a dia. Por estarem ao meu lado em todas as circunstâncias, garantindo incentivo, carinho e atenção. “Meu porto seguro”.

## AGRADECIMENTOS

Uma pausa para lembrar de todos que compartilharam desse trabalho. Teria sido mais difícil ainda se não tivesse esse aparato de pessoas, família, amigos, colegas de trabalho. A relação de nomes não caberia nessas laudas. Todos direta ou indiretamente, tenho certeza, estavam presentes nessa trajetória, resultado de quatro anos de leituras, escritas e dúvidas.

Início agradecendo a Deus, a quem foi a luz celestial para me conduzir nesse caminho do doutoramento.

À Universidade Estadual do Maranhão-UEMA que vem aplicadamente se esforçando no sentido de possibilitar qualificação para os docentes; idealizou e planejou essa formação doutoral.

Ao CESC/UEMA por organizar e dinamizar os momentos de estudos, importantes para o andamento da pesquisa.

À Secretaria de Estado do Maranhão, na figura da Escola Thales Ribeiro Gonçalves, por ter me franqueado a possibilidade de idas e vindas entre URE-Caxias e a Escola.

Aos amigos da UniFacema, Marcos Aurélio de Araújo, Dayane Castro, Henrique Passos, Suely Barbosa, Maria Helena Rodrigues e os colegas professores e colaboradores que sempre me atenderam quando necessitei.

A UNISINOS, que me acolheu com infinitas possibilidades, local que encontrei professores do PPG em História com vastos conhecimentos, experiências e cuidado na condução dos ensinamentos. Funcionários atenciosos com informações precisas, mas acima de tudo pessoas carinhosas e amigas. Quero ressaltar o nome de todos na pessoa de Saionara Brasil.

Ao Professor Jairo Henrique Rogge meu eterno orientador, com atenção, competência e apoio de um amigo, um colega de profissão, soube respeitar os limites e também fazer as exigências necessárias para o cumprimento do trabalho. Acredito que a sua forma de conduzir esse processo de orientação no doutorado me fez compreender que a sensibilidade é muito importante para a condução do conhecimento. Mas vi que essa generosidade no tratamento com os seus orientandos e com todos faz parte do seu jeito, da sua personalidade.

À professora mais que querida, Eloisa Helena Capovilla Luz Ramos, que tive a honra de ter como minha coorientadora, e posso dizer, tive muita luz em ter duas pessoas competentes para orientar a pesquisa.

A minha família que a seu modo soube me dar apoio, carinho e atenção. Todos sempre foram os maiores incentivadores para a realização desse trabalho, quero agradecer o carinho de todos.

Mas destacar todos como meus eternos admiradores: Rosangela, Solange, Elisangela, Rosenilde, Rosilane, Emilson, Paulo, Edilson e meu amor eterno, *in memoriam*, Edson Filho e a todos os sobrinhos amados e cunhados queridos.

A minha sogra e sogro e a todos da família Santos que vivem constantemente aplaudindo as minhas conquistas.

À turma única e singular denominada de “especial” nos encontros de professores dos centros da UEMA, que deixou marcas maravilhosas de dias de alegrias e conhecimentos.

Ao “nosso” grupo de Caxias: Jordânia, Elizete, Roldão, Lucita, que foram referências para dar os primeiros passos ao doutoramento em História.

Às amigas Lucita e Elizete, companheiras de aconchego, carinho e atenção nas horas de aperto. A uma grande amiga Ilma, com quem firmamos amizade desde o primeiro dia que chegamos a São Leopoldo/RS. Hoje a considero não só uma querida amiga, mas também irmã, que embora estando a 800 km de distância de Caxias, estava muito próxima, compartilhando leituras e aprendizados, companheira de desabafo, de atenção e sobretudo de escuta, que muitas vezes precisamos nesse período de isolamento intelectual.

Aos amigos de sempre em todas as circunstâncias, Cacilda Aguiar, Carlos Augusto, Maria Tânia da Conceição (Ex-orientanda), Dona Teresa Oliveira e Sr. Sebastião Oliveira, casal de amores que do seu jeito cuida de mim. Ao casal Willame e Márcia pela amizade e torcida para tudo se encaminhar bem.

Aos queridos entrevistados moradores dos bairros, Juciê Mourão, Francisco Abreu, João Lima, Justina Assunção e Jesus Lobão, que com suas memórias ajudaram na tessitura desse trabalho. Aos professores de História, Joana Batista, Mercilene Barbosa e José de Ribamar Falcão que contribuíram grandemente com seus saberes e dizeres sobre a História local.

A todos que compreendem que o caminho da pesquisa é um deleite, mas que exige apoio e generosidade dos que estão por perto.

À inesquecível amiga Ana Elizabeth Félix (*in memoriam*) que não irá compartilhar em presença física esse momento, mas de forma espiritual estará me abençoando.

Obrigada aos professores que fizeram parte da banca de qualificação, Prof. Marcos Witt e Ana Meira, contribuições que renderam muitas mudanças de rota.

Obrigada pela atenção dos professores que compôs essa última etapa avaliativa desse trabalho. Aos componentes da banca de defesa, profs. Drs. Éder da Silva Silveira, Daniel Luciano Gevehr, Marcos Antonio Witt e Marcus Vinícius Beber.

Muito agradecida a todos, finalizo com esse trecho da música de Almir Sater, ‘Tocando em Frente’.

*[...] hoje me sinto mais forte mais feliz, quem sabe só levo a certeza de que muito pouco eu sei ou nada sei [...] cada um de nós compõe a sua história cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz [...]*

*(SATER, Almir)*

## RESUMO

Caxias, no Maranhão, é uma cidade com um vasto repertório no que se refere a elementos patrimoniais, culturais e históricos, tanto materiais como intangíveis: sua arquitetura, sua economia, sua religiosidade, sua vida política, educacional, social, que está expressa em bairros, casarões, fábricas, igrejas, escolas, universidades, praças, monumentos, festas, alimentos, poesias, enfim, em toda uma diversidade de lugares, coisas e fazeres/saberes que podem fornecer preciosas informações sobre o processo de formação da cidade. A partir desse pressuposto, surgiu a questão sobre como os discursos históricos construídos sobre a cidade de Caxias podem ser percebidos, através do viés da cultura material e imaterial, como relevantes, caracterizando-a como um lugar de memórias, não somente no sentido de enaltecê-la, mas, sobretudo, como objeto de reflexão e questionamento. Apresentar, a partir de testemunhos orais, os fragmentos das memórias que contarão a história para as pessoas que ainda transitam nesses espaços, é de extrema importância. São lembranças que marcaram a vida de cada morador, cada família, os hábitos e costumes que geraram um *corpus* de memória e que merece ser compreendido, pois substancia a composição de identidades, especialmente dos mais jovens, que precisam conhecê-las para se posicionarem criticamente sobre a história e, ao compreendê-la, adquirir os fundamentos para valorizar e dar continuidade a esse processo. Buscando isso, construímos a tese a partir de relatos de cinco moradores de diferentes bairros da cidade, justapondo-os ao fim com o pensamento acadêmico formal, a partir de depoimentos de três professores, de diferentes contextos ligados ao âmbito da produção, guarda e divulgação da memória e da história caxiense. A análise do material obtido, a partir da realização da pesquisa, resultou em uma complexa relação de aspectos da história de vida dos depoentes com a temática da história e do patrimônio da cidade. Nesse sentido, observamos que através da memória dos depoentes foi possível desvelar as minúcias de um determinado período, o que possibilita que os mesmos se expressem na condição de atores principais da história do bairro e cidade que residem, mantendo ainda uma estreita relação com ela.

**Palavras-chave:** Memória. História. Patrimônio. Cidade. Caxias. Maranhão.

## ABSTRACT

Caxias, in the state of Maranhão, is a city with a vast repertoire in relation to cultural and historic patrimonial elements, either material or intangible ones: its architecture, economy, religiosity, the political, educational and social life which are expressed in neighborhoods, big houses, factories, churches, schools and universities, squares, monuments, festivities, foods, poetry in short, a whole diversity of places, things and knowledges that can provide precious informations about the city's formation process. From this assumption, the question arose as to how the historical discourses built on the city of Caxias can be perceived, through the bias of material and immaterial culture, as relevant, characterizing it as a place of memories, not only in the sense of elevation but especially as an object of reflection and questioning. Presenting, from oral testimonies, the fragments of the memories that will tell the story to the people who still pass through these spaces, is of the utmost importance. They are memories that marked the life of each inhabitant, each family, the habits and customs that generated a corpus of memory and that deserves to be understood, since it substantiates the composition of identities, especially of the younger ones, who need to know them to position themselves critically on the history and, in understanding it, acquire the foundations to value and give continuity to this process. Looking for this, we constructed the thesis from the accounts of five residents of different neighborhoods of the city, juxtaposing them to the end with formal academic thinking, based on the testimonies of three teachers, from different contexts related to the scope of production, custody and disclosure memory and history. The analysis of the material obtained from the research resulted in a complex relation of aspects of the life history of the deponents with the theme of the history and patrimony of the city. In this sense, we observe that through the memory of the deponents it was possible to unveil the details of a certain period, which allows them to express themselves in the condition of the main actors of the history of the neighborhood and city that reside, still maintaining a close relationship with it.

**Key words:** Memory. History. Patrimony. City. Caxias. Maranhão.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Narradores representando os bairros

Quadro 2 - Professores da área de História

Figura 1 - Vista parcial do Centro Histórico da cidade

Figura 2 - Vista panorâmica da cidade de Caxias

Figura 3 - Foto do centro da cidade, com seus babaçuais

Figura 4 - Imagem do Morro do Alecrim, localizado ao lado das Ruínas da Balaiada

Figura 5 - Planta da cidade de Caxias, destacando em amarelo o seu Centro Histórico

Figura 6 - Imagem da cidade de Caxias, destacando em verde o seu Centro Histórico

Figura 7 - Palácio Duque de Caxias (1890), residência do Sr. José Delfino

Figura 8 - Palácio Duque de Caxias (1890), residência do Sr. José Delfino no andar de cima está obsoleto, e no térreo são pontos comerciais

Figura 9 - Antigo Mercado Central, onde atualmente funciona o Executivo Municipal. Na figura a esquerda funcionou o presídio da cidade 1920

Figura 10 - Casarão secular da família Castelo, no centro histórico da cidade

Figura 11 - Fachada de Residência dos Silveira, revestida de azulejo português 1873, situada no centro histórico

Figura 12 - Casarão da Família Delfino, no centro histórico da cidade

Figura 13 - Hotel Excelsior, no centro histórico, que já hospedou ilustres caxienses e visitantes

Figura 14 - Estação do trem, representação da linha ferroviária na cidade estabelecendo as relações econômicas com as cidades e estados

Figura 15 - Fachada do Antigo Fórum, local onde também funcionou o Grupo Escolar João Lisboa

Figura 16 - Palácio Episcopal, residência oficial do Bispo, construído em 1944

Figura 17 - Balneário Hidromineral, conhecido como Veneza

Figura 18 - Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que domina importante vista da cidade

Figura 19 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Na Guerra da Balaiada (1838-1841)

Figura 20 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré, localizada no Bairro Trizidela

Figura 21 - Praça Gonçalves Dias, localizada no centro histórico da cidade

Figura 22 - Festejo de São Sebastião

Figura 23 - Feira no Mercado Central

Figura 24 - Mapa de localização de Caxias

Figura 25 - Ruínas do antigo Quartel da Guerra da Balaiada que abrigou as tropas da Guarda Nacional e do Exército Brasileiro

Figura 26 - Mapa com os Bairros de Caxias, de acordo com a Lei 1.838/2009.

Figura 27 - Bairros da cidade estudados na pesquisa.

Figura 28 - Mapa do Bairro Trizidela.

Figura 29 - Mapa do Bairro Cangalheiro

Figura 30 - Mapa do Bairro Centro

Figura 31 - Mapa do Bairro Galiana

Figura 32 - Mapa do Bairro Ponte

Quadro 3 - Perfis dos narradores representantes dos bairros.

Figura 33 - Anúncio da fábrica no Jornal Diário de São Luís

Figura 34 - Fábrica de Tecidos em seu apogeu

Figura 35 - Vista atual da fachada do prédio, hoje Centro de Cultura José Sarney

Figura 36 - Vista da fachada do Clube União Artística Operária Caxiense

Figura 37 - Família com crianças fantasiadas para matinê de carnaval no Clube União

Figura 38 – Banda Goiabada, do Sr. Barro Duro, nas festividades carnavalescas do Clube União

Figura 39 - Vista frontal da Igreja de São Benedito

Figura 40 - Nave principal da Igreja de São Benedito

Figura 41 - Relógio da Igreja São Benedito

Figura 42 - Igreja Nossa Senhora da Conceição de São José das Aldeias Altas, 1908

Figura 43 - Igreja Nossa Senhora da Conceição, atualmente

Figura 44 - Movimento na chegada e partida do Trem

Figura 45 - Estação Ferroviária, atualmente

Figura 46 - Praça com os bustos dos poetas

Figura 47 - Praça Panteon, na atualidade

Figura 48 Acima, à esquerda, busto de Gonçalves Dias; à direita, busto de Coelho Neto. Abaixo, à esquerda, busto de Vespasiano Ramos; à direita, busto de Dias Carneiro

Figura 49 - Fachada da Escola João Lisboa, onde funciona atualmente

Figura 50 - Escola João Lisboa e vista da Rua 1º de Agosto

Figura 51 - Ruínas do antigo Quartel da Balaiada

Figura 52 - Artefatos encontrados nas escavações do Quartel da Balaiada

Figura 53 - Prédio onde funciona o Memorial da Balaiada

Figura 54 - Interior do Memorial da Balaiada

Quadro 4 - Produção dos trabalhos que retratam sobre a cidade de Caxias/MA

Quadro 5 - Patrimônio cultural no olhar dos moradores e pelos órgãos oficiais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 HISTÓRIA, CIDADE, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: tempo e lugar</b> .....	29
1.1 História e memória: sentidos e significados.....	30
1.2 Cidade e memória: entre o tempo e espaço - cenários do patrimônio.....	39
1.3 Patrimônios e a cidade.....	50
<b>2 CAXIAS DO MARANHÃO: memórias que narram a cidade</b> .....	67
2.1 Caxias do Maranhão: redescobrimo a cidade, lugar de muitas memórias.....	68
2.1.1 O Bairro no trânsito das memórias.....	79
2.2 Do esquecimento às reminiscências: com a palavra os moradores da cidade.....	95
<b>3 FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: contribuições à cidade</b> .....	121
3.1 Ecos da história: incursão pelas memórias da cidade de Caxias do Maranhão.....	122
3.1.1 Voos do progresso: a fábrica têxtil.....	125
3.1.2 O clube como elo de sociabilidade: pontes de permanência.....	129
3.1.3 Igreja: universo de formalidade de um lugar incomum.....	135
3.1.4 Pelo viés dos trilhos: bom dia Caxias!.....	141
3.1.5 A mesma praça, o mesmo banco, o mesmo jardim: histórias a serem contadas.....	147
3.1.6 A escola: fios de memória.....	151
3.1.7 As Ruínas da Balaiada: passado e consciência.....	156
<b>4 RESISTÊNCIA AO TEMPO: contributos para a produção de uma história da cidade</b> .....	163
4.1 A escrita da História da cidade: suas narrativas, imagens e documentos.....	164
4.2 Intercruzando olhares: uma análise das vozes da academia.....	175
<b>CONCLUSÃO</b> .....	192
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	197
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
(Gonçalves Dias)

### A escolha do tema

Não poderia iniciar essa história sem evocar o sentimento de pertencimento de Gonçalves Dias, autor do poema intitulado “Canção do Exílio”, pois assim é apresentada ao mundo a cidade de Caxias, Maranhão. E é com esse sentimento de pertencimento que me apresento como uma caxiense de naturalidade que entende que estudar a cidade, sob o ponto de vista de seu patrimônio, pode torná-la mais viva na memória de todos.

Nasci em Caxias, em um bairro chamado “Pé da Ladeira”, situado a duas quadras do centro da cidade. Vivi boa parte da minha vida de estudante na cidade de Teresina, capital do Piauí, que fica a 80 km de distância, local em que cursei o Ensino Médio, a Graduação, a Especialização e o Mestrado na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O retorno à cidade de Caxias deu-se através do meu trabalho, como docente da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, e como tal me foi concedida a oportunidade de cursar o doutorado em História, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, o que me oportunizou estudar a cidade de Caxias no que se refere ao seu patrimônio material e imaterial.

Vários estudos já foram empreendidos sobre a história da cidade de Caxias, alguns deles também tratando de compreender a história da cidade a partir do seu testemunho patrimonial, conduzindo essa reflexão da mesma forma para área educacional. Porém, realço minhas intenções sobre o estudo dessa temática que surgiu das inquietações percebidas no tempo e espaço de minha atividade profissional, como docente de jovens no Ensino médio e como formadora de professores no Ensino Superior, o que me possibilitou realizar discussões, em salas de aula, sobre o distanciamento que as pessoas têm em relação ao conhecimento da história e do patrimônio de sua cidade, sobretudo por parte dos indivíduos mais jovens.

A história da cidade necessita ter eco nos mais variados campos de formação; para tanto, essa pesquisa reacende um propósito de estudá-la, uma vez que a cidade tem como peculiaridade sua própria beleza cultural, visto que a mesma já foi palco de movimentos que tiveram ressonância nacional, uma economia que a tornou diferente das outras cidades do Estado do Maranhão, assim como sua própria cultura em termos de danças, religiosidades, mitos e culinária. Nesse sentido, como não provocar uma discussão em torno de uma temática tão relevante?

A memória de cada ser humano é sempre coletiva e socialmente construída. Nessa perspectiva, busco desenvolver a pesquisa subsidiada nessa construção histórica, que não se apresenta como pioneira, mas que tem uma composição única, posto que nasce de um sentimento de pertença (HALBWACHS, 1990).

Sabemos que atualmente os historiadores têm apresentado novas possibilidades para se estudar a cidade como fenômeno cultural, uma vez que, em sua acepção moderna, ela é vista como espaço por excelência das alterações culturais, como também de tensões que se observa nas relações entre as pessoas e grupos.

Ao analisar o patrimônio, como objeto cultural, os historiadores buscam a possibilidade de resgatar os significados da cidade por meio de suas representações materiais e imateriais, por serem vistos como signos erigidos no presente, com vistas a falar de um passado ou uma variante do passado, ainda que não traga nenhuma verdade do passado. Ainda que a construção de tais representações esteja envolvida diretamente com a cultura de um povo, Pesavento (2005) assevera que elas são fundamentais não só para ordenar o mundo, mas para fazer com que os indivíduos coloquem-se nele, percebendo a realidade e pautando sua existência a partir delas.

Especificamente, a cidade é uma realidade objetiva, testemunhada por suas representações simbólicas, as quais o homem constrói sob uma teia de significados, dando voz aos anseios de uma coletividade, que por sua vez é formada por narrativas, monumentos e imagens.

A partir do estudo dessa realidade apresentada é possível compreender como a vivência coletiva constrói a história da cidade. A memória é, antes de tudo, um fenômeno individual, mas submetido às construções coletivas. Ela seria composta por pontos variáveis e pontos invariáveis, que seriam solidificados nessa construção coletiva. Os elementos que constituem a memória seriam aqueles vividos pessoalmente (conhecidos diretamente) e aqueles vividos por conhecidos indiretamente (POLLAK, 1992).

Busco justificar essa pesquisa com ênfase na fala de Nora (1993), que define os espaços que desencadeiam nossas lembranças como “lugares de memória”. Pensando nesses lugares, os quais ele menciona, é que surgiu a proposta para o desenvolvimento deste trabalho, que tem como princípio norteador compreender como vem sendo percebida a história da cidade de Caxias pela sociedade local.

Caxias é uma cidade da região do leste maranhense, cuja história tem início no segundo quartel do século XVIII, tendo completado 194 anos, e é sede da 3ª macrorregião do Estado do Maranhão. Sua população, segundo dados do último censo, é de 161.137 habitantes, sendo que a população total de todo Leste Maranhense é de 1.248.451 habitantes (IBGE, 2010).

O município de Caxias destacou-se por sua atividade econômica, que a projetou largamente em Portugal e no resto do Brasil no período colonial. É uma cidade com um repertório vasto no que se refere à diversidade cultural, religiosa, econômica e educacional, além das riquezas naturais (como o balneário Veneza) e a poesia ressaltada por Gonçalves Dias entre outros de tamanha importância, bem como suas igrejas, casarões, praças, fábricas, universidades, pelo movimento conhecido nacionalmente como Guerra da Balaiada e por outras peculiaridades observadas na história dos seus bairros, que traduzem informações sobre a cidade.

Neste sentido, a memória precisa ser compreendida e valorizada em todos os seus aspectos, visto que esses são fragmentos que proporcionam interesses para as pessoas, jovens e adultos, sendo necessária sua manutenção, constituindo-se como riquezas materiais e imateriais da comunidade caxiense, já que “pela memória constituímos nosso passado: recoletamos cenas, reconformamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos termos experimentando um dado passado” (PINTO, 1998, p. 205).

Nessa linha de entendimento, considero que o patrimônio cultural marca muitas histórias de vida, visto que construímos nossa história a partir dele e das relações com outras pessoas (HALBWACHS, 1990), motivo pelo qual precisa ser preservado tanto no seu aspecto material como imaterial. Os hábitos locais resistem às forças que tendem à transformação pelas práticas de ações e políticas modernas; neste aspecto, essa resistência nos permite perceber em quais grupos a memória tem seu ponto de apoio mais forte sobre a imagem desse patrimônio para a cidade.

É importante destacar que os estudos históricos, já há algum tempo, consideram a relevância dos objetos e espaços como elementos característicos da memória, ou lugares de

memória, para tomarmos a expressão de Pierre Nora (1993). Tal abordagem nos parece oportuna, tendo em vista que os lugares fazem parte do cotidiano, compondo o mosaico cultural que consideramos como composição paisagística natural da cidade<sup>1</sup>.

São vários os monumentos que compõem o acervo arquitetônico de Caxias, e todos merecem valorização, não somente pelo monumento em si, mas pela representação de sua história para a cidade. Apresentar, a partir de testemunhos orais, os fragmentos das memórias que contarão a história para as pessoas que ainda transitam nesses espaços, é de extrema importância. São lembranças que marcaram a vida de cada morador, cada família, os hábitos e costumes que geraram um *corpus* de memória e que merece ser compreendido, pois substancia a composição de identidades, especialmente dos mais jovens que precisam conhecê-las para se posicionarem criticamente sobre a história e, ao compreendê-la, adquirir os fundamentos para valorizar e dar continuidade a esse processo.

As lembranças rememoram outras que a elas estão igualmente relacionadas, quer seja direta ou indiretamente; lembranças que são oriundas do próprio sujeito ou de outros que também lhe escutam. Acima de tudo, tais histórias foram construídas a partir do mosaico de saberes que se fazem diluídos no tempo e no espaço, e que cada cidadão desenhou e faz, desse, a sua história.

O tempo é revivido e ancora-se em um conjugado de lembranças que igualmente reporta-se à memória social mais ampla. O objeto da memória é aperfeiçoado pelo tempo, sendo ele seu alicerce, e a ele concerne à memória.

Memória nos remete a vários significados. Memória, que é oposto de esquecimento, igualmente é composta por este elemento, é permeada por lembranças relacionadas a múltiplos momentos da vida. Muitos compreendem que a finalidade da memória esteja pautada somente na competência de registrar dados e informações. Entretanto, ela vai além dessa função, pois deve ser vista como uma das maneiras de representar o passado humano, de debater com ele, alicerçada não só pelas lembranças, mas também pelo esquecimento. Nossas lembranças estão desenhadas pelos outros, ainda que estes não estejam próximos fisicamente. A ação de lembrar não é solitária.

---

<sup>1</sup>Segundo o pensamento de Aloísio Magalhães (1927-1982), importante designer gráfico, artista plástico e cenógrafo brasileiro. Junto à sua equipe, predominantemente multidisciplinar, formada por matemáticos, físicos, museólogos e antropólogos, entre outros, elaborou diversos conceitos e desenvolveu novos olhares sobre o patrimônio cultural brasileiro

Neste sentido, a relação da memória com a história se configura na preservação e na organização do tempo, permitindo a mobilização e construção do saber histórico, pois o ser humano fundamenta-se na história de viver junto ao seu grupo social. A memória é a força para que a história cresça e tome impulso. Ela possibilita a exclusão, realça e relembra (LE GOFF, 1990).

Através da memória, tanto o grupo quanto o indivíduo preservam, reconstruem e difundem suas experiências, seus saberes, suas emoções, sentimentos que em algum momento lhes foram significativos, seja por qual motivo ou situação. A memória, ao gerar lembranças, recupera o passado, uma vez que “a memória é a sobrevivência do passado” (BERGSON, 1990, p. 49).

Reconhecer-se no tempo e no espaço exigirá, de cada indivíduo, um espírito desperto, que se utilize das reflexões e dos sentimentos de não somente compreender a importância das lembranças como repetição, mas como um canal de comunicação para as gerações jovens (HALBWACHS, 1990).

Essa reflexão, a partir das discussões dos autores com os quais dialoguei, fez-me compreender a relevância deste estudo para a sociedade, para as pessoas que pesquisam e se interessam pelo viés da memória cultural, da cidade e de seu patrimônio e, mais especificamente, para a educação, vista como a articulação entre o passado e o presente, entre o antigo e o novo e, essencialmente, um dos espaços de apropriação dos saberes oriundos da história de uma sociedade.

Certamente, estudar a memória individual e coletiva, no sentido de compreender como suas reminiscências se encontram no contexto da sociedade, é multiplicar, é democratizar os conhecimentos da História, levando-nos a repensar o lugar de onde estão partindo as diferentes vozes, bem como o contexto humano que a caracteriza.

Por outro lado, a lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência no tempo. Para a memória é a garantia de nossa própria identidade, pelo modo de dizer tudo o que somos e fazemos através daquilo que fomos e fizemos. A discussão sobre o tempo aqui remete a uma daquelas noções que decorrem em nosso dia a dia e designa aspectos diferentes, desde o clima ao tempo histórico, o tempo cultural. O tempo, como produção humana, constitui-se em um instrumento para a História.

Dessa forma, não somente os elementos materiais e imateriais persistem através dos tempos, mas também os lugares, os objetos e as ações exercem influência sobre a

sociedade, ainda que nem sempre essa os percebam, sendo uma forma de o historiador dizer como um tempo se diferencia do outro na sociedade.

O passado inconsciente conservado no espírito de cada ser humano é representado pela consciência na forma de imagens e lembranças. Isso significa que todos, de alguma forma, têm nos seus registros mentais o que representam aqueles elementos materiais e imateriais, através da relação que estabelecem com as coisas, lugares e ações, em um processo de memorização, onde estão presentes os componentes objetivos e subjetivos que formam as lembranças.

Nesse sentido, uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, profissionais, escolares etc, sendo o indivíduo aquele que possibilitará o desenvolvimento dessa memória. Podemos dizer que os hábitos, as tradições, resistem às forças que tendem em algumas situações, a transformá-la. Nesse sentido, apreendemos em que circunstâncias a memória coletiva encontra apoio (BOSI, 2004).

Com isso, procuro deixar claro o quanto é importante a compreensão, para essa pesquisa, de como se constrói e se expressa a cidade a partir da sua cultura, da sua memória, dos seus lugares, dizeres e fazeres. E como tais elementos são apropriados por todos os cidadãos.

### **O percurso teórico e metodológico da tese**

Caxias é uma cidade com um vasto repertório no que se refere a elementos patrimoniais culturais e históricos, tanto materiais como intangíveis: sua arquitetura, sua economia, sua religiosidade, sua vida política, educacional, social, que está expressa em bairros, casarões, fábricas, igrejas, escolas e universidades, praças, monumentos, festas, alimentos, poesias, enfim, em toda uma diversidade de lugares, coisas e fazeres/saberes que podem fornecer preciosas informações sobre o processo de formação da cidade.

A partir desse pressuposto, surgiu a questão sobre como os discursos históricos construídos sobre a cidade de Caxias podem ser percebidos, através do viés da cultura material e imaterial, como relevantes, caracterizando-a como um lugar de memórias, não somente no sentido de enaltece-la, mas, sobretudo, como objeto de reflexão e questionamento. Sendo a memória um elemento de mediação entre o passado e o presente – e com vistas ao futuro – é apropriado dizer que sua história e memória tornam-se lembranças que podem e devem ser em algum momento, rememoradas e preservadas.

Considerando as contribuições dos autores que tratam dessa temática e buscando dialogar com eles, saliento a relevância da pesquisa para a sociedade maranhense, para Caxias em particular e, nomeadamente, para todos que discutem essas categorias: cidade, patrimônio, história e memória. Com tal perspectiva, ao caminhar entre o estudo investigativo e às discussões levantadas, para tanto, a proposta do estudo de pesquisa estruturou os seguintes objetivos: analisar a história da cidade de Caxias-MA, a partir da sua memória material e imaterial; compreender como as memórias podem assumir um lugar de importância na construção da identidade de uma cidade; caracterizar o universo social e cultural representados pelas fontes materiais e imateriais; analisar a contribuição das reminiscências da história da cidade de Caxias para a sua conservação e manutenção.

Diante de algumas reflexões, podemos perceber que a história de Caxias, conhecida como “A Princesa do Sertão Maranhense”, não está alcançando o interesse da população pelos espaços e manifestações culturais que representam a memória histórica da cidade. Entendemos que a memória de um lugar, as suas reminiscências, podem ser percebidas por suas fontes materiais e imateriais, sendo a própria cidade e o seu povo testemunhos vivos dessa história. Diante disso, urge a necessidade do seu povo “falar” sobre sua história. Tal afirmação nos leva a outra reflexão: seria ela mesma, a cidade de Caxias, um lugar de memórias?

Para responder aos objetivos e questionamentos acima mencionados, essa pesquisa tem como sustentação o uso de fontes bibliográficas, documentais e elementos de história oral. Com abordagens teórico-metodológicas e conceitos analíticos, está apoiada em autores, tais como Pollak (1992), Nora (1993), Le Goff (1990), Bosi (2004), Halbwachs (2006), Candau (2011), entre outros, e nas questões que tratam do conceito de memória e sua relação com a construção histórica e com a formação de identidades coletivas.

Nas questões que tratam do conceito de patrimônio e sua relação com memória e lugares de memória em contextos urbanos, procuro dialogar com Meira (2004), Meneses (2006), Choay (2006, 2011), Castriota (2009) entre outros.

Coutinho (2005), Almeida (2009), Miranda (2010), entre outros, fornecem aporte sobre a história e patrimônios da cidade de Caxias/MA. Já Portelli (1996, 1997), Ferreira *et al.* (2000), Alberti (2005), Delgado (2006) e Thompson (2002), sobre metodologia e usos da história oral.

Na pesquisa historiográfica, muitas discussões têm sido feitas acerca do estatuto epistemológico do conhecimento histórico. A palavra “documento” é um termo latino, derivado

do conceito de ensinar. No século XVII, difunde-se, na linguagem jurídica francesa, a expressão “*titres et documentus*” – “no sentido moderno de testemunho histórico, o documento é objetivo, neutro, data do início do século XIX” (LE GOFF, 1990, p. 536). Para os historiadores franceses, representantes da escola metódica, apenas os documentos oficiais deveriam receber o estatuto de fonte para a pesquisa histórica. Porém, a partir da Escola dos Annales (BURKE, 1991), a visão dos historiadores tem se direcionado para uma quantidade muito mais vasta de vestígios do passado. O patrimônio material e imaterial, a linguagem, a literatura, o folclore, a música, o cinema, as obras de arte e a história oral, são exemplos da variedade de fenômenos e aspectos socioculturais que fornecem subsídio para o trabalho do historiador, nessa perspectiva.

Ao utilizar a memória como documento e fonte para a pesquisa, o pesquisador poderá se valer de vários caminhos metodológicos. Nesse sentido, tanto a fonte oral como a documental são importantes quando trabalhamos com as relações entre memória, história e patrimônio.

Como a investigação está centrada no patrimônio material e imaterial, recorreremos aos arquivos locais e estaduais, ligados a instituições que zelam pelo patrimônio material e imaterial, a exemplo do Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão – DPHAP/MA, em São Luís; do Arquivo da Academia Caxiense de Letras – ACL e do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias – IHGC, onde foi possível buscar os diversos documentos que tratam da história da cidade de Caxias.

Sobre o uso do método da história oral, Thompson (2002, p. 16) afirma que “proporciona vez e voz aos ‘esquecidos’, que não aparecem nas fontes documentais tradicionais (livros, arquivos, atas, jornais, fotografias, decretos, leis entre outros)”. Embora também tenha utilizado dessas últimas, as fontes orais foram de extrema importância em minha pesquisa. A sua importância fundamental é a de colocar a memória e o relato do testemunho, a partir do que aconteceu no passado, em um plano distinto das demais fontes. A história oral cumpre uma função essencial entre memória e história, e discutir essa temática é necessário para a definição da metodologia em ênfase. Para Ferreira,

[...] em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho funcionando como ponte entre teoria e prática [...]. (FERREIRA, 2001, p. 16)

É preciso enfatizar que ao se utilizar qualquer recurso metodológico, é exigida uma visão crítica e postura ética na produção da pesquisa, pois como recurso metodológico as fontes orais implicam em seguir algumas regras, tendo em vista que necessita de rigor científico. Neste caso, não podemos considerar como fontes orais somente um apanhado de gravações sem nenhuma articulação com o objeto de estudo, e sem uma organização na perspectiva crítica desse material. Tanto os documentos que incluem leis, regulamentos, autobiografias, jornais, revistas, discursos, as fontes históricas como também a história oral, podem resultar em riscos ao historiador, sendo necessário que se realize um diálogo entre essas fontes.

Alberti (2010, p. 158) considera relevante esse tipo de fonte e entende que a história oral, em geral, admite o registro de testemunhos e a relação entre a história contada e a história do passado. Assim, diversifica as probabilidades de explicação, ou seja, a “história dentro da história”. É importante observar, que nas últimas décadas, a concepção de documento se estendeu, enriquecendo a pesquisa.

Como podemos perceber, houve uma grande mudança em direção a uma nova concepção do que seja documento. Isso se deve a uma tendência que marca a produção historiográfica contemporânea. De acordo com Chartier (1990, p. 16), “a história cultural tal como entendemos tem por objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Nesse entendimento, as pessoas, a partir dos lugares de suas falas, devem ser consideradas agentes da história, pois vivenciaram acontecimentos que compõem a história e que são considerados relevantes; elas contribuem consideravelmente para a construção da história que não é resultado oriundo somente dos grandiosos acontecimentos, mas o que é presenciado no cotidiano, como ressalta Vainfas (1997).

A partir dessas considerações acerca da metodologia, organizei para a formação do primeiro grupo de narradores da pesquisa os seguintes critérios: a) ser nativo da cidade; b) ter uma idade entre 67 a 90 anos; c) ser morador de um dos bairros históricos escolhidos como *locus* dos depoimentos. Os bairros selecionados tiveram como critério sua antiguidade e importância na formação histórica da cidade, tendo sido selecionados os bairros Centro, Trizidela, Cangalheiro, Ponte e Galiana. Sendo um total de 05 moradores que correspondem aos 05 bairros mencionados. Foi convidado um morador de cada bairro, dentro dos critérios acima mencionados.

Seguindo critérios metodológicos semelhantes, com o sentido de complementar e dialogar com as falas dos narradores que representam o olhar popular sobre a história e o

patrimônio de Caxias, para a formação do segundo grupo de narradores organizei alguns critérios. Sendo 03 professores da área de História com cenários diferentes de atuação. 01 professor da educação básica, 01 professor que atua em lugar de guarda da memória (memorial da Balaiada), 01 professor do Ensino de História na Educação Superior (UEMA).

O caminho trilhado para a organização das pessoas que iriam participar dessa pesquisa e o lugar de onde estariam falando se deu de maneira formal, tarefa um tanto difícil, porém em cada bairro definido existem pessoas que conhecem os antigos moradores que representam o bairro, pela sua história com o local e sua participação na construção dessa história. Nessa observação, foram-nos apresentados os nomes de cada morador do bairro, e o contato foi por meio de visitas informais em suas casas, para de certa forma manter uma relação de confiança nos encontros que antecederam a pesquisa oral; muitas conversas surgiram que não foram para a composição do texto, mas fortaleceram a confiança e aceitação em participar do trabalho. Aconteceu uma média de 08 encontros com cada morador durante o processo de pesquisa.

Trilha diferente para os professores de História que participaram da pesquisa, os três professores foram intencionalmente definidos, pois representam um lugar considerado nomeadamente de produção do conhecimento histórico. Um desenvolve atividade no lugar de guarda de memórias, outro atua na escola lugar que a história se desenvolve criticamente, e o último, na universidade espaço de produção e construção do saber história. Realizei com os professores 4 encontros. Foram entregues para os 08 narradores (moradores de bairro e professores) os documentos que são exigidos para o processo legal de uma pesquisa (carta de esclarecimento e livre consentimento), todos com as informações necessárias e os devidos esclarecimentos. Que foram lidos e assinados pelos entrevistados.

Para a entrevista organizamos questões para nortear a pesquisa. Inicialmente, foi explicado para os narradores como seria a dinâmica. O procedimento de realização das entrevistas se deu, de forma geral, da seguinte maneira: primeiramente, foi realizada com cada um dos narradores uma espécie de “pré-entrevista”, sem a presença do gravador/instrumento de captação de áudio, com vistas a estabelecer uma relação de confiança entre a pesquisadora e o (a) entrevistado (a). A partir disso, as entrevistas foram sendo desenvolvidas de acordo com a disposição dos entrevistados.

No quadro 1, apresento os nomes dos narradores, suas idades e os bairros que representam, que serão percorridos de forma mais aprofundada no Capítulo II dessa tese<sup>2</sup>. No quadro 2, apresento os nomes dos narradores e lugar de fala.

Quadro 1 - Narradores representando os bairros.

<b>Narradores</b>	<b>Idade</b>	<b>Lugar de fala</b>
<b>Juciê Costa Mourão</b>	87 anos	Bairro Trizidela
<b>José Alexandrino de Abreu</b>	87 anos	Bairro Cangalheiro
<b>Maria de Jesus Melo Lobão</b>	72 anos	Bairro Centro
<b>João Batista Lima</b>	81 anos	Bairro Ponte
<b>Justina Neves de Assunção</b>	85 anos	Bairro Galiana

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Quadro 2 - Professores da área de História.

<b>Narradores</b>	<b>Lugar de fala</b>
<b>José de Ribamar G. Falcão Filho</b>	Escola
<b>Mercilene Barbosa Torres</b>	Memorial da Balaiada
<b>Joana Batista de Souza</b>	Universidade

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Em síntese, basicamente utilizei como instrumentos para levantamento de informações sobre as memórias históricas da cidade de Caxias a entrevista (fonte oral) e a pesquisa documental para levantar a história registrada sobre alguns dados sobre patrimônio. Para o desenvolvimento das entrevistas, foram elaboradas questões com a finalidade didática de organizar previamente o que seria perguntado, entretanto a ideia central foi deixar os entrevistados à vontade para falar. A proposta do roteiro teve apenas como intenção dar início

<sup>2</sup> Os Termos de Aceite preenchidos e assinados, para o uso da pesquisa oral, encontram-se nos Anexos.

ao processo, deixando os moradores e professores apresentarem-se livremente, para dar vazão aos assuntos que trouxessem uma maior intimidade, o que poderia gerar outras perguntas. Para fazer a entrevista, especialmente com os moradores dos bairros, fiz um primeiro contato no sentido de me apresentar e falar da proposta da pesquisa, apresentado também o documento (carta convite) e o termo de aceite, assinado por eles e pela pesquisadora. Sendo marcado o dia, hora e local para as entrevistas, as mesmas foram gravadas e posteriormente transcritas por mim.

Um aspecto importante nesse estudo, a ser explicado, diz respeito à escolha dos moradores dos bairros que são, ao mesmo tempo, sujeitos da história e das mudanças historicamente ocorridas. Ouvir os “mais velhos”! Sujeito social, considerado por uns como simples narrador sobre o passado, muitas vezes não tem sido lembrado pelos pesquisadores e pela sociedade, de modo geral, como atores sociais, pessoas que atuaram e ainda atuam diretamente nos processos de mudanças históricas e sociais. Assim, a memória dos idosos, nesse trabalho, acabou por se transformar em um dos principais contributos para o objeto de estudo dessa pesquisa, uma vez que os fragmentos dessas memórias é que deram indicações dos bens culturais considerados importantes para o bairro e para a cidade. Observamos, a partir dos fragmentos da memória histórica dos entrevistados, que eles consideram bens patrimoniais importantes; que histórias contam e que transformações sofreram ao longo do tempo.

A análise do material obtido, a partir da realização da pesquisa, resultou em uma complexa relação de aspectos da história de vida dos narradores com a temática da história e do patrimônio da cidade. Nesse sentido, observamos que através da memória dos entrevistados foi possível compreender as minúcias de um determinado período, o que possibilita que os mesmos se expressem na condição de atores principais da história do bairro e cidade que residem, mantendo ainda uma estreita relação com o local.

Por esse motivo, as narrativas orais usadas como categoria de fonte, propicia ao historiador analisar diversas versões acerca da história, permitindo, assim, um exercício de análise e problematização com vistas a observar os sujeitos históricos legitimamente como seres humanos que vivenciam, conhecem, alegram-se, gostam e se desgostam, tendo suas particularidades e ao mesmo tempo semelhanças.

Embora tenha sido feita uma análise da fala dos narradores oriundos dos bairros, com os professores da área de história representando os espaços de produção crítica e construção dos saberes históricos, a memória dos moradores, tomada antes tão somente como fonte, passou a ser o fio condutor para a compreensão do objeto de estudo desse trabalho.

## **A tese em processo: sua estrutura**

A Tese se apresenta em quatro capítulos, além de uma Introdução e de um fechamento, que chamei de Conclusão.

Na *Introdução*, procurei expor o plano geral da pesquisa realizada, inicialmente explicando a motivação pela escolha do tema, delimitando seu objeto e seus objetivos. A seguir, traço o percurso teórico e metodológico da tese, abordando os autores e ideias/conceitos que subsidiaram a busca, manipulação e análise dos dados e informações obtidas e o tratamento das fontes, tanto orais como documentais escritas.

No Capítulo 1, intitulado *História, cidade e memória: sentidos e significados a partir do patrimônio*, estabeleci os marcos conceituais sobre essas categorias que foram utilizadas, dando vez às discussões teóricas empreendidas nos meios acadêmicos e possibilitando um diálogo com diferentes autores, os quais subsidiaram o campo teórico da investigação.

A partir dos fundamentos abalizados pelos teóricos que discutem essas questões, obtive a base necessária para empreender o percurso da pesquisa. Para transitar por esses conceitos, foi necessária uma reflexão que me possibilitou subsidiar a compreensão das categorias fundamentais de análise – história, cidade, memória e patrimônio (material e imaterial).

A história se alimenta de teorias explicativas e de fontes que se compõem de indícios, rastros que contribuem para a compreensão da ação do homem no tempo e no espaço. Se a história inclui a dimensão temporal, a cidade é um espaço que liga famílias, indivíduos, grupos entre si e também o lugar de disputa de poder; é o espaço da coletividade, mas de modo nenhum homogêneo. Nesse sentido, memória é o fio que une tudo isso.

Ainda nesse capítulo, trago o conceito de patrimônio, que dá sentido à memória e à história, tanto em seu âmbito material como imaterial, a partir das políticas públicas de patrimônio no campo nacional, estadual e municipal.

No Capítulo 2, intitulado *Caxias do Maranhão: memórias que narram a cidade*, fiz uma leitura sobre Caxias, redescobrimo a cidade, reconhecida desde sua origem aos tempos atuais. Foi feito o mapeamento de cinco bairros mais antigos da cidade, considerados lugares de memórias. Identifiquei, nas narrativas orais dos moradores dos bairros Trizidela, Centro, Ponte, Cangalheiro e Galiana, contribuições importantes para a história da cidade.

No Capítulo 3, chamado *Fragmentos de memória: contribuições à cidade*, é retratado alguns elementos de Caxias que podem ser considerados como patrimônios da cidade, tanto na perspectiva

material como imaterial, sendo que em grande medida eles figuram entre aqueles mencionados pelos depoentes dos bairros. Entre eles estão a Fábrica de Manufatura (Centro de Cultura José Sarney), a União Artística Operária Caxiense, a Praça Panteon, a estação do trem, a Igreja São Benedito e a Igreja Nossa Senhora da Conceição (Igreja Matriz), a Escola João Lisboa e as Ruínas da Balaiada. Que memórias estes bens patrimoniais guardam, que história contam e que transformações sofreram? Cada lugar de memória aqui representado ajudará a compreender como a história traz, no bojo de cada detalhe, informações que nos conduzem a refletir sobre a economia, a política, a educação e o momento histórico no qual se insere.

No Capítulo 4, intitulado *Resistência ao tempo: contributos para a produção de uma história da cidade*, serão discutidos os espaços educativos e sociais que poderão mediar a valorização e difusão da história local. Para isso, entrevistamos 3 professores que atuam em diferentes contextos educacionais da cidade: Ensino Básico, Ensino Superior e Memorial da Balaiada. A partir desses depoimentos, procuro perceber como se configura o discurso acadêmico sobre a história e o patrimônio de Caxias e como esses profissionais atuam na divulgação dessa história e na construção da memória da cidade, a fim de compará-lo ao discurso produzido popularmente, por moradores locais, apresentados no Capítulo 2.

Na *Conclusão* serão apresentadas as percepções, produzidas como resultado da pesquisa, diante da proposta inicial e das perguntas/motes que a originou: porque a cidade de Caxias ainda não conhece/reconhece a sua própria história? Que importância a memória individual e coletiva tem para o conhecimento dessa história? Como a história, o patrimônio material e imaterial, está sendo construída, preservada, difundida no cotidiano dos diversos espaços de produção de conhecimento?

Finaliza-se o trabalho procurando fornecer caminhos para pesquisas futuras, a partir de questões que surgiram ao longo da tese e mesmo de caminhos que ela acabou não explorando de forma aprofundada.



Fonte: Cordeiro (2017).

---

## **CAPÍTULO I**

# **HISTÓRIA, CIDADE, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: tempo e lugar**

Nesse capítulo, a discussão paira sobre as categorias de análise que fundamentam a pesquisa, a saber: história, cidade, memória e patrimônio. Para transitar por esses conceitos foi necessária uma reflexão teórica empreendida nos meios acadêmicos, o que possibilitou um diálogo com diferentes autores, os quais subsidiaram o campo teórico da investigação. Assim estruturei o capítulo com as seguintes temáticas: História e memória: sentidos e significados; Cidade e memória: entre o tempo e o espaço-cenários do patrimônio; Patrimônio e cidade.

## 1.1 História e memória: sentidos e significados

As discussões em torno da relação entre história e memória são relevantes no contexto atual. Importante ressaltar que a memória não se dá meramente como um processo parcial e ilimitado de lembranças de fatos acumulados, mas, sim, uma construção de elementos a respeito do passado e do presente, a partir de distintos grupos sociais com suas tradições e ritos. Com isso, a história não intenciona mais constituir os fatos como verdadeiramente se deram. Nesse sentido, como compreender a memória para a discussão histórica?

À luz de alguns teóricos que dialogam com os conceitos de memória individual e coletiva, e que se integram a essa discussão, destaca-se Maurice Halbwachs (2006), afirmando que para a construção da memória coletiva é imprescindível que as memórias individuais se pronunciem a partir de objetivos vistos em situações comuns, tais como na família, no grupo de vizinhos, dentre outros. Porém, a memória individual existe a partir de uma memória coletiva e as lembranças são construídas a partir do grupo. O autor diz ainda que é preciso, ao fazer essa análise, considerar o lugar de onde fala o sujeito, as relações que ele mantém com outras situações. A história e a memória se fazem na construção da identidade de um povo.

Tendo a história um papel relevante nessa construção, todo grupo humano exige, para sua direção e sobrevivência no presente, uma consciência de seu passado coletivo, de sua duração como grupo que transcenda o passado biográfico de cada um. O conhecimento e a experiência histórica de uma sociedade é a sua singular referência, no sentido de tê-la como parâmetro para saber ao que se ater e apresentar capacidade de organizar planos e projetos. Porém, o olhar do presente e a memória do passado vislumbram o futuro. Ao interrogar, no presente, o passado, a história tenta responder à inquietude da busca sobre o sentido de nossa vida individual e coletiva (FELIX, 1998).

Entretanto, é compreensível falar que a história como conhecimento, como operação intelectual, abrange as etapas de registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão. Entende-se que cada contexto tem questionamentos próprios ao seu passado, perguntas que remetem aos problemas que o presente apresenta. A história tem no futuro um processo de provação que exercita o homem a voltar ao passado, e ao exercer o caminho em torno da origem, visa ir à frente e não voltar. Para Arendt,

[...] é o futuro que nos impele de volta ao passado. Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro. (ARENDDT, 1990 apud FELIX, 1998 p. 33).

O passado não existe como construção discursiva do presente; o papel da história estaria no compromisso com o presente, ainda questionando o passado, o que não deve ser visto como componente morto, altivo, nem somente como uma autoridade, mas sim como um cabedal de experiências que servirá como referências, pois sem esses conhecimentos se tornaria incompleta a percepção de futuro. Isto conduz à compreensão de que o passado não é uma informação, nem uma “realidade” com acepção própria, sendo que se encontra perdido e é impenetrável. O que há são sinais e vestígios narrativos que admitem diferentes maneiras. A memória e a história, porém, não são únicas, mas assumem essas formas de provocar a reflexão. A narrativa assume a construção discursiva do passado.

Para Maurice Halbwachs (2006), a memória individual consolida um processo de reflexão que se constrói de forma coletiva e social. Embora seja apresentada por indivíduos, reflete o modo de pensar, sentir e agir da coletividade. A memória coletiva pensa e condensa as várias memórias individuais, como pode ser percebido no trecho que segue:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas de natureza social. (HALBWACKS, 2006, p. 51).

Como vimos, a memória é a essência da identidade individual e coletiva (LE GOFF, 1990) e, no momento que se transforma em história, difere da memória imediata por ter sofrido interferências, ser arquivista e ter necessidade de sustentação externa e referencial.

O lugar de memória, como *lócus* que celebra a história, transcende a lugares de registro. O inscrito, a linguagem, as memórias representam simbolicamente e ou materialmente um valor na condição humana, pois retratam momentos vividos e devem ser preservados para continuar a transmitir a cultura material e imaterial para a sociedade, às vezes sem a salvaguarda dessas memórias, seja pelo o progresso e modernidade, gerada pela revolução industrial, seja

pela não valorização da articulação memória e história.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea. É preciso criar arquivos, manter os aniversários, celebrações, os momentos fúnebres, estabelecer contratos. Por não serem ações naturais, nesse caso, as lembranças serviriam para manter a sua utilidade.

Nessa análise, é salutar que se esclareça que ao tratar da história, no sentido de reconhecê-la como fundamental para a promoção da cultura, significa tratar da compreensão do acesso aos bens culturais os quais garantem o direito à memória histórica. Nessa concepção relacionada à cidadania cultural, todos os homens têm direito aos bens materiais e imateriais que estão ligados ao seu passado, à tradição.

Sem memória o indivíduo se perde, vive unicamente um momento, perde sua capacidade conceitual e cognitiva. Sua identidade se desvanece, produz uma sucessão de pensamentos, um pensamento sem duração, sem a recordação de sua gênese, condição necessária para a consciência e para vários aspectos que vão para além do exposto ou do imaginável. Eis a razão pela qual a memória faz parte do sujeito.

Porém, quando nos reportamos à história e à memória, na perspectiva da cidadania, recorreremos à memória coletiva, discutida por Halbwachs (2006) como um conceito explicativo sobre fenômenos de consciência de si mesmo. De acordo com Joel Candau (2011), a memória é parte integrante do sujeito, é movimento que se desenvolve na relação com o mundo, é uma ideia transcendental, que envolve sentimentos, dores, perdas, valores, alegrias. Na esteira de Le Goff (1990, p. 471) “[...] a memória, na qual cresce a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”

Na construção da memória coletiva é necessário que as memórias individuais se articulem na perspectiva de objetivos comuns, com foco em situações comuns como, por exemplo, os grupos menores, tais como família, grupo de vizinhos e grupo escolar. O importante é aproveitar esses momentos para que em espaços de reunião de sujeitos se dinamize a memória, haja vista que ela faz parte do cotidiano, de modo que a lembrança seja eternizada, registrada, resultando em memória histórica. Segundo Nora,

[...] trata-se de partir dos lugares em que uma sociedade, qualquer que seja, nação, família, etnia, partido, declare voluntariamente suas lembranças ou as reencontre como parte necessária de sua personalidade: lugares topográfico como arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações: esses memoriais tem sua história. Mas fazer essa história significa reverter o sentido da palavra para confiar a memória dos lugares aos verdadeiros lugares da memória: Estados, meios sociais e políticos, comunidades, experiências históricas ou de gerações movidas a construir seus arquivos em função dos usos diferentes que eles fazem da memória. (NORA, 1993, p. 9).

Faz-se necessário reafirmar que ao mesmo tempo em que o indivíduo produz a cultura, deve ter acesso aos bens culturais produzidos pela sociedade na qual está inserido. Assim, é importante não deixar que o processo de amnésia coletiva apague a história, embora possamos afirmar que não pode existir história sem memória (CANDAUI, 2011).

Por outro aspecto, a distinção entre memória e história também se torna pertinente; a memória deseja fazer uma variante do passado, como única possível e verdadeira. Porém, ao fazer crítica à memória, a história a desconstrói, critica os processos que formam os discursos da tradição e da própria memória. A memória converge para sacralizar as recordações, naturalizar a partir das narrativas uma versão do passado, contudo, a história é uma visão secular do passado, constrói um discurso crítico. A história é por definição, crítica da memória.

A história se utiliza da memória como um domínio de investigação, vista na história contemporânea. Por ter caráter subjetivo, a memória nunca é cristalizada, não é vista somente como a metáfora de Benjamin, na tela de Penélope, que devido ao esquecimento, reaparece tecida de uma forma diferente (TRAVERSO, 2012). A memória é uma construção sempre filtrada por conhecimentos adquiridos, posteriormente, pela reflexão que se segue ao acontecimento. A memória individual ou coletiva é considerada uma visão do passado que é filtrada pelo presente, pois o passado não existe, a não ser como construção discursiva do presente. O passado não é dado, não é uma informação, nem é uma realidade com sentido próprio. Uma vez que passou a estar perdido e é inacessível. O que há são sinais e vestígios, o que há são narrativas que assumem diversas formas – a memória é uma dessas formas, a história é outra, mas não a única.

No entanto, devemos considerar as múltiplas dimensões das construções do passado, pois surgem nos discursos como indicadores de valores observados que, muitas vezes, permeiam nas classes sociais. Nesse sentido, chamamos a atenção para a preocupação do uso

diferente da memória para o exercício da cidadania, pois é preciso entender que a memória coletiva não pode ser um objeto de disputas.

A relação entre memória, história e tradição, ao se falar sobre memória relacionada ao patrimônio histórico, deve ser entendida como mudança, movimento, ainda que a tradição seja compreendida como estática, cristalizada. O papel da história, nesse caso, não é o de guardiã da tradição, mas da crítica dessa memória. O conhecimento e a compreensão histórica conduzem à ação. Somente para afirmar essa visão, Rodrigues argumenta que:

Tradição, memória e história são posições diferentes com que o presente vê o passado. Elas tem significado diferentes e devem ser usadas com propriedade. Tradição santifica o passado, justifica o status-quo, consola os saudosistas. A memória petrifica, marmoriza, fossiliza, estratifica. A História é análise, é crítica, é vida que flui e muda de acordo com as necessidades sócias, econômicas do presente e as aspirações e esperanças do futuro. (RODRIGUES, 1980, p. 220).

Para o cenário dessa discussão, a história apreende a memória, o registro histórico; por não ser efetivo, mas sim uma operação intelectual, possibilita o distanciamento, a problematização, a crítica e a reflexão sobre as memórias da cidade. Os lugares de memória podem ser considerados bases da identidade histórica, contribuindo para impedir o esquecimento e o despreendimento do passado – uma cidade sem memória é uma cidade sem história.

A dialética desse processo dinâmico ecoa na medida em que a história apresenta uma relação entre o passado e presente. Se não é exercida essa dinâmica, a identidade não encontrará forças para representar o grupo. O que perde um pouco da sua história, construída muitas vezes nas experiências singulares dos grupos. As memórias são construídas nos espaços que evidenciam o objeto tanto como material concreto quanto abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente, e em graus e espaços diferentes, e deve apresentar, segundo Nora,

[...] mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição

visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

As memórias representam simbolicamente elementos que envolvem não somente as experiências vividas, mas também as herdadas, transmitidas a partir do processo de socialização. O respeito pelos espaços de memória vem fortalecer a identidade local, privilegiando aquilo que, em um dado momento da história, teve a sua grande importância; a manutenção do patrimônio deve ser uma ação educativa que servirá para as gerações futuras. Os valores e os significados darão às futuras gerações um sentimento de pertencimento, ainda que através dos “velhos”, os que por ali passaram e deixaram suas marcas, suas memórias, quer seja do ponto de vista individual, quer seja do coletivo. Michel Pollack corrobora com essa discussão, ao dizer que:

[...] nessa construção de identidade [...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter Fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (POLLACK, 1992, p. 5).

É importante ressaltar que a memória é movimento, porque é estruturada por grupos vivos em permanente dialética da lembrança e do esquecimento. Para Halbwachs (1990), a memória relaciona-se com os aspectos sociais. A memória do indivíduo, nesse caso, está relacionada com a família, com a classe social, com o meio. Necessária, portanto, para a manutenção da história, que faz e se refaz a partir do que se visualiza e se sente. O valor de um espaço como a cidade, representada pelo patrimônio material e imaterial, exige que façamos um exercício de não somente contar e descrever as memórias, mas perceber a relação que tem com o mundo, com as pessoas. Nessa dialética, os fatos e a história encontram o seu espaço na sociedade.

Para Traverso (2012), a história, da mesma forma que a memória, pode também desenvolver-se e encontrar a sua razão de ser no desaparecimento de outras histórias e na negação de outras memórias. Isso remete à compreensão da influência da história sobre a memória, pois esta não se apresenta somente como memória literal, genuína e original. É importante saber que em algumas situações, essa memória é influenciada por paradigmas

fabricados de representação do passado. Ela não se encontra preservada, aguardando a sua redenção. A memória situa-se na relação entre sujeito e objeto de memorização, não sendo também o passado projetado de maneira fiel no presente. Assim, poderemos encontrar sua razão em relação a algumas situações e do apagar de outras histórias. Todavia, perante as várias transformações verificadas no século XX, é necessário considerar a importância de um novo sujeito, com condições de direcionar as adversidades postuladas, que está aberto ao diferente, ao novo, que analise ou desconstrua o já cristalizado. Nessa perspectiva, Hobsbawm afirma:

No passado uma de nossas tarefas é descobrir as vidas e pensamento das pessoas comuns e resgatá-los daquilo que Edward Thompson chama de ‘enorme condescendência de posteridade’, assim no presente, nosso problema é também o de desnudar as suposições igualmente presunçosas daqueles que pensam saber o que são os fatos e as soluções e que procuram impô-las às pessoas. (HOBSBAWM, 1998, p. 230).

Pode-se dizer que a memória histórica, como direito de cidadania<sup>3</sup>, conduz para que todos tenham acesso aos bens materiais e imateriais que representam o seu passado, a sua tradição, a sua história. Com isso, passa ser a problemática, tendo em vista que muitas informações se perderam, não mais existem. Ou seja, os espaços – museus, memoriais, universidades, bibliotecas, locais de memórias – são os instrumentos de apresentação às gerações mais novas daquilo que não mais “existe”, mas que precisa se manter viva para dar sentido e significado na formação de sua identidade.

História e memória se fazem imbricadas na construção de identidades<sup>4</sup> de um povo. Segundo Nora (1993, p. 14), “a necessidade de memória é uma necessidade da história”. É o momento dos lugares de memória para uma história crítica. Contudo, não se celebra mais somente os espaços enquanto lugares que contem uma história, mas se estudam suas celebrações.

---

3 Por cidadania entende-se a formação, informação e participação múltipla na construção da cultura, da política de um espaço e de tempo coletivos. Fazer com que a produção incida sobre a questão da cidadania, remete passar a história, a política na preservação e construção do passado pelo critério de sua significação coletiva e plural, tarefa que vem sendo desenvolvida a partir da crítica e da construção historiográfica, que se apoia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam alguma “coisa”. (PAOLI, 1992, p. 25-28).

4 Memória e identidade tem sempre caráter relacional, o qual resulta em conflitos, ao contrário de serem vistas como essenciais. (POLLAK, 1992).

A história se dá nas famílias, nas crônicas do cotidiano, nas tradições, nas histórias contadas a partir das diferentes gerações, e de muitas narrativas constroem-se memórias; nessa dinâmica, tanto as memórias individuais como coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção e mobilização do conhecimento histórico (DELGADO, 2006).

Afirma-se que as narrativas<sup>5</sup>, como memória, são elementos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Esse movimento é peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências e a consciência da memória. Das coisas mais simples a mais complexas, todas são importantes para serem valorizadas e difundidas para as novas gerações. Os lugares de memória são meios de acesso a uma memória que não é memória, mas história, pois foi reconstituída por meios de traços de vestígios. Segundo Poulet:

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54).

Nora (1993) complementa que há uma diferença entre memória e história. A memória é um absoluto e a história não conhece outra coisa que não o relativo. A memória representa o vivido, e sua reconstrução intelectual é a história. E, para que seja revisitado o passado, é necessário que o ser humano evite perder as referências fundamentais à construção das identidades coletivas, ainda que estejam em processo, são esteios fundamentais do autor, reconhecimento do homem como sujeito de sua história. Entre memória e história existe uma nítida diferença, que se contrapõe ao senso comum, que “insiste em sua indiferença (como no slogan, ‘um país sem memória é um país sem história’)”.

Nessa perspectiva, a pesquisa fundamenta-se, metodologicamente, nas fontes documentais e na história oral, pois se utiliza dos depoimentos orais como instrumentos para complementar os espaços que, por ventura, foram percebidos nas fontes escritas. Nesse caso em particular, tem-se o estudo entre memória e história, a partir da cidade como testemunho,

---

<sup>5</sup> Sobre narrativas, entende-se a forma de discurso sobre o passado, constituídos por suas próprias regras e processos, visando naturalizá-lo.

percebido na representação dos monumentos, como também nos relatos de pessoas comuns, ou seja, relatos orais, como fonte para revisitar as ricas experiências vivenciadas e que privilegiam a reconstituição histórica do passado. De acordo com Hobsbawm,

[...] ao rememorar a história de gente comum estamos meramente tentando conferir-lhe um significado político retrospectivo que nem sempre teve; estamos tentando, mais genericamente, explorar uma dimensão desconhecida do passado. (HOBSBAWM, 1998, p. 219).

É inegável que nos últimos anos, inúmeras mudanças registraram-se em torno do debate historiográfico como, por exemplo, a importância do papel da história e da memória e suas aproximações com a história oral. A importância dada pelos historiadores à memória foi em grande parte provocada pela historiografia francesa, especialmente a história das mentalidades coletivas.

Sarlo (2007) retrata a importância política que os testemunhos tomam, em certos momentos históricos, dado em que a memória vira uma fonte alternativa frente às concepções oficiais determinadas por quem está no poder, bem como o testemunho visto nos monumentos representados na cidade. A discussão também é levantada em relação ao documento/monumento, se esses trazem uma essência, uma verdade do passado.

Nesse sentido, o estudo em ênfase discute a cidade de Caxias, lugar de importância na história brasileira, sendo uma cidade que representa na sua história e memórias, transformações na economia, por meio do algodão e pela indústria têxtil. Conhecida na história pela resistência à Independência do Brasil, somente reconhecida em agosto de 1823; no combate à opressão, como na Guerra da Balaiada; na poesia, representada pelos poetas Antônio Gonçalves Dias, Coelho Neto, Teófilo Dias e Henrique Maximiliano.

A cidade também é conhecida pela sua cultura imaterial e material, pelas riquezas naturais, ruas, praças, casarões, igrejas seculares e seus monumentos históricos. E por isso, pela importância da história e memória formadas de elementos básicos os quais estabelecem uma rede de sentidos e significados, assume dimensão relevante, pois traduz lugares em que as distintas pessoas e classes sociais vivem e convivem.

## 1.2 Cidade e memória: entre o tempo e espaço - cenários do patrimônio

O estudo da cidade remete a um espaço urbano repleto de linguagem, signos do passado e do presente; percorrer a cidade é ler a sua cultura, os seus traços, as particularidades que, somente vista com olhar artístico, é possível perceber nas singularidades as articulações dos seus elementos constitutivos facilitando as relações entre os homens. Nesse contexto, a cidade é um conjunto de signos que organiza o lugar, considerando o ambiente caracterizado em físico, social, cultural e econômico, entre outras dimensões. O papel do homem, nesse contexto, é ter a capacidade de entender e atribuir um sentido ao patrimônio da cidade. Ainda que esse processo perpassa por uma complexidade urbana, as cidades são objetos culturais social e historicamente edificados, em constante ajuste.

Qualquer civilização tem necessidade de organizar o seu ambiente com vistas a garantir a sua vivência. Assim a cidade, urbana, advinda da ampliação da sociedade, apresenta papéis múltiplos, estreitamente atrelados entre si. A cidade é um museu aberto de si mesmo, um texto, um livro para ser lido e interpretado (SANTOS, 2003). Porém, isso leva ao exercício da cidadania, que não pode ser confundido como disputas de poder, mas sob a ótica de uma concepção de cidadania cultural, em que todos os homens têm direito aos bens materiais e imateriais, e que estão ligados ao seu passado, à sua tradição, à sua vida. Na concepção de Mota,

[...] as cidades são de forma especial objetos culturais social e historicamente construídos, em permanente processo de apropriação social e adaptação a novos usos. Acumulam vestígios e trazem as marcas desse processo e representações das relações que ali se sucederam. Dessa maneira, transformam-se em lugares, ou seja, espaços nos quais podem ser reconhecidos elementos da história e identidade de quem os produziu. (MOTA, 2003, p. 125).

A transmissão do conhecimento tem relação com a memória e a narração, embora, às vezes, o que deve ser lembrado e esquecido é orquestrado pelos grupos que estão no poder, em todas as dimensões, e em distintos graus; isto é percebido em todos os contextos históricos das sociedades. São lugares de embates e interesses diversos que vão desde o aspecto financeiro ao monopólio da terra, o que leva a um processo de complexidade urbana vista de maneira antagônica, no mesmo espaço, pelos interesses coletivos e privados.

No século XX, com a reprodução da imagem, muito se perdeu, quando do surgimento de uma nova maneira de apreciar a obra de arte, como o cinema, por exemplo, propiciando

efeitos óticos que remetem ao inconsciente, sobrepondo no aparecimento da memória involuntária. Perdeu-se, contudo, o encantamento das obras de arte representadas pela cultura material e imaterial; valorizam-se os espaços “montados” para os registros fotográficos, que por sua vez, não ficarão registrados na memória. Observam-se muitos espaços históricos sendo usados como ambientes de passagem, com todo arsenal próprio para os registros fotográficos. Frente a isso, a memória, com esta proposta, apresenta-se com o objetivo de somente consumir o passado. Benjamin (1985) ressalta que essa ideia se refere à história tradicional: a memória sendo usada a serviço do comércio de relíquias, souvenirs a serem guardados como “lembrancinhas”.

Benjamin levanta uma discussão muito relevante e critica a forma como o novo se acentua sobre os rastros do passado. Numa tentativa de enaltecer a modernidade, transforma tudo em novidade passageira. Nesse sentido, passa a ser antiguidade numa visão unidirecional. Ainda que haja o progresso, o mito passa a ser o viés do retorno ao passado.

Convém dizer que a cidade, em algumas situações, também é representada por essa montagem de espaços de memórias, sendo estruturada a partir dos interesses políticos, econômicos, ou até mesmo artísticos. Muitos fatos se deram no discurso sobre a memória, a exemplo das sociedades sem escritas, em que a memória fundamentava-se nas ações do dia a dia, numa construção criadora. O exemplo disso são mitos, em que a própria família transmite os conhecimentos ligados à magia. O tom que, muitas vezes, é representado pelo imaginário, também o é por imagens, emoções, sentimentos, segredos passados por esse conjunto de crenças que faz a tradição do lugar, das histórias, ser controlada e se organizar no tempo e, a partir desse repertório materializado no imaginário, ter uma continuidade (SWAIN, 1994), ainda que, a partir da linguagem, passe uma ideia, dependendo do lugar e do contexto que essa narrativa esteja sendo propagada. Com o aparecimento da escrita, a memória se expressa em momentos comemorativos, sendo armazenada em papéis ou em papiros, momento em que se percebe a evolução social e, conseqüentemente, o crescimento urbano da cidade.

Mas a cidade é o teatro de uma guerra dos relatos, como cidade grega era o campo fechado de guerras contra os deuses. Entre nós, os grandes relatos da televisão ou da publicidade esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairros. É urgente que a restauração venha em socorro desses últimos. Já o faz, registrando e difundindo as memórias que se contam no padeiro, no café ou em casa. Mas isto é feito arrancando-as de seus lugares. (CERTEAU, 1998, p. 201).

As cidades são representação simbólica de tudo que delas pertence, os espaços como lugares de memória, as ruas, os bairros, as casas, as praças e todos os monumentos expressamente visíveis. As cidades não são somente um espaço que ocupamos, são objetivas e subjetivas, complexas na sua existência; cada um constrói a sua cidade e cada cidade pertence a cada um de nós. Por isso damos sentidos e significados, pois fazemos parte como sujeito que constrói um pouco de sua história, porque na realidade a cidade não se apresenta como unidade, mas múltipla, pelas tensões diversificadas e vivenciadas no seu cotidiano. Em outros termos, pode-se dizer que:

[...] é a memória dos habitantes que faz com que eles percebem, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem memória não se pode situar na própria cidade, pois se perde o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direito e deveres e sujeito da história. (LE GOFF, 1996, p. 535).

A cidade é um espaço permitido, pelas políticas implementadas, de acesso das pessoas aos bens culturais que a elas pertencem; por outro lado, observa-se a utilização desses bens de maneira banal, reduzida ao simples ato da venda dessas memórias, muitas vezes contadas e apresentadas sem um cuidado com a sua história.

Nessa incursão sobre a cidade de Caxias, faz-se dela o palco de reflexão, por ser um universo em que as pessoas vivem com suas crenças, mitos e costumes, e como toda cidade, tem suas particularidades, que são próprias da sua constituição, peculiaridades que necessitam ser evocadas. Caxias é uma cidade com seus encantos, encontros e desencontros, pois como toda cidade, guarda e apresenta o invisível, na dualidade entre o esquecimento e as lembranças.

No entanto, entendemos que a história da cidade, por ser o espaço em que a história individual e coletiva se desenvolve, também estrutura a constituição de grupos. Todos os lugares, com seus signos e significados, contribuem para que a história se constitua, componha-se, dinamize-se. Toda a cidade, na composição dos seus mais variados locais – a praça funciona como um lugar de encontro das pessoas; as ruas, com suas identidades a partir dos nomes que recebem; o mercado, os espaços em que os festejos acontecem anos após anos – constituindo-se em *locus* de aprendizagens múltiplas, ressignificando a identidade de um povo.

Embora se perceba, nesse contexto, representações que se contrapõem, ora marcadas por conflitos, ora por cotejamentos, é nesse movimento que algumas lacunas se tornam visíveis, ou ressaltadas, dependendo do lugar de onde se fala e de quem fala. Essas tensões urbanas aparecem como desenho do espaço de memória, já que a cidade também é um lugar para se viver e trabalhar, rezar, observar, divertir-se, construindo os laços, as afetividades entre as pessoas; na reciprocidade vai se instituindo espaços de sociabilidade, em detrimento das tensões percebidas historicamente (BOSI, 1987).

Como pensar em uma sociedade que não fala, não valoriza e nem difunde sua história? Que não socializa com os mais novos os indícios da construção de sua identidade? Sabemos que muitos são os locais para isso: a escola, por exemplo, deve ser um instrumento para manifestar a cultura local, sendo o ambiente que tem como finalidade ensinar o aluno a perceber a relação entre o passado e o presente, superando o ensino somente informativo, conteudista, possibilitando sua problematização a partir da realidade. Porém, não somente a escola tem esse papel, mas também lugares sociais em que é possível essa manifestação; a própria cidade é um livro problematizado.

Destarte, como não mostrar que as pessoas, os rios, a natureza, o folclore, o vestuário, as danças, a linguagem são aspectos importantes na construção da memória do lugar? A construção da identidade de uma cidade é um fenômeno que se produz a partir de acontecimentos, personagens e lugares (POLLAK, 1989).

Considerando os espaços apresentados como lugares de memória, a cidade de Caxias, no Maranhão, é revisitada a partir de seu cotidiano, e tudo que a ela pertence, tais como as ruas, os bairros, as casas, as praças, monumentos expressamente material e imaterial, considerados como patrimônio e que tem, para os que viveram e vive no lugar, um valor pessoal representado pelas lembranças ali constituídas.

Todavia, como conservar tudo se não utilizar da inteligência do homem para aproveitar os espaços sociais e educativos para a difusão da memória? Nesse caso, em especial, a relevância dos espaços torna-se fomentadora dessa história, não somente a escola, a universidade, institutos, bibliotecas, museus e outros que reúnem capacidade para mediar essas memórias e torná-las pulsantes, mas também as falas dos moradores da cidade.

Constata-se que o espaço, visto pelo viés do uso político, é considerado como um valor do concreto e simbólico no contexto urbano. Isso remete à discussão do entendimento das relações de poder, que lhe serve de segurança, suporte, condições e modo de realizações das próprias ações. Ainda que a cidade, como espaço de memória para todos que ali passaram e

ainda passam, signifique uma representação simbólica de tudo que dela pertence: as ruas, os bairros, as casas, as praças e todo monumento expressamente visível e invisível, a crítica está em dizer que mesmo que não represente esse sentimento, muitos se beneficiam desses aspectos de salvaguarda da cultura, para outras finalidades.

A cidade/território, enquanto lócus de poder e disputa nos diversos grupos sociais funciona como palco para agentes e atores que se apropriam desse espaço, organizando-o de acordo com suas intenções, mesmo que se apresentem das mais diversas formas, apropriando-se do lugar a partir da complexidade da vida urbana. O produto de práticas e experiências sociais, calcadas dialeticamente em formas de uso do espaço, constitui o conjunto dessas práticas e experiências da vida cotidiana dos diversos agentes sociais que compõem uma sociedade e acontecem ao longo de um processo histórico sempre inacabado, dinâmico e flexível, porque também é assim que a pluralidade de lugares e de tempos se concretizam. A cidade é um lugar de múltiplas expressões, carregadas de lembranças. Rolnik ratifica essa afirmativa, quando declara que:

[...] em seu processo de transformação, a cidade tanto pode ser registros como agente histórico. Nesse sentido, destaca-se a noção de territorialidade, identificando o espaço em conformidade com as experiências individuais e coletivas, em que a rua, a praça, a praia o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material, são codificadas num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de territorialidade e reterritorialização. (ROLNIK, 1995, p. 8).

A cidade tem uma essência física na relação entre os diferentes grupos. Ou seja, cada grupo se organiza à sua maneira, de acordo com seus propósitos e interesses particulares, e que podem, a partir das suas necessidades, construir e reconstruir a cidade de acordo com a cultura existente no espaço, culturas também invisíveis. É o que Ítalo Calvino (1991), em *Cidades Invisíveis*, relaciona com a memória na sua função prática do cotidiano, ressaltando a importância do tempo na vida das pessoas.

São muitas as críticas em relação à espetacularização e industrialização dos bens culturais, reduzida à venda de produtos e mercadorias, a fábrica de objetos, valorizando muito mais os materiais a serem comercializados do que as necessidades reais atribuídas aos bens culturais produzidos pela humanidade ou por um grupo. As manifestações do patrimônio imaterial transformam-se em espetáculo, reduzem-se os bens culturais a ideia de fetiche (VELOSO, 2006).

Cifelli, sobre esse aspecto, afirma que:

[..] este conjunto de estratégias públicas e privadas de realce da dimensão imagética, da difusão de clichês e da refuncionalização dos bens culturais levam a determinados modos de apreensão estética e a certas formas de uso voltadas para o atendimento da demanda turística. Tais fatores priorizam a apreensão de uma história mistificada e de uma cultura banalizada pelo mercado, destituída das experiências sociais que permearam sua construção. (CIFELLI, 2005, p. 89).

A cidade é um bem precioso produzido pelo homem, ainda que não seja o maior. Mas sumariamente é o mais importante (BARROS, 2012). Não importa se grande, se economicamente produtiva ou populosa, o imaginário que é produzido pelas suas representações simbólicas, seus artefatos observados no seu modo de organização, suas modificações, implica no homem sendo o construtor desse discurso, pois ao mesmo tempo em que dá sentido à cidade, a partir da sua história, também interfere no seu destino urbano. A cidade se movimenta e vive das memórias produzidas pelos seus moradores; as transformações ocorridas são frutos da diversidade, singularidades e contradições existentes.

As cidades podem ser classificadas, segundo Lynch (1997), em três categorias funcionais: “cidades cósmicas”, construídas para representar uma função específica, “cidades práticas”, que crescem de maneira aleatória, conforme suas necessidades socioeconômicas e “cidades orgânicas”, que se adaptam às condições da paisagem natural na qual são erguidas.

As primeiras são caracterizadas por um sentido mítico, com suas especificidades, a exemplo das cidades turcas e indianas, referente às questões religiosas; podem ser também modernas, como por exemplo, Brasília/DF, que segue um padrão expresso por signos e símbolos, impregnados de intencionalidades, com propósito de conduzir o observador a fazer uma leitura de fora.

Nessas, a mudança da rotina - seja uma cidade pequena ou grande - desencadeia um distanciamento entre as pessoas, como retrata Bosi (2004), ao argumentar que o meio urbano distancia as pessoas, cria barreiras, impossibilitando o companheirismo - cada um por si, ninguém vai mais à casa das pessoas, não conversam - porque os costumes são outros, e não visitando uns aos outros não se dá continuidade às memórias, porque é sabido que é a partir da comunicação de sentimentos, valores, ideias que a memória se movimenta e a história encontra seu lugar.

Os costumes e a cultura são possibilitados a partir das relações estabelecidas entre as pessoas - os mais velhos e os mais novos - nessa troca de saberes que se dá pelas conversas na porta de casa, nas vizinhanças, nas praças, nas escolas, na igreja. Esses lugares fortalecem a tradição e através da conversa informal os saberes se fortalecem e a história da cidade, com os ritos inerentes a ela, vai se desenhando. O que assegura a permanência dessas tradições culturais é a interação que se estabelece entre as pessoas na cidade.

Aparentemente, esse fenômeno de ruptura não ocorre de forma tão radical nas “cidades práticas” e nas “cidades orgânicas”, pois ambas se formam e se consolidam por via da interação entre seus moradores.

Já Braudel (1997) apresenta outra taxonomia das cidades, classificando-as como “abertas”, “fechadas” e “sob-tutela ou dominadas”. As cidades da Antiguidade tenderiam para o tipo “aberto”, ao contrário das medievais, que seriam “fechadas”, implicando também em seu fechamento ao político e ao econômico; as cidades “dominadas” seriam um fenômeno típico da Idade Moderna, pelo seu grande controle interno, refletindo uma arquitetura imposta pelo poder do Estado. A partir do século XIX, ocorre nova tendência ao “fechamento”, implicando numa radical distinção entre o mundo urbano e o rural, fenômeno que parece se diluir a partir do final do século XX, com uma tendência novamente ao modelo de “cidade aberta” da Antiguidade (BARROS, 2012, p. 25). É nesse contexto, de uma “cidade aberta” no sentido de uma diluição entre o urbano e o rural, entre o centro e a periferia, mas também “prática” e “orgânica”, que localizamos a cidade de Caxias, no Maranhão.

Na verdade toda cidade, seja ela uma metrópole ou não, é um “lugar de cultura”. Esta relação imbricada entre cidade e cultura, em especial a dita cultura letrada, conforme Barros (2012), é o que gerou, o que se convencionou chamar de “civilização”, compreendida como desenvolvimento urbano, educação, em que passa a cidade a ser um cenário de um lugar de ensino, em que se aprendem as artes, os ofícios, conjuntos de sinais observados na cultura escrita, mas que, importante incluir, não pode negar o papel da oralidade, vista como um instrumento de interseção da cultura.

Podemos observar que a relação estabelecida entre cidade e cultura remete a essa última. Segundo os conceitos antropológicos, cultura envolve comportamentos, hábitos diversos, rituais religiosos, músicas e instrumentos utilizados para manutenção e subsistência; é a forma de viver de um grupo, por isso uma cidade tem sua cultura específica. O modo de viver do homem se diferencia pelas suas tradições, ou seja, o universo de elementos que circundam na cidade, quer seja pela linguagem, pela escrita, pela própria cultura material.

Oportuno ressaltar que a cidade produz a representação de si mesma. O estudo dela necessita da construção apresentada pelo homem comum, das atividades desenvolvidas para resguardar sua imagem. Momentos em que a memória, as lembranças, tornam-se relevantes para a manutenção da história do lugar. Tudo remete para o desenvolvimento da imaginação, os caminhos a serem percorridos são vistos em artefatos, texturas, morros, esquinas, em espaços que desencadeiam ou desencadearam a memória.

A cidade é “representação” já no próprio “plano urbano” que a prefigura, ou mesmo naquele que registra em um momento posterior a sua forma desenvolvida. Quando o plano original da cidade é concebido por um homem ou grupo de homens específicos parece ficar mais claro que estes trazem para o traçado urbano a sua própria visão de mundo e o universo cultural no qual se acham mergulhados. (BARROS, 2012, p. 93).

O resultado da idealização das cidades remonta também a todos os tempos históricos, a exemplo dos Renascentistas no XV e as idealizadas pelos Iluministas no século XVIII. Não é diferente das pensadas no contexto atual; todas têm, por aqueles que as idealizam, o sentimento de aprovar as exigências econômicas, políticas, sócias e culturais.

Os historiadores franceses da Escola dos *Annales* postulam uma ideia geral, que serve para todos os tipos de cidade de todos os tempos: todas possuem alguns aspectos comuns - uma complexa divisão de trabalho, um mercado, um poder coercitivo, relações com o campo, quantidade de população e um sentimento de pertencimento, que manifesta nas pessoas um desejo de se sobressair em detrimento de outras, às vezes gerando um sentimento de poder, de posse. Esse sentimento se caracteriza pelo conjunto de situações vividas naqueles lugares, pelos que nele vivem ou por aqueles que já se foram e que, de certa forma, contribuíram para a existência do lugar. Esse sentimento de pertencimento que se tem da cidade viabiliza de alguma maneira a sua preservação.

É possível manter as lembranças da história a partir da cidade e dos artefatos que a ela conferem estrutura. No caso do patrimônio material e imaterial, visto como conjunto de bens apresentados em uma cidade ainda que seja pequena ou grande, constituem-se em objetos representativos para a manutenção da memória. Mesmo na contemporaneidade, as cidades vivem sob tensões que são, cotidianamente, vivenciadas por seus moradores.

A cidade de Caxias do Maranhão, nesse estudo, chama a atenção para o conhecimento da sua história, sua arquitetura e seu território, constituídos pelas relações pessoais e cotidianas que são refletidas nas complexas relações sociais, produtos de práticas sedimentadas

dialeticamente no uso do espaço. Santos diz que sobre a relação do passado e futuro, “a união entre o passado e o futuro está na própria ideia de cidade, que percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa” (SANTOS, 2003, p. 14).

Para a operacionalização desse trabalho investigativo, é importante considerar a cidade como um texto, e o seu processo de análise e interpretação precisa buscar leituras em outras ciências, pois sua análise se dá de maneira bastante complexa. Essa complexidade é ressaltada nas categorias analíticas apresentadas: história, memória, cidade e patrimônio. Considera também o entendimento do testemunho como subjetivo e que se apresenta como narrativa. Assim, para a pesquisa das relações entre memória e história da cidade, tomo como principal elemento as narrativas orais. Os narradores desenvolvem interpretações subjetivas em que conferem sentidos e significados às suas vivências e experiências (ALBERTI, 2015). Assim fizeram os entrevistados em relação ao discurso histórico sobre a cidade, e com as suas memórias sobre Caxias.

Isto posto, apresento agora, nas Figuras 1 a 4, algumas imagens da cidade de Caxias do Maranhão. Cada imagem representa aspectos que nos faz compreender as transformações que ocorreram ao longo do tempo, mas que deixaram registros que possibilitam as gerações perceberem a necessidade da manutenção e continuidade da história. Cada registro significa um aspecto do cotidiano da cidade. E no decorrer do estudo se constituirão representação da cidade de Caxias.

Figura 1 - Vista parcial do Centro Histórico da cidade.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 2 - Vista panorâmica da cidade de Caxias.



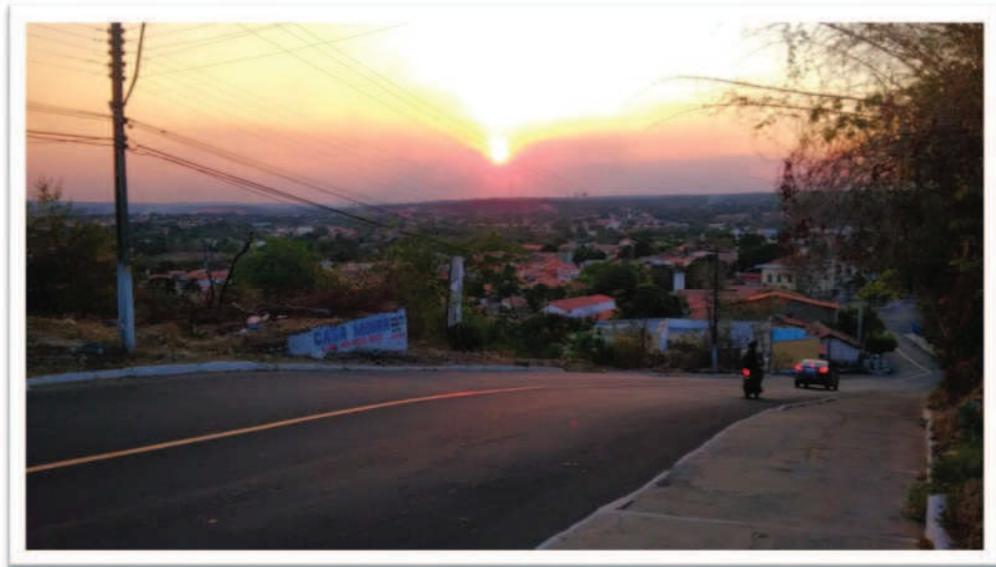
Fonte: Autor desconhecido.

Figura 3 - Foto do centro da cidade, com seus babaçuais.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 4 - Imagem do Morro do Alecrim, localizado ao lado das Ruínas da Balaiada.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

As imagens apresentadas, nas figuras 1 a 4, são bem contemporâneas, percebe-se uma cidade urbanamente comum a muitas, mas os detalhes de particularidades como morro, a sua estrutura e suas subjetividades estão contidas nos seus monumentos; cultura invisivelmente observada nas imagens. Para Certeau (1998), os passos pela cidade são uma espécie de matéria prima que vão compondo práticas cotidianas de sobrevivência. A cidade existe a partir de enunciados linguísticos que envolvem tanto o texto escrito, como o texto falado. Porém, o cidadão ou pedestre que caminha pelas vias urbanas apropria-se, à sua maneira, das imagens simbólicas, das conversas do cotidiano e das intersubjetividades que se comunicam como se estivesse lendo um livro. Essa metáfora da comparação da cidade como um texto é apresentada por Barros, quando assevera:

[...] metáfora da cidade como texto ou discurso é a de que o complexo discurso urbano aloja dentro de si diversos discursos de todas as ordens. A cidade também fala a seus habitantes e aos seus visitantes através dos nomes próprios que ele abriga: do nome das ruas, de edifícios, de monumentos. O grande texto urbano aloja dentro de textos menores, feitos de placas de ruas que evocam memórias e imaginários, de cartazes que são expostos nas avenidas para seduzir e informar, de sinais de trânsito que marcam o ritmo da alternância entre a passagem permitida e os interditos aos deslocamentos no espaço. A cidade é grande texto que dentro de uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos. (BARROS, 2012, p. 45).

Caminhar pela cidade de Caxias é sentir que um lugar considerado como um espaço físico está representado por simbologias, que podem ter sentidos e significados que lhes são atribuídos, cuja singularidade é construída pela “territorialidade subjetivada” (GUATTARI, 1985). Percebe-se o espaço como experiências individuais e coletivas, e nesse processo de transformação, a cidade configura-se como algo muito além de registros e fontes, como autora da história. Para Silva (2013, p. 18), “a cidade se torna um objeto não só material, mas também sociocultural, ou seja, suas relações e dinâmicas no cotidiano fazem com que a cidade se torne um espaço vivo de memórias, identidades e representações”. Assim, podemos afirmar que a cidade não só apresenta uma estrutura física, mas também se apresenta como lugar de multiplicidade e representação sociocultural daqueles que vivem e ou viveram os momentos do seu cotidiano, por isso expressa também a reprodução da memória. Meneses (1992, p. 14) certifica que “a memória é filha do presente. Mas, como seu objeto de estudo é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”.

Nesse contexto de reflexão crítica, a cidade aqui é representada pelo conjunto de signos que organizam e estruturam o espaço, qualificando o ambiente que tem a sua memória, mas que não é neutra, porque a história, nessa conversa, é uma contra memória, pois desnuda os processos que formalizaram esses discursos.

### **1.3 Patrimônios e a cidade**

O patrimônio cultural pode ser compreendido como um bem material e imaterial: no primeiro, estão considerados os bens móveis e imóveis; no segundo, estão os intangíveis, os saberes, lugares, celebrações etc.

O patrimônio cultural é também um legado cultural; é a forma materializada da identidade de um grupo, de um povo. Nessa rede de interatividade, a memória e o patrimônio são construídos a partir dos significados que lhes são atribuídos. Por isso, a memória individual incide na construção de uma memória coletiva, pois as reminiscências são construídas no grupo.

Portanto, as mais variadas formas de expressão, modos de criar, fazer, viver, aprender, socializar, as criações científicas, artísticas e tecnológicas fazem parte da construção da identidade de um povo.

A dimensão política na prática do processo de patrimonialização, bem como esse processo, dá-se no contexto das políticas públicas, é vista na sua trajetória da história política de patrimônio cultural no Brasil, tendo como referência a cultura europeia, por vezes marginalizando as expressões da cultura popular presentes na história da sociedade nacional.

A organização de políticas sobre patrimônio cultural, no século XVIII, tem referências mais particulares na Revolução Francesa, quando foi desencadeado um outro olhar, uma outra sensibilidade em relação aos monumentos destinados a invocar a memória e evitar a amnésia dos feitos do passado. A ideia de preservação do patrimônio histórico francês era fundamental para a legitimação do sentimento nacional. Isto implica que, nas sociedades contemporâneas, a política se estrutura em volta do Estado e se organiza diante dele: o poder do Estado representa o grau máximo da organização política (REMÓND, 2003, p. 20).

O debate em torno do processo de patrimonialização no Brasil parte de várias dimensões, tais como econômica, cultural e social, embora se tenha consciência que todas são importantes na análise desse processo, porém, a mais decisiva para a efetivação da patrimonialização é a esfera política.

O primeiro marco legal que institui uma política para o patrimônio cultural no Brasil tem base no Decreto-Lei nº 25 (Lei do Tombamento), de 30 de novembro de 1937, que estrutura a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e especifica o conceito de tombamento, através da criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN (atualmente IPHAN), autarquia que institui e direciona a política patrimonial do Estado. O Decreto-Lei 25/37, em seu artigo primeiro, deixa claro o que é entendido por bem cultural de valor patrimonial histórico:

Artigo 1º- Constitui o patrimônio Histórico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937).

No documento, patrimônio refere-se a bens materiais, como prédios, monumentos e diversas edificações de valor histórico-arquitetônico, desde que relacionados a “fatos memoráveis da história do Brasil”. Com a ampliação do conjunto de bens percebidos como patrimônio cultural, novas conceituações foram ganhando corpo.

Na Constituição Federal de 1988, no que tange ao Patrimônio Histórico e Cultural brasileiro, o artigo 216 traz uma novidade, referente a uma nova categoria patrimonial: o patrimônio imaterial:

Art. 216: Constitui o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência á identidade, á ação, á memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I) as formas de expressão;
- II) os modos de criar, fazer e viver;
- III) as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV) as obras, os objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações culturais;
- V) os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, Federativa do Brasil, In: Coletânea de Leis sobre Preservação do patrimônio arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Nessa concepção, o patrimônio ganha valor, vida, saindo de um sentido puramente de artefato, às vezes sem significado para as pessoas, para ser um bem público, uma relação complexa que tem sentido e significados valiosos para as pessoas, as comunidades ou o indivíduo. O sentido de patrimônio, para a nação, passa a constituir uma legitimação cultural ou certificação nacional (ABREU, 2009).

De certa forma, existe uma valorização da maneira como observamos os bens patrimoniais expostos em museus ou em espaços culturais. Para alguns, representa somente a possibilidade de ver, nos objetos, a representação das culturas neles atribuídos, num espaço organizado. A dimensão atribuída sobre o valor desse objeto se estende para além da sua exposição, o que significa, certamente, que o Patrimônio tem um significado mais complexo, que são expressos nas suas singularidades.

A ideia de patrimônio histórico como elemento de preservação é recente e passa a circular de forma mais intensa somente a partir do século XX. Durante esse processo, sua área de atuação ampliou, deixou de ser visto somente como bens de “pedra e cal”, tais como edificações, monumentos e prédios, ampliando-se para patrimônio imaterial, que envolve, entre outros elementos, festas, práticas, modos de criar e viver. Ficaram para trás os tempos em que o conceito de patrimônio histórico incidia somente sobre o critério de “monumento” para a escolha das edificações que exigiriam cuidados.

Para Choay, o termo moderno de patrimônio histórico

[...] designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras primas de belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos. (CHOAY, 2008, p. 11).

Outro momento importante é dado pelas recomendações difundidas pela UNESCO, em 1989, sobre a salvaguarda das culturas tradicionais populares. É o momento em que as políticas de preservação passaram a ser normatizadas por fóruns internacionais, ressaltando a circulação de valores e signos patrimoniais. No bojo das discussões, a grande crítica que é feita, diante desse processo, é a legitimação da patrimonialização das diferenças, a palavra de ordem regida pela UNESCO. Com isso, novos rumos surgiram, muitos interesses ora variados, ora específicos foram tomando a cena nos anos de 1980, dando origem à era das organizações não governamentais. O palco da patrimonialização passou a ter uma nova dinâmica política.

O novo conceito de patrimônio remete à atribuição de significado, do afeto aos bens que são objetos plurais que se revelam nos bairros, cores, casas, becos, praças, danças, poesias, literaturas, alimentos, como também nos espaços complexos de organização de vidas, de encontros, desencontros e testemunhos do cotidiano. Ou seja, o ganho desse processo para a sociedade é de grande importância, pois deixou de ser uma prerrogativa das elites, que tomavam para si os bens culturais, para ser visto por todos como o bem comum. Deixou de ser algo intocável, de materiais luxuosos, para ser de palha, de pano, de barro. Nesse contexto, todos têm autoridade para falar, prática então legitimada somente pelos aparelhos do Estado. No entanto, é possível tocar e aproximar-se da cultura produzida pela própria comunidade; fala-se agora em uma rede, onde todos interagem, governo, técnicos, especialistas e comunidades.

Isso ocorre porque o patrimônio cultural institui-se em elementos ativos da vida cotidiana, pois sintetizam as experiências culturais urbanas, formando lugares de destaque na política econômica das cidades. Vistos como canais de promoção de ações culturais diversificadas, os núcleos históricos elevam os processos de patrimonialização para atender as políticas urbanas, ao se tornarem objetos de economia para cidade. A grande preocupação dessa posição, na visão econômica, é não se considerar a cultura do espaço urbano. Para Castriota (2009), o patrimônio urbano deve ser concebido não apenas nas edificações, nos monumentos isolados, testemunho de um momento singular do passado, mas também se torna necessário perceber as relações que os bens naturais e culturais apresentam entre si, e como o meio

ambiente urbano é resultado dessas relações. Nesse processo muitos fatores são vistos como relevantes: paisagem, linguagem urbana, seus usos e o que fala a paisagem natural.

Essa ressalva serve para todas as cidades que passam ou passaram por esse processo de patrimonialização, ainda que seja grande ou pequena. No caso da cidade de Caxias, é importante enfatizar que ao longo dos seus 184 anos de existência, os aspectos históricos foram se transformando ao longo do tempo. A cidade tem um estilo contemporâneo, com elementos arquitetônicos ecléticos, distintos, gerando um corpus arquitetônico próprio.

Caxias é um lugar de grandes significações e se apresenta com muitos símbolos percebidos na sua história, a exemplo do bairro Trizidela, que está relacionado à aldeia indígena do Seminário das Aldeias Altas, considerado o ponto pioneiro da história, da fé e da educação municipal; o Centro, o empório comercial e administrativo da cidade; o Morro do Alecrim, a parte mais alta da cidade, associado às guerras de adesão à Independência do Brasil e da Balaiada (MIRANDA, 2010, p. 23).

Seu centro histórico possui uma expressiva quantidade de informações arquitetônicas que resistiram ao tempo, mesmo com as intempéries da natureza e do homem, sujeitas por modificações regadas a interesses e conveniências.

Recentemente, o centro histórico da cidade (Figuras 5 e 6) foi tombado pela 3ª Superintendência do Estado do Maranhão como Centro Histórico de Caxias, o qual se compreende como núcleo inicial e originador da cidade, assim como os locais contíguos que se consolidaram no final século XIX, de acordo com a Lei Estadual nº. 3.999, de 6 de dezembro de 1978 e o Decreto nº. 11.681, de 29 de novembro de 1990.

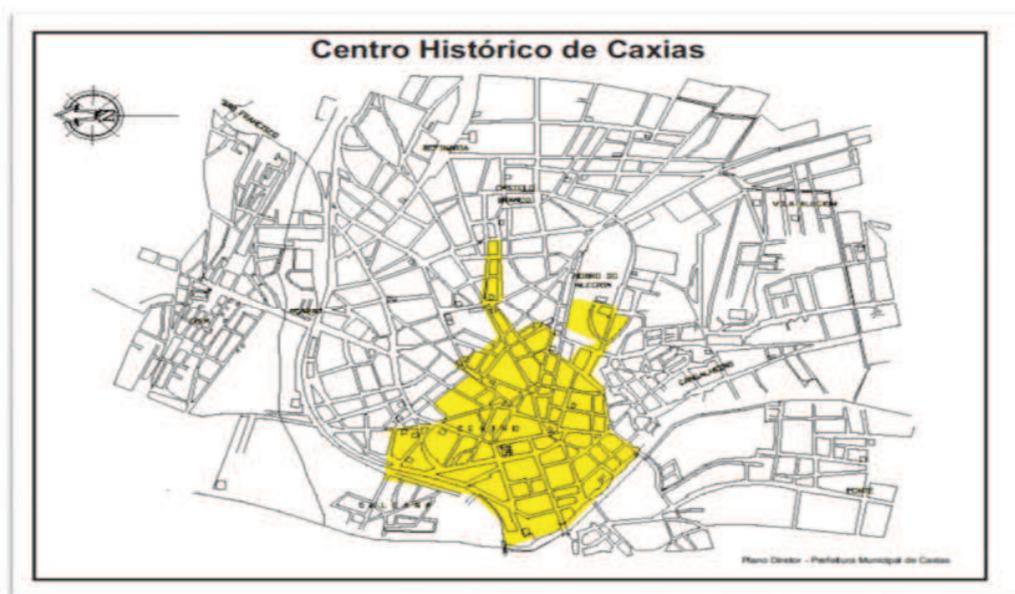
A partir dessa legislação, a cidade ficou assim estruturada:

1. Praça Panteon
2. Praça Cândido Mendes
3. Praça Gonçalves Dias
4. Praça São Benedito
5. Praça Magalhães de Almeida
6. Morro do Alecrim
7. Cemitério dos Remédios
8. Antiga Estação Ferroviária

Em termos descritivos, tomando como referência o que diz o Decreto de Tombamento nº 11.681/90, Almeida, assim, caracteriza essa área:

Inicia-se na interseção do Rio Itapecuru com a Rua Porto das Pedras, seguindo por esta e incluindo o casario do lado direito até encontrar a Rua Conselheiro Furtado. Dobra-se à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se pelas Ruas do Cotovelo e 13 de Maio, alcançando a Praça Magalhães de Almeida. Incluindo o casario do lado direito da praça, sobe o morro do Alecrim, contornando as ruínas do Forte e o Monumento ao Duque de Caxias. Neste ponto, desce a encosta à esquerda do morro até o cruzamento das Ruas Aarão Reis e Bom Jesus dos Passos, seguindo por esta até a Rua Dr. Berrêdo onde dobra-se à esquerda e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até à esquina da Rua das Grades. Dobra-se à direita e incluindo o casario do lado direito, segue-se pela Rua da Tangerina, cruzando a Rua nossa Senhora de Fátima, contornando a Praça Dom Marelim e o cemitério São Benedito. Retornando pela Av. Santos Dumont até a Rua da Independência onde dobra à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até a esquina da Rua Siqueira Campos onde dobra-se à direita e segue-se até contornar a Capela de São Francisco e a Praça que lhe fica em frente. Retorna-se pela mesma Rua Siqueira Campos até a Rua Libâneo Lobo, seguindo-se por esta até a esquina da Rua Agostinho Reis onde dobra-se à direita, continuando por esta cruzando a Av. Getúlio Vargas contornando o Mercado Central até a linha da Estrada de Ferro, acompanhando-a até encontrar o Rio Itapecuru. Morro Santo Antônio compreende a Capela Santo Antônio no Bairro Ponte, edificada no topo do Morro do mesmo nome, as encostas e escadaria existentes que dão acesso ao templo. Fábrica Francastro compreende a edificação original sede da Fábrica do mesmo nome localizada no Bairro Ponte. Balneário Hidromineral área paisagística composta por conta de água mineral sulfurosa, lago que contém lama negra com propriedades medicinais e extensa reserva florestal, totalizando 40 hectares. (ALMEIDA, 2009, p. 11).

Figura 5 - Planta da cidade de Caxias, destacando em amarelo o seu Centro Histórico.



Fonte: Almeida (2009).

Figura 6 - Imagem da cidade de Caxias, destacando em verde o seu Centro Histórico.



Fonte: Google Earth (2017).

Para assegurar a preservação do patrimônio cultural do município, foi criada a Lei nº 2.064/2013, que institui o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural e dá outras providências. A lei municipal surgiu para imprimir cuidados e controle na manutenção do patrimônio material da cidade. A lei só faz referência a patrimônio tangível. Na lei são expostos objetivos claros quanto a responsabilidade desse órgão, sendo, portanto, necessário que a mesma seja conhecida por seus moradores, para que não transformem a cidade em um espaço sem memórias, pois os monumentos estão sendo substituídos e utilizados para outras finalidades, dando lugar à modernidade, onde antigos monumentos são trocados por obras abstratas, nascendo uma outra imagem no cenário da cidade, muitas vezes, sem um cuidado na preservação com o bem cultural que está nas memórias do lugar.

O patrimônio demarcado na cidade tem uma proporcionalidade quanto à história local. São praças, igrejas, casarões, ruas. As leis têm como finalidade imprimir uma legalidade sobre os cuidados da manutenção e preservação dos bens culturais. Essa deve ser a prática cotidiana do exercício da lei municipal.

Por ser uma cidade de tradição, não poderia deixar de construir/reconstruir sua história, pois se entende que a tradição aqui remete a um processo dinâmico, ao dizer para as gerações mais jovens sobre o que tivemos e o que temos. Essa discussão se fundamenta nas categorias história, memória, cidade e patrimônio, tendo em vista que o cenário da pesquisa perpassa por essas discussões historiográficas e a referência principal é a cidade, como lugar de memória (NORA, 1993). No entanto, para estudar esse processo é mister redescobrir as subjetividades e refletir sobre o seu desenvolvimento no campo da historicidade.

Assim, a cidade de Caxias vê seu acervo cultural tangível e intangível nos documentos, nas representações da cidade, nas andanças de muitos pelas ruas e praças, cortejadas por tantos que por aqui viveram e ainda vivem. Nas figuras que seguem, são mostrados elementos que retratam simbolicamente a cidade de Caxias, quer seja no âmbito da cultura material como imaterial; são elementos que caracterizam a sua historicidade. Para Ramos (2015), junto a eles estão agregados valores, saberes e fazeres de um povo, um passado mitificado, cujas concepções simbólicas transcendem a dimensão material e que se torna necessário ser amplamente conhecida e discutida com os moradores da cidade.

Figura 7 - Palácio Duque de Caxias (1890), residência do Sr. José Delfino.



Fonte: Bayama (2017).

Figura 8 - Palácio Duque de Caxias (1890), residência do Sr. José Delfino no andar de cima está obsoleto, e no térreo são pontos comerciais.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 9 - Antigo Mercado Central, onde atualmente funciona o Executivo Municipal. Na figura a esquerda funcionou o presídio da cidade 1920.



Fonte: Almeida (2009).

Figura 10 - Casarão secular da família Castelo, no centro histórico da cidade.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Figura 11 - Fachada de Residência dos Silveira, revestida de azulejo português 1873, situada no centro histórico.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 12 - Casarão da Família Delfino, no centro histórico da cidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 13 - Hotel Excelsior, no centro histórico, que já hospedou ilustres caxienses e visitantes.



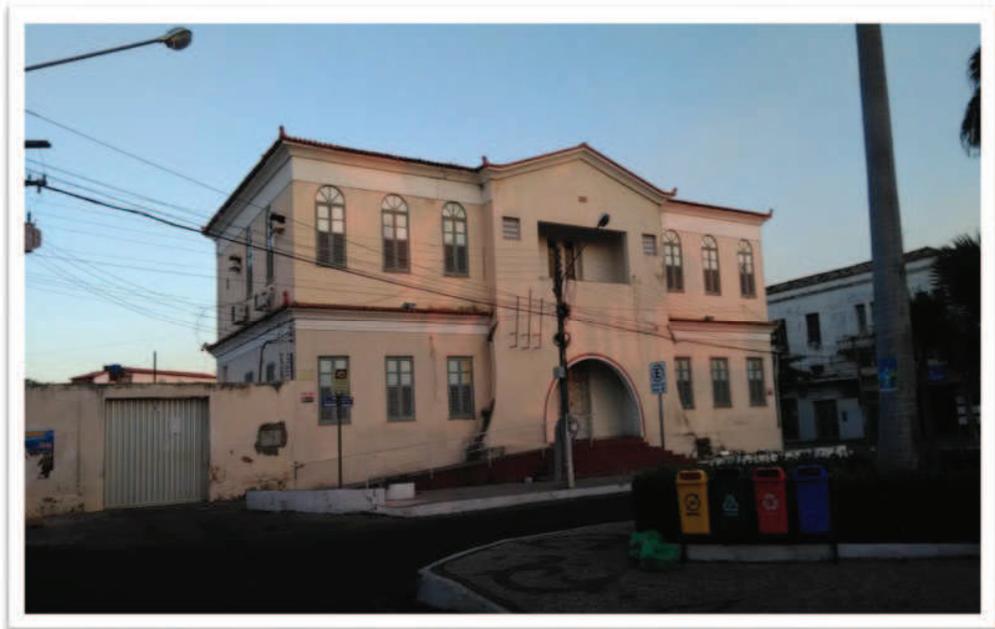
Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 14 - Estação do trem, representação da linha ferroviária na cidade estabelecendo as relações econômicas com as cidades e estados.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 15 - Fachada do Antigo Fórum, local onde também funcionou o Grupo Escolar João Lisboa.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

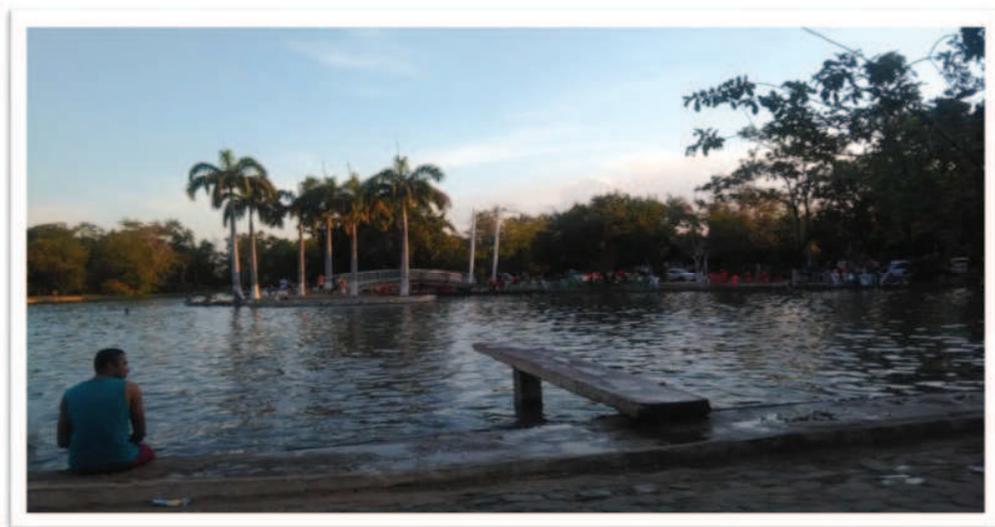
Figura 16 - Palácio Episcopal, residência oficial do Bispo, construído em 1944.



Fonte: Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Figura 17 - Balneário Hidromineral, conhecido como Veneza. Área paisagística composta por fonte de água mineral sulfurosa e lago que contém lama negra com propriedades medicinais.

Extensa reserva florestal. (Decreto de Tombamento nº 11.681/90).



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Figura 18 - Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que domina importante vista da cidade. Localizada na Praça Magalhães de Almeida, foi construída em 20 de outubro de 1817 em terreno elevado, próximo ao Morro do Alecrim.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 19 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Na Guerra da Balaiada (1838-1841), foi ocupada pelos Balaios, que instalaram ali um posto de abastecimento.



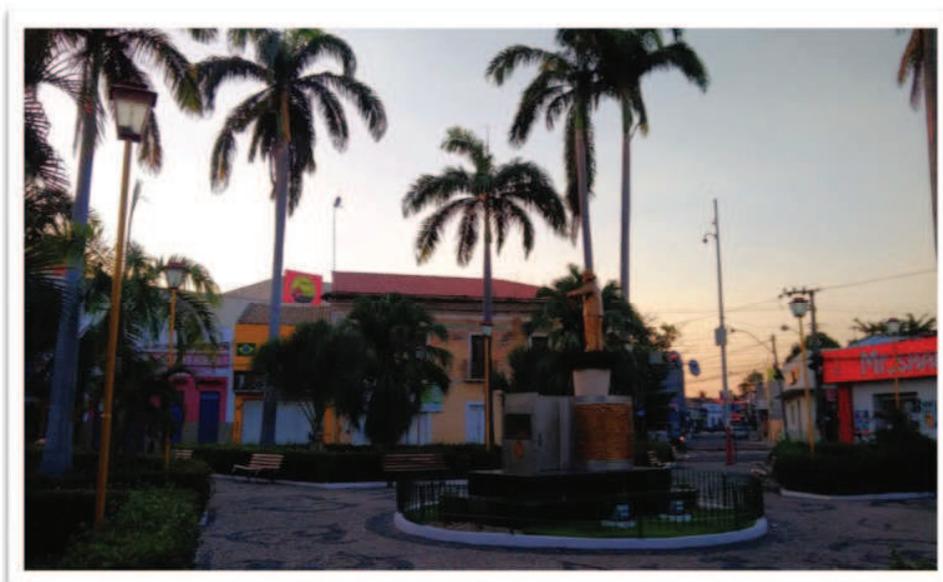
Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 20 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré, localizada no Bairro Trizidela.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 21 - Praça Gonçalves Dias, localizada no centro histórico da cidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 22 - Festejo de São Sebastião, esse festejo se constitui de várias simbologias religiosas, desde a escolha do mastro na mata e sua exaltação pelos religiosos na travessia da cidade até fincada.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 23 - Feira no Mercado Central, já passou por várias transformações, há comerciantes que tem histórias construídas nesse espaço.



Fonte: Autor desconhecido.

Diante da discussão apresentada neste capítulo, as reflexões a partir do patrimônio nos conduzem à compreensão de que somos história, construímos história e ao fazermos parte desse

processo, mantemos uma relação com o mundo, individual ou coletivamente, a partir da produção de bens materiais e imateriais, resultando em sentido e significado para a história.

As imagens aqui apresentadas traduzem informações que às vezes se perderam no tempo, porém elas desvendam elementos da arte, arquitetura, espaços urbanos. Buscar o ângulo desejado é muito interessante para o itinerário narrativo, ainda que exija uma relação que somente poderá ser organizada com a ajuda da memória. Pela lente da câmera fotográfica, observamos as contradições marcadas pelas continuidades e rupturas. Casarões, monumentos, praças e riachos, apresentados no corpus do trabalho, representam a possibilidade de compreensão da história da cidade.

Nesse sentido, a memória é viva, plural, transcendental e conduz a história não como um emaranhado de fatos e de acontecimentos, mas compreendida como um fio condutor para a continuidade das memórias dos que já se foram e dos que ainda continuam a atuar cotidianamente nos diferentes espaços da cidade.

Necessário ressaltar que, com as transformações sociais e econômicas, às vezes não se tem o discernimento do que é importante salvaguardar na memória, a partir do patrimônio da cidade. No entanto, devemos considerar as múltiplas dimensões das construções do passado, dos discursos que se apresentam como indicadores de valores sociais, políticos e econômicos. Nesse sentido, chamamos a atenção para a apreensão plural do uso diferencial da memória para o exercício da cidadania, pois é preciso entender que a memória coletiva não deve ser vista apenas como um objeto de disputas para a organização e orientação de ações de patrimonialização, mas sim como vetor de difusão da história do lugar.



Fonte: Lopes e Sousa (2017).

---

## **CAPÍTULO II**

### **CAXIAS DO MARANHÃO: memórias que narram a cidade**

Nesse capítulo, busquei organizar os bairros que seriam fonte de pesquisa para esse estudo. Foi feito o mapeamento de cinco bairros caracterizados como os mais antigos da cidade, considerados lugares de memórias. São apresentadas, nas narrativas orais dos moradores dos bairros Trizidela, Centro, Ponte, Cangalheiro e Galiana, contribuições importantes que subsidiaram reflexão para a composição da tese. A partir das narrativas dos moradores, foram identificados os lugares de memórias. Serão apresentados, nesse capítulo, os subtemas: Caxias do Maranhão: redescobrimo a cidade, lugar de muitas memórias; O Bairro no trânsito das memórias; Do esquecimento às reminiscências: com a palavra os moradores da cidade.

## 2.1 Caxias do Maranhão: redescobrimo a cidade, lugar de muitas memórias

*[...] e saber que existe uma gloriosa Caxias que todo poeta fora dela é um exilado a Caxias mais gloriosa que existe está nos braços do agreste noutras brasas dos brasis, nas mesmas páginas da história onde os fervorosos historiadores de todos os cardeais estudam logo existem pessoas pensantes pensando que só há Caxias do Sul quando o teu mais jovem Carvalho surge, amada urbe semeando uma modesta poesia pelos cantos e mesmo que não tenha o nome em carreira esculpido espera que tenhas a merecida glória nos muros calçada com poéticas sandálias sapateando nos teus finos dedos sobretudo, tua reinante cultura, soberana subindo sobre as ramas ó Caxias do Itapecuru, dum Maranhão de veracidade teus ramos são únicos, ninguém mais tem a poética liberdade para pisar na grama.*

*(Wybson Carvalho, Poeta e Membro da Academia Caxiense de Letras)*

Todo povo tem a sua história, aquela que consta nos registros oficiais, em documentos escritos e na memória das pessoas. Em todos os casos, urge a necessidade de salvaguardá-las, para que a identidade coletiva seja mantida e as futuras gerações a conheçam e possam, também, mantê-la.

No campo da historiografia, se faz necessário analisar alguns conceitos como espaço, tempo, lugar. Nesse sentido, as leituras, estudos e observações sobre eles foram elementos importantes para subsidiar a pesquisa sobre a cidade. Andar pela cidade, como ressalta Michel de Certeau (1998), é uma forma de percebê-la, já que ela é, por excelência, um lugar social.

Para isso, perpassaremos pela história de Caxias, situando-a no contexto histórico e na representação de suas singularidades. Nessa incursão, ousamos redescobrir a cidade, a partir das vozes dos moradores dos bairros selecionados a priori.

Conhecer e se apropriar da história da cidade de Caxias não teria sentido sem antes situá-la no contexto da história do Estado do Maranhão, que se inicia no século XVII, com o processo de organização de São Luís, única cidade brasileira fundada por franceses, em 8 de setembro de 1612. Importante salientar que os franceses, ao realizarem a liturgia da fundação, revelam o ideal de criar a França Equinocial.

A cidade de São Luís, capital do Maranhão, foi erigida na ilha de Upaon-açu<sup>6</sup>. A colonização inicial portuguesa não prosperou devido ao grande número de ataques indígenas, o que coincide com a vinda dos franceses para a região, sendo eles os fundadores de São Luís, nome dado em homenagem ao rei francês Luís XIII. Com o confronto entre franceses e portugueses, na Batalha de Guaxenduba<sup>7</sup> (1614), os lusitanos deram importante passo no sentido da expulsão definitiva dos seus opositores.

Os ludovicenses, não obstante os desdobramentos de Guaxenduba, mantêm a riqueza cultural advinda da cultura francesa, que permanecem na memória cultural da cidade, como a denominação da Avenida dos Franceses, o Palácio La Ravardière e o próprio nome da cidade, consagrado ao rei de França. É nesse momento que também chegam a São Luís grupos religiosos, oriundos da Europa, a exemplo dos Carmelitas, Jesuítas e Franciscanos, que assentaram as bases da educação na região.

Diante das várias manifestações de invasão, especificamente no Norte, a colonização portuguesa foi marcada pela divisão territorial em dois estados, o do Brasil, com capital em Salvador e o do Estado do Maranhão e Grão-Pará, com a capital em São Luís. Para a historiadora Maria de Lourdes Lacroix, é possível que a primeira fase da organização administrativa tenha, de alguma forma, influenciado no sentimento do seu povo, pois “[...] o ludovicense não se sentia brasileiro, devido ao contato mais direto com Portugal do que com o restante da colônia brasileira” (LACROIX apud ALMEIDA, 2010, p. 23).

A cidade de São Luís é caracterizada por uma marcante presença da arquitetura colonial e imperial portuguesa, elementos que preponderam nos espaços do seu Centro Histórico. São grandes fachadas de casarões revestidas de azulejos, atribuindo-lhe o nome de “cidade dos azulejos”<sup>8</sup> (CARVALHA NETA; PIMENTEL, 2015). Escadarias, palácios, palacetes e calçadas em pedras completam o conjunto arquitetônico da cidade. Além disto, há a cultura imaterial, perceptível na musicalidade, no folclore, nas danças de bumba meu boi, na

---

6 Uma antiga aldeia indígena Tupinambá (ANDRÈS, 2012).

7 Batalha de Guaxenduba foi um confronto militar ocorrido em 19 de novembro de 1614, próximo de onde hoje se localiza a cidade de Icatu, entre forças portuguesas e tabajaras, de um lado, e francesas e tupinambás, de outro (CARVALHO NETA e PIMENTEL, 2015).

8 Azulejo europeu, principalmente o português, passou a ser usado em grande quantidade em São Luís na segunda metade do século XIX. Dando aos casarões uma aparência refinada da cidade em parte um contributo do uso do azulejo. CARVALHO NETA, Raimunda Nonato Fortes; PIMENTEL, João Carlos. São Luís: Editora UEMA. 2015

feita do divino, nas comidas, chás, bebidas, nos artistas, poetas e escritores maranhenses, reconhecidos mundialmente.

Por esses e outros relevantes aspectos, o título de Patrimônio Mundial, concedido a São Luís, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em dezembro de 1997, foi dado em “reconhecimento à excepcionalidade de seu acervo histórico, com cerca de 3.500 prédios distribuídos por mais de 220 hectares do centro histórico com traçados preservados e conjunto arquitetônico representativo, adaptado às condições climáticas do Brasil equatorial” (ALMEIDA, 2010, p. 26).

Alguns aspectos da riqueza arquitetônica de São Luís replicam-se nas cidades do interior do estado, especialmente em Caxias. A história de Caxias, como todas as demais, foi construída a partir das histórias produzidas pelos cidadãos e pesquisadores da cidade, que a apresentaram ao mundo como um lugar que possui muita expressividade pela sua arquitetura, tradição, política, economia etc., elementos que compõem sua cultura tangível e intangível.

Caxias, quinto município mais importante do Maranhão em população<sup>9</sup>, economia e estrutura, localiza-se geograficamente na Mesorregião do Leste Maranhense e na Microrregião de Caxias, com uma área de 5.313,2Km<sup>2</sup>; é limitado ao Norte, pelos municípios de Codó, Aldeias Altas e Coelho Neto; ao Sul pelos municípios de São João do Sóter, Parnarama, Matões e Timon; a Leste, pelo Estado do Piauí e a Oeste pelos municípios de Codó e São João do Sóter. A sede municipal encontra-se a 67 metros de altitude, com sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 04° 51' 02'' de Latitude Sul, em sua intersecção com o meridiano de 43° 21' 02'' de Longitude Oeste (Figura 24).

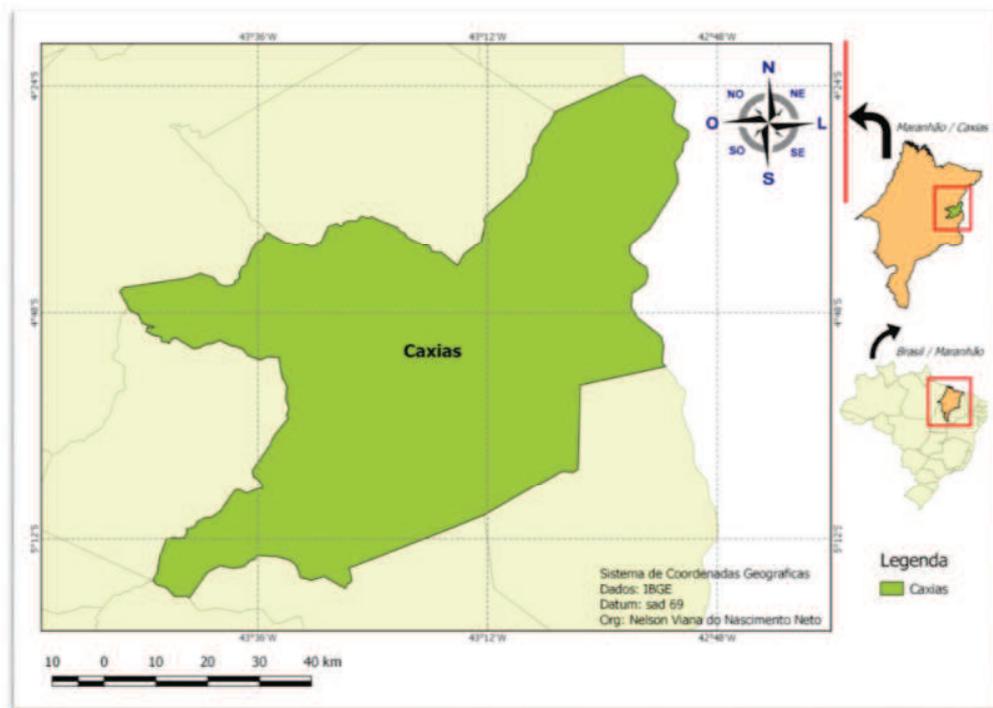
A história narra que Caxias tem suas origens no século XVII, com as missões portuguesas de exploração da colônia, e com elas nos deparamos com a abstrata localização do sítio primitivo. As fontes pesquisadas, a princípio, não nos revelam com unanimidade a exatidão do local do enraizamento do primeiro aglomerado “civilizado” de Caxias, porém é dedutível que, em princípios do século XVII, já existiam, às margens do rio Itapecuru, nas áreas mais elevadas da região, algumas aldeias indígenas, relacionadas aos grupos Timbira, Gamela e Tapuia, como indica Coutinho (2005, p. 11), “[...] os Gamelas e Tapuias, aterrados com o avanço dos portugueses, ainda no século XVII, localizaram-se a cerca de 80 léguas da

---

<sup>9</sup> População de 162. 657 habitantes, pelo último censo (IBGE, 2017).

embocadura do rio Itapecuru, num lugar que fica a 5° 9' de latitude meridional e a 45° 12' de longitude ocidental.”

Figura 24 - Mapa de localização de Caxias.



Fonte: IBGE (2010).

Os índios Timbira e Gamela, povoadores originários, conviveram pacificamente com os franceses, no período em que ocuparam o Maranhão. Com o movimento das Entradas e Bandeiras, no século XVII, no interior maranhense, e a consequente expulsão dos franceses, em 1615, os portugueses subjugarão os grupos indígenas e suas aldeias, vendendo seu povo como escravo em São Luís (VILANETO,2006).

Já no ano de 1727, com a paz conquistada definitivamente, veio residir entre os nativos o Pe. João Tavares (Missionário dos Tremembés), dando a conhecer a região pelo topônimo de Aldeias Altas, “[...] naturalmente em contraposição às primeiras estabelecidas no baixo Itapecuru” (COUTINHO, 2005. p. 13).

Uma informação importante nos é dada pelo Pe. Cláudio Melo, em sua obra *Caxias no Tempo das Aldeias Altas* – “O índio foi aldeado na Trizidela, mas na outra margem do rio estava o branco com roças e criações. Foi nesta parte, e não em Trizidela, que se formou a gloriosa

Caxias e sua freguesia de Nossa Senhora da Conceição” (MELO, 1986, p. 10-11). Sob esse aspecto, o Bairro Trizidela (Três em Elas, as demais aldeias), foi o local do assentamento colonial primitivo, na margem esquerda do Rio Itapecuru, lugar de morros elevados de onde poderia se construir fortificação e defesa para qualquer invasor.

Reavaliando as informações, percebe-se que os padres jesuítas, vindos do sertão da Bahia, instalaram-se precisamente a ocidente do Itapecuru, nas três aldeias indígenas, onde fundaram a *Missio Superior in Campis* (Missão Alta ou Aldeias Altas); enquanto que a origem da povoação fica à banda oriental do rio, tendo como marco inicial as fazendas de gado que passaram a ser foco de atração de pessoas e comércio de outras regiões circunvizinhas. O comércio do gado e, posteriormente, da cultura do algodão adensaram, com o tempo, a povoação, dando origem e forma ao Arraial das Aldeias Altas, que passou a atrair mineiros e sertanistas da Bahia, Pernambuco e Piauí para comercializar mercadorias segundo suas posses.

O desenvolvimento do comércio nas Aldeias Altas, que tinha por principal via de circulação, entre os sertões e São Luís, o rio Itapecuru, passava a orientar o crescimento da aglomeração, alterando e dinamizando o processo de modificação das formas espaciais dentro do meio natural.

Ao considerarmos os dois núcleos de povoamento, a missão jesuíta (Trizidela) e as fazendas de gado (margem oposta do rio à da missão), estamos tratando de sítios de significados distintos: ao primeiro sítio coube o papel de assentamento, defensivo e estratégico, abrigando a missão e uma casa forte, enquanto que ao segundo sítio, a posição de polo comercial do interior dos Sertões da colônia.

A criação do Arraial das Aldeias Altas, por volta dos anos de 1720, às margens do Itapecuru, em um vale cercado de morros bem distribuídos naturalmente, que possibilitavam a ampla defesa, valorizou a posição do lugar em relação ao comércio e comunicação. Ali se estabeleceram os *pousos* (casebres de palha que serviam aos tocadores de gado que vinham da bacia do S. Francisco para São Luís) e os *paióis* (depósitos provisórios de armazenamento das colheitas), próximos ao rio, via que facilitava o escoamento da produção:

[...] aquele arraial é uma continuada feira de compras e vendas (...). Eu vi em maio do ano passado, juntos naquele porto, cinco barcos de coberta, grandes e todos capazes de navegar o alto mar, que foram carregados de mercadorias e voltaram abarrotados de sacas (...) é hoje o arraial de Aldeias Altas a melhor povoação do Estado do Maranhão, e de maior comércio. A exceção da capital, ela é o que dá consumo à maior parte das fazendas que vêm de Lisboa, por ser

a escala de todos os sertões e minas por onde se entra e sai desta Capital. (COUTINHO, 2005, p. 19).

Conforme este relato, conclui-se que, naquele período, a situação de Caxias era incontestavelmente privilegiada em relação às condições naturais em que se estabeleceu o seu sítio, pois o Itapecuru, riachos e córregos que banhavam o arraial possibilitaram amplo desenvolvimento socioespacial, tanto que as comunicações dos interiores para São Luís passavam pelas Aldeias Altas, como se nota no trecho da carta de D. Fernando Antônio Noronha (Governador do Maranhão – 1792-1798) à Rainha Maria I, em 04 de junho de 1796, onde declara: “[...] constitui-se como ponto central comunicável às Capitanias do Ceará, Pernambuco, Piauí, Bahia e a todos estes vastíssimos sertões” (COUTINHO, 2005, p. 16).

Com o avançar da história, a situação de Caxias firma-se, ainda mais, primeiramente com o movimento de Independência do Brasil e do Maranhão, onde em 1823 o major lusitano João José da Cunha Fidié monta barreira contra os independentes, pois a situação de Caxias privilegiava suas ações defensivas da colônia. Posteriormente, os Balaios, liderados por Manuel Francisco dos Anjos, Raimundo Gomes e Negro Cosmo, ocuparam a cidade em função de sua posição estratégica entre São Luís e Teresina. Por fim, destacamos o ponto alto do desenvolvimento fabril que fez da cidade, a partir de 1882, exportadora de algodão e tecidos em grande quantidade para São Luís e Europa.

Sob essas circunstâncias, surgiram dois portos às margens direita do Itapecuru. Um deles foi o Porto das Pedras, na região hoje conhecida como Três Corações, incorporado ao atual centro, por onde entravam e saíam produtos, mercadorias e escravos para região. Esse porto tinha finalidade comercial e o transporte de pessoas. Pela primitiva rua de barro, posteriormente calçada em paralelepípedo e atualmente asfaltada, e chamada agora Rua Anísio Vieira Chaves, avistava-se o porto onde se estabeleceu um mercado público a céu aberto.

O segundo porto, estabelecido a montante do primeiro, tinha uma finalidade estratégica-militar, pois era por ele que desembarcavam as tropas militares de defesa da região das Aldeias Altas, munição, canhões e outros armamentos. Mais afastado do centro comercial e habitacional, o Porto da Pólvora, como era até recentemente conhecido, estava localizado próximo às oficinas artesanais de cangalhas, o que define muito bem como eram transportados os armamentos e munição, em lombos de burros e cavalos até o forte de defesa da cidade, construído sobre o Morro das Tabocas, atual Morro do Alecrim ou Morro da Balaiada. Hoje se concebe que o Bairro Cangalheiro, um dos mais antigos da cidade, tem suas origens e

adensamento em função das oficinas de cangalhas e do porto, pois era primeiro ali que muitos viajantes dos sertões pousavam para encomendar reparos ou novas cangalhas para seus burros e cavalos, e pela segurança que tinham pela constante presença de soldados em sua rotina militar.

A cidade de Caxias recebeu várias denominações ao longo do tempo, desde a Guanaré (nome indígena), São José das Aldeias Altas, Arraial das Aldeias Altas, Vila de Caxias e finalmente, em julho de 1836, quando foi elevada à categoria de cidade, quando passou a ser chamada de Caxias (CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS, 2015, p. 71).

O nome Caxias foi dado ao município em razão da existência, em Portugal, de uma freguesia com idêntica denominação, costume muito comum aos lusitanos da época. Refere-se a Quinta Real de Caxias, que existia nos arredores de Lisboa, ao longo do caminho de ferro de Cascaes, lugar com balneário de água termais e muito procurado para o tratamento de algumas enfermidades (paralisia e reumatismo).

Entretanto, para o professor Basílio de Magalhães, a grafia correta do topônimo seria "Cachias" já que, segundo ele, provém de "Cachia", nome dado à esponja, flor do arbusto chamado *Corona christi* (ALMEIDA, 2010, p. 27). Foi então na Igreja de São Benedito que, em 1858, o antístite da Igreja Maranhense, Dom Manoel Joaquim da Silveira (1807-1875), denominou Caxias com o título de "Princesa do Sertão Maranhense".

Após Caxias ter sido elevada à categoria de cidade, pela Lei Provincial nº 24 de 1836, sancionada pelo presidente da Província do Maranhão Antônio Pedro da Costa, o comércio volta a todo vapor, os brasileiros são contemplados com posses econômicas e o nível cultural cresce com a criação de várias escolas e jornais locais. Quinze anos depois, a cidade passa a ser campo de uma das mais conhecidas revoltas, que entraria para a história do Brasil conhecida como a Balaiada (1838-1840).

A Balaiada, reconhecida como um dos grandes movimentos sociais do século XIX, ocorreu nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará; e se encontra diluída no decorrer do processo de independência do Brasil. Durante o movimento, a cidade de Caxias foi literalmente ocupada, no ano de 1839, pelos Balaios. Esse aspecto refletiu no poder e união desse movimento, deixando marcas profundas na memória do município (Figura 25).

Figura 25 - Ruínas do antigo Quartel da Guerra da Balaiada que abrigou as tropas da Guarda Nacional e do Exército Brasileiro.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

O movimento recebeu a denominação de Balaiada, pois seu principal líder, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, fabricava “balaies”. Importante ressaltar que a grande diferença desse movimento para os demais, na época do Período Regencial (1831-1840), foi ter possuído um caráter eminentemente popular, contra os grandes proprietários agrários da região. Pode-se dizer que, apesar da falta de organização e planejamento, os Balaies conseguiram tomar a cidade de Caxias, uma das mais importantes do Maranhão e organizar um governo provisório, que estruturou determinadas medidas de ampla repercussão política, a exemplo da decretação do fim da Guarda Nacional (força militar organizada no Brasil em agosto de 1831, durante o Período Regencial) e a expulsão dos portugueses residentes na cidade.

Importante salientar que o nome dado à cidade, Caxias, proporcionou algumas discussões diante do Estado Nacional, referente ao Decreto nº 311, de 02/03/1938, denominada de Lei Geográfica do Estado Novo, que proibia mais de uma cidade no território brasileiro com o mesmo nome, o que resultou numa forte tensão entre os Estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro (ambos já possuíam municípios de nome Caxias) e Maranhão.

Diante da análise do referido documento, o Dr. José Eduardo de Abranches Moura, presidente da Comissão Regional de Geografia no Maranhão, chegou à conclusão que teria que mudar oito cidades do Maranhão, porque tinham os mesmos nomes. Antes que pudesse fazer

um novo mapeamento, chegou a suas mãos um telegrama indicando como ficariam os nomes das três cidades dos Estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e do Maranhão. No telegrama, encaminhado pelo então embaixador Macedo Soares, constava que o Rio Grande do Sul, pela sua grande importância econômica, continuaria com o nome de Caxias e o Maranhão ficaria com Marechal Caxias ou Caxias do Norte.

O Dr. Abranches Moura, após discutir com os seus pares maranhenses, chegou a uma conclusão e respondeu ao embaixador Macedo Soares, declarando que a comissão revisora do Maranhão era terminantemente contra a mudança, justificando a importância também econômica da cidade de Caxias do Maranhão, bem como a existência de grandes poetas e ilustres personagens da cidade, conhecida nacional e mundialmente. Alguns equívocos foram enfatizados quanto ao título do Barão de Caxias, esclarecendo que o título de Patrono do Exército Brasileiro foi concedido pela cidade maranhense e não o oposto (COUTINHO, 2005).

Após vários embates e com a certeza de que o interesse gaúcho era político e econômico, assim ficaram as denominações das cidades: no Estado do Maranhão, “Caxias”; no Estado do Rio de Janeiro, “Duque de Caxias” e, no Estado do Rio Grande do Sul, “Caxias do Sul”.

A cidade de Caxias possui, na sua estrutura física e social, representações singulares próprias de uma cidade repleta de signos, oriundos da sua trajetória histórica, em articulação com o presente, traçando o desenho memorialístico da cidade. É desse lugar, de tantas memórias, que o objeto de estudo dessa pesquisa se define, pois, entendemos que esse espaço, tão bem demarcado, necessita ser preservado e difundido.

Nos documentos escritos consta que a cidade foi concebida sob o símbolo da colonização, mais precisamente, com o movimento de Entradas e Bandeiras, bem como o estabelecimento de fazendas de gado pelos portugueses; também é importante enfatizar que a religiosidade se intensificou pelo trabalho de catequese dos jesuítas. Essas referências repercutem no conjunto das ações históricas. Pode-se dizer que o primeiro embrião da cidade de Caxias surgiu no aldeamento estabelecido à margem esquerda do rio Itapecuru. No lado direito do rio, foi erguida uma pequena capela em homenagem a nossa senhora da Conceição, conhecida atualmente como Igreja da Matriz.

De acordo com Coutinho (2005, p. 24), o povoado, a exemplo de outras cidades ribeirinhas do nordeste e norte do Brasil, surge em consequência dos chamados pousos e paióis, anteriormente já referidos, com o povoamento se estendendo ao longo dos rios.

Em oposição à economia tradicional indígena, voltada para a produção de subsistência, outras forças econômicas e políticas foram surgindo. Os fazendeiros e os padres jesuítas viam no comércio a possibilidade de grandes produções e trocas de mercadorias e venda dos excedentes. Com essa nova via econômica, através de comércio, o espaço urbano foi se moldando, as residências, as escolas e as igrejas foram surgindo no centro da cidade, os terrenos bem mais localizados foram utilizados para as melhores residências, por apresentarem maiores possibilidade de difusão e articulação das ideias (MIRANDA, 2010).

Dessa maneira, a cidade foi se organizando e definindo os espaços da elite, que certamente não seriam o mesmo para negros, índios e empregados. As piores localizações ficariam para os que tinham menores rendas (MIRANDA, 2001). Cabe dizer que a organização urbana tinha uma relação com os modelos de produção, a qual representava significados de dominação percebidos nas condições sociais e naturais no contexto histórico. A utilização do espaço urbano de Caxias se deu “harmonizado” ao desenvolvimento agrícola dos primeiros habitantes, resultando numa confusão na disposição das ruas, características dado ao processo de organização.

Caxias foi, durante um bom tempo da sua formação, uma cidade portuária. As transações tinham seus produtos comercializados nas margens do rio Itapecuru, onde eram armazenados e encaminhados para os centros de consumo, sendo este rio a entrada principal da cidade. Com o passar do tempo, além da entrada pelo rio, outras foram sendo consolidadas (MIRANDA, 2001).

Convém ressaltar que Caxias é visualmente caracterizada por suas ruas centrais, que se iniciam a partir do rio Itapecuru e que servem de referência para toda a cidade. Suas praças, ruas, casarões, residências e monumentos são signos que representam historicamente as reminiscências do lugar. Isso torna importante a salvaguarda dessas memórias, pois “...cada indivíduo deve se perceber sujeito atuante de sua história” (FILHO, 2014, p. 21). Confirma-se com isso que todos somos determinados pela história vivida, todos são sujeitos da própria história; isso equivale a entender que a história é construída por todos.

O passado nasce de inúmeras faces da história em suas mais variadas dimensões; e ao pensarmos na cidade de Caxias, quase sempre nos recordamos das pessoas, dos fatos, objetos, lendas, poetas, movimentos e memórias contadas a partir do ponto de vista de quem está narrando. Os lugares são preservados como lugares de memórias, quer sejam planejados ou naturais, representando a memória coletiva e individual, aquilo que os grupos fazem do passado (NORA, 1993).

Estudos revelam que a história de Caxias é acessível a todos, a partir de reflexão e análise com fins a outras produções sobre a história e sua temporalidade, pois são construídas com ela mais memórias. Essa tradição ressaltada na história da cidade, também se encontra na poesia, na cultura material e imaterial, na economia, política e educação. Mister dizer da necessidade de tornar dinâmica essa cultura, com o propósito de contribuir com sua historiografia. Felix corrobora,

[...] pela aceleração da história, cada vez mais, o cotidiano afasta-se das vivências da tradição e do costume; a memória deixa de ser encontrada no próprio tecido social e passa a necessitar de lugares especiais para ser guardada, preservada em seus laços de continuidade. São os *lugares de memória* encarregados de desempenhar esse papel de manutenção dos liames sociais, de fugir à ameaça do esquecimento. (FELIX, 1998, p. 53).

A cidade de Caxias tem um crescimento elevado no século XIX. Passa a ser uma potência industrial antes mesmo de outras cidades do Brasil, que somente foram colocadas nesse patamar econômico décadas depois. Com a industrialização, houve crescente expansão no desenvolvimento da cidade. A instalação da fábrica Industrial Caxiense, em 1883, foi fator considerado relevante para o desenvolvimento dessa economia, somado a construção da linha férrea, ligando Caxias até a Vila de São José das Cajazeiras, atualmente a cidade de Timon.

A cidade de Caxias teve o seu crescimento alargado rapidamente por sua localização e por ser ladeada por vários cursos de água, além do rio Itapecuru: riacho Baixinha, riacho Maria do Rosário, riacho São José e a Veneza, balneário de fonte mineral, todos considerados importantes para sua economia.

Ainda que alguns aspectos da cidade tenham sido ressaltados, outros não foram mencionados, mas que não é menos importante para sua história. Ítalo Calvino (1991), em *Cidades Invisíveis*, assenta que dentro das cidades existem outras, por vezes invisíveis. E nas diferentes épocas e em todas as culturas, em cada movimento é possível encontrar as maneiras mais peculiares para registrar e construir a história das cidades. O cidadão, ao sentir a cidade, estará reorganizando um aprendizado e ao mesmo tempo interagindo com a sua história, daí a importância para cuidar, valorizar e difundir-la.

Existe em Caxias um patrimônio imaterial amplo, representado nas músicas, danças, culinária, lendas, folclore, poesias e arte. É preciso lembrar dos poetas caxienses, com suas poesias conhecidas nacionalmente. Dentre eles: Antônio Gonçalves Dias, Coelho Neto, Teófilo Dias, Vespasiano Ramos. Na escultura, Celso Antônio Menezes. Na dramaturgia, o criador do

Teatro do Negro, Ubirajara Fidalgo. Há, ainda, o idealizador da Bandeira Nacional, Raimundo Teixeira Mendes (COUTINHO, 2005).

A cidade de Caxias apresenta amplo repertório cultural, mencionado no decorrer desse estudo, e para o desdobramento da pesquisa foram selecionados alguns elementos indicados na fala dos depoentes, os moradores da cidade. Na constante incongruência da oscilação entre os momentos áureos da economia e da política caxiense, o que se mantém atualmente presente nas memórias das pessoas que vivenciaram esses períodos.

Essa pesquisa apresenta a cidade com todas as suas contradições e o discurso, às vezes imposto, não nos deixa ver que a cidade de Caxias não é somente “a princesinha do sertão maranhense”, a terra de Gonçalves Dias, mas tudo o que dela se faz.

### **2.1.1 O Bairro no trânsito das memórias**

Para revisitar a cidade de Caxias, faz-se necessário embrenhar-se na sua história, com vistas a buscar compreender as suas representações e imagens que a constituem. Contornos e significados representados materialmente ou imaterialmente, contidos na sua arquitetura, nos traços de suas ruas, vistos também nas festividades e ações do cotidiano. Nesta perspectiva, as relações construídas fazem do lugar um lugar de memórias.

As cidades são mapas que mostram onde estamos, muito mais do que indicam para onde vamos e como podemos ir e voltar e, portanto, quem somos nós ou quem podemos ser. (FERNANDES, BROPO, PARK, 2012, p. 9). A cidade, como lugar de memória, é uma representação simbólica de tudo que dela pertence: as ruas, os bairros, as casas, as praças e todo monumento expressamente visível e também invisível.

Os bairros são regiões que compõem uma cidade (LINCH, 1997) e podem ser distinguidos pelas suas características físicas que os definem com suas contingências como textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, construções, atividades, habitantes e sua conservação. Constituem identidades, já que os nomes conferidos aos bairros lhes proporcionam uma representatividade do modo de vida de seus habitantes, e passa aos seus moradores a percepção de um lugar de todos, onde ocorrem às relações sociais e a manifestação mais íntima dos seus atores.

Como afirma Bosi (2004, p. 204),

Os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos. (BOSI, 2004, p. 204).

Nessa tessitura, se desenvolvem redes de identidade que se constrói a luz dos dizeres e fazeres dos moradores da cidade. São representações que fazem conexão entre o homem e o espaço. São ideias formalizadas de um tempo, que serão observadas a partir dos discursos transmitidos nas vozes dos moradores, que nos possibilitam compreender a memória desse passado.

Por esse motivo, Silva diz que,

[...] por sua própria natureza, o bairro é concebido como um lugar de grandes potencialidades; um espaço complexo, imbuído de variadas significações conferido pela própria dialética do cotidiano; é ainda a referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar – seu ponto de partida e chegada. (SILVA, 1999, p. 12).

O bairro é um espaço que se caracteriza como um lugar por excelência da vida. O cotidiano construído pela vivência dos moradores, que marca as subjetividades daqueles que viveram ou ainda vivem. Cada momento é tecido por uma rede de significados para os moradores do bairro. Nessa perspectiva, o lugar é concebido como espaço que ascende sentimento, que remete a ideia de pertencimento. Os lugares, nesse aspecto, evocam a memória.

O espaço, nessa discussão, emerge a partir de diferentes interpretações que envolvem a ideia de território, paisagem, ambiente e lugar. O conceito de espaço, numa visão territorial, representa a ideia de apropriação, de poder, de posse, sentimento de não pertencimento; a visão de espaço, nesse sentido, refere-se a sua utilização pelo sujeito com finalidade de alcançar determinados mecanismos. Beker acrescenta,

[...] no momento em que se retorna a análise das relações de poder e se focaliza a prática espacial, o território volta a ser importante, não mais apenas como espaço próprio do Estado-nação, mas sim dos diferentes atores sociais, manifestações do poder de cada um sobre uma área precisa. O território é um produto “produzido” pela prática social e também um produto “consumido”, vivido e utilizado como meio, sustentado, portanto, a prática social. (BEKER, (1983, p. 7-8)

A discussão em torno do espaço como território é pertinente, por ser a cidade lócus de tensões e conflitos entre os grupos sociais, na defesa individual pelo poder. Essa é a realidade que se apresenta também no espaço do bairro, pois além do desenvolvimento do afeto, da interação e amizade construídos no cotidiano das relações, também existe o conflito, considerado inerente às relações humanas. Por isso, ao estudá-lo, é importante levar em consideração essas diferenças, caracterizadas pela sua composição.

Ao estudar o bairro temos que considerá-los como um espaço construído e reconstruído pelos seus moradores, sendo constantemente (re) interpretado na memória deles, e essa dinâmica resulta por suscitar sentimentos de diferentes ordens.

O bairro como paisagem e ambiente nos possibilita vários enfoques referentes ao funcionamento das sociedades, revelando ou excluindo informações, características econômicas, políticas e culturais que estruturam o processo de concepção e organização do espaço social. O espaço geográfico é decorrência de uma complexa interação entre a sociedade e a sua paisagem. As paisagens apresentam particularidades referentes ao presente e passado, que se articulam dialeticamente fazendo do lugar um espaço de lembranças, de memórias de vida.

O ambiente também é um conceito bastante pertinente nessa discussão. Em algumas situações, configura-se como sinônimo de paisagem natural, mas essa análise é diferente na visão de Reigota (1994:21),

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 1994, p. 21).

O bairro não deve ser considerado como apenas uma parte isolada que compõe a cidade, mas um espaço construído pelos moradores e pelas ações por eles desenvolvidas: as festas de rua, as brincadeiras de roda, as conversas de porta de rua, a ida a padaria, ao mercadinho do bairro, os aniversários, os novenários nas casas e tantas outras ações

desenvolvidas no cotidiano. O bairro tem uma importância fundamental para seus moradores, pois é lá que se estabelecem as relações sociais que se dão no lazer, no consumo, na religiosidade e em todas as ações que o homem realiza.

Visto como um lugar pulsante, no bairro ocorrem transformações históricas que se refletem no cotidiano dos seus moradores; considerado não somente um lugar, mas um espaço heterogêneo que comunga verdadeiras experiências de vida, portanto, tem cor, tem vida, e compõe a teia urbana da cidade.

Para Barros,

os “bairros” correspondem a parte da cidade, de tamanhos diferentes, que na estrutura das imagens citadina são percebidas pelo imaginador como zonas temáticas, ou como conjuntos morfológicos dotados de suficiente clareza e coerência para aqueles que o concebem imaginativamente. (BARROS, 2012, p. 96).

Cada bairro é parte integrante do imaginário dos cidadãos, com movimentos que dão sentido a cada experiência vivenciada por eles no campo individual e coletivo. Existe uma correlação de um bairro com o outro, ou ainda aquele que por motivo de organização urbana se insere em outro. Também há aqueles que, pela formação histórica, contribuíram mais para a construção da identidade da cidade. Todos, porém, são demarcados por algum limite como, por exemplo, rios, morros, ruas e canais, o que Barros (2012) chama de “barreiras” ou “costuras”. Nesse sentido, os limites poderão servir para demarcar costumes, hábitos, culturas e particularidades próprias do bairro.

Os bairros apresentam aspectos que se destacam pela beleza, pela história, pelo costume, pela circulação constante das pessoas e as relações que se estabelecem. Os bairros de uma cidade guardam um sentimento de pertencimento para as pessoas que lá residem e necessitam ser lembrados para que a sua história permaneça junto com a cidade. Convém dizer que a cidade, o bairro e as ruas são elementos que constituem o espaço urbano, que se imbricam e não podem ser estudados separadamente, pois “[...] são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional e que reconhece como tendo algo em comum e identificável (MIRANDA, 2010, p. 60).

Cada bairro tem suas peculiaridades que os fazem importantes para a história de seus moradores e para a história da cidade. Caxias possui expressivo número de bairros, entre os

quais selecionamos cinco deles para compor nosso universo amostral, cada um deles contando com um depoente, morador do mesmo.

A Lei nº 1.838/2009 dispõe sobre a definição e delimitação dos bairros da cidade de Caxias, que em seu Artigo 1º os caracterizam com suas respectivas delimitações, estabelecidas em um mapa e pela “Descrição da Delimitação dos Bairros”.

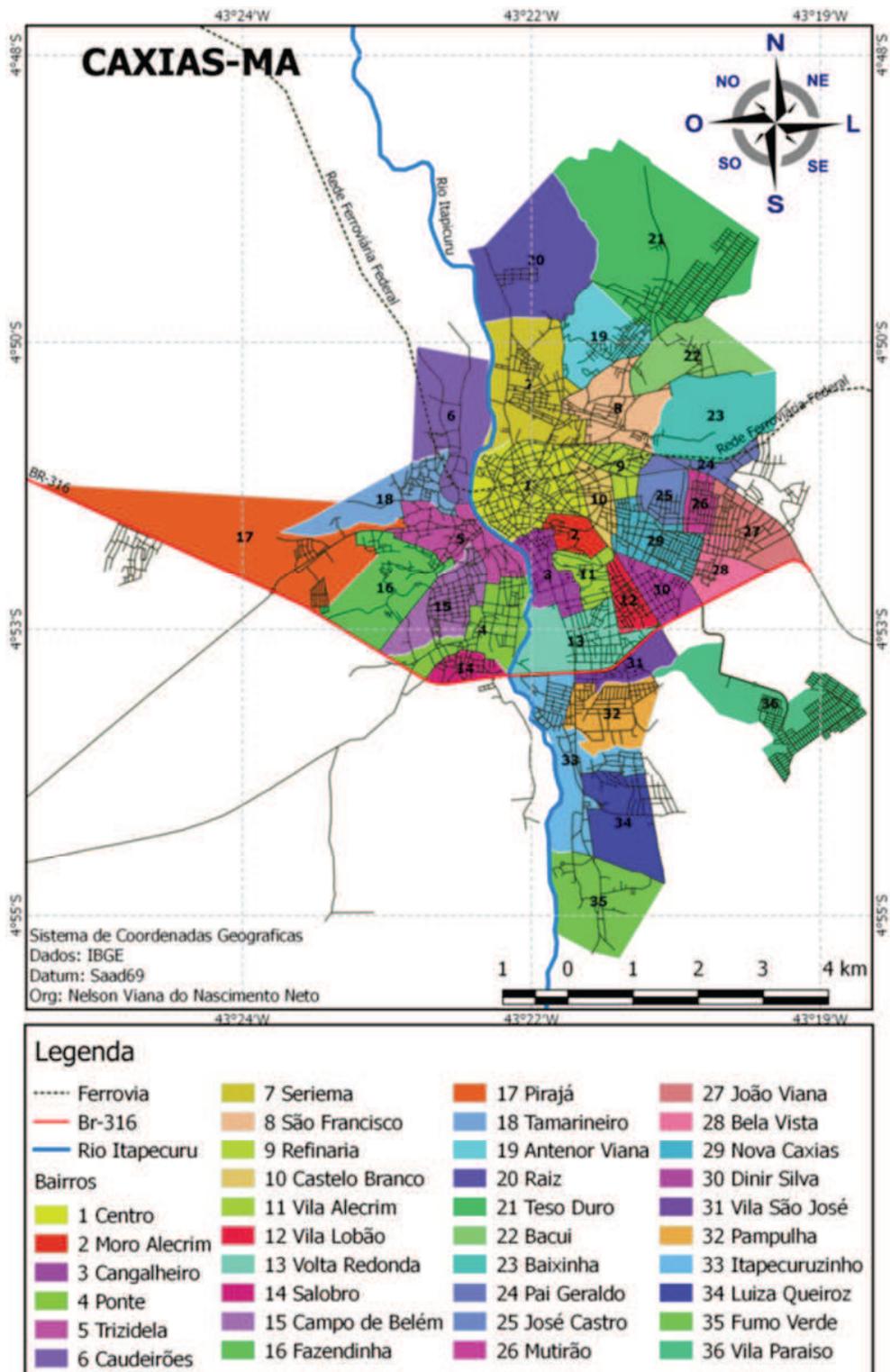
A cidade tem, atualmente, 36 bairros. Cada um deles possui características muito singulares: uns mais remotos, outros mais novos, uns maiores, outros menores. Não implica que não tenham as mesmas características, pois o sentido e significado que apresentam na composição da cidade os fazem igualmente importantes em sua contribuição para a história.

O estudo traz, no bojo de suas discussões, a voz dos moradores dos bairros, cada um com sua representação histórica. Foram ouvidos cinco moradores de bairros diferentes, para que pudessem dar seu testemunho sobre o que consideram como sua história e patrimônio, a partir de suas memórias, além das transformações ocorridas na modernidade, referente às questões sociopolíticas, econômicas e culturais.

Para melhor compreender o lugar de onde procedem as falas dos narradores, caracterizaremos os bairros com informações sobre os mesmos. Nesse sentido, os cinco bairros: Trizidela, Cangalheiro, Centro, Ponte e Galiana serão apresentados com suas peculiaridades.

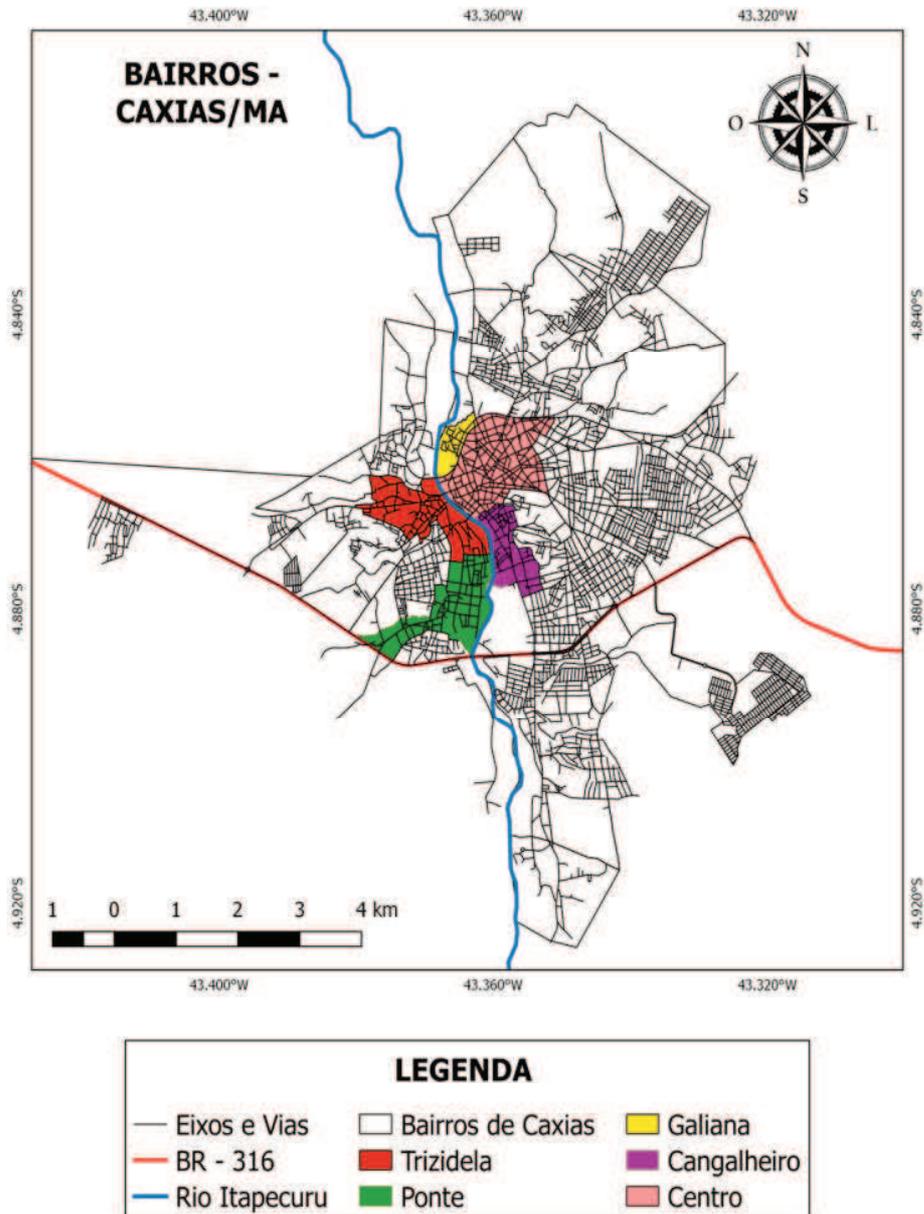
Na Figura 26, são apresentados os bairros da cidade no mapa urbano. Na Figura 27, são os bairros trabalhados nesse estudo para que o leitor os identifique observando a legenda de números e cores.

Figura 26 - Mapa com os Bairros de Caxias, de acordo com a Lei 1.838/2009.



Fonte: IBGE (2010).

Figura 27- Bairros da cidade estudados na pesquisa.



Sistema de Coordenadas Geograficas  
Dados: IBGE  
Datum: SAD 69  
Org: Adriano da Silva Sousa

Fonte: IBGE (2010).

## **Bairro Trizidela - algumas impressões**

Historicamente, o Bairro Trizidela é um dos mais antigos da cidade. Sua existência data do século XIX, associado a antigas aldeias indígenas e ao Seminário das Aldeias Altas, que é o ponto pioneiro da história, da fé e da educação local (MIRANDA, 2010).

Segundo Melo,

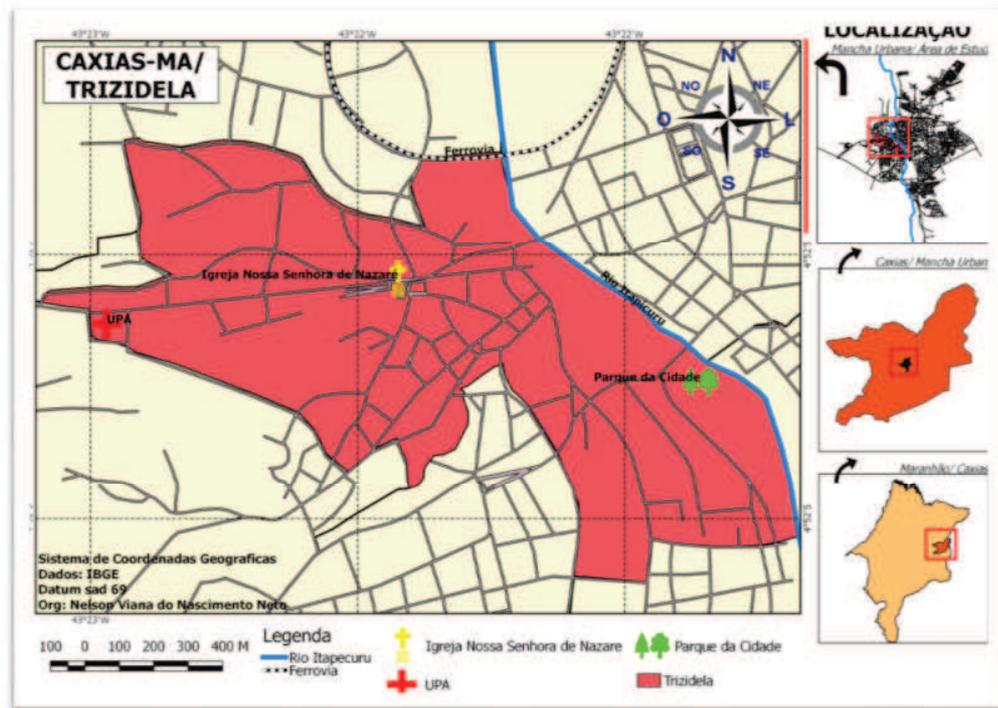
[...] a origem da povoação se deu com o estabelecimento de uma fazenda de gado no local, e que em torno da fazenda foram se aglomerando as pessoas que demandavam a localidade, até que ali se formara um arraial. Ainda dois Jesuítas vindos do sertão da Bahia, ali se instalaram precisamente na outra margem do rio, nas três aldeias existentes, de forma que a palavra 'Trizidela', na opinião do Dr. Antônio Gonçalves Dias, terá derivado dessas três Aldeias. (MELO, 1986, p. 74).

O bairro está situado na zona oeste da cidade, na margem esquerda do rio Itapecuru, no local onde existiram três aldeamentos de indígenas - Guanarés, Timbiras e Gamelas - de onde se originou seu nome, como já foi mencionado no Capítulo II.

Ali os Jesuítas fundaram, em 1741, uma escola para alfabetizar índios e filhos de colonos. O Seminário das Aldeias Altas possuía salas de aulas, casas de moradia, duas fazendas de criação, roça e uma igreja. Atualmente o bairro se apresenta com outra estrutura urbana, composta por escolas, comércios e residências (CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS, 2015, p. 20-23).

Na organização do espaço da cidade, o Bairro Trizidela tem sua constituição histórica marcada por importantes simbologias, que se refletem nas memórias e histórias do bairro.

Figura 28 - Mapa do Bairro Trizidela.



Fonte: IBGE (2010).

### Bairro Cangalheiro - algumas impressões

O processo de formação do Bairro Cangalheiro emergiu de forma tímida, porém aos poucos foi se destacando pelas suas simbologias. O bairro tem uma população estimada em 4.155 habitantes e está localizado na zona sul da cidade; seu nome teria surgido em razão da passagem de animais com cargas de cangalhas.

Hoje se concebe que o Bairro Cangalheiro, um dos mais antigos da cidade, localizado à margem direita do rio Itapecuru, tem suas origens e adensamento em função das oficinas de cangalhas e do Porto da Pólvora, que tem relação com a Guerra da Balaiada, por ser um local considerado estratégico para os Balaios.

Era ali, na oficina de cangalhas, que muitos viajantes dos sertões paravam para encomendar reparos ou novas cangalhas para seus burros e cavalos, aliado a segurança que tinham pela constante presença de soldados em sua rotina militar.

Um bairro com características bem interioranas, com práticas que vão desde o sentar a porta para olhar a passagem dos transeuntes às crianças brincando em frente as casas. Existem

nesse bairro, ruas e lugares que possuem alto grau de simbolismo para a memória da cidade, como o “Pau do Dirceu”, considerada uma rodoviária informal, passagem das pessoas que iam e vinham do interior, além de local de oficinas de carros e uma praça com uma árvore de Oiti<sup>10</sup>.

Alguns nomes de ruas possuem relação com a popularidade de um antigo morador, de nome “Dirceu”. Outras se referem a características geográficas ou físicas da área, como a rua do Fio, rua das Lages, rua Suvaco da Jumenta, por seu entorno ter muitos matos e abrigar os animais. Deve-se lembrar de que nos anos 1950, no auge da consolidação do bairro, o tipo de transporte mais comum eram as mulas (jumentas), animais utilizados como transporte de cargas, tanto para os trabalhadores como para as famílias se locomoverem da cidade para o interior. O Morro do Querosene é outra denominação com forte significado, localizado no ponto de maior altitude do bairro, pelo fato de que uma mulher ali possuía uma venda de querosene, em uma época em que não havia ali luz elétrica.

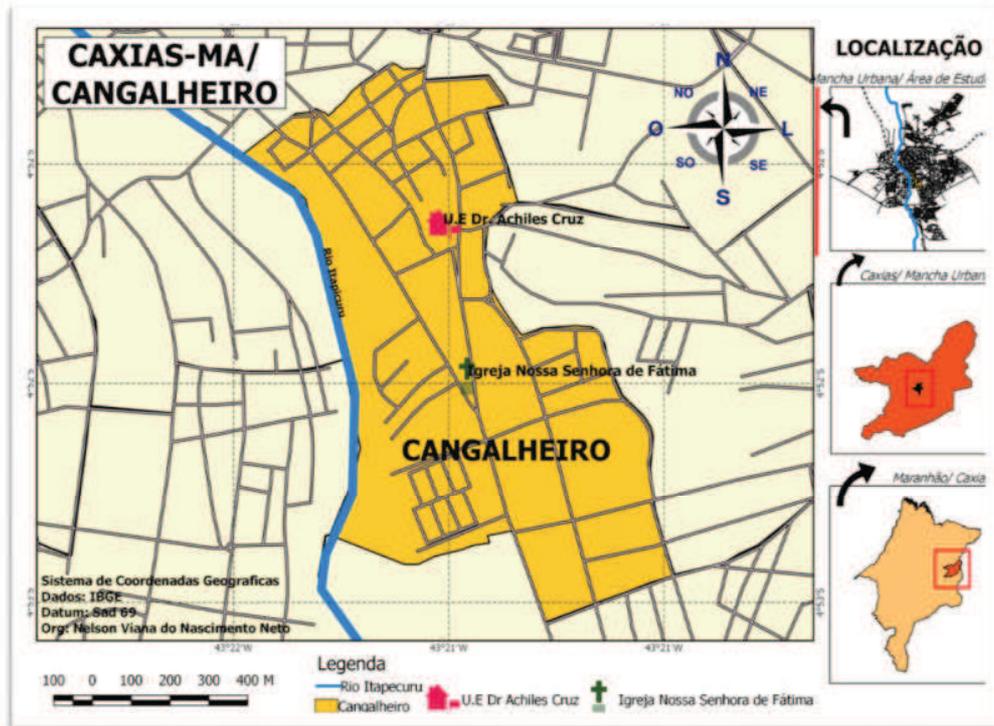
De igual maneira, as demais ruas têm alusão a uma determinada representação simbólica. Percebe-se que, mesmo com a nova estruturação da cidade e dos bairros, as características inerentes ao cotidiano das pessoas ainda exercem influência na escolha do nome das ruas e lugares e prevalecem na memória das pessoas. Ainda que esse critério tenha mudado, essa prática ainda é recorrente: o nome ter relação com a vida comum dos moradores.

O bairro sofreu alterações estruturais e atualmente tem escolas de Educação Infantil e Ensino Básico, agência bancária, posto de saúde, praças, igrejas, mercados e alguns pontos comerciais. Suas transformações são perceptíveis em sua evolução econômica e social, mas como dito anteriormente, seus costumes permanecem ainda vivos nos hábitos provincianos dos moradores.

---

<sup>10</sup> *Licania tormentosa*, também chamada goiti, oitizeiro e oiti-da-praia, é uma árvore da família das Chrysobalanaceae, que pode atingir entre oito e quinze metros de altura.

Figura 29 - Mapa do Bairro Cangalheiro.



Fonte: IBGE (2010).

### Bairro Centro - algumas impressões

O Bairro Centro tem uma população de 9.546 habitantes e fica situado na zona central da cidade. Lá existem casas residenciais e comerciais referentes a diversos estilos da arquitetura brasileira, tais como o colonial<sup>11</sup>, o neoclássico<sup>12</sup> e o contemporâneo<sup>13</sup>. O Centro é um bairro com diferentes tipos ecléticos de arquitetura. Possui um grande número de construções, como as igrejas e os estabelecimentos administrativos e públicos, como a Prefeitura, a Casa de Justiça

11 Introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses, é identificado pelo uso, nas construções, de balcões e sacadas, portadas, portas e janelas emolduradas em relevo, predominando a planta oval, com fachadas de superfícies ondulantes. Como as construções ficavam alinhadas à rua, por segurança eram geminadas, configurando um contínuo correr de casas semelhantes. A maior parte das casas era térrea, mas também existiam os sobrados: edificações de dois pavimentos, sendo a parte inferior utilizada para atividades comerciais (ALMEIDA, 2001:73).

12 Inserido no Brasil em fins do século XIX, apresenta uma arquitetura simples e de proporções harmoniosas, linhas elegantes, efeitos ordenados, lembrando a arquitetura greco-romana. A simetria marcante e composição perfeitamente equilibrada são traços típicos da arquitetura neoclássica (ALMEIDA, 2001:74).

13 Apresenta linhas e formas simples tanto nas fachadas como no interior. Se utiliza muito de vidros. Contemporâneo na arquitetura é algo que leva o novo, moderno, tecnologia e um pouco do minimalismo (ALMEIDA, 2001:74).

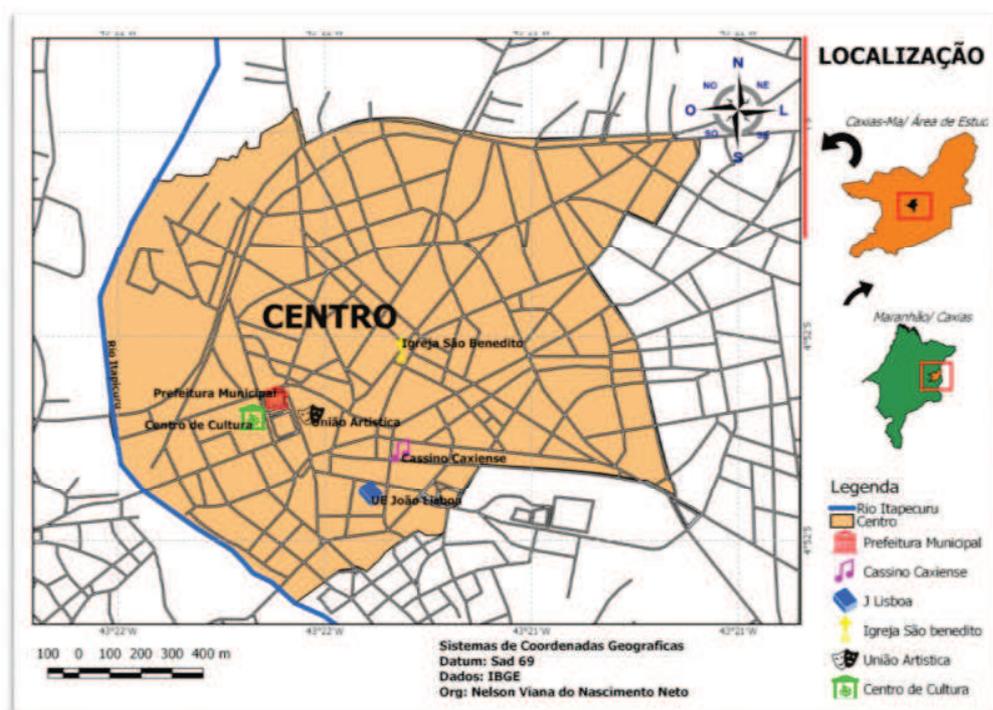
e a Câmara Municipal. Contempla a presença de resquícios históricos, com casas que ainda retratam os estilos antigos de fachadas, janelas e sacadas, a exemplo do edifício Duque de Caxias, na praça Gonçalves Dias. A partir do bairro centro, ramificaram-se os demais bairros, entretanto as atividades econômicas, políticas e sociais ainda permanecem no seu entorno, como marco das relações construídas entre as pessoas.

O mapa de Caxias desenhou-se e ainda se desenha basicamente em todas as direções. A paisagem urbana une o perímetro urbano centro com os demais bairros, desenvolveu-se nessa superficialidade a ponto de se poder ir de uma ponta a outra sem usar uma escada- mas apenas através de ruas e avenidas ladeadas por residências e terrenos baldios. (MIRANDA; BITENCOURT, 2006, p. 22).

O Bairro Centro é conhecido como ponto de encontro entre as pessoas. A imagem da cidade, nessa perspectiva, assenta-se nos vários momentos que são realizados cotidianamente. Ainda permanece a imagem de outrora, com muitas mudanças, mas a ideia de encontro, de compras e outros hábitos ainda resistem.

Atualmente, o centro é carregado de significados econômicos e de poder, característica não tão diferente dos tempos do início da cidade; percebe-se uma rotina econômica bem próxima dos tempos de outrora, pois ainda se concentram ali os principais setores básicos de atendimento urbano. No entanto, não perdeu sua principal característica de lugar aconchegante, misturando o novo e o velho na arquitetura das casas de moradia e dos prédios comerciais e públicos. Além disso, é lar de várias pessoas ilustres da cidade.

Figura 30 - Mapa do Bairro Centro.



Fonte: IBGE (2010).

### Bairro Galiana - algumas impressões

Galiana é o nome do bairro considerado importante para a construção da identidade de Caxias. Está localizado nas proximidades do centro da cidade e iniciou seu processo de formação no primeiro decênio da segunda metade do século XX, em um terreno baldio localizado atrás da antiga Estação Ferroviária. A formação do bairro se deu rapidamente, por ser muito próximo ao centro e o valor da terra ser muito acessível. Considerado um bairro pequeno, com pouca infraestrutura, tem somente 16 quadras e reside ali um total de 353 famílias.

O Bairro Galiana vem acompanhando o crescimento da cidade e também as necessidades dos moradores; várias mudanças ocorreram, não somente em sua estrutura física e socioespacial, mas em suas funções. De acordo com a Lei 1.838/2009, Galiana não se constitui mais como um bairro, mas ele está inserido no bairro mais próximo, que é o Centro. Entretanto, para os moradores, o espaço e o nome continuam o mesmo. Ao serem perguntados, respondem que moram no “Galiana”. Percebe-se aí o sentimento de pertencimento nessa relação do

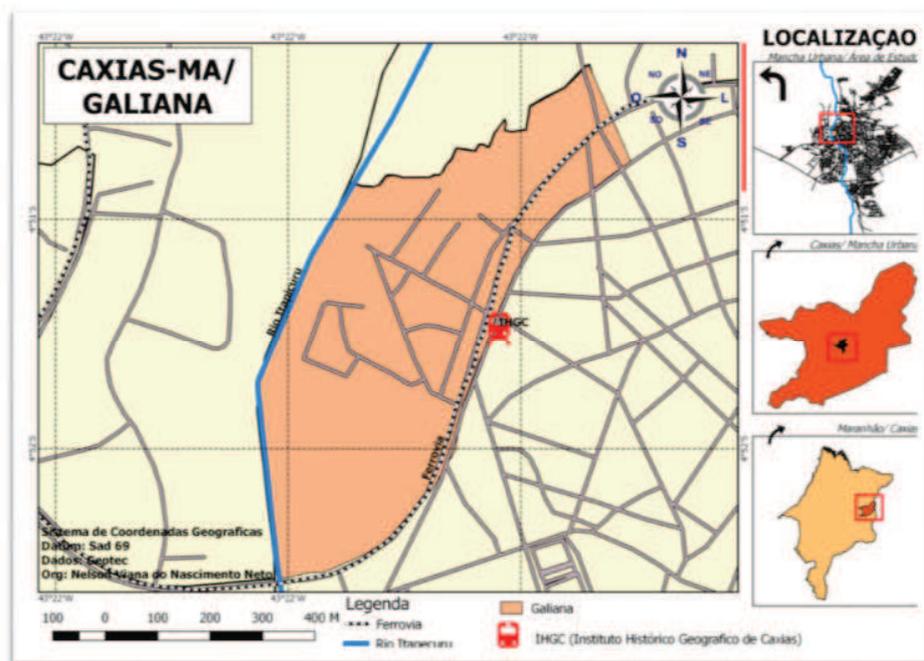
morador com o bairro, a necessidade de salvaguarda de um espaço que, durante anos, foi o lugar das suas relações e inter-relações, não o concebendo de outra maneira.

O nome é algo que imprime uma identidade, uma relação construída que necessita de cuidado, preservação, e que imprime características próprias e significados simbólicos, sem contar com suas histórias de vida construídas pelos laços de amigos, familiares e sociais. As transformações sofridas pelo bairro não foram recebidas pelos moradores com aplausos, pois é como se estivessem retirando um pedaço do seu chão. Nesse caso, sobre a sua inserção em outro bairro o centro.

Sobre a percepção do espaço habitado, Santos afirma que:

[...] a questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista histórico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas atividades e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. (...) O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está exatamente na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado. (SANTOS, 1988, p. 14).

Figura 31 - Mapa do Bairro Galiana.



Fonte: IBGE (2010).

## **Bairro Ponte - algumas impressões**

O Bairro Ponte, um dos 36 bairros existentes na cidade, é um dos mais ricos no sentido de suas belezas naturais, já que é cercado por balneários. Sabemos que uma boa parcela dos moradores procurou fincar residência ali, pela sua temperatura amena, suas muitas árvores e riachos. É considerado um bairro com casarões bastante antigos, constituído por famílias com poder aquisitivo de classe média alta. Seus limites são: ao norte, com o Bairro Salobro; ao sul e ao leste, com o Bairro Campo de Belém e a oeste, com o Bairro Trizidela.

O bairro se apresenta como um dos mais movimentados, em relação ao comércio e local que sediou algumas fábricas, que empregaram muita gente da cidade. Em se tratando de lazer, há o riacho Maria do Rosário (conhecido pelos caxienses e visitado por muitos moradores das cidades circunvizinhas) e a piscina natural do Ponte, construída nos anos 80 e espaço de muitas visitas, que atrai pessoas de todos os bairros e de outras cidades. Neste bairro, está localizada a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), com espaço para recreação e piscina natural. É conhecido por ter uma boa estrutura, com ruas largas e bem arejadas. No que se refere à educação e saúde, possui várias escolas de Educação Básica e um posto de saúde.

Nos aspectos concernentes à religiosidade, é conferido ao bairro um dos maiores e mais antigos festejos, o de Santo Antônio. A localização da Igreja de Santo Antônio desperta atenção, por estar no alto de um morro. No período do festejo, há muito movimento dos fiéis. Nesse período, toda a comunidade se envolve, desenvolvendo ações, quermesses e outras atividades.

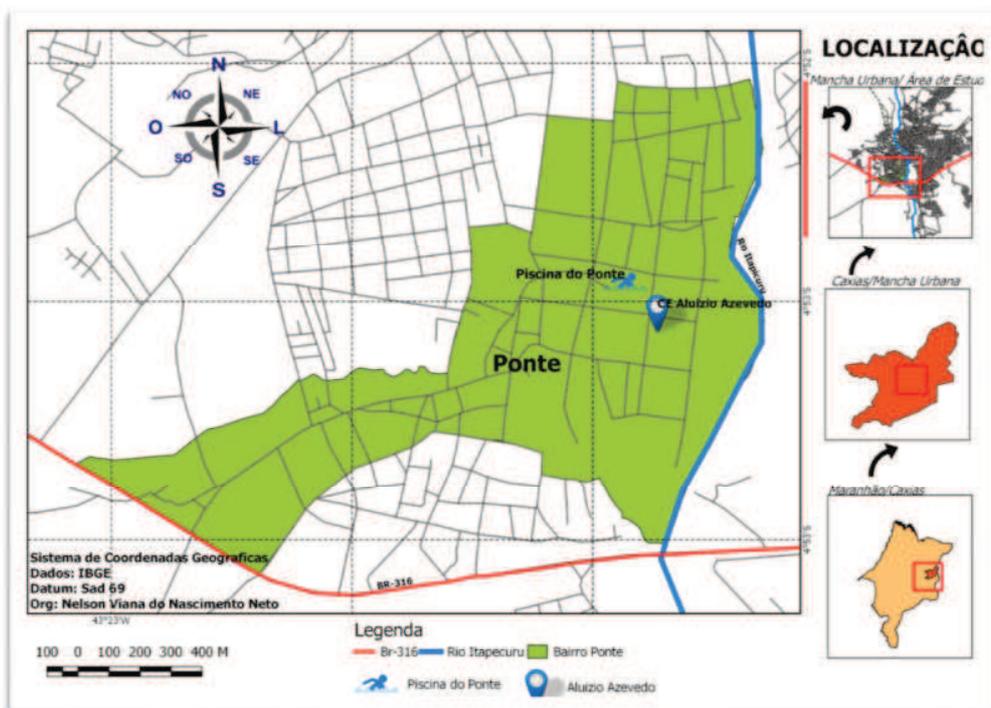
O bairro Ponte tem uma tradição vivenciada nos festejos da Igreja de Santo Antônio, realizados anualmente, sempre no período de 04 a 13 de junho. Neste período a comunidade “pontense” e de suas adjacências reúnem-se para festejar o santo casamenteiro com uma vasta programação: alvoradas, orações, confissões, celebrações de missas e a procissão com a imagem do santo, no último dia do festejo, encerrando-se com a tradicional benção à comunidade. A procissão é um dos momentos marcantes do festejo, em que a população caminha pelas principais ruas do bairro, levando às mãos uma vela e entoando canções de devoção a Santo Antônio. É costume as famílias acenderem velas nas laterais das ruas onde passa o cortejo em homenagem ao Santo, razão porque esta procissão também é denominada e conhecida pela comunidade como procissão da luz. (NASCIMENTO, 2011, p. 34).

Nesse contexto, podemos observar que este local se configura como um espaço de sociabilidades e de interações, resultando também em distintos elementos da cultura imaterial no âmbito popular, como as festas juninas, o bumba-meu-boi, festejos religiosos etc.

Esse bairro, por sua intensa dinâmica, passa a ser um lugar vivo, pulsante e com muitas memórias. Como bem coloca Bosi (2004 p. 204), o “[...] bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca víamos, mas nos contaram.” As memórias do lugar são manifestadas através dos seus moradores nas falas, no movimento do cotidiano, que faz as pessoas do bairro se *misturarem* e fazendo a composição da sua história.

O Bairro Ponte é de grande referência para a composição da história da cidade, por seus mosaicos culturais, sociais e políticos, que constitui a teia de formação da historicidade do lugar. Conduz a compreensão dos diferentes modos de viver no presente, ressaltando outros tempos que existiram ou ainda existem no mesmo espaço. Permite a análise das semelhanças e diferenças, dos costumes, do que mudou e o que ainda se preserva.

Figura 32 - Mapa do Bairro Ponte.



Fonte: IBGE (2010).

A partir da contextualização dos bairros que nos serviram como universo amostral para pensar a cidade através de suas memórias, histórias e patrimônios, o passo seguinte será dar voz a seus moradores, representados por depoentes que, com sua experiência de vida e participação na comunidade em que vivem, tornam-se peças referenciais para nossa pesquisa.

## **2.2 Do esquecimento às reminiscências – com a palavra os moradores da cidade**

Abro esse item, que considero o mais importante momento da pesquisa, lembrando o que afirma Felix, em relação ao estudo da memória e sua articulação com a escrita da história:

Estudar as memórias, entretanto, é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através de histórias; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos, e, ainda, de uma forma intermediária que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. (FELIX, 1998, p. 45).

No caminho desse estudo vimos que a narrativa oral dos moradores e sua contribuição na construção da pesquisa será o eixo principal para a reflexão sobre o patrimônio cultural do lugar - a cidade de Caxias. A importância de dar voz às pessoas que testemunharam momentos da história decorre também em buscar compreender o papel da memória nesse processo. Sabemos que o conhecimento pode apresentar outras dimensões permitidas pelas indagações do presente. Benjamin (1985) ressalta que a narração se desenvolve como arte, imergindo no que foi dito. A reconstrução da história, a partir da memória, em momentos singulares, proporciona conhecimentos e episódios ocorridos que, possivelmente, não encontraríamos em documentos.

Dizemos que as pessoas têm suas experiências de vida e que, mesmo não sendo consideradas grandes “heróis”, às vezes, presenciaram alguns acontecimentos históricos. Vainfas (2002) corrobora, quando diz que a história não é resultado exclusivamente dos grandes acontecimentos, ao contrário, ela se organiza no dia a dia de discretos atores, que poderão ser as pessoas comuns, mas que podem contribuir com informações válidas, talvez não na mesma lógica de indivíduos com conhecimento acadêmico ou formal, mas que compreendem, a seu modo, a importância do conhecimento da sua história.

Na minha pesquisa, selecionei os bairros mais antigos da cidade, e que apresentam contribuições importantes para a construção da história da cidade, para que pudesse, através do

uso um tanto informal da história oral, recolher as memórias, as reminiscências de atores anônimos (no sentido formal), mas que me possibilitasse, através delas, enxergar o que as narrativas oficiais talvez não estejam enxergando. Foram então selecionados um representante para cada um desses bairros: Trizidela, Cangalheiro, Centro, Galiana e Ponte.

A intenção desse estudo sobre memória, história e patrimônio a partir da cidade e a importância que a memória individual e coletiva assume para o conhecimento da história da cidade de Caxias nos impulsionou a buscarmos nas narrativas dos antigos moradores dos bairros da cidade os saberes marcados pelo discurso acumulado por meio do processo de percepção individual e coletiva. As suas narrativas podem até seguir outros caminhos que por ventura não estejam contemplados no objeto desse trabalho, mas para a pesquisa a prontidão com que essas pessoas tiveram para falar do seu “lugar”, percebendo-se como sujeito da sua história, contribuiu para a tessitura desse trabalho. O narrador é um mestre do ofício que conhece seu trabalho, assim pode-se dizer que a relação construída entre o narrador e o ouvinte estabelece um diálogo subjetivo, mas que pode ser compreendido de forma integral.

Para Bosi,

[...] o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiaidos pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 2004, p. 90).

Halbwachs (2006) afirma que a memória é excepcional, pois tem um caráter livre, espontâneo. Por outro lado, a memória exige esforço e, por muitas vezes, o indivíduo seleciona aquilo que quer lembrar. O que é interessante é a variação que se dá nesse processo, porque os depoimentos podem mudar de acordo com o tempo e com o momento, e com certeza não são lembrados do mesmo jeito. A percepção das coisas muda, porque o nosso organismo também muda, as situações também não são as mesmas. Por isso Bossi (1994) explica que lembrar não é somente reviver, mas repensar, reaprender, reconstruir a partir das imagens e ideias atuais, respaldadas nas experiências do passado. Porque as necessidades do homem também se modificam, é preciso ter clareza que o passado não é totalmente cognoscível e, em algumas situações, os passados são inacessíveis e perdidos aos olhos do observador.

[...] o caráter fragmentário de nossas experiências; a multiplicidade de temporalidade que se articulam num instante; o caráter da fabricação do que chamamos de objeto e de sujeito; a espessura própria da linguagem, inventora de nossas coisas e de nossos mundos; a necessidade de mudar a visada, de redirecionar o olhar dos grandes, do heroico, do famoso, do grandiloquente, para o ínfimo, para o menor, para o abandonado, para o traste, para o infame, para o cisco. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 85-86).

Isto significa que a realidade histórica não pode ser reconstruída; ela deve ser invariavelmente construída a partir de uma ligação entre fazeres históricos e práxis sociais. Para o historiador, compete compreender a mutabilidade e a incompletude do legítimo, assim como desistir de qualquer pretensão de onisciência (FELIX, 1998). Certeau (1998) discute sobre o caráter da história como atividade desafiadora da morte, no sentido de ser renovada. O historiador é visto com um lapidador, ou seja, a qualidade da obra dependerá da solidez dos seus aspectos artísticos e a sua prática deve estar acessível ao novo, ao desigual.

Na construção histórica, a pesquisa oral possibilita situações em que os partícipes do meio social, ainda que anônimos, possam experimentar ter vez e voz. A história oral, mesmo apresentando suas subjetividades, retrata aspectos que são relevantes para a pesquisa. Portelli (1997) ressalta que o respeito pelo valor e a importância que cada indivíduo tem, configura-se como uma das principais lições de ética sobre a pesquisa na história oral, onde cada indivíduo é em potencial um arcabouço de informação, e deve ser visto como único nas suas narrativas, sobretudo, por considerar as fontes orais como uma das mais antigas maneiras de produzir história.

É importante dizer que para a sua utilização alguns cuidados são indispensáveis, uma vez que vamos lidar com subjetividades, na qual a memória individual é o agente ativo da história, cabendo ao pesquisador a responsabilidade de conduzir esse processo de forma ética. Segundo Portelli (1996), o paradoxo da história oral e das memórias incide na natureza da fonte - pessoas não objetos, documentos, consistem em histórias de vida que o entrevistado apresenta como sua história, com suas particularidades; e a motivação para contar incide no interesse em expressar o significado da experiência, o que para ele tem uma importância ímpar, pois está narrando a sua história e as subjetividades nela contidas, sendo tecida pelo significado que se dá pelos fatos narrados.

## **Com a palavra, os moradores dos bairros**

[...] todo relato de memória é um relato de percurso. Dessa forma, o ato de contar é criador, ele “dá a ver”, desenhando os espaços habitados, do mesmo modo que as imagens de ruas, casas, praças, compostas em cena, geram quadros narrativos: contam as histórias das cidades e, por conseguinte, de seus espaços habitados, a exemplo dos bairros. (GUIMARÃES NETO, 2010, p. 150).

Compreende-se que a história oral, embora apresente suas subjetividades restritas e específicas, é relevante para a pesquisa. Por isso, a essencialidade do historiador oral está na arte da escuta. Dessa forma, podemos perceber a importância de explorar, nos depoimentos orais, aspectos do patrimônio cultural da cidade na perspectiva material e imaterial, bem como a sua importância para manter a história, não somente em fragmentos oriundos de situações criadas, mas desenvolvida na rotina das pessoas, quer sejam homens ou mulheres, os que têm acesso aos saberes formais ou aqueles que estão distante da apropriação desse conhecimento.

O respeito com que se trabalha, o zelo pelo material conseguido, é o reconhecimento por múltiplas narrativas. A individualidade, igualdade e diferença toma ênfase no reconhecimento não só da diferença como também da igualdade, sendo essa ação um ato eminentemente pessoal, tendo em vista a responsabilidade às particularidades dos narradores.

Entende-se que a narração é uma forma artesanal de comunicação, que compreende cada fala, gesto e mesmo silêncio (BOSI, 2004). Recordar e esquecer são elementos de uma mesma classificação, que será nomeada na memória de acordo com uma lógica de categorização: separar o diferente e reunir o semelhante. A relação entre memória e identidade se delinea de acordo com o pensamento, e a identidade apoia-se nos limites do pertencimento, do sentir-se parte de um grupo social, compreendendo os saberes, a expressão da cultura material e imaterial, reconhecendo os elementos que compõem o patrimônio histórico-cultural, material e imaterial (CANDAU, 2011).

Verifica-se que o tempo qualifica as lembranças, porque as associa ao sentimento de pertença. O próprio tempo se encarrega de direcionar os acontecimentos e por serem tantos, a memória, às vezes, faz recortes, em geral de eventos que não trazem alegrias, de momentos que trazem sofrimento. Ao contrário, as lembranças prazerosas são mobilizadas a partir do que Candau (2011) chama de “velhos e bons tempos”, onde o narrador expressa um sentimento de alegria e certo saudosismo do passado, mas que pode conter a crítica de que o contexto atual, por ter outras dinâmicas, não o está atendendo como fora antes. Ou seja, a memória passa a ter

uma função social, quando transporta uma ideia possível de futuro, e assim desencadeia novas histórias em cada passagem de uma história que está sendo contada. Um exemplo disso está em *Narradores de Javé*<sup>14</sup>, onde as explicações apresentadas não são decisivas, a história conservar-se aberta, disponível, pois aparecem outras interpretações que se reconstróem na própria narrativa.

Assim, refletir e estudar a memória de um lugar, com uso da história oral, significa o afinamento na prática da escuta. Nessa construção, entre narrador e observador, pode se permitir o compartilhamento cultural, embora nessa relação à escuta seja um elemento muito importante para a compreensão dessas memórias: seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo (BOSI, 2004, p. 91).

Como já foi mencionado, foram selecionados e convidados cinco moradores, representando os cinco bairros que se encontram no quadro abaixo, que contém dados mais completos do que aquele apresentado na Introdução da Tese. Na transcrição, foram editadas algumas passagens, retirando-se repetições dispensáveis. As falas dos (as) entrevistados (as), quando citadas, serão apresentadas no formato de citação normal, o seu nome será mantido na fonte, bem como sua imagem no corpo do texto, pois tivemos autorização expressa dos mesmos.<sup>15</sup>

---

14 Filme de Eliane Caffé, de 2003, em que um morador conta a história de um lugarejo denominado “Vale do Javé”. Por meio de suas memórias, ele relata, toda a trama do filme, descrevendo as diversas formas como os habitantes do Vale de Javé, diante das ameaças do povoado submergir sob as águas de uma represa, decidem que a única forma de salvar a cidade seria organizar um livro que reunisse as memórias dos habitantes em uma única narrativa, comprovando assim o valor histórico do lugar. José Biá representa o historiador/compilador dessas memórias, interferindo na história, reunindo relatos, selecionando-os, os tentando conectar de forma compreensível, até o ponto em que percebe ser isso impossível.

15 Nos Anexos, encontram-se cópias dos documentos de autorização de uso de imagem, bem como dos depoimentos, para essa Tese.

Quadro 3 - Perfis dos narradores representes dos bairros.

Nome	Lugar de fala	Idade	Data das Entrevistas	Atividade profissional	Grau de Instrução
<b>Juciê Costa Mourão</b>	Bairro Trizidela	87 anos	11//10/2016 17/10/2016	Aposentada	Técnico em Mecânica
<b>José Alexandrino Abreu</b>	Bairro Cangalheiro	87 anos	05/10/2016 26/10/2016	Aposentado	Ensino fundamental
<b>Maria de Jesus Melo Lobão</b>	Bairro Centro	72 anos	20/10/2016 31/10/2016	Professora	Mestre
<b>Justina Assunção</b>	Bairro Galiana	85 anos	20/07/2017 04/09/2017	Aposentada Empreendedora	-
<b>João Batista Lima</b>	Bairro Ponte	81 anos	24/07/2017 17/08/2017	Motorista	-

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

As entrevistas não tiveram uma uniformidade nas perguntas. A priori, as categorias básicas de questões versaram sobre história de vida, história da cidade, do bairro, sobre patrimônio e outras que foram tomando forma e lugar nas memórias dos moradores dos bairros. Foram momentos ímpares, em que a peculiaridade dos indivíduos envolvidos possibilitou, na medida em que as memórias relatadas por eles eram revividas. Cada narrador teve suas particularidades, mas com similaridades no desejo de falar, de ser ouvido. As idas e vindas ao encontro dessas vozes fortaleceram ainda mais o itinerário dessa investigação.

Ainda na qualificação para a Tese, algumas críticas foram recebidas no que tange ao perfil dos entrevistados, no sentido de que deveria ouvir pessoas com formação acadêmica ou pelo menos, educação formal, como professores, políticos etc. Porém, mantive a opção pelos sujeitos anônimos, primando pela simplicidade e pelo viés popular de quem vivencia o cotidiano e suas vicissitudes. Com eles, compreendi que as pessoas comuns, dos bairros, responderiam aos questionamentos de forma mais espontânea. De fato, prevaleceram momentos, no processo das entrevistas, que foram carregados de emoções, sentimentos de pertencimento, de desabafo, de sinceridades.

No entanto, buscando responder àquela crítica inicial sobre as fontes orais que utilizei, no Capítulo IV trouxe a voz da academia (universidade), da escola e do espaço de guarda de

memórias, produtora e divulgadora do conhecimento histórico, buscando de certa forma equalizar as percepções distintas entre o aqui e o lá.

Mas, por enquanto, fiquemos com os moradores dos bairros.

### **Minhas memórias: Sr. Juciê Costa Mourão**

O Senhor Juciê Costa Mourão, de 79 anos, é morador antigo do bairro Trizidela, residente na rua Sanharol, nº 880, e é morador nessa rua praticamente durante toda sua vida. Casado com dona Marise Lima Mourão, tem 9 filhos. A conversa foi antecipadamente planejada: em um primeiro momento, foi feito o contato com Sr. Juciê; em outro, foi combinado com ele hora e local. Fui ao seu encontro levando os documentos necessários, como a carta de aceite e o documento nos dando respaldo para iniciar a entrevista. Sr. Juciê é um excêntrico falador, muito jeitoso na conversa; ao iniciar, expliquei sobre os objetivos da pesquisa, sobre o que iríamos conversar e deixei-o livre para tecer os fios de sua memória, que por sinal é muito boa. Assim nas idas e vindas formamos a teia da relação entre pesquisador e narrador.

Iniciei a conversa perguntando sobre a cidade de Caxias e sua história...



[...] Tinha umas festas muito populosa, aqui as festas religiosas do Santo Antônio no Ponte, Nossa senhora de Nazaré na Trizidela, a igreja São Benedito em Caxias essas festas que tinha aqui e isso se acabou tudo não tem mais, hoje tem mais é só faz de conta, não é como aquela época e todo pessoal vem de fora e todo mundo chegava aqui do interior e Caxias era uma cidade rica e interior era a tradição....Tinha poucas casas quando eu morava aqui, minha avó morava aqui nessa casa, meu pai morava ali e meu tio do outro

lado, ele trabalhava com couro e meu pai trabalhava com mecânica e minha vó morava comigo. Foi ela que me criou... ela fazia singeleza, a senhora conhece, ela fazia o ponto e vendia para esse pessoal rico de Caxias, criava galinha, criava bode. (MOURÃO, 2016).

Na fala do Sr. Juciê, observa-se a referência que faz sobre os festejos religiosos, especialmente o de São Benedito. Percebe-se que esse elemento da cultura imaterial está na memória de muitos, considerado importante momento de encontros, de relacionamentos com as pessoas da cidade e das outras, circunvizinhas. As expressões orais, os atos festivos dão vida aos fazeres, aos valores que integram na transmissão de geração a geração. Assim, a cultura firma-se, distanciando-se às vezes de uma perspectiva intangível para tornar-se concreta, já que vivenciada pelos indivíduos.

Roxo (2011, p. 14-15) comenta que “[...] o que possibilita a memória criar sentidos é a experiência vivida existencialmente pelo homem, principalmente a de sua finitude”. A partir da experiência vivenciada, a memória projeta, recria. Pode-se observar na fala do Sr. Juciê, o sentimento de pertencimento, de salvaguarda da cidade “rica”, de “tradição”, da qual ele faz parte. “Na União Artística... festa do mês de maio que ainda hoje eles fazem eu chamo de baile, nessa época o povo só ia para baile se fosse paletó e gravata. Hoje não, caiu tudo, entrou em decadência e falência das leis, é o fim, é triste [...]”. (MOURÃO, 2016).

No relato acima, o Sr. Juciê estabelece uma comparação temporal sobre as festas (bailes). Alguns aspectos são destacados, como vestuários e falta de regras no que se refere à decadência e falência da lei, das regras sociais. Certeau (1998) nos lembra de que o cotidiano também se constitui de rupturas, e não apenas de regularidades normativamente esperadas. No entanto, na visão do Sr. Juciê, essas normas fazem falta, pois ele não compreende que as rupturas são provocadas pelas transformações sociais, econômicas e políticas. Para os mais velhos, as normas têm um sentido de regularidade, de ordem.

Sobre o conhecimento da História da cidade...

Quando a gente fala para essa juventude, que eles já estão superados ... a nossa juventude ao meu ver está perdida, está aproveitando alguns não tem mais a pirâmide social só o rico, o médico e o desgraçado não tem mais a pirâmide social... E agora, e agora está pior ainda, que essa reforma de segundo grau ai eu digo o seguinte, uma casa se começa da base e não do teto, porque o problema da falta de cultura do povo está no primeiro grau, os livros antigos porque os ambientes geográficos nunca sai do lugar, o morro do alerim nunca saiu do lugar, o rio Itapecuru viu, por exemplo. (MOURÃO, 2016).

De acordo com a fala do Sr. Juciê, observa-se uma preocupação com a juventude, que não tem motivação para receber o conhecimento. Fala também da desigualdade social. Pela sua narrativa, compreende-se que o acesso ao saber fica mais distante da classe popular. Critica as atuais reformas políticas sobre a educação. No seu relato, utiliza algumas metáforas para representar as necessidades do ensino dos anos iniciais, ao dizer que o conhecimento não muda na sua essência, e dá como exemplo o Rio Itapecuru, que não sai do lugar, mas é preciso dizer da sua importância para a história da cidade, das pessoas. Sr. Juciê traz essa reflexão como aspecto importante para a compreensão do patrimônio material e imaterial da cidade e que a partir do ensino as memórias históricas da cidade vão sendo construídas.

A história da cidade, para ser conhecida, seria necessária de...

Tinha que escrever a história de Caxias, como um todo, fazer um levantamento que era para fazer toda história o que era a cidade e onde os pais deles nasceram... Engraçado que (...) da literatura que não dar mais... eu via isso nesses almanaques que traziam cultura. O Viriato Correia disse “O país não é grande pela sua extensão territorial é pela quantidade de trabalho a cultura de seu povo” (...) Quando a gente estudava a gente estudava quatro idiomas português, latim, francês na época porque era língua diplomática e inglês. E agora está se notando que o Brasil tem que aprender inglês nos colégios e castelhano e ao meu ver no país vai se tornar um dialeto num é nem essa palavra é o trialeto (...) fala inglês misturado com português e castelhano se você chega no supermercado agora tem uma porção de coisas que é inglês. Tem o clássico do Olavo Bilac que diz “ O país não perde a soberania por movimento de política e por lei coisa nenhuma, perde pela língua, predominou a língua, predomina a raça” (...) então podemos até dar um exemplo, quando Roma invadiu a península Ibérica eles trocava as línguas a religião o comércio e o correio, foi o que fez o português no Brasil quando chegou. O nosso idioma num era para ser tupi guarani? Eles mudaram o português deles para poder dominar a colônia ai que saiu esse português dele. É isso ai por diante agora tiraram os clássicos dos colégios para ninguém reconhecer mais nada [...]. (MOURÃO, 2016).

De acordo com a narrativa do Sr. Juciê, verifica-se o quanto é importante a cidade possuir a sua história escrita. Obviamente, não é o caso da cidade de Caxias, sabemos que a história da cidade tem registros em livros, TCCs, dissertações, teses, documentários, entre outros, porém pode-se compreender, com a fala do Sr. Juciê, que a percepção desses espaços como manifestações culturais, como memórias vivas da cidade, deva ser apropriada pela sociedade caxiense, não somente por parte daquelas instituições oficiais de produção e guarda das memórias, mas também por outros setores, como aqueles ligados à educação básica e pela população em geral. Que seja a cidade conhecida não somente pela sua extensão territorial,

mas, sobretudo, pela cultura do seu povo. Significa que a população precisa ter acesso aos bens culturais, e conhecer realmente a história da cidade. O que se pode entender no que o Sr Juciê relata é que essa construção histórica nem sempre tem ressonância naquilo em que a escola básica (pública ou privada) transmite como uma “história da cidade” e tampouco como a população caxiense percebe e se apropria dessa história. O Sr Juciê também chama a atenção para o cuidado que temos com a manutenção da origem da cultura, a exemplo do uso de nossa língua. Em um momento da sua fala, cita a relação entre língua e cultura. Nesse sentido, o cuidado em não a perder é importante, ainda que se agreguem outras, pois a dinâmica do mundo conduz a esse movimento de incorporação de outras linguagens, até por proporcionar ao indivíduo a possibilidade de enriquecer as relações com outras sociedades.

#### **Minhas memórias: Sr. José Alexandrino de Abreu**

O Sr. José Alexandrino de Abreu, 87 anos, é morador antigo do Bairro Cangalheiro, residente na Rua do Alecrim, nº 171, casado com dona Carmelita Coutinho de Abreu, com quem teve 11 filhos. O contato se deu a partir do Sr. Antônio Abreu, filho do Sr. Alexandrino. Na oportunidade, fizemos o primeiro contato para o convite e aceitação para fazer parte da pesquisa. O primeiro momento foi bastante interessante, pois Sr. Abreu é muito observador e conversador e logo ficou interessado pelo trabalho. Nos encontros seguintes, iniciamos a entrevista.

Na conversa com o Sr. Abreu, perguntei primeiramente sobre a história da cidade de Caxias, vista a partir da cultura, e como se faz presente na geração atual ou se isso não está acontecendo...



[...] bom precisa de muito e muito mais porque nós brasileiro porque que considero que vai afastando porque o mundo vai se elevando, nós vamos se levando com ele, porque ontem mesmo eu estava falando com a pessoa que eu digo é... Se eu contar essa história para essa juventude hoje eles dizem que sou velho mentiroso porque um sobrinho da Carmelita mora ali no Baú eu perguntei pra ele e ele viaja de moto aí disse - tu viaja nessa moto quantos minutos? Ele disse quarenta e cinco; cinquenta minutos. Agora naquele tempo passado que não existia nada disso que eu quero chegar à conclusão de que se eu falasse hoje para juventude eles faziam eram criticar de mim, porque ele foi empregado do povo do Eugenio Barros na gerencia, como um deles foi prefeito duas vezes era o Dirceu ele era mecânico e isso foi no ano que me casei... eu fui passar a semana santa com meu futuro sogro era muito difícil carro, caminhão não tinha a estrada era a pior possível e por final que eu quero chegar a essa conclusão e lá eu fui de animal montado na cangalha que o homem veio vender aqui uma carga ... eu procurei se tinha um burro desocupado ele disse que tinha três cargas aí nós fomos e isso já era terça feira da semana santa aí quarta-feira de manhã eu me encontrei com o Dirceu que ele vinha de Buriti Bravo e ele tinha dois caminhões ... isso quarta-feira da semana santa de manhã aí ele disse - oh rapaz eu tenho a fê de comer um pedaço de bacalhau da semana santa. Aí ele prosseguiu com a viagem dele e eu com a minha aí quando eu cheguei aqui em Caxias eu procurei a ele tu ainda comeu da torta do bacalhau, ele disse que tinha comido. Eu cheguei sexta feira seis horas da tarde veja aí essa viagem de 50 minutos olha a diferença que ele veio de caminhão quarta-feira pela manhã e chegou sexta feira seis horas da tarde e essa viagem fazia caminhando de ida e volta isso num trecho de 45 quilômetros de chão, agora se eu contar essa história a juventude eles dizem que estou mentindo isto nunca aconteceu mais isso aí teve um dia que me encontrei com ele e ele estava engraxando um sapato ali na igreja da matriz aí eu conversei com ele e falei oh Dirceu tu te lembra daquele tempo que nós se encontramos no Baú? Aí eu contei a historia pra ele, ele disse que não se lembrava mais, eu digo mais é uma realidade eu lhe dei uma carteira de cigarro e tu disse que estava na fê de comer um pedaço de bacalhau e tu saiu e chegou na sexta da paixão seis horas da tarde e ainda jantou a torta do bacalhau. Agora isso aí é quase como um sonho hoje o quanto se elevou porque nessa parte aí apesar do Brasil está andando muito lento [...]. (ABREU, 2016).

O Sr. Abreu, na sua fala, estabelece uma comparação entre presente e passado, deixando a entender o quanto a sociedade se desenvolveu e se modificou na sua dinâmica. Se antes alguém passava dias para fazer um percurso que hoje se faz em 50 minutos, percebe-se o quanto ele fica surpreso com as mudanças na ordem social, política e econômica. Além disso, chama a atenção para a validade do seu conhecimento para os mais jovens.

De acordo com Halbwachs (apud Bosi, 2004, p. 63), ao falar do processo de “desfiguração” do passado, ao ser remanejado pelas ideias e pelos ideais do presente, os mais velhos sentem-se humilhados e criticados. Ou seja, os jovens não acreditam muito no que dizem os mais velhos, como o Sr. Abreu demonstrou ao dizer “eles faziam eram criticar de mim”.

Importante, na fala do Sr. Abreu, é a necessidade da compreensão das memórias do passado para servirem de elemento de reflexão, a fim de que as pessoas se percebam participantes da história, estabelecendo uma relação entre as necessidades sociais, econômicas e educacionais do presente. Porque as mudanças históricas e culturais são conduzidas pelas necessidades do homem, envolvendo transformações ora rápidas ou não, como coloca o Sr. Abreu. As lembranças do passado o tornam vivo, porque se sente um guardador dos bens culturais. Conforme a narrativa, torna-se necessário ampliar essa discussão com os jovens sobre a importância para o entendimento da identidade do grupo, e também saber o lugar de onde surgiu sua história, da cidade, do seu bairro.

Outro elemento importante na fala do Sr. Abreu diz respeito à lembrança, a qual suscitou um entendimento sobre a ideia de que somente o “velho” teria essa tarefa de lembrar, de recordar. Ou seja, as pessoas mais velhas seriam os detentores de mais experiências, sendo o repositório da memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 2004).

Sobre a história do bairro Cangalheiro...

O Bairro Cangalheiro, quando o meu pai chegou só tinha três casas na rua do cangalheiro, agora o primeiro que foi pra lá foi um Antônio e ele fazia cangalha ai para o povo, ele contava e vinha de longe para comprar cangalha na mão dele e ai comprou onde, lá no Cangalheiro e ai tornou-se o nome da rua e tiraram o nome da rua e botou Clodomir Cardoso, mas ficou o bairro com nome de Cangalheiro e então o padre que morreu como Monsenhor chamava o bairro de Fátima mas não colou...” (ABREU, 2016).

[...] nasci e me criei eu sou quase um arvoredado né? Aquele que nasce se cria e morre no mesmo lugar, porque esse meu filho que é médico e ele estavam estudando em Salvador ele me convidou, mas é uma das coisas eu nunca gostei de viajar [...]. (ABREU, 2016)..

Sobre a história do bairro, o Sr. Abreu diz ser um antigo morador e que os mais antigos já haviam “batizado” o lugar de Cangalheiro, por conta de uma história de um antigo artesão, Sr. Antônio, produtor de cangalhas. Segundo o relato, o Bairro Cangalheiro tinha poucas moradias; porém, hoje conta com mais de 4.155 casas, conforme dados do IBGE (2010). Sr. Abreu ressaltou ainda a intenção, por parte da igreja, representado pelo Monsenhor, para mudar o nome tradicional do bairro (para “Fátima”). No entanto, os antigos moradores do bairro resistiram a esse nome, indicando a solidez da memória coletiva na constituição de uma identidade de grupo.

Interessante também é quando o Sr. Abreu diz que “sou igual arvoredó”. Mostra a memória do lugar remetendo ao sentimento de pertencimento, no contexto de uma cidade (no caso um bairro) território. Ele sente-se em casa, sente-se membro desse espaço, como um lugar de familiaridade; para ele o bairro, as ruas, são seus. Por isso o apego, o enraizamento (igual a arvoredó); não sair do lugar implica em não mudar a rotina, em não perder sua identidade.

A população conhece a história da cidade?

Não acredito porque aqui hoje tem duas pessoas, tem uma moça que é professora do colégio mais antigo, João Lisboa, que já deve está aposentada, Edné... eu procurei a ela que moça veia não gosta nem de dar a idade mais ela já disse eu nasci em 1939 e ela nasceu em 1932 é da idade do meu irmão mais novo... na casa onde ela nasceu ainda hoje ela mora e mais adiante na quarta casa tem um rapaz que era filho de um alfaiate da maior alfaiataria que teve aqui em Caxias, era o Mundico Reis...isso era um grande movimento e ai como se transformou porque eu alcancei porque nesse tempo não tinha negocio de confecção...o maior festejo da cidade foi o festejo de São Benedito nessa véspera do festejo alfaiate e sapateiro nos dois últimos dias do festejo eles passavam duas noites trabalhando sem dormir para atender o que povo queria sapato novo, terno novo, porque uma coisa que admiro essa festa chamava-se baile na época na união<sup>16</sup> que ainda hoje existe que eu admiro como era que funcionava naquele tempo e se fosse fazer hoje não acontecia porque vários festejos que eles faziam o povo dançando mais era só se movendo e o que mais admiro era com traje a rigor era terno e gravata dos moços porque os homens entrava com ingresso a moça com a carta e São Benedito como era muito grande que vinha gente de diversas cidades, diversos estados agora a moça que viesse de Teresina ou de Fortaleza, São Luís, Buriti Bravo só entrava com a responsabilidade do sócio lá da união que fazia parte da diretoria eu conheço o pai dela, conheço ela, ela era moça porque se surgisse a história ela não é mais moça ela era cortada (não entrava no Clube). (ABREU, 2016).

Referente ao conhecimento da história da cidade, na fala do Sr. Abreu ele relaciona esse conhecimento ao ensino escolar, nesse caso ao Colégio João Lisboa. Muitas moças professoras da cidade passaram pela escola, exemplificando com uma moradora do bairro, a professora Edné, por entender que pela profissão dominaria os saberes sobre a história da cidade e do Bairro Cangalheiro. O Sr. Abreu, com suas experiências e vivências, leva-nos a compreender que a escola tem um papel fundamental no processo de difusão da cultura, das tradições (festejo de São Benedito), do patrimônio (Clube de Festas), das memórias do lugar. Um aspecto bastante relevante na conversa foi a importância que se dava aos festejos, aqui

---

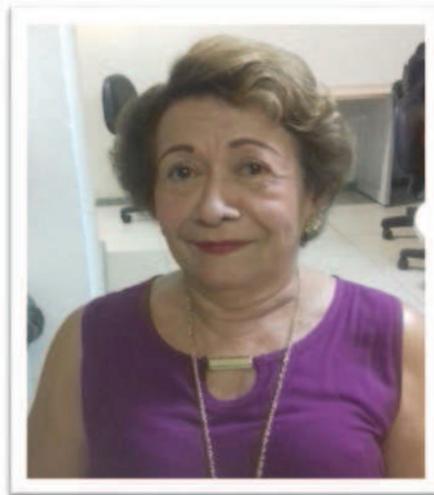
16 Clube da cidade - União Artística Operária Caxiense.

ressaltando o de São Benedito, e de todo um aparato que era acionado nesses momentos, que incluía troca de conhecimentos, como na confecção dos trajes e calçados femininos e masculinos, pois a cidade ainda não tinha um comércio para tal.

Referente ao patrimônio imaterial, verifica-se como as práticas, as expressões, os conhecimentos e técnicas e o elemento tradição se encontram presentes na transmissão das informações dadas a outras gerações. De acordo com Bernd e Santos, (2011, p. 162-163), “[...] tardiamente o mundo ocidental admitiu a relevância em reconhecer as manifestações populares como valor cultural, ainda que o conceito de patrimônio imaterial seja considerado amplo, uma vez que se apresenta com um colorido antropológico constituído pelas expressões de todos os grupos e camadas sociais.” Esses aspectos, entre outros subjacentes na fala do Sr. Abreu, constituem-se no repertório da cidade.

### **Minhas memórias: Sra. Maria de Jesus de Melo Lobão**

Sobre sua história e a história da cidade...



Boa tarde. Sim Mariângela eu nasci e morei toda vida aqui no Centro primeiramente onde é ali a Panteon que hoje é a loja do seu Hélio Queiroz, ali era as casas de aluguel e papai funcionário do Banco do Brasil morava em uma daquelas casas e viemos para rua Coelho Neto morar na casa do Dr. Aquiles alugada também então o banco do Brasil exigiu que papai comprasse uma casa ai meu pai resolveu comprar uma casa simples, velha para depois reformar, papai gostava muito de orgia, porque aqui em Caxias foi a terra da orgia só o que tinha era bar, ali na praça Gonçalves Dias naquele sobradão era grande bar de jogo de bebida de diversão de tudo, sim papai resolveu comprar a casa na rua Senador Costa Rodrigues por ali perto da escola Coelho Neto, ai

ele queria comprar o sobrado do seu José Branquinho, aí mamãe disse eu não quero porque aqui passa todas as carreatas que vem dos cabarés passa aqui pra cadeia isso a noite toda. Pronto e o banco aperreado ele aí comprou aquela casa que hoje é do Olavo, ficamos lá até mamãe e papai morrer e eu a última que fiquei lá o quintal dava lá no fim da estação e moramos ali até eu me casar”. (LOBÃO, 2016).

No relato da Sra. Jesus Lobão, percebemos que alguns valores eram ressaltados na sociedade caxiense. O fato de seu pai ser funcionário do Banco do Brasil os associava a uma elite que possuía um bom rendimento salarial e, por consequência, tinha poder aquisitivo maior que muitos trabalhadores da cidade, podendo escolher o local mais adequado para morar. Em meio a isso, a entrevistada resgata alguns aspectos que registram a moralidade da época. A cidade se constituía como um polo de comércio que chamava atenção dos municípios circunvizinhos, e com isso o aumento de lugares de sociabilidades crescia, favorecendo o aparecimento de bares, meretrícios e outros espaços que na sua maioria era frequentado por homens, e que para as mulheres casadas esses lugares eram sinônimos de degradação moral. A cidade oferecia muitos espaços de lazer, aqui mencionados por ela, a Praça Panteon e Gonçalves Dias. Clubes como Cassino, União entre outros.

E sobre o Bairro Centro, o que a senhora tem a falar ...

Foi muito desenvolvido o comércio, tinha a quitandinha que ficava em frente ao Gonçalves Dias, do Alderico Machado, muito desenvolvido, trazia os produtos de Aldeias Altas para exportar para fora e do outro lado tinha do Alderico Silva, muito grande que foi o primeiro a vender carro em Caxias... então os comércios eram grandes... só casarões, tinha na praça da matriz o grande comércio do Cruz aí depois veio a rua anil, mas todas lojas grandes” (LOBÃO, 2016).

Na fala da Sra. Jesus Lobão, observamos que Caxias, naquele contexto, era uma cidade onde o comércio se mostrava crescente. No seu relato, alguns aspectos são significativos: uma quitandinha que importava e exportava produtos; venda de carros; grande comércio do Acrisio Cruz. Conforme o que compreendemos do relato, essas práticas fortaleciam o crescimento da cidade, abriam a possibilidade para trocas comerciais e culturais, através do trânsito de pessoas, das compras nos mercados, das novas relações comerciais que eram estabelecidas nas conversas durante esses momentos de sociabilidades. O próprio centro da cidade era esse lugar de encontros, pelo seu caráter histórico, enriquecido por casarões; motivo para visitas e passeios turísticos pela cidade. Pessoa (2009, p. 35) reafirma que “Caxias, para os padrões de uma cidade interiorana, oferecia uma multiplicidade de atrativos que a personificavam e caracterizavam

como um grande centro produtor que refletia a ‘imagem de um imã, que tudo atrai, reúne e concentra’.

E a fábrica têxtil (conhecida atualmente como centro de cultura)?

A fábrica era muito desenvolvida também, minha mãe trabalhou na fábrica quando moça... quando davam onze horas dava aquele apito que eu nunca esqueci aí saía aquele bando de funcionários em fila era gente demais que saía... uma hora voltava de novo. Aquela fábrica teve um grande desenvolvimento foi uma pena que foi tudo se acabando porque toda aparelhagem da fábrica foi se deteriorando e envelhecendo. (LOBÃO, 2016).

A Fábrica Têxtil de Caxias era um lugar onde havia muitos empregados, entre homens e mulheres. É comum nesses ambientes certa organização funcional, distribuída conforme as habilidades percebidas em cada um. O interessante é que nesse “formigueiro” humano os grupos vão se formando, e os motivos são inúmeros: vizinhança, parentesco, amigo de um amigo dentre outros, e que se misturam numa grande família dos trabalhadores. Essa indústria era um sinal de desenvolvimento da cidade, pois o produto fabricado servia tanto para o consumo interno como externo a Caxias. Além disso, promovia empregos para muitos jovens, que assim podiam ajudar suas famílias com o salário recebido.

Conforme Certeau (1998, p. 95), “[...] a tática é determinada pela *ausência de poder*, assim como a estratégia é organizada pelo postulado do poder”. A tática seria o subterfúgio comum utilizado pelo fraco para driblar a ordem cotidiana imposta pelo forte podendo, portanto, ser considerada como “arte do fraco” ou “uma astúcia”. Nessa relação, as pessoas com menos poder aquisitivo procuravam a fábrica para obter emprego, fortalecendo a hegemonia do poder na época. Na busca para conseguir uma autonomia financeira, como bem coloca Certeau, usavam de astúcia para lograr êxito, embora uma tentativa ilusória; mas assim iniciou e teve êxito o processo de produção fabril na cidade.

E atualmente, a senhora acha que a cidade continua com essa tradição?

Não. Não vejo ninguém comentar sobre isso porque devia ser um professor dessa área para comentar sobre a tradição... a história da Balaiada... porque eu vi quando era pequena e depois nunca mais eu vi, nem no meu curso de letras porque só era leitura, uma literatura sobre poetas, aí os poetas... mais aí o que mais me chamou atenção era o dia que corria fortes desses grandes comerciantes que era casa de sobrados que eram coisas enormes a rua anil do mesmo jeito que era do Alderico Silva que dava até o fundo e esses povos transportava muito e trazia tudo de Aldeias Altas. Dona Dinir comprava suas roupas todas nos Estados Unidos, não comprava aqui no Brasil, na França e

um dia ela chegou aqui em minha casa disse assim eu já tinha um salão aqui do lado ela disse Jesus eu quero que você faça meu cabelo eu tomei um susto e toda me tremendo eu disse, pois não mas é porque eu tinha uma aproximação muito grande na casa dela porque teve um acidente com o filho dela e quebraram as duas pernas daqui para São Luís e voltou pro colégio São José e... Sugeri que eu fosse dar aula de português e literatura para mim fazer as provas e passar a Erlinda era de gramática e nós fomos dar aula para ele o menino foi aprovado com três anos pegou jogou o carro dele no poste e morreu, três anos saiu de Caxias bonzinho então foi assim a casa do Silva era lotado aquele salão de jogo ele fazia jogo toda noite até num sei que horas (LOBÃO, 2016).

Ao falar sobre grandes casarões, nossa entrevistada ressaltou a mansão de Alderico Silva, que na cidade era conhecido pelo título de Comendador. Era tradição da época as pessoas ricas da cidade comprarem móveis e utensílios, para as casas, vindos de outras cidades do Maranhão, de outros estados e até de fora do país como, por exemplo, da França. Marcando o espaço dos Silva e de outros empresários como os encontros, podemos inferir que se realizavam grandes festas ou reuniões que tinham o caráter de apresentar os filhos à sociedade ou de fechar negócios com o fim de aumentar os lucros das suas empresas e, por consequência, gerar mais empregos na cidade. É o que Pessoa (2009, p. 245) afirma quando escreve que "... a cidade de Caxias do Maranhão, sob a perspectiva de uma elite política e letrada que, embebecida pelos ventos da modernidade, idealizou, através de seus discursos e práticas, uma Manchester maranhense, no interior da província, no final do século XIX".

E os festejos? De São Benedito, por exemplo!

O festejo de São Benedito era o mais importante da cidade, pois vinha gente de todo lugar, inclusive vinha acadêmicos de São Luís para o baile porque a gente tinha obrigação de ter duas roupas novas do dia da festa outra do baile... a gente ia muito de traje a rigor para o baile e eu estava recém casada no último baile de São Benedito ai vinha homem bonito e grandão me tirar para dançar, meu marido quase dava no homem... eu falava eu sou casada eu casada mais não entendia, mas também foi a última festa de baile que eu fui meu marido não quis ir mais para a festa, mas era uma grande festa... vinha gente de todas as cidades e vinha os melhores conjuntos para esse baile e o festejo da igreja São Benedito era muito concorrido... a gente para passar um pelo outro era se topando. (LOBÃO, 2016).

Outro momento tradicional da cidade e que se transformava em lugar de encontros e sociabilidades, eram os festejos e dentre eles, considerado mais conhecido e importante, o de São Benedito. Segundo a entrevistada, os participantes de outros lugares se misturavam com os de Caxias, todos impecavelmente arrumados, pois além dos passeios na Praça de São Benedito,

onde havia parques, quermesses, painéis para fotografias, como parte das festividades, havia também o baile e todas as moças e rapazes se embelezavam para se apresentarem e, quem sabe, um novo encontro pudesse ser marcado entre eles e então um compromisso pudesse ser firmado.

Isso que é narrado pela senhora Jesus Lobão é fato ainda observado em pequenas cidades, onde alguns valores morais e culturais ainda são conservados, onde as tecnologias, com suas novidades, não alteraram os padrões familiares locais. No caso de Caxias, a existência do festejo. Em relação à festa de São Benedito, ela ainda continua a ocorrer, entretanto, conserva apenas o seu caráter sagrado, com organização de novenas, missas e rezas no interior da principal igreja. A festa de outrora ficara nas lembranças daqueles que participaram daquele movimento festivo na cidade.

E sobre os patrimônios da cidade, os monumentos, a senhora acha que estão sendo preservados?

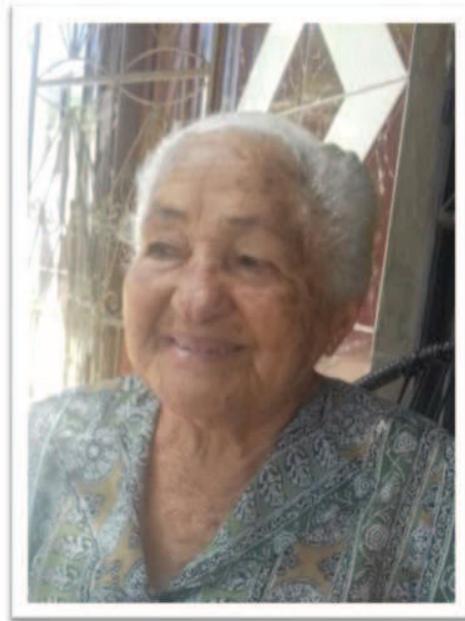
O patrimônio da cidade está se acabando, uma casa que ainda resta é do Alderico Silva e lá do São Benedito porque o médico comprou mas ele não desmanchou a fachada que é do Coelho Neto, mas o resto, o da família Silva está toda acabada... só tem os buracos um casarão daquele todo acabado, tudo caindo, tudo acabado e os outros entrando. Não eles morreram aí os irmãos tem muitos para fora da cidade, mas Virginia mora em casa alugada e é neta do dono da casa, o pai dela morreu e deixou-a morando na casa da mãe e foi acabando a fábrica do Ponte também e foi acabando e hoje Caxias de tradição não tem quase nada, o centro de cultura você viu, foi desmanchado todo, hoje fica só umas portas velhas quebradas. Ela é... de tradição é. Agora infelizmente não está se guardando esse histórico dela esse histórico literário dela, não está se guardando mais...ela foi, está se acabando cada vez se acabando mais, quase tudo, mas ela foi das primeiras, hoje ela está em terceira, primeira é Imperatriz com toda aquela desarrumação aquela invasão de gente é a primeira. (LOBÃO, 2016).

A nossa entrevistada fala que Caxias é uma cidade que tem tradição, porém observa a falta de conservação com o que ainda resta, olhando apenas para o patrimônio material. Por ser um lugar que tem na sua história uma guerra, a Balaiada, fábricas, um centro comercial que já foi muito visitado por moradores de outras cidades, competitivo em termos de novidades em todas as áreas de vendas, acredita que o que ainda tem se não for conservado pela população e pelos donos dos casarões, em pouco tempo, nada mais haverá para se recordar.

Para Le Goff (1990, p. 49) “[...] o passado é uma criação constante do presente”. Nesse sentido, o que fica implícito na fala da Sra. Jesus, acima, é um chamado a comunidade para

preservar a memória cultural da cidade que, em sua visão, está entrando em uma espiral de decadência.

### **Minhas memórias: Sra. Justina Neves de Assunção**



Eu me chamo Justina Neves de Assunção, tenho 85 anos, cheguei aqui bem novinha, aqui nasceram quase todos os meus tios, e meu marido trabalhava na extração ferroviária, e eu participei muito desse movimento aí do trem. Nesse tempo, o trem carregava passageiro, hoje é só carga, então eu vendia na estação pela manhã e a tarde, pela manhã o trem passava para São Luís, e eu aproveitava para as pessoas comprar as minhas coisas, cocada, frutas o que eu tinha para vender, e pela manhã era cuscuz, era bolo frito, era beiju que eu fazia para vender aqui. Por sinal a esposa do Dr. José de Augustinho que era o dono da manufatura, aquele prédio que tem em frente à prefeitura, ele era dono era uma fábrica de tecido, então na casa do professor Augustinho eu fazia meus bolos, eu pedia a dona Amélia, então ela me dava o forno da casa dela para eu fazer meus bolos e eu vendia na estação. Dia que o trem atrasava dia que chegava cedo. (ASSUNÇÃO, 2017).

Na fala de dona Justina, moradora antiga do bairro Galiana, percebe-se uma vida repleta de muitas histórias, desde a sua vinda do interior para a cidade. Com a chegada do trem e a instalação da Estação Ferroviária, Caxias teve um grande crescimento industrial, o que foi bem visto por toda a comunidade local e circunvizinha.

Dona Justina, por morar nas proximidades da Estação Ferroviária, presenciou toda a movimentação que por ali havia. Percebendo a oportunidade, organizou uma venda de lanches, visando uma estabilidade financeira. Ou seja, dona Justina utilizou a Estação Ferroviária como

espaço de práticas econômicas e sociais, vivendo o espaço da melhor forma possível e corroborando a afirmação de Certeau (1998, p. 185) de que “[...] a existência é espacial”.

E sobre as escolas, os monumentos daqui, como às igrejas, festejos, praças, o que a senhora lembra?

Eu lembro da igreja de São Benedito, da Matriz também, eu frequentava lá, mas não todos os dias, ia aos domingos, encontrava aquelas pessoas amigas, agora nas escolas eu conheci bem o colégio João Lisboa, depois de casada e alguns anos eu morando aqui, minhas filhas estavam mocinhas e eu passei a estudar com elas para poder acompanhar, então eu fui estudar no Eugênio Barros, e depois fui para escola técnica, lá eu passei dois anos e minha filha também e lá eu fiquei aparecendo criança todo tempo, e eu não tinha como dar conta de dois empregos e cuidar de tudo, dos filhos, eu digo eu vou parar e continuar com os filhos. Aí elas ficaram estudando. Foi todo mundo estudar, oito filhos e eu fiquei tomando conta, depois eu me empreguei no Estado, eu recebi duas nomeações uma para a Escola Jaime Tavares e outra para o Escola Gonçalves Dias, mas eu preferi e só podia escolher um. Eu escolhi... (pausa). Então eu fui trabalhar, e o prefeito era João Machado Filho, então trabalhei 35 anos no Jaime Tavares, lá eu vendia cocada, porque nesse tempo não havia merenda, depois foi que veio merenda para escola. Nas festas aqui na cidade eu saía uma vez no ano, na Igreja São Benedito então eu não ia a passeio nenhum era só do colégio para casa e para o trabalho. (ASSUNÇÃO, 2017).

Na narrativa de dona Justina, novamente vem à tona o festejo de São Benedito, outrora foi um dos maiores festejos da cidade, que acontece no mês de agosto. De acordo com o relato, as famílias durante o ano se preparavam somente para participar do festejo que era marcante para a sociedade caxiense.

O depoimento apresenta também a importância da igreja como lugar de sociabilidade, onde se “encontrava aquelas pessoas amigas”. No entanto, o principal ponto de referência nessa fala é a escola, em especial a já mencionada João Lisboa. É ali que dona Justina concentra suas memórias, no fato de que foi um espaço não somente de formação de conhecimento, mas também onde ela ganhava a vida trabalhando como vendedora de lanches e doces.

O trecho em que ela menciona que não tinha tempo para passeios, indo “do colégio para casa e para o trabalho”, remete às estratégias da vida cotidiana rotinizada, de que fala Certeau (1998), que por sua vez lembra o enraizamento das pessoas à suas experiências próprias, como constatamos com o Sr. Abreu, mais acima.

E sobre Galiana...ainda é visto como bairro?

Ainda é visto como bairro Galiana, por exemplo, a rua explanada da estação, bairro Galiana, lá atrás tem travessa da esplanada, rua da palmeirinha, bairro Galiana, ali tem a rua do olho d'água, tudo aqui perto tem a Galiana no meio. Não consideramos outro nome sem não Galiana para nós moradores sempre será Galiana. (ASSUNÇÃO, 2017).

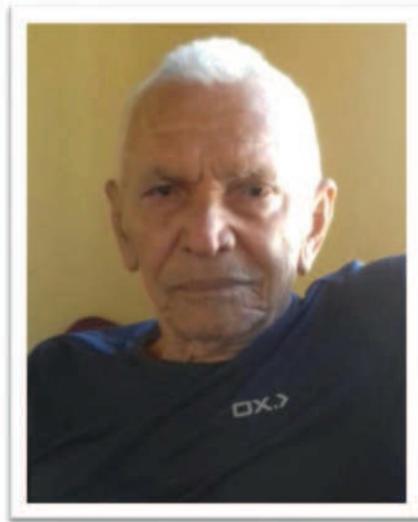
Como vimos anteriormente, uma lei municipal reorganizou o espaço urbano e, formalmente, o Bairro Galiana foi incorporado pelo Bairro Centro. Porém, de fato, os moradores locais não acataram essa mudança e permanecem, em seu cotidiano, a usar a denominação tradicional, como é perceptível na fala de Dona Justina. O bairro tem características bem aconchegantes, é bem pequeno, com poucas famílias, o que proporciona uma ligação muito forte entre seus moradores, criando um sentimento de pertença também forte, através do compartilhamento de memórias e histórias.

Rolnik capta muito bem essa relação dos indivíduos com seus lugares, quando afirma que,

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isso que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente podem ser lidos e decifrados, como se lê um texto. (ROLNIK, 1995, p. 17).

Outro exemplo disso, que não aparece no papel, mas pode ser sentido por mim quando da ocasião da entrevista, é que ela foi dada na porta da casa de Dona Justina e todas as pessoas que passavam ali a cumprimentavam. A impressão que fica é que todos se conhecem, como se fossem de uma mesma família, aspecto que torna o lugar aconchegante. Outro fato interessante é que a linha férrea passa quase à sua porta, levando aqueles que não estão mais acostumados a isso retornarem ao passado, ainda que o som dos trens tenha feito com que a entrevista tivesse que ser reiniciada pelo menos quatro vezes, assim vem sendo o cotidiano de dona Justina, antes com o som do trem que trazia e levava passageiros, hoje somente trem de cargas. Uma realidade presente em muitas memórias.

## Minhas memórias: Sr. João Lima



Aqui no nosso bairro bonito, bem conhecido, onde nós tinha nosso riacho, no Ponte que era uma beleza... com essas administração tem acabado o riacho do Ponte, esse riacho era lindo, era onde nós tomava água, aqui eu convivi com minha esposa 56 anos, tenho oito filhos com ela, inclusive tem uma filha que está comigo aqui de São Paulo. Era uma coisa linda que a gente tomava água do riacho, eu ia trabalhar na Fran Castro, quando era de manhã eu já estava lá, já tinha botado minha lata de água, porque naquele tempo não tinha negócio de torneira era bom demais, hoje está acabado, hoje lembram da gente no tempo da votação e mais nada, que nós tinha fábrica industrial e tinha emprego para todo mundo, graças a Deus eu ainda consegui trabalhar de motorista muito tempo na Fran Castro pelo dono Constantino Castro, sempre como pobre procurei a mim respeitar e respeitar a todo mundo, que eu era o predileto para viajar com ele. A firma que nós trabalhamos eu posso elogiar ela, o empregado quando atrasa um dia no dinheiro o quitandeiro não vende mais o arroz pra ele, quando eu viajava eu telefonava para a esposa não me esquecia dela, eu perguntava minha veia você recebeu o dinheiro, quer dizer isso já era uma consideração. Fiz essa casa na maior marra do mundo ajudado pelas filhas e graças a Deus, não é uma casa de barão, mais é uma casa mais ou menos, perdi minha mulher está com três anos. Parece que foi ontem, toda vez que chego aqui, estou vendo ela, pois ela acordava cedo para aguar as plantas, tem um carrinho aí que é difícil até eu andar, quando eu saio parece que ela está presente ao meu lado, porque quando me aposentei eu me apoiei foi nela, andamos até em São Paulo, mesmo sem condição, a senhora sabe que pobre não tem condição de nada, mas andamos lá, o maior respeito que tenho pela minha vida, é minha moral, todo mundo me conhece, sou chamado para fazer viagem para qualquer lugar. Porque a coisa melhor no mundo Dra. que achei no mundo foi trabalhar com gente rico, porque o rico sabe as experiências do pobre, você sabe né, se ele é correto ou se não é. E eu sou satisfeito com minha vida. Minha filha está aqui, mas disse que para o ano é para mim ir com ela, eu disse minha filha se eu estiver melhor, porque todo mundo ignora minha idade, eu tenho 81 anos, aí diz tu tá novo, eu digo estou acabado. (LIMA, 2017).

No relato acima, percebe-se uma intensa afinidade com o lugar, misturando afetividade com um pouco de nostalgia e saudosismo. Na sua memória, ainda é forte a relação com o rio, que domina a paisagem. A sua noção de patrimônio, nesse caso, parece estar mais ligada ao meio natural.

Emergem desse relato valores, sentimentos pessoais, que afloram na sua voz. Um tempo em que a rotina das pessoas era diferente. A relação de afeto para com o bairro é tamanha que o depoente se refere ao mesmo de uma forma muito envolvente, numa demonstração afetiva de um lugar corporificado, construído, através de seus relatos de memória. Nesse sentido, a relação que tem com o lugar ultrapassa a ideia do imediato, do transitório.

Halbwachs (2006, p. 161) traz uma reflexão acerca desses sentimentos:

Temos de levar em conta o fato de que os habitantes são levados a prestar uma atenção muito desigual ao que chamamos de aspecto material da cidade, mas que a maior parte certamente se sentiria bem mais sensibilizada com o desaparecimento dessa rua, desse prédio, daquela casa, do que pelos acontecimentos nacionais, religiosos, políticos mais sérios. Por isso o efeito de perturbações que abalam a sociedade sem alterar a fisionomia da cidade se abrandam quando passamos a essas categorias do povo que se apega mais às pedras do que aos homens; por exemplo, o sapateiro em sua oficina, o artesão em seu ateliê, o comerciante em sua loja no ponto do mercado em que normalmente o encontramos, o transeunte nas ruas que percorre, pelas estações de trem onde passeia, nos terraços dos jardins, as crianças no canto da praça em que brincam, o velho no muro exposto ao sol, no banco de pedra, o mendigo acordado na beira da calçada. (...) não se interessa pelo que aconteceu na realidade fora de seu círculo mais próximo e além de seu horizonte mais imediato.

Em sua fala, Sr. João demonstra também uma postura muito digna em relação ao trabalho, valorizando-o, ressaltando o bom serviço prestado e o retorno disso para a sua vida familiar. Orgulha-se da relação que manteve com sua esposa, a ponto de fazer com que, em vários momentos, a entrevista precisasse ser pausada. Aqui compreendi o que Bosi (2004, p. 38) quis realmente dizer ao afirmar que “[...] uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”.

De forma semelhante, Grazziotin e Almeida (2012, p. 39) mostram a necessidade e “[...] a importância do pesquisador, no processo da entrevista, mostrar-se aberto, evitar atitudes impessoais manter uma abordagem cortês. Pois pesquisador e narrador estabelecem uma relação dialógica em que ambos podem perguntar e responder”. Essa possibilidade de compreender para além do que se espera, torna a pesquisa oral uma atividade muito particular.

E sobre a história do Bairro Ponte?

O bairro Ponte foi a terra do já teve, nós tinha uma igreja aqui (...) pode contar tudo né? Nós tinha uma igreja aqui que a festa, nós tinha três festa, Santo Antônio, São Benedito e Nossa Senhora do Nazaré e hoje parou tudo. Pois é Dra. já foi bom Caxias. Estou completando esses ano 81 ano. Que mora aqui no bairro? que moro no bairro, fiz 56 de casado. (LIMA, 2017).

Ao falar do bairro o Sr João tece uma crítica direta: lugar que já tivera muitas festas, igrejas..., mas que já não é mais assim. É a memória que se agarra ao lugar e ao contexto em que foi forjada e não compreende as mudanças. Caxias para o Sr João já foi boa...

E o centro, as praças, as igrejas?

Ali onde é a praça Panteon, ali era o mercado central, ali sempre ía o circo e do outro lado era a manufatura e tinha emprego para todo mundo, hoje não tem emprego para ninguém. Eu sou e ainda estou em Caxias Dra. porque eu tenho um filho que é doente, mas se fosse só eu... porque eu tenho dois filhos aqui, mas se fosse só eu e esse outro eu não estava mais aqui não. Dona moça a festa da união era social, aonde o pobre ía, colocava sua gravata, se não tivesse gravata ele não entrava, ficava do lado de fora, era uma festa social, era o cassino, a união sempre em primeiro lugar, festa boa, a festa da união a gente contribuía todos os anos, no dia da festa a gente tinha o direito de ir, já ía com sua família, brincava e não tinha esse negócio de briga. Hoje em dia estamos numa situação que não pode nem sair na porta. (LIMA, 2017).

Na fala do narrador, observa-se que a Praça Panteon, os clubes, como Casino e União, eram importantes lugares de sociabilidade para muitos caxienses e que eram intensamente frequentados e, literalmente, vividos. Esses lugares contribuía de forma positiva para as relações e trocas de experiências, possibilitando uma dinâmica social intensa. No entanto, tal dinâmica se alterou completamente, pois “hoje em dia estamos numa situação que não pode nem sair na porta”.

As mudanças são evidentes, literalmente observadas até pelo morador menos atento, porém as permanências se escondem nas ondulações das astúcias, sendo propagadas não apenas no lugar manifesto, mas, principalmente, na relação do morador com os diversos lugares que ainda resistem, como as igrejas Santo Antônio e São Benedito. As próprias igrejas, em si, exercem a função de serem “guardadoras” da tradição, da permanência do bairro e da cidade.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local de vida de

convivência. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições banais. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p. 17).

Se, por um lado, as mudanças trazem o fortalecimento daquilo que um dia foi, através da manutenção de uma memória viva, também pode suscitar o desligamento, o desenraizamento, por questões afetivas, pelos filhos que moram na cidade, que é mais forte que aquele que está doente: “se fosse só eu e esse outro eu não estava mais aqui não”.

Ao perceber que o Sr. João estava muito cansado, fiz uma última pergunta: tem mais alguma coisa a acrescentar, seu João? “Não tenho não, nós finalizamos assim, só agradecer para senhora” (LIMA, 2017).

Neste capítulo, apresentamos e analisamos as memórias dos moradores dos cinco bairros de Caxias com relação à suas percepções sobre a história e patrimônio local. Nesse sentido, o bairro pode ser compreendido como o local onde se percebem as mudanças históricas que se materializam diretamente nas alterações do cotidiano e nas modificações sociais que são ainda registradas no cenário urbano. As transformações são capazes de provocar efeitos que não necessariamente são sentidos igualmente nos diferentes aspectos da vida dos seus moradores. Contudo, são eles (os moradores) que fornecem a matéria prima básica para compreendermos as regularidades e as mudanças na história da cidade. São eles (os moradores) os objetos da história, por isso busquei fazer com que falassem.

Como afirma Bloch (2002, p. 54):

[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (...), por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2002, p. 54).

Os depoimentos dos cinco moradores dos bairros selecionados para essa pesquisa deram embasamento para as discussões que serão apresentadas no próximo capítulo, já que em suas narrativas foram mencionados alguns elementos que podemos considerar como lugares de memória e patrimônios da cidade, como é o caso da Antiga Fábrica Têxtil (atual Centro de Cultura), por sua representação da identidade econômica, política e social da cidade; o Clube

União Artística Operária Caxiense que contribui para história social, cultural e política da cidade; A praça Dias Carneiro (conhecida popularmente como praça Panteon), espaços de intensa sociabilidade; a Igreja de São Benedito e a de Nossa Senhora da Conceição (Matriz), também como espaços sociais, mas formadores de uma memória religiosa que se cristalizou a partir dos festejos que promoviam; a Estação Ferroviária, ponto nodal de trânsito que mudou a rotina da cidade e contribui para seu desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, como vetor de mudanças; O Grupo Escolar João Lisboa (atualmente Escola João Lisboa), por sua importância histórica como um dos primeiros estabelecimentos escolares da cidade, mas também por sua representatividade para as pessoas que por ali passaram, incluindo “filhos” ilustres; e, finalmente, o Memorial da Balaiada, reconhecido por todos pelo episódio que fez da cidade de Caxias palco de uma sangrenta batalha.



Fonte: Cordeiro (2017).

---

## CAPÍTULO III

### FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: contribuições à cidade

Neste capítulo, objetiva-se apresentar o patrimônio material e imaterial da cidade de Caxias a partir daquilo que foi considerado importante pelos entrevistados, os quais podem ser caracterizados como “vozes da cidade”, por registrarem em suas memórias os relatos de sua história. Busca-se trazer à luz das suas narrativas, portanto, esses lugares, saberes e fazeres, caracterizando-os como patrimônios, ainda que informais, da cidade, tal como esses sujeitos históricos vivenciaram e registraram em suas memórias esses aspectos da cidade que lhes foram

relevantes, a exemplo Fábrica de Manufatura (Centro de Cultura José Sarney), a União Artística Operária Caxiense, a Praça Panteon, a estação do trem, a Igreja São Benedito e a Igreja Nossa Senhora da Conceição (Igreja Matriz), a Escola João Lisboa e as Ruínas da Balaiada. Que memórias estes bens patrimoniais representam para a história da cidade.

### **3.1 Ecos da história: incursão pelas memórias da cidade de Caxias do Maranhão**

*“Se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo (...)”*

*(Eclea Bosi, Memória e Sociedade: lembranças de velhos)*

Sabemos que na cidade existem outros universos que representam as memórias presentes no imaginário dos sujeitos que testemunharam sua existência, entretanto, não devemos perder os aspectos enfatizados por eles, pois a oralidade resulta na sua escrita, sendo homens e mulheres considerados partícipes da construção do processo histórico. Os fragmentos de memória surgem da ação de narrar e, em suas representações, os colaboradores (vozes da cidade) reconstruem a memória dos tempos pregressos, confrontando o passado no presente.

Para o historiador, as vozes da memória são processos sociais ativos. São essenciais tanto para a produção de novas fontes históricas como para a prática de preservação da documentação já existente. (...) ao historiador cabe estimular e contribuir para que as condições de registro desse tipo de memória possam se efetivar. (DELGADO, 2006, p. 48).

Somos considerados eminentes colecionadores de tempos perdidos e de patrimônios representativos; devemos cuidar para que a memória resista aos silêncios, às lembranças e até mesmo ao tempo. Para que tenhamos por completo o que o tempo dilui, buscamos arquivos, fragmentos e diferentes fontes, vestígios comumente fragmentados. Salvaguardar esses fragmentos representa arquivar os significados da própria existência.

Esse processo de salvar, arquivar os fragmentos, tem relação com a narrativa oral, prática que quase desapareceu do cenário da comunicação, pelo avanço de tecnologias de informação e comunicação que se tornam, cada dia, mais dinâmicas, mas também ilusórias. É ao que se refere Benjamim (1985) quando constata que esse distanciamento da forma milenar de transmissão de histórias, pela oralidade, perdeu-se em detrimento da consolidação do capitalismo, com as novas formas de comunicar-se, onde a tradição oral foi perdida.

Ao descrever a cidade, que somos nós e está em nós, as narrativas estabelecem um jogo de memória, numa relação dialética entre o passado e o presente, porque quem narra traz no bojo desse discurso os pensamentos mais escondidos carregados de silêncios, de alegrias e tristezas, que podem ser manipulados, designados a dar maior destaque em alguns detalhes e não em outros, dependendo das intenções de quem fala.

Albuquerque Junior (2007) alerta para o perigo de que a palavra dita possa ser entendida como possuidora de um peso maior da fidedignidade, o que é um tanto ilusório. É preciso lembrar que o sujeito fala também por outros, ele próprio é incidência de outras falas, outras memórias.

A memória e o esquecimento andam lado a lado, se complementando e alimentando um ao outro; histórias e memórias podem nem sempre estar em acordo, sendo necessário compreender que a memória não tem um caráter mais próximo da verdade, mas os testemunhos podem fornecer certa garantia de continuidade, o passado e o presente.

Nessa perspectiva, todos são sujeitos da própria história e essa é construída por todos, não importa se homens ou mulheres, novos ou velhos, com ou sem instrução formal. O fato é que, a partir das memórias como fundamento da história, há a possibilidade de repensar sobre o que ainda temos para guardar para as gerações futuras, como patrimônios que permaneçam ligados a elas.

A partir das entrevistas com os moradores dos principais bairros da cidade, objetivamos perceber a sua história a partir daquelas memórias, deixando os narradores à vontade para expressá-las. Ao longo desse exercício, diferentes elementos materiais e imateriais associados às suas histórias particulares se fizeram representados; alguns foram únicos, outros se repetiram, formando a constituição de uma memória e uma identidade coletiva. Dessa forma, a herança cultural de Caxias está presente no patrimônio material e imaterial, tornando-se referências históricas, segundo Ricoeur (2007), possibilita a existência tanto de um futuro para o presente como de um presente para o passado.

Como já mencionado anteriormente, Caxias representa uma cidade ao mesmo tempo

prática e orgânica, composta de um vale rodeado por morros, que foi crescendo, em grande medida, aleatoriamente, mas em conformidade com a paisagem natural. Em sua parte mais alta está o Morro do Alecrim, antigo morro das Tabocas, referência para a guerra da Balaiada no século XIX, cujas ruínas jazem ali representando o conflito ocorrido entre balaios e portugueses. A parte central da cidade, na área mais baixa, com seus bairros retratados nas falas dos depoentes, constitui-se como espaço(s) vital(is) de sociabilidade, definidos no âmbito da vida cotidiana (social, comercial, econômico e político), por onde as ruas se cruzam tecendo uma teia de memórias, lugares, objetos, saberes e fazeres que constituem a história de todos que ali vivem ou já viveram.

Nesses espaços, estão os elementos, materiais e imateriais, que aparecem nas falas analisadas: na área central, a praça Gonçalves Dias e praça Dias Carneiro (Panteon), os balneários, os clubes União Artística Operária Caxiense e Cassino Caxiense, a Escola João Lisboa, a Estação de Trem, a fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense, as igrejas Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, a Catedral de Nossa Senhora dos Remédios e a Igreja de São Benedito, local de importante festejo de São Benedito e, no alto do Morro do Alecrim, o Memorial da Balaiada com suas ruínas. Além de outros que permeiam as memórias dos narradores.

Mas a partir de agora, nesse capítulo, cada um desses “patrimônios” revividos naquelas memórias, serão caracterizados formalmente, mas não sem antes deixar falar o grande representante da cultura popular maranhense, o poeta João do Vale.

***Vou para Caxias***

*Não adianta*

*Aqui não fico*

*Vou pra Caxias onde está Seu Alderico*

*Vou passear lá na Praça da Matriz*

*Vou tomar cana tirar gosto com caju*

*Vou lá no Ponte tomar benção a Santo Antonio*

*Vou tomar banho no Rio Itapecuru*

*Quero ver a baixa da Siriema*

*Quero ver o riacho São José*

*Lá na Veneza sei que tá uma beleza*

*Vou ver Getúlio meu amigo de fé*

*Grande festa do Senhor São Benedito  
O glorioso padroeiro do lugar  
Pé da Ladeia terra de moça faceira*

*(João do Vale)*

### **3.1.1 Voos do progresso: a fábrica têxtil**

A Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense S. A. foi fundada no ano de 1889, por três sócios, Antônio Joaquim Ferreira Guimarães, Manoel Correia Baima de Lago e Francisco Dias Carneiro, que representavam o poder econômico naquele momento.

A fábrica foi criada durante o período de expansão da indústria têxtil no país e trouxe prosperidade para o interior do Maranhão. Tinha como principal objetivo a produção de fazendas para comercialização, tendo em vista a escassez do produto no mercado maranhense e representou um período de opulência econômica na cidade, marcada por uma elite muito bem consolidada. A esse período, Pessoa (2009) denomina de “belle époque caxiense”, referindo-se ao imponente universo elitista que envolvia a cidade.

O mesmo universo mental que permeou a montagem das indústrias têxteis em Caxias, no final do século XIX, subsidiou a prática de hábitos de lazer e de consumo, finos e requintados, no mesmo período. Falar da Europa, e em especial da Inglaterra e da França, era comum nas rodas sociais caxienses como também nas notícias vinculadas pela imprensa [...] Caxias, assim como todo o Maranhão, possuía uma tradição cultural muito próxima do universo europeu, não obstante a longa distância geográfica. (PESSOA, 2009, p. 118).

Foi durante a Segunda Guerra que ocorreu o apogeu da indústria, com o fornecimento de matéria-prima para o exterior. A fábrica de tecidos encenou momentos de prosperidade e avanço econômico para a região, sendo uma das primeiras fábricas do Estado e pode ser comparada a outras grandes indústrias contemporâneas, existentes em grandes centros urbanos do país.

A grande maioria dos trabalhadores eram mulheres, que recebiam salários mais baixos comparados aos vencimentos masculinos. Em seu auge, dos 300 empregados da fábrica, 185 era composto por de mão de obra feminina. Isso pode ser percebido na fala de Maria de Jesus (2016),

quando diz que “[...] minha mãe trabalhou na fábrica quando moça, quando dava onze horas dava aquele apito que eu nunca esqueci aí saía aquele bando de funcionários em fila”.

A mulher operária não representava, nessa época, uma atitude soberana nem tão pouca empoderada. Ao contrário, as operárias eram mulheres simples, filhas de famílias pobres que não desfrutavam da vida cômoda de terem seus lares abastecidos apenas pelos proventos dos maridos ou pais.

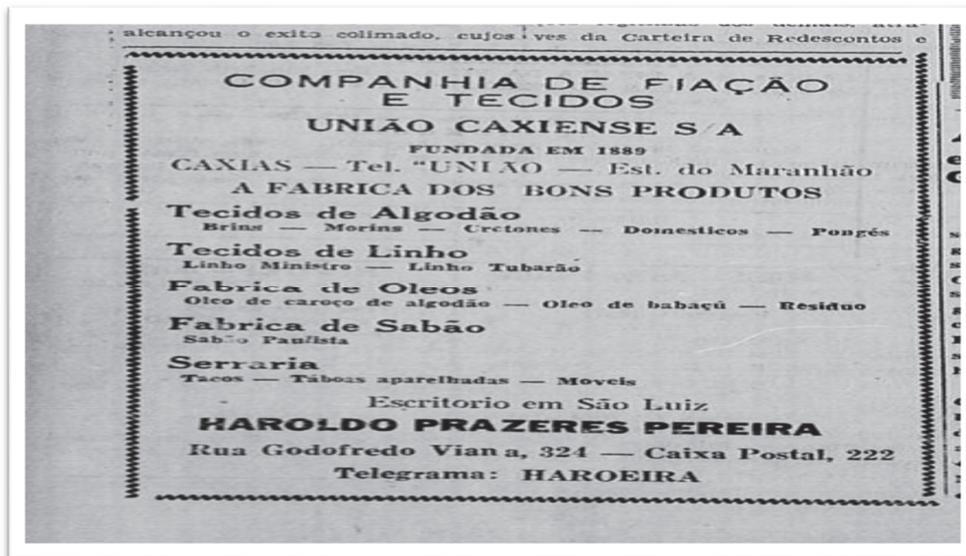
O termo “pipira da fábrica” (PESSOA, 2009, p. 67) era utilizado para denominar as operárias. Pipira é o nome de uma ave, que vive na região e é muito comum; foi usada como alcunha àquelas mulheres no sentido de que deixavam seus ninhos e buscavam “alçar voos”, numa metáfora da condição delas como mulheres que deixavam os cuidados da família para irem à procura de provimentos para seu sustento. Por isso, foram muito criticadas e marginalizadas na época.

Para uma sociedade masculina e patriarcal, as mulheres deixarem a esfera doméstica e irem à busca de trabalho demonstrava claramente a desonra, o desprestígio do homem em ser provedor do lar. Havia um forte preconceito social em relação a essas mulheres, pelo fato de trabalharem fora do lar, ocasionando uma situação depreciativa quanto a sua posição social.

A fábrica têxtil é uma representação simbólica concreta para a cidade, com referência a sua imponente construção, que contrastava com as ruas sem calçamento daquela época. Sua importância também se dava no campo da sociabilidade, já que poucos homens bem trajados (com paletós de linho branco), com roupas produzidas com tecidos produzidos nela, circulavam a cidade, festejando a vinda do progresso e representando uma elite consolidada. Na memória da cidade, apito ressoava nas rotinas dos horários, sinal de entrada e saída (representação simbólica do trabalho) e a chaminé da fábrica exalando fumaça remetia ao maior advento econômico do século daquele momento.

Era frequente, na imprensa maranhense, a divulgação dos produtos fabricados e do serviço da empresa, conforme mostra o anúncio em jornal de ampla circulação, na capital do Estado (Figura 33).

Figura 33 - Anúncio da fábrica no Jornal Diário de São Luís.



Fonte: Jornal Diário de São Luís - 17/09/1949.

Além da divulgação na imprensa local e estadual, a fábrica constituía-se como símbolo de orgulho ostentativo da região. O funcionamento da indústria no centro comercial da cidade imputava ares de desenvolvimento urbano, como pode ser visto na Figura 34.

Figura 34 - Fábrica de Tecidos em seu apogeu.



Fonte: IBGE (1950).

Com o passar do tempo, o cenário econômico e cultural da cidade declinou, juntamente com o declínio econômico ocorrido a partir de 1920, provocado pela imensa depressão pós-guerra. Caxias, como todas as outras cidades do país, fora afetada pela baixa dos preços dos produtos fabricados na indústria têxtil, provocando seu fechamento na década de 1950. O prédio ficou abandonado até a década de 1970, quando foi adquirido pela administração pública, para transformá-lo atualmente no Centro de Cultura José Sarney (Figura 35).

Foi o primeiro monumento isolado tombado oficialmente na cidade, pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Paisagístico do Maranhão - Dphap/MA, sob o Decreto nº 7.660, de 23 de junho de 1980, e inscrito no Livro de Tombo em 15 de outubro de 1980. A história desse edifício é longa, atravessa mais de um século e consolida o caráter industrial da cidade em fins do século XIX e primeira metade do XX (ALMEIDA, 2009).

Figura 35 - Vista atual da fachada do prédio, hoje Centro de Cultura José Sarney.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

As questões reveladas na fala de Maria de Jesus, sobre a Fábrica Têxtil, evidenciam que a moradora guarda na sua memória sinais que representam a disciplina do trabalho e ressalta a inserção da mulher nesse mercado, uma situação na época que refletia preconceito e discriminação, pelo espaço masculino que a fábrica representava e pela quebra da tradicionalidade familiar. Também denotava certa ameaça à sexualidade masculina, pela

inserção maciça de mulheres como operárias. O apito ressoava na cidade, trazido pela memória de Maria de Jesus, deixando vestígios de um tempo que marcou o rompimento do espaço de trabalho delimitado somente ao sexo masculino, passando a ser também espaço de luta feminina, ainda que de forma talvez inconsciente.

Embora ressignificado, o prédio ainda resiste ao tempo, mas provavelmente os mais jovens não reconheçam, nesse espaço, a representatividade da história e da sua importância na memória e na identidade da cidade. Em tempos atuais, o espaço tem uma dinâmica diferente de outrora, com secretarias do governo municipal, por onde transitam diariamente muitas pessoas, com finalidades diferentes daquelas do período áureo da produção têxtil. Talvez nem todas se perguntem o que foi este lugar, como fez Enzo (meu filho, na época com 10 anos) ao adentrar no “Centro de Cultura” e perguntar: que lugar é esse? Quem cuida? De quem é? Indagações que suscitaram reflexões sobre a necessidade de conhecer e levar para as pessoas da cidade o que aconteceu aqui há mais de 100 anos. Que memórias esse lugar guarda, e que transformações aconteceram.

### **3.1.2 O clube como elo de sociabilidade: pontes de permanência**

[...] essa festa chamava-se baile na época na união.....o povo dançando mais era só se movendo e o que mais admirava era com traje a rigor era terno e gravata dos moços porque os homens entrava com ingresso a moça com a carta .... Na União Artística ... festa do mês de maio que ainda hoje eles fazem eu chamo de baile, nessa época o povo só ia para baile se fosse de paletó e gravata. (MOURÃO, 2016).

Lugares de sociabilidade são, enquanto locais de práticas culturais, pontes que comunicam saberes e aprendizados coletivos. Podem ser tomadas como exemplo para se compreender como parte da tradição cultural local depende da transmissão dos valores do grupo e das trocas de saberes. Clubes são criados para receber grupos sociais específicos, organizados por diversas motivações, com características distintas. Portanto, existem costumes e hábitos muito particulares em cada clube, com regimentos próprios, festas típicas, vestimentas, diferentes formas de relacionamento.

Entretanto, embora haja a singularidade própria de cada clube, existem características comuns a todos, enquanto lugares de lazer e rituais sociais.

O clube, como lugar de sociabilidade, é um lugar de memória, uma combinação de vários aspectos que fazem desse lugar um cenário singular. Somente quem viveu ou conhece

sua realidade o pode rememorar, buscando ali os momentos que contribuíram para a construção de sua identidade individual e coletiva. Em um clube, toda a ação é carregada de simbologias.

Caxias apresenta alguns desses espaços de sociabilidade, atuando como lugares de memória. Para Nora (1993), um lugar de memória é um lugar de combinações de histórias, espaços híbridos, onde se rememora o passado, vive-se o presente e projeta-se o futuro. Os clubes parecem cumprir perfeitamente tais requisitos.

Com a criação de várias empresas e fábricas, entre elas a Fábrica Têxtil, da qual nos referimos anteriormente, cria-se em Caxias uma classe operária (PESSOA, 2009) e com ela todo um aparato social que implica na integração desse grupo. Surge, assim, a necessidade de uma associação que os integre, mas que não tenha o caráter de “sindicato”. Nasce aí a ideia da Sociedade União Artística Operária Caxiense (Figura 36).

Figura 36 - Vista da fachada do Clube União Artística Operária Caxiense.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Consta na Ata da Fundação e Instalação da Sociedade União Artística Operária Caxiense, que tal fato ocorreu no dia 1º de maio de 1915, em associação ao Dia do Trabalhador. Seus fundadores são operários artífices e artesãos, além de músicos como o Sr. Alfredo Beleza e Abel Antunes. Pelo seu Estatuto, consta que a mesma é uma entidade com característica jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e com tempo indeterminado, como registra os Artigos 1º e 2º, reproduzidos abaixo:

Artigo 1º- dos fins da sociedade: “beneficentes instrutivos e recreativos, com a finalidade de colaborar para o desenvolvimento material, intelectual e solidariedade das classes trabalhadoras”. No Artigo 2º são mais especificamente delineados os fins a saber:

Art.2º São fins a sociedade:

1. Prestar auxílios e benefícios aos associados;
2. Desenvolver o trabalho de aprendizagem, com escolas de artes doméstica, datilografia, artesanato, etc. para seus associados e dependentes;
3. Fundar e manter escolas de difusão de ensino primário destinados a seus associados e dependentes e bem assim dos trabalhadores em geral;
4. Criar e estimular o esporte em geral;
5. Fundar COOPERATIVA de Créditos de consumo, proporcionando melhor proteção aos seus associados;
6. Cooperar em todos os movimentos cívicos e patrióticos, visando assim despertar o amor pela Pátria e o respeito às autoridades constituídas;
7. Criar e manter ambulatórios médicos para assistência aos seus associados, dependentes e pessoas reconhecidamente necessitadas;
8. Prestar solidariedade e defesa aos seus associados, quando sujeitos a prisão ou processo em causa não desonrosa;
9. Pleitear aos poderes constituídos auxílios, benefícios e leis que proporcionem proteção e estímulo aos trabalhadores em geral.” (ESTATUTO SOCIAL - UNIÃO ARTÍSTICA OPERÁRIA CAXIENSE, 1989-1992).

A União Artística Caxiense surge num momento diferenciado, quando a cidade respirava a modernidade, vinda especialmente da implantação das fábricas. Foi a válvula de escape que os trabalhadores encontraram para desfrutarem de lazer e diversão para eles e seus familiares, ainda que a ideia primeira tenha envolvido perspectiva assistencialista. Alguns acham que lazer e trabalho se complementam, e que o lazer é oriundo da sociedade industrial ou pós-industrial. De acordo com o sociólogo francês Dumazedier, o sentido de lazer pode ser entendido como,

[...] o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1976, p. 333).

A discussão sobre lazer, nesse sentido, remete à liberdade, em relação ao compromisso com as atividades diárias. Porém, essa visão de lazer, para os mais abastados, tinha característica própria e remetia às elites mais urbanas. Para os operários, a ideia aparece com outro significado, ou seja, é vista como festividades populares. Essas festividades, no Clube

União, tinham ênfase no discurso do Estado Nacional, em um momento em que se buscava a formação do sentimento nacional-popular. Um exemplo eram as festas de 1º de maio, Dia do Trabalhador, que tinham uma relação simbólica com a identidade do povo brasileiro. Como lembra o Sr. Juciê, “... na União Artística ... festa do mês de maio que ainda hoje eles fazem eu chamo de baile, nessa época o povo só ia para baile se fosse de paletó e gravata”.

O 1º de maio é uma data comemorada na União Artística Operária Caxiense desde sua fundação até os dias atuais, não com o mesmo fervor dos seus primeiros anos do clube, mas ainda assim existente. Por ser uma data que marca a inauguração do Clube União, como clube de lazer na cidade, essa data remete também a uma lembrança da história do movimento operário, especialmente, por suas conquistas: limites de oito horas de trabalho, regulamentação do trabalho feminino e de menores, e pela melhoria de condições de trabalho nas fábricas (SANTOS, 2009). Tal discurso era importante para a compreensão da identidade profissional, embora a festa no clube não tenha mais a mesma conotação.

De qualquer forma, o que se está mencionando é o lugar como espaço de trocas, de sociabilidades e isso está diretamente relacionado à festa. Para Albuquerque Junior, há na festa,

[...] uma ruptura com o cotidiano, um momento excepcional na vida social, um momento de quebra de rotina, um espaço lúdico, apertado do mundo do trabalho- pensado, muitas vezes, como seu oposto, como fazendo parte do universo da diversão, do lazer ou do desvio -, as festas poderiam ser reveladoras dos códigos e regra que regeria uma dada ordem social. Nesse sentido, elas permitiam revelar mais das estruturas sociais do que se podia imaginar, ou, justamente por serem excepcionais, elas não permitiriam que delas se retirassem conhecimentos sobre o funcionamento social. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 136).

Como bem lembra o Sr. Abreu na sua narrativa, “... porque uma coisa que admiro essa festa chamava-se baile na época na união que ainda hoje existe ... o povo dançando mais era só se movendo e o que mais admiro era com traje a rigor era terno e gravata dos moços porque os homens entrava com ingresso a moça com a carta.” Nesse caso, a carta era a de recomendação, feita por alguém influente na cidade.

Outro elemento que suscita reflexão é sobre os critérios determinados pela diretoria para a vestimenta: o traje padrão era o “terno de linho branco com uma flor no bolso”. Tal exigência, vista como imposição social com a obrigatoriedade do uso do terno e a gravata, simbolizava uma aproximação ao padrão da elite, de certa forma uma segregação não intencional para as pessoas que na época não possuíam um terno branco e não podiam comprá-

lo. É sabido que muitos homens, na época, não tinham condições financeiras para comprar um terno, mas queriam muito participar da festa; para não fazer feio frente à namorada, terminavam o namoro com a moça para não dizer o motivo pelo qual não poderiam ir à festa.

Os critérios estabelecidos, que refletiam certa condição social demonstrada na obrigatoriedade dos trajes, de certa forma representavam que o lugar era de respeito, sendo uma das condições exigidas, além da apresentação de carteirinhas para os homens, severas exigências para as mulheres, como recomendação de sócios se fosse de fora (de outros municípios), e se a moça fosse “falada” ou “atirada”<sup>17</sup>, não poderia participar do baile (festa), além disso, se acontecesse sua entrada, seria retirada do espaço, ficando marginalizada. Novamente somos remetidos à fala do Sr. Abreu, quando diz “... conheço ela, ela era moça porque se surgisse a história ela não é mais moça ela era cortada”. Tal critério conservador, era aceitável para a época, pois na pesquisa não foi mencionado nenhum caso referente a uma situação dessa natureza.

O lazer no cotidiano dos trabalhadores fortificava e ampliava os espaços de convivência, momentos de unidade, de pontes de solidariedade, permitindo a consolidação de identidades. O clube permitia essa sociabilidade, sendo reconhecido nesse sentido por dois de nossos depoentes, Sr. Juciê (Bairro Trizidela) e Sr. Abreu (Bairro Cangalheiro).

É importante, como já mencionamos mais acima, lembrar que os clubes são criados para atender demandas específicas, existindo assim acesso diferenciado a espaços também diferenciados. Na cidade de Caxias, também existia essa divisão: o Clube União era voltado para operários, enquanto que o clube de lazer “Cassino Caxiense Clube” era voltado para a elite.

Além da festa e baile do Dia do Trabalhador, várias outras atividades festivas eram organizadas para os sócios do Clube União Artística, como por exemplo, o Baile de Carnaval, com uma programação organizada para o público infantil, nas matinês (Figura 37) e, para os adultos, o baile carnavalesco tradicional, que tinha grande participação do público para dançar as machinhas carnavalescas (Figura 38). Abaixo está reproduzido um trecho da divulgação do baile, feita pelo Jornal “Folha de Caxias” em 1963.

Ao que estamos informados, a festa em apreço com início às 19:00 horas, será um verdadeiro carnaval, animado pela banda Lira e diversos conjuntos locais, entre eles o do popular *Barro Duro* que criou uma Marcha especial registrando

---

<sup>17</sup> Termo utilizado para as moças muito namoradeiras e conhecidas na cidade por serem “atiradas”, outro termo da época que tinha o sentido de “não comportadas”, moças que não eram mais “virgens”.

o acontecimento. Os convites estão sendo distribuídos em todos os bairros, na sede dos Antigos Comitê, havendo transporte e bebidas grátis. O traje é esporte ou fantasia e os sócios da União terão entrada franca.” (FOLHA DE CAXIAS, 1963, p. 4).

Figura 37 - Família com crianças fantasiadas para matinê de carnaval no Clube União.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 38 - Banda Goiabada, do Sr. Barro Duro, nas festividades carnavalescas do Clube União.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A Banda Goiabada, do Sr. Barro Duro<sup>18</sup>, que animava as festas de Carnaval, era considerada a mais conhecida, trazendo pessoas das cidades vizinhas e do interior. Os sócios, preocupados em manter sempre o clube aberto, planejavam constantemente outras formas de lazer, como festas juninas com os próprios sócios formando os pares da quadrilha e outras festas, com atração de outros Estados e também locais. Outras apresentações culturais, como a Festa do Arroz e o drama sacro representado por crianças e jovens, também eram atividades realizadas pelo clube.

Os vestígios deixados, por aqueles que um dia romperam com o peso do trabalho cansativo, foram muito importantes para a construção da identidade social caxiense. Muitos que ali estiveram, seja como diretores, músicos, as famílias, os sócios e a comunidade de modo geral, aprenderam com a circularidade dos pensamentos, memórias, saberes e ações, a tornaram esse um ambiente de sociabilidades.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é personificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência e torna sensível uma presença (PESAVENTO, 2008, p. 39-40).

São memórias desses momentos festivos do Clube da União Artística Operária Caxiense que permanecem para as pessoas que um dia viveram esses acontecimentos, que marcaram suas vidas e contribuíram para o processo de construção de uma identidade coletiva. Como já enfatizado, o União não era o único local de sociabilidade para as pessoas da cidade, entretanto, foi um lugar de produção de muitas memórias.

### **3.1.3 Igreja: universo de formalidade de um lugar incomum**

Pensar sobre o processo de significação do patrimônio material de uma cidade representa um grande desafio, sobretudo por esses bens apresentarem uma força que congratula

---

<sup>18</sup> Barro Duro era o apelido de Antônio Euzébio de Oliveira, músico e sócio do Clube União.

múltiplas relações espaço-temporais no transcorrer de sua história. As igrejas, nesse sentido, são lugares que simbolizam fonte de memória e preservação da identidade, são a herança religiosa da cidade. No caso de Caxias, simbolizam a forte influência cristã europeia trazida do período da colonização.

As igrejas são espaços de memórias “sagradas”, que concentram várias lembranças para a cidade; local de celebração, casamentos, batizados, missas festivas. Por isso esses lugares são dinâmicos, plurais, acolhedores. A cidade de Caxias tem uma representação religiosa cristã facilmente percebida: são muitas as igrejas espalhadas em toda cidade, em cada bairro, cada uma com sua história particular. Vários acontecimentos da história de Caxias estão atrelados a esse patrimônio material. Almeida retrata bem essa situação:

Destaca-se, por exemplo, o episódio da Guerra da Balaiada: a Igreja de São Benedito teria servido de abrigo para parte da população; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos pretos, foi transformada em Mercado da Intendência dos insurretos. Já a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios serviu como depósito de artigos bélicos aos legalistas, sendo depois tomada pelos balaios. No movimento pelo reconhecimento de Caxias à independência do Brasil, foi na Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José (Matriz) que o Major João José da Cunha Fidié assinou sua rendição. Assim, o patrimônio edificado de Caxias é um testemunho marcante da arte de saber fazer. (ALMEIDA, 2008, p. 47).

Nesses cenários, muitos fatos ocorreram e muitas memórias se constituíram. A maior parte delas foi erguida nos séculos XVIII e XIX: Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José, localizada na área central da Praça Cândido Mendes; Igreja de São Benedito, localizada na Praça Vespasiano Ramos; Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Praça Rui Barbosa; Igreja da Catedral Nossa Senhora dos Remédios, na Praça Magalhães de Almeida, essas localizadas no Bairro Centro, e Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, localizada no antigo Largo de Nazaré, à margem esquerda do Rio Itapecuru, no bairro Ponte.

Igrejas são lugares peculiares, que se destacam por serem lugares onde são tecidas muitas histórias, saberes e fazeres, que contribuem para a construção da identidade coletiva e do imaginário social. São laços que se imbricam pela religiosidade, pelos ritos consagrados pela fé. Para Halbwachs (2006, p. 155),

Não basta frequentar a entrada de uma igreja para que lembremos em detalhes e de modo preciso, de nossas relações com o grupo dos que tem as mesmas crenças que nós. Em todo o caso, encontramos-nos com a mesma disposição de espírito dos fiés,[...]está bem aí o fundamento e o conteúdo da memória coletiva religiosa. (HALBWACHS, 2006, p. 155).

As festas religiosas também são lugar importante, onde muitas relações se estabelecem, pois também propiciam a interação entre os sujeitos que delas participam. Cada aspecto do cenário das festas religiosas possuem significados intrínsecos, como as barraquinhas de comidas e jogos, as conversas, as músicas, as rezas enfim, uma multiplicidade de elementos que constituem, juntos, um patrimônio ao mesmo tempo tangível e intangível.

Caxias era lugar (e ainda é) de muitas festas religiosas, porém a que mais se destacava era a de São Benedito, que reverencia a memória da igreja (e do santo) de mesmo nome (Figura 38). O festejo, que acontece em agosto, é onipresente na fala dos entrevistados, que lembram que vinha gente de todo lugar. São eventos populares, que estão no imaginário das pessoas da cidade, repletos de lembranças, devoção e simbolismo.

Figura 39 - Vista frontal da Igreja de São Benedito.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

De acordo com as narrativas dos entrevistados, o festejo chamava atenção de todos especialmente no último dia, que era no domingo, pois havia missa e todas as famílias preparavam seus filhos e filhas com as melhores roupas a fim de celebrar essa data.

Por ocasião do novenário, nas noites de luar do mês de agosto, havia o ressoar dos sinos e a queima de fogos de artifícios na Praça Vespasiano Ramos, lembranças conservadas na memória da maioria da população caxiense, já que esse momento tem permanecido nas festividades até os dias de hoje, embora não na mesma intensidade de outrora, mas com a mesma fé e o mesmo encanto.

A igreja de São Benedito, além de sua importância religiosa, através da festa, também repercutia na vida econômica da cidade, pois os serviços das costureiras, sapateiros, entre outros eram intensificados; as costureiras faziam as roupas das crianças, jovens e adultos que passavam o ano inteiro se preparando para a data; os sapateiros não paravam no manuseio do engraxe dos sapatos, além de todo o comércio que se organizava para obter maior lucratividade.

Com o tempo, a característica da festa foi perdendo sua intensidade. Vários dos entrevistados falam que ela “já não é do mesmo jeito” como acontecia há 80 anos. Também é importante enfatizar que essa igreja foi palco de alguns episódios políticos que estão na memória de muitos caxienses como, por exemplo, a Guerra da Balaiada: a Igreja de São Benedito teria servido de abrigo para parte da população durante as revoltas.

A história da construção da igreja também merece ser contada, ainda que rapidamente: inicialmente, o templo foi construído por devotos da Irmandade do Glorioso São Benedito, apenas com donativos, sem dinheiro público. Por ordem do Governador do Bispado, Pe. Dr. João de Bastos Oliveira, foi feita uma petição para sua fundação aos 07 de junho de 1803. Seu patrimônio foi elaborado em 13 de agosto de 1803, por Manoel da Silva Pinto, e em 08 de maio de 1835 foi criada a paróquia. Em 22 de julho de 1836, foi designada Igreja de São Benedito, na condição de Matriz. (COUTINHO, 2005).

No seu conjunto móvel e integrado, a Igreja de São Benedito contém retábulos do século XX, seis lápides parietais do século XIX, três sinos de 1866 e distintos objetos litúrgicos (Figuras 40 e 41). Entre as imagens, estão duas esculturas de São Benedito, Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora dos Anjos, Senhor Morto, todas do Século XIX (CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS, 2015, p. 105).

Figura 40 - Nave principal da Igreja de São Benedito.



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 41 - Relógio da Igreja São Benedito.



Fonte: Cartografias invisíveis (2015).

Como foi colocado mais acima, embora em termos de importância na memória dos caxienses, a Igreja de São Benedito seja uma das mais lembradas, pois associa-se ao festejo do mesmo nome, outras igrejas da cidade têm a sua representação na construção da identidade dos moradores de Caxias. A Igreja Nossa Senhora da Conceição (Figuras 42 e 43), mais conhecida por Matriz, foi relatada nas narrativas de dois entrevistados. Foi a primeira capela do nascente arraial, erigida em 1730, às margens do Rio Itapecuru, sob a invocação de São José, então com o nome de São José das Aldeias Altas (COUTINHO, 2005).

A igreja, em sua longa história, presenciou muitos atos acontecidos à sua frente, como o Auto de Juramento à Independência do Brasil, no dia 07 de agosto de 1823. Ainda na igreja, foi desencadeada a primeira eleição para formação da primeira Câmara de Deputados da Província do Maranhão. A capela passou por algumas reformas, sendo a primeira com doação do Imperador D. Pedro I. Além disso, atravessou períodos de revoltas muito conflituosas, como a Balaiada, quando serviu de depósito de artigos bélicos por parte dos legalistas, sendo depois tomada pelos Balaios.

Em seu interior, é possível contemplar peças muito bem preservadas, como objetos litúrgicos, mobiliários do século XIX, muitas esculturas, com destaque para a de Nossa Senhora da Conceição, São José, Cristo Sacrificado e Senhor Morto, todas do século XIX (CARTOGRAFIAS INVISÍVEIS, 2015, p. 99-101).

Figura 42 - Igreja Nossa Senhora da Conceição de São José das Aldeias Altas, 1908.



Fonte: DPHAP/MA (2016).

Figura 43 - Igreja Nossa Senhora da Conceição, atualmente.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Ao refletirmos sobre o processo histórico, percebemos a crescente significação cultural destas memórias e histórias do povo caxiense que, às vezes, escapam ao seu cotidiano. A história permite reconstruir a memória dos indivíduos nas diferentes experiências por eles vivenciados e passa a ser testemunha das transformações sociais e culturais no decorrer do tempo. Como coloca Nora (1993, p. 15), “[...] à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi”.

#### **3.1.4 Pelo viés dos Trilhos: bom dia Caxias!**

*De Teresina a São Luís  
Peguei o trem em Teresina  
Pra São Luiz do Maranhão  
Atravessei o Parnaíba  
Ai, ai que dor no coração*

*[.....] Bom dia Caxias  
Terra morena de Gonçalves Dias  
Dona Sinhá avisa pra seu Dá  
Que eu tô muito avexado  
Dessa vez não vou ficar  
[...] O trem danou-se naquelas brenhas  
Soltando brasa, comendo lenha  
Soltando brasa, comendo lenha  
Comendo lenha e soltando brasa  
Tanto queima como atrasa  
Tanto queima como atrasa.*

*(João do Vale)*

Como a poesia de João do Vale, os trilhos do trem ainda resistem ao tempo, visíveis aos olhos de quem passa de um lugar para o outro da cidade de Caxias. Porém, esse cenário vem mudando ao longo do tempo.

O processo de industrialização no mundo teve seu grande apogeu com a Revolução Industrial, que aconteceu na Europa, especialmente na Inglaterra, em meados do século XIX, quando a produção passou a ser feita em grandes fábricas. Com o grande aumento na quantidade dos produtos, surgiu a necessidade de transportá-los com mais brevidade e rapidez. Nesse contexto, desenvolve-se um meio de transporte diferente, a locomotiva, dando início à era das ferrovias.

No Brasil, com o avanço da modernidade, a economia cafeeira, principal motor do agronegócio nacional no século XIX, começou a entrar em declínio. Como solução possível, os grandes empreendedores passam a apostar em alternativas econômicas, como a metalurgia e a produção de têxteis. Nesse processo de desenvolvimento econômico, o empreendedor Irineu Evangelista de Sousa (o Barão de Mauá) investe na implantação de estradas de ferro, que logo passaram a ser vistas como símbolo da modernidade (CASTELLI JUNIOR, 2004).

Essa modernidade representou um papel relevante para o Brasil. As cidades se desenvolveram juntamente com a economia, a vida cotidiana das pessoas mudou significativamente em função dos avanços que vieram com as estações ferroviárias. O meio de transporte considerado mais “charmoso”, o trem, atravessa o país de norte a sul, transportando

gente ou carga e trazendo a civilidade, como menciona Queiroz (2004, p. 23), “as ferrovias costumavam ser saudadas como privilegiados do ‘progresso’, meios quase mágicos pelos quais a ‘civilização’ seria levada até os mais distantes ‘sertões’, isto é, aos territórios onde imperavam o atraso, a ‘barbárie’”.

Podemos perceber que esse era o discurso modernizador sobre os benefícios da estrada de ferro para o desenvolvimento do país, ainda que nem todas as ferrovias conseguissem prosperar. Muitos problemas de ordem estrutural não davam conta de atender as necessidades peculiares a esse tipo de transporte. No entanto, é inegável que as estações ferroviárias contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento das cidades; por estarem em pontos estratégicos da paisagem, a população melhor organizou sua vida, as cidades foram ganhando arquiteturas. O Brasil do século XIX já mostrava características de “civilização” com os trens que circulavam pelo país, carregados de conforto e encanto, varando barreiras de um lugar para outro até os locais mais longínquos, perfazendo um circuito nacional, pouco imaginado possível antes. Vale ressaltar, que no século XIX, o Brasil possuía 9.355 km de linhas férreas construídas.

No Maranhão, as primeiras estradas de ferro foram construídas em meados de 1895, substituindo a navegação, que entrava em declínio, como coloca Coutinho (2005:222), ao salientar que “... dentre os fatos mais graves a infligirem no Maranhão existia a das longas estiagens, deixando, quase nu, o *talveg* dos nossos rios, enquanto empresas de navegação existente iam de mal a pior”. Com isso, a linha ferroviária que ligaria São Luís a Caxias foi construída, por volta de 1906. O progresso se estendeu na cidade, o seu parque industrial se desenvolveu e se destacou até mesmo em relação ao da capital. O percurso de Caxias a Timon, na fronteira com o Piauí e junto à Teresina, foi outro fator que facilitou muito o abastecimento do comércio de Caxias.

Na letra da poesia de João do Vale, apresentada mais acima, evoca-se como a relação entre os dois Estados, firmada a partir desse empreendimento, tornou-se uma realidade. Porém, mesmo com a ampliação da cidade, que chegou a ser chamada de “Manchester Caxiense”, para Pessoa (2009), mesmo apresentando características promissora no aspecto econômico, já vivia com bastante dificuldade, e com todos os problemas típicos de uma cidade do interior.

O fato é que toda essa inovação mexeu com as pessoas da cidade, ainda que quem mais usufruiu inicialmente desse transporte tenha sido a classe mais abastada que podia pagar a passagem. Mesmo assim, as chegadas e saídas do trem na estação era um momento festivo,

espaço de sociabilidades, de alegrias e tristezas, de encontros e despedidas, de idas e vindas de pessoas e histórias.

De acordo com Souza (2016, p. 226),

Na estação de Caxias diariamente havia um frequente fluxo de pessoas, a elite intelectual, os grandes comerciantes, os latifundiários e pessoas que tinham posses e podia desfrutar do transporte ferroviário. Se transportar para a capital maranhense de trem naquele período simbolizava status, poder. A movimentação era intensa, o trem transportava cargas de artigos de luxo vindos de fora do país. As pessoas vestiam suas melhores roupas para passearem e observarem o trem chegar de São Luís bem cedo da manhã e ao amanhecer. (SOUZA, 2010, p. 226).

Na Avenida da Esplanada da Estação, onde se encontra instalada até hoje a estação do trem, atualmente desativada, a movimentação era grande; pessoas que iam somente para ver outras pessoas bem vestidas circularem, chegavam para “curiar”, “brechar” as novidades, uns vinham para ver os amigos e os jovens para namorar, como relembra a Sra. Justina em seu depoimento (JUSTINA, 2017).

Souza (2016, p. 230) reafirma a intensidade das mudanças com a chegada do trem:

Caxias repercutiu no Maranhão até meados do século XIX, com uma frenética onda modernizadora de desenvolvimento econômico e social. A estrada de ferro não trouxe apenas o progresso, mas mudanças sociais significativas na postura dos caxienses. Com a estrada de ferro veio o dinamismo do comércio interno, o fetiche da modernidade tomou conta da cidade, o ambiente urbano era afetado por pessoas vindas da capital São Luís, e da Europa no qual circulavam aqui para vender e comprar mercadorias. (SOUZA, 2016, p. 230).

Essa circularidade derivou em mudanças de hábitos e costumes; para a população, eram muitas novidades para uma cidade que ainda carecia de outras tecnologias de comunicação. Nesse espaço/tempo em que existiu a Estação de Trem de Caxias, ela se constituiu em lugar de memória para as pessoas que transitavam por ali, instituindo caminhos e práticas próprias, o que o fez desse espaço um lugar “praticado” (CERTEAU, 1998).

A Estação Ferroviária passou a ser, também, um lugar de negócios, de empreendimentos e de sobrevivência. Pessoas empreendiam com vendas de lanches (café, comida, bombons, sucos) e viam nesse lugar de passagem uma maneira de ter uma renda, ainda que com retornos financeiros pequenos. Na fala da moradora do bairro Galiana, onde fica situada a Estação Ferroviária, a Sra. Justina diz: “... ah! Minha filha nesse período na estação

era um movimento, muitas pessoas que vinham e iam, era um lugar alegre de pessoas arrumadas.” Sobre seu empreendimento, ela coloca; “... então eu vendia na estação pela manhã e a tarde... cocada, frutas o que eu tinha para vender, e pela manhã era cuscuz, era bolo frito, era beiju que eu fazia para vender aqui.”

Para muitos que ainda vivem, essas memórias trazem no bojo da sua fala um tempo de início de muitas mudanças para a cidade, pois a partir desse meio de transporte a cidade se comunicou com outras cidades e o mundo. Tornando-se um espaço plural, de sociabilidade. Ainda que sob o viés da contradição, poucos que tinham a possibilidade de se utilizar desse meio de transporte, muitos que somente acompanhavam essas transformações.

O movimento na esplanada da estação, que se iniciava ainda na madrugada, para o embarque a São Luís, era muito intenso. A Figura 43 mostra um momento de pessoas chegando e partindo, movimentos dentro da estação e aos arredores para aquele contexto era uma novidade espantosa. Essa era a rotina, retratada de forma lúdica num trecho da música de João do Vale. O trem cortava o interior do Estado, soltando fumaça, faísca de lenha. Na fala da Sra. Justina, ela relembra da fumaça que entranhava nos cabelos e nas roupas.

Figura 44 - Movimento na chegada e partida do Trem.



Fonte: IHGC (2016).

Atualmente o prédio da Estação Ferroviária (Figura 45) está sendo utilizado para as atividades do Instituto Histórico e Geográfico Caxiense (IHGC). O trem de carga ainda corta a cidade como outrora, mas com outro significado. A estação continua na Avenida da Esplanada, no Bairro Galiana e muitos dos antigos moradores lembram-se desses momentos que construíram sua memória individual e coletiva, enquanto pertencentes a esse contexto. As memórias que guardam desse lugar estão desenhadas por esse patrimônio histórico, pois no centro da cidade, visível aos olhos, o trem passa e desaparece como um lance de luz. E como diz Tuan, a modernidade nos faz distanciar do tempo passado, como se um não fosse referência ao outro:

Frequentemente o comprimento [distância] é dado em unidades de tempo. O espaço arquitetônico, porque parece refletir os ritmos de sentimento humano, tem sido denominado de “música congelada” – tempo espacializado. A passagem do tempo, ao contrário, é descrita como “comprimento”. O tempo ainda é “volume”, como, por exemplo, quando as pessoas falam dos “grandes momentos” da vida, uma linguagem figurada (...). A vida diária da sociedade moderna requer que estejamos conscientes do espaço e do tempo como dimensões separadas e como transponíveis de uma mesma experiência. (TUAN, 1983, p. 132).

Figura 45 - Estação Ferroviária, atualmente.



Fonte: IHGC (2016).

Hoje, sua presença discreta, silenciosa e tímida, aos poucos perde a atração e o encanto de outrora, seja pela falta de conhecimento ou mesmo de descaso por parte daqueles que poderiam dar visibilidade a um passado que compôs a história de muitos. No entanto, é no presente e não no passado, que o processo de distanciamento da comunidade fortalece a ação do esquecimento. A leitura do patrimônio como lugar de memória, através dos seus saberes mais singulares, é a passagem do reencontro do presente com o passado.

### **3.1.5 A mesma praça, o mesmo banco o mesmo jardim: histórias a serem contadas**

Falar a respeito de praças me encanta. O tema conduz a várias reflexões, pois sempre estiveram presentes na história das cidades. São lugares livres e públicos, de grande valor para a sociabilidade das pessoas, contendo um repertório urbano marcado pela convivência humana em tempos diferentes e dimensões distintas. As praças, ao longo do tempo, tornaram-se cenários de díspares eventos e concretizaram papéis diferenciados na sociedade. Ponto de reunião, de cerimônias oficiais, de festejos, de encontros e convivências, locais em que são legitimados valores sociais. Portanto, espaços de história, memória e patrimônio.

Dentre muitos espaços encontrados na cidade, as praças são vistas como lugares de lazer, entretenimento destinado à prática de relações sociais, são áreas urbanas, públicas, destinadas a passatempo da família, amigos, casais. São lugares de sociabilidade, de reprodução de vida social. Ainda que seja a mesma praça, com o mesmo banco, as mesmas flores e o mesmo jardim, para utilizar um trecho da canção de Ronnie Von.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade- lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

Destarte, a praça é um local onde sujeitos da comunidade podem praticar relações sociais, no âmbito das manifestações culturais, festivos, artísticos e intelectuais, onde “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). As praças são lugares comuns, que dão vida ao cotidiano da cidade. Caxias tem uma imagem muito receptiva sobre suas praças, e são muitas espalhadas por toda a cidade.

A Praça Cândido Mendes, que tem a seu lado a Igreja Nossa Senhora da Conceição (Matriz), e com ela o festejo do mesmo santo.

A Praça Gonçalves Dias, que homenageia o poeta que carrega seu nome. É também conhecida como a “Praça dos Namorados”, pois aqui muitos casais se encontravam, era ponto de encontro, onde as moças andavam em sentido anti-horário para se encontrar com o “paquera”, especialmente entre os anos 1955 a 1960. Há relatos de pessoas da comunidade que dizem que no local da praça existia um poço e que Gonçalves Dias sentava-se a beira desse poço para fazer suas poesias.

A Praça Vespasiano Ramos (conhecida também por Praça de São Benedito), que leva o nome do poeta caxiense; a Praça Rui Barbosa, em homenagem ao escritor, parlamentar e estadista. A Praça Duque de Caxias, que recebeu o nome em alusão ao Marechal Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), um dos líderes do combate das tropas portuguesas contra os Balaios, durante a Guerra da Balaiada.

Além dessas mencionadas acima, há um repertório de muitas outras praças espalhadas em toda a cidade, cada uma com sua importância e particularidade, própria ao bairro onde se situa e a história da cidade.

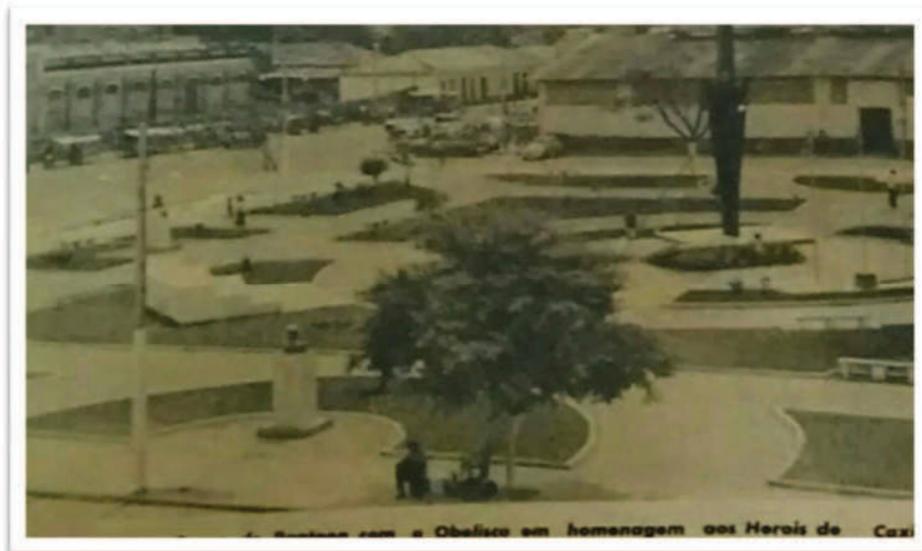
Porém, é da Praça Panteon, ou Dias Carneiro, que trataremos de forma mais aprofundada, por ter sido mencionada nas narrativas dos moradores entrevistados.

A Praça Dias Carneiro (Figuras 46 e 47), mais conhecida como Panteon<sup>19</sup> pelos caxienses, localiza-se no centro da cidade, entre a Avenida Getúlio Vargas e a Travessa Desembargador Morato. Ao redor da praça, há monumentos que simbolizam o passado e o presente. A praça fica no meio de um espaço altamente simbólico: à esquerda, está a Prefeitura Municipal e o antigo prédio do Mercado Público; ao lado direito, os Correios e o Colégio São José, além da Câmara Municipal, o prédio da União Artística Operária Caxiense e a antiga fábrica de tecidos e algodão (Companhia Têxtil União Caxiense S/A).

---

<sup>19</sup>O nome oficial foi dado em referência a um dos grandes empreendedores da cidade, sócio da Companhia Têxtil União Caxiense S/A”. No entanto, anteriormente, era chamada de Praça da Independência D. Pedro II

Figura 46 - Praça com os bustos dos poetas.



Fonte: IHGC (2016).

Figura 47 - Praça Panteon, na atualidade.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O nome Panteon foi dado em homenagem aos poetas que deram visibilidade nacional a cidade. Os moradores da cidade conhecem a praça muito mais por esse nome, identificando-a através dos bustos dispostos em seu interior (Figura 48).

A Praça Dias Carneiro ficou conhecida como Panteon, porque ela homenageia os literatos caxienses, que engrandecem a cidade e o país, que são: Gonçalves Dias, Coelho Neto, Vespasiano Ramos e Dias Carneiro, (04 bustos). Nela conta com duas tribunas ao ar livre, um obelisco e jardins (BATISTA, 1992, p. 59).

Figura 48 - Acima, à esquerda, busto de Gonçalves Dias; à direita, busto de Coelho Neto. Abaixo, à esquerda, busto de Vespasiano Ramos; à direita, busto de Dias Carneiro.



Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Como podemos perceber, a Praça Dias Carneiro (Panteon) tem, na sua localização, referências que se interligam; por estar em um ponto estratégico, permite o movimento diário da cidade, ambiente de passagem, de sociabilidades as quais abrangem uma imensa gama de interações sociais e identidades com o passado, sendo importante não só por seu conjunto de

materialidade, mas também como um lugar de pluralidade e representação sociocultural dos moradores. A praça é extensão também da representação de práticas sociais e da reprodução da memória.

Para o historiador, as vozes da memória são processos sociais ativos. São essenciais tanto para a produção de novas fontes históricas como para a prática de preservação da documentação já existente. (...) ao historiador cabe estimular e contribuir para que as condições de registro desse tipo de memória possam se efetivar. (DELGADO, 2006, p. 48).

Na fala dos entrevistados, em suas memórias, a praça tem representação muito rica de simbologias que a tornam viva em qualquer período e contexto social. As memórias que guardam se intercalam com o momento atual; o lugar tem o mesmo banco, o mesmo jardim, embora as pessoas que circulam hoje certamente são outras, mais que tornam a fazer dela, um instrumento de socialização de experiências comuns, quer seja no aspecto político, poético, festivo. É um lugar carregado de significados entre o presente e o passado. Pela sua localização e importância na história da cidade, a Praça Dias Carneiro, a “Panteon” de todos, é significativa para a construção da identidade coletiva dos caxienses.

### **3.1.6 A escola: fios de memória**

O recorte aqui sugerido se deu a partir das lembranças de dois dos entrevistados dessa pesquisa, em que a Escola João Lisboa foi relatada como uma das mais antigas onde muitos personagens ilustres estudaram, sendo conhecida como uma das primeiras escolas na cidade de Caxias. Assim, o objetivo é compreender como a Escola João Lisboa se fez presente no cotidiano das pessoas e como ela continua viva na memória, uma vez que a escola ainda é atuante no processo de escolarização das crianças e jovens da cidade. Não obstante, conhecer a história desta instituição e sua relevância ratifica seu papel na história da educação da cidade, que tem contribuído para com a sociedade caxiense desde o período de sua fundação, no ano de 1919.

Compreender as reminiscências dos que vivenciaram os ambientes escolares nos conduz a refletir os acontecimentos ocorridos no espaço escolar, e que as vezes não a encontramos registrados em documentos, como diz Gonçalves:

Conhecer a maneira como a escola, se produziu nas relações cotidianas a é voltar-se para seu funcionamento interno, o lugar que é possível apreender a cultura que ali se produziu no longo do tempo histórico. No cotidiano de uma escola são estabelecidas várias relações, que vão desde as relações de amizade às relações mais complexas, impostas pela vida profissional. Essas várias relações não são fáceis de ser analisadas isoladamente. São imbricadas, fazendo parte integral da formação das pessoas, que ao adentrar a vida escolar o faz carregando consigo a sua história de vida, o seu caráter, a sua crença, o seu ser. (GONÇALVES, 2006, p. 133).

Nesse sentido, muitos aspectos marcam o cotidiano dos grupos escolares; e as escolas estão na memória dos que vivenciaram esses momentos, repletos de sentimento, representados nos objetos como mobília, lousa, cartilhas, mapas, os rituais, hino, desfile, orações, filas, fardas, ‘oratórios’ que são simbologias que fazem parte do ritual da escola da cultura escolar. Todos esses elementos nos provocam a reflexão sobre os registros da memória que permeiam a escola.

Para melhor compreender o contexto da Escola João Lisboa, no âmbito da história de Caxias, buscamos fazer uma rápida digressão nos próprios fundamentos da história da educação no Brasil, uma vez que essa instituição acompanhou o processo econômico e político que passou o país.

No ano de 1889, ao se instaurar a República, uma das preocupações era com a valorização da educação, tendo esta passado por inúmeras intervenções e reformas. A educação passou a ser a principal preocupação no discurso dos sucessivos governos, os quais defendiam um ensino primário laico, obrigatório e gratuito.

Uma dicotomia se assentava entre o discurso e a prática, um ensino marcado por uma dualidade: para as massas, uma escola elementar e profissional e para as elites uma educação científica, atendendo aos interesses sociais, econômicos e políticos dessas últimas. As ações mais significativas dos governos constituíram-se na reestruturação das escolas normais e na criação dos grupos escolares. Nessa senda, o governo instituiu, em 1893, os primeiros grupos escolares, instituições de ensino primário, com a finalidade de preparar os filhos da população mais carente, proposta que se contrapunha à escola primária do período imperial.

Observa-se que o objetivo do ensino primário tivera como finalidade atender as necessidades sociais, econômicas e políticas que passava o país nesse período da consolidação da República e implantação da industrialização, que necessitava de “pessoas preparadas”, ou seja, de mão de obra barata e qualificada, para atender as demandas do

momento. Não obstante, foram criadas leis, decretos e reformas para o ensino brasileiro, a exemplo da Reforma Benjamin Constant, no ano de 1890 que, como ratifica Romanelli (2007, p. 42), “[...] tentou a substituição do currículo acadêmico por um currículo enciclopédico, [...] consagrou o ensino seriado, deu maior organicidade ao sistema todo.” (PEREIRA, 2015).

A Reforma Epitácio Pessoa, de 1901, alterou alguns aspectos no ensino secundário que passa para 6 anos; porém, a proposta de preparar o aluno para o curso superior se fazia presente. No ano de 1911, a Lei Orgânica Rivadávia Corrêa foi aprovada e resultou num retrocesso em que o ensino voltaria a ser parcelado e o Estado perdeu algumas conquistas, como exemplo na emissão de títulos e diplomas (SANTOS, 2009). Com a reforma de Carlos Maximiliano, em 1915, há mudanças que resultaram no fim do ensino parcelado e estruturou o ensino superior, organizou e criou o vestibular e a obrigatoriedade do ensino secundário para acesso ao ensino superior. Por último, a Reforma de Rocha Vaz, em 1925, visa sistematizar normas para o ensino, primário e secundário.

Alguns avanços se faziam concretizar, como a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024 de 20/12/1961), que para Romanelli (2007) não representou o que na verdade o ensino estava necessitando, tornando-se uma lei inoperante. Somente após dez anos da primeira LDB, mudanças significativas na educação brasileira ocorreram pela Lei 5.692, de agosto de 1971, fazendo a junção do ensino primário e o ginásial, tornando-os ensino de primeiro grau, com duração de oito anos, não mais existindo ensino primário e tão somente os grupos escolares.

Quando foi iniciada a criação dos grupos escolares (SOUZA, 2008), estes se organizavam nos moldes de escolas graduadas, em contraposição à escola unitária. Os grupos escolares eram diferentes das escolas isoladas, que funcionavam sob responsabilidade de uma única professora que ensinava diferentes classes de alunos numa mesma sala; as séries eram atendidas em um único prédio, sendo que nos seus primeiros anos haviam turmas masculinas e femininas.

A expansão em larga escala desses grupos escolares só ocorreu na década de 1950. No Estado do Maranhão, os grupos escolares inicialmente foram criados em São Luís, capital do Estado, no ano de 1903 e, no ano de 1905, dois anos depois, nos demais municípios do interior (PEREIRA, 2015).

Preconiza Santos (2009, p. 12) que, pela Lei Estadual nº 323 de 26 de março de 1903, o Estado do Maranhão transformou em grupos escolares as escolas estaduais que

funcionavam em toda a redondeza da capital, São Luís. E em 1905, autoriza a criação de grupos escolares no interior do Estado; a sua expansão em maior escala desses grupos se dá na década de 1950.

A Escola João Lisboa (Figuras 49 e 50) foi o primeiro grupo escolar criado na cidade de Caxias pelo governo do Estado, na gestão do Dr. Benedito Leite e funcionava com ensino primário do 1º ao 5º ano; recebeu este nome em homenagem ao escritor maranhense João Francisco Lisboa.<sup>20</sup>, no ano de 1919. De acordo com Medeiros (2005), ainda há grupos escolares existentes referentes a época, tais como Grupo Escolar Gonçalves Dias, Grupo Escolar Coelho Neto, Grupo Escolar Silvandira Guimarães, Grupo Escolar João da Costa Alecrim, Grupo Escolar Dias Carneiro e Grupo Escolar Vespasiano Ramos.

Era comum, para a construção dos prédios dos grupos escolares, serem escolhidos sempre espaços urbanos, em capitais e cidades que normalmente possuíam uma economia ativa (SANTOS, 2009). Podemos ratificar isso exemplificando com o local de estabelecimento do Grupo Escolar João Lisboa, que esteve bem localizado no centro da cidade, próximo a praças e outras instituições de grande representatividade, a exemplo do prédio do FÓRUM, que fica em frente à Praça Gonçalves Dias, local de circulação permanente de pessoas. Atualmente, está situado à Rua 1º de Agosto, próximo a Igreja Catedral e outros comércios, o que mostra ainda a importância política que os grupos escolares exerciam junto aos outros setores da sociedade.

---

<sup>20</sup> O homenageado, João Francisco Lisboa, nasceu no dia 22 de março de 1812, na cidade de Pirapemas, MA. Foi jornalista, crítico, historiador, orador, político e é patrono da cadeira 18 da Academia Brasileira de Letras.

Figura 49 - Fachada da Escola João Lisboa, onde funciona atualmente.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 50 - Escola João Lisboa e vista da Rua 1º de Agosto.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A partir do que foi visto acima, a respeito da história da Escola João Lisboa, e articulando com as memórias de dois dos depoentes, José Alexandrino de Abreu e Justina Neves de Assunção, que a mencionaram em seus depoimentos, revelando-a como elementos

vivos de suas memórias, podemos asseverar que, para a sociedade de Caxias, a escola tem uma representatividade enorme na configuração da história local e na formação de uma identidade coletiva.

Nessa vertente, podemos indagar: quais memórias a escola guarda em seus 90 anos de contribuição à cidade? Quais transformações aconteceram e como elas foram percebidas pela sociedade? Nesse sentido, é interessante notar que os depoentes que a mencionaram em suas reminiscências, o fazem a partir de outros lugares (Bairros Cangalheiro e Galiana), embora próximos ao Bairro Centro, onde se localiza a escola.

Em conversas e visitas na supracitada escola, a mesma foi e continua sendo uma escola com muita disciplina e organização, tendo uma representatividade educacional relevante para a cidade, pois muitas pessoas que a frequentaram eram de elite, hoje, políticos, professores, médicos, dentistas entre outros, o que leva as famílias a desejarem que seus filhos estudem na Escola João Lisboa. O importante é que tudo isso não se perdeu no tempo, vindo até aos dias atuais: em época de matrícula, mães pernoitam na porta da escola para conseguir vaga.

Nessa linha de reflexão, percebemos como a escola, com as transformações que ocorreram, não perdeu seu objeto e foco principal, formar alunos com compromisso e ética; um legado deixado pelos primeiros diretores, professores, funcionários, alunos e pais.

### **3.1.7 As Ruínas da Balaiada: passado e consciência**

A Balaiada, tão conhecida por toda nação brasileira, mas tão esquecida em nosso solo, que serviu de espaço de combate para uma revolução singular por terras do Maranhão, possui uma produção historiográfica que não apresenta uma unidade sobre a motivação dos Balaios.

Sendo um movimento social ocorrido no século XIX, entre 1838 a 1841, nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará, Caxias foi essencialmente uma das cidades ocupadas pelos balaios, onde se registra ainda em suas memórias esse sangrento conflito. A cidade, por ter elementos que para eles - os Balaios - ofereciam condições estratégicas, foi escolhida para sediar o movimento contrário ao poder da aristocracia que dominavam a região, precisamente no ano de 1838 (COUTINHO, 2005).

Com o objetivo de libertar seu irmão, preso em vila Manga (atualmente a cidade de Nina Rodrigues), em dezembro de 1838, Raimundo Gomes, o líder do movimento, também tinha como propósito libertar todos os outros presos naquela vila. O governo imperial se organizou para atacá-los, resultando na vitória dos Balaios. Para combater esse movimento, foi nomeado o Coronel Luis Alves de Lima e Silva, então governador da Província do Maranhão e comandante das forças militares. Conhecido mais tarde pelos seus feitos e derrubando por total o conflito, reconquistou a Vila de Caxias, construindo um forte no Morro das Tabocas (Figura 51), que tempos depois passou a ser chamado de Morro do Alecrim, a fim de dar suporte às ações de repressão ao movimento em Caxias e em outras cidades e vilas vizinhas (COSTA, 2010, p. 341).

Figura 51 - Ruínas do antigo Quartel da Balaiada.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A reconstituição histórica do combate ocorrido entre Balaios e soldados combatentes das forças lideradas pelo comandante da tropas militar do Maranhão se deu-se pelo esforço de um grupo de pessoas apoiado pela Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o Ministério da Cultura, que desenvolveram um projeto de prospecção arqueológica nas Ruínas

do Quartel, com participação do IPHAN, através do arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho, responsável pelos trabalhos de escavações juntamente com alunos dos cursos de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão e com apoio e acompanhamento do exército. Dessa busca, foram encontrados artefatos (Figura 52) oriundos do combate entre soldados e balaios (COSTA, 2010).

Figura 52 - Artefatos encontrados nas escavações do Quartel da Balaiada.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A partir do mapeamento da área, e dos artefatos encontrados, referentes ao conflito ocorrido entre esses dois grupos opositores, iniciou-se o projeto de construção de um memorial que abrigasse as histórias e preservasse as memórias ainda existentes.

O Memorial da Balaiada (Figuras 53 e 54), de acordo com a Gestora Mercilene Barbosa, possui um acervo eclético composto com 356 peças que ficam expostas de forma que o visitante possa compreender o contexto histórico da Balaiada. É feita uma narrativa oral sobre a história da guerra, em visitas guiadas que duram aproximadamente 2 horas, expondo todo o

contexto da guerra e apresentando, a partir dos objetos, a referida história. No acervo existem armas, moedas de época, xilogravura, quadros de artistas caxienses, como Antônio Oliveira e Tita Rego Silva.

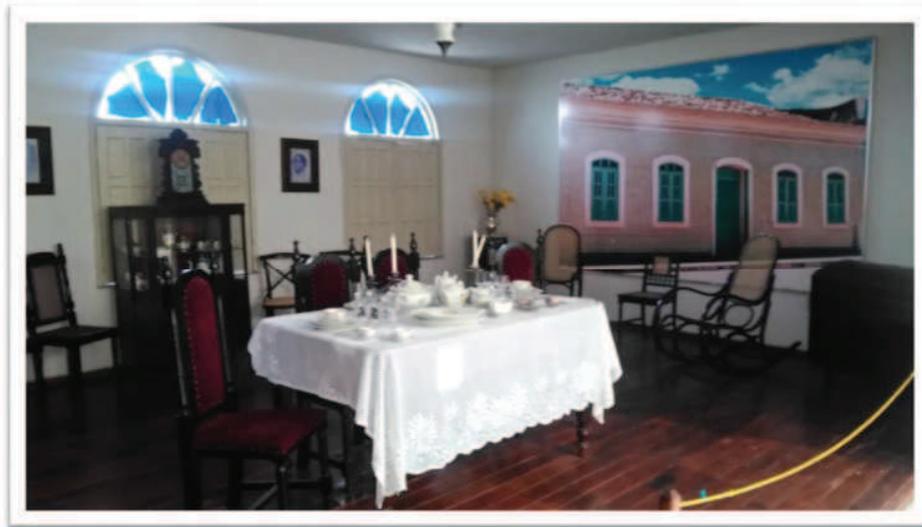
Há vitrines onde se podem observar chaves de casarões históricos da cidade de Caxias, edificados no século XIX, objetos recolhidos em cemitérios, como vasos do ano de 1862, que mostra o período em que as pessoas ricas da sociedade eram enterradas com toda uma ornamentação diferenciada, documentos dos séculos XVIII, XIX e XX, relacionados ao contexto da cidade, como inventários, procurações, testamentos, alvarás, cartas de alforria etc. O Memorial da Balaiada foi entregue para a sociedade em 26 de junho de 2004, e recebe pessoas da cidade e da região, turistas de outras localidades, inclusive estrangeiros, além de alunos de Ensino Básico e superior.

Figura 53 - Prédio onde funciona o Memorial da Balaiada.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Figura 54 - Interior do Memorial da Balaiada.



Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Esse foi um espaço que surgiu constantemente nos relatos de memórias dos entrevistados desse trabalho, tendo-se aqui a possibilidade de apresentar um pouco do que representou esse movimento para a história da cidade, o que é muito significativo, pois ainda se percebe um desconhecimento de parte da população sobre o assunto.

Assim, o papel do pesquisador é também o de aproximar as pessoas ao objeto estudado, nesse caso, a história da cidade, ainda que possa haver a possibilidade de uma manipulação desse passado, mas que a escrita da história pode conter contradições (Certeau, 1998). É possível perceber esse discurso contraditório na disposição das estátuas dos combatentes, colocadas em frente ao Memorial da Balaiada: Balaios e soldados; heróis e opressores. Será que há um discurso representado nessas imagens? Acredito, é claro, que sim!

Na historiografia, vemos que Duque de Caxias praticou exacerbadas atitudes cruéis e preconceituosas contra os revoltosos, especialmente, contra os negros (Morais (2008). Isso denota que o que está constituído oficialmente pode não condizer com o que de fato ocorreu, isso dito pelas vozes de quem viveu ou conviveu com pessoas que tem lembranças desse episódio, que marcou a história de vida, individual e/ou coletivamente. Certeau (1998:95) nos lembra que:

Os conhecimentos e as simbologias impostas são objetos de manipulação pelos praticados que são fabricantes. A linguagem produzida por uma categoria social dispõe de poder de estender suas conquistas à vastas regiões do seu meio ambiente “desertos” onde parece não haver nada de tão articulado, mas se vê prisioneira nas armadilhas de sua assimilação por um maquis de procedimentos que suas próprias vitórias fazem invisível ao ocupante. (CERTEAU, 1998, p. 95).

Dessa forma, as práticas de escrita da história são as estratégias organizadas pelo “postulado de um poder” que demanda do lugar de onde está sendo construída essa história. O Memorial da Balaiada, nesse sentido, surgiu com o intuito de apresentar uma historiografia sobre esse movimento, cujo espaço tem uma representatividade simbólica ancorada nos artefatos desse passado, vistos como patrimônio, que faz dele um lugar de guarda de tudo que, em um dado tempo e período da história, a cidade vivenciou.

Os lugares que trouxemos, nesse capítulo, fazem parte da história das pessoas que neles viveram ou que deles ouviram falar. A Fábrica Têxtil, a Estação de Trem, o Clube União, a Praça Panteon, as igrejas de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição, a Escola João Lisboa e as Ruínas da Balaiada estão vivos a partir dos testemunhos, de alguma forma recuperados na memória, mesmo que esta se encontre na dualidade entre o esquecer e o lembrar. A história e a memória podem nem sempre estarem em acordo, mas são seus testemunhos que dão garantia à continuidade da história.

A valorização de todos esses espaços e outros que não foram relatados pelos entrevistados são, da mesma forma, importantes e fazem dessa história algo singular, tal qual o Sr. Juciê, o Sr. Abreu, a Sra. Maria de Jesus, a Sra. Justina e o Sr. João os perceberam.

Desta forma, assim como os narradores, acima mencionados, lembram dos acontecimentos da vida cultural do bairro, colocam-se como personagens dessa história, como alguém que fez parte de um momento importante.

Foram essas vozes, de pessoas comuns da cidade, que apresentaram, a partir do lugar da sua fala, sua leitura de mundo, suas memórias fragmentadas, uma possibilidade outra de apreender e contar uma história da cidade. É perceptível que a construção de identidades, no contexto urbano, constrói-se mediante o sentimento de pertencimento ao lugar de onde fala, grupos sociais e as redes de relacionamento. Na cidade, os moradores se colocam diante da motivação e do papel que desempenha ou desempenhou. Daí a relevância dos seus relatos orais para a pesquisa, os locais de estudo foram desenhados na sua fala, registros que marcaram a sua memória, resultando em elementos importantes para a análise sobre que dizem os professores

da área de história no capítulo subsequente.



Fonte: Cordeiro (2017).

---

## CAPÍTULO IV

### **RESISTÊNCIA AO TEMPO: contributos para a produção de uma história da cidade**

*“A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.”*

*(Roland Barthes, A Aventura Semiológica)*

Nesse Capítulo, que se dá o título de *Resistência ao tempo: contributos para a produção de uma história da cidade*, apresenta-se os espaços educativos e sociais que mediam a comunicação sobre a história local. É apresentado o olhar de 03 professores que operam em espaços distintos da cidade, sendo 01 profissional que atua no Ensino Básico, no Ensino Superior e Memorial da Balaiada. Estabelece-se, a partir do seu olhar e do lugar de sua fala, como percebem, na construção da memória de Caxias, a divulgação da história da cidade. A percepção desses professores foi analisada e comparada com o discurso produzido pelos narradores moradores dos bairros selecionados da cidade, apresentados no capítulo anterior. Por sua vez, este capítulo está estruturado da seguinte forma: A escrita da História da cidade; Intercruzando olhares: uma análise das vozes dos professores de história.

#### **4.1 A escrita da História da cidade**

Para entender os sentidos que permeiam a história da cidade, fizemos um percurso reflexivo sobre Caxias, cenário histórico do Estado, num período em que ocorrem muitas transformações, ameaças e dissipação de referências que garantam a identidade cultural de um povo, as quais geraram dúvidas quanto à maneira de atuar sobre a herança cultural da sociedade.

Por que escrever sobre a história da cidade, a partir do seu patrimônio cultural? Toda cidade precisa ter livros tratando da sua história e da sua cultura, independentemente dos desígnios do mercado (SANTOS, 2003, p. 21). A importância desses registros é para manter a continuidade da história, especialmente para as gerações mais jovens, sendo necessário desenvolver ações que possam trazer à tona os fragmentos de sua existência. Isto não significa somente resgatar um passado; não seria essa a tarefa, mesmo porque isso seria impossível, pois esse passado se foi (SANTOS, 2003), mas sim buscar a sua reconstrução, ainda que passe constantemente por reavaliações (CASSIRER, 1994). Toda e qualquer narrativa historiográfica necessita ser relida.

Certeau (2006), ao analisar o conceito de historiografia, apresenta-nos um paradoxo entre “história” e “escrita”. Refletir sobre o discurso a partir do tempo e da história exige que sejam estudados os problemas de método, mote que o preocupou e que preocupa os historiadores. Críticas foram feitas sobre o conceito de história e memória, discussão que vem sendo travada desde o século XIX. Os historiadores estão sempre perguntando como proceder no “fazer a história”, indagando o lugar da produção do saber histórico e as práticas que organizam a construção das narrativas.

[...] existe em cada história um processo de significação que visa sempre preencher o sentido da história: o historiador é aquele que reúne menos os fatos do que os significantes. Ele parece contar os fatos, enquanto efetivamente, enuncia sentidos que, aliás, remetem o notado a uma concepção do notável. (CERTEAU, 2006, p. 52).

Importante trazer para o centro do debate a noção de história oral, que se utiliza das narrativas orais para a pesquisa em história. Os testemunhos pessoais são considerados proeminentes, pois o sujeito representa um determinado grupo e este, no seu caminho particular, traz os fragmentos da trajetória do grupo. Ele organiza suas lembranças procurando harmonizá-las com a identidade que busca construir para si. Essa termina sendo uma preocupação tanto do indivíduo como do grupo, que busca elaborar uma narrativa coerente sobre sua história de vida e que tenha um sentimento de unidade. Assim, podemos compreender que narrar uma história, talvez, seja a maneira mais importante para se organizar e expressar a história do cotidiano. Para melhor compreender essa discussão, buscamos novamente ajuda em Michel de Certeau,

[...] para explicitar a relação da teoria com os procedimentos dos quais é feito e com aqueles que aborda, oferece-se uma ‘possibilidade’: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus procedimentos e táticas próprios. A partir de Marx e Freud (para não remontar mais acima), não faltam exemplos autorizados. Foucault declara, aliás, que está escrevendo apenas histórias ou ‘relatos’. Por seu lado, Bourdieu toma relatos como a vanguarda e a referência de seu sistema. (...) Não seria necessário reconhecer a legitimidade ‘científica’ supondo que em vez de ser um resto ineliminável ou ainda a eliminar do discurso, a narratividade tem ali uma função necessária, e supondo que ‘uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas’, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? (...) Isto seria sobretudo restituir importância ‘científica’ ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre ‘narra’ as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário, é um ‘saber-dizer’ exatamente ajustado a seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. (CERTEAU, 1998, p. 152-153).

Na citação acima, Certeau aborda que fazer uma narrativa não significa fazer uma descrição da história clássica do passado, mas uma releitura a partir da fala de quem viveu ou vive naquele contexto social. Nesse sentido, o discurso científico se apoia no discurso popular, e ambos se imbricam no processo de saber fazer e dizer; a narratividade encontra sua posição na relação entre a teoria e a prática. O que se observa é que não existe obrigação cartorial com

a história clássica, mas uma necessidade de criar uma aproximação com a realidade, possibilitar um mecanismo para narrar a história, uma forma de contá-la, um exercício na *arte de contar histórias*, tão extraordinária para quem vive o cotidiano do *aprender ensinar*. Nesse processo de idas e vindas desses relatos, exerce-se a *arte de pensar* (CERTEAU,1998).

É possível observar que o mundo pode ser visto através das narrativas, pois a vida é estruturada da forma como nós a percebemos, seja através da história contada oralmente ou através de diferentes signos com suas simbologias: gestos, falas, sinais, entre outros.

Narrar uma história faz parte do cotidiano da vida de toda criança. Ao ouvir as histórias contadas, as crianças vão se envolvendo com as personagens e participando da vida delas. Esse processo dialético de se perceber na história a realidade da vida das personagens desperta na criança um desejo de criar e recriar outras histórias, como é lembrado no trecho da obra de Monteiro Lobato:

- [...] - São as minhas memórias, dona Benta.
- Que memórias, Emília?
- As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento, estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio numa fita para a Paramount.
- Emília! - Exclamou dona Benta.
- Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?
- Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver. (LOBATO, 1950, p. 129).

Isto remete à ideia original das narrativas no processo de formação da pessoa e a sua grande influência no processo de criar, recriar, pensar, organizar, construir e desconstruir ideias. No trecho da obra de Lobato (1950), a personagem cria no seu imaginário a versão da sua estória que considera “real”. E assim o fazemos no cotidiano de nossas próprias histórias, contamos em algumas situações o que para nós é relevante. Nesta perspectiva, percebe-se a riqueza desses aspectos no processo de formação humana e que se apresenta em várias situações, desde atividades informais às atividades formais.

Constantemente, observou-se a utilização das narrativas nas situações de investigação social. Ela se apresenta como linguagem articulada, oral, escrita, imagem fixa ou móvel, pelo gesto. Está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias

em quadrinhos, na conversação (BARTHES, 2008). As narrativas estão presentes nas histórias de vida da humanidade, em todas as sociedades.

A narrativa, como objeto da ciência, nasceu nas Ciências Humanas, mais especificamente na Linguística, que objetiva descrever ou explicar a linguagem verbal humana. Narrativa é uma tradição de contar um acontecimento em forma sequencial, cuja composição mais simples inclui meio e fim, tendo em sua estrutura cinco elementos essenciais: o enredo (conforme fatos), as personagens (quem faz a ação), o tempo (época em que se passa a história, duração da história), o espaço (lugar em se passa a ação) e o ambiente (espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas onde vivem as personagens).

Esta compreensão de se perceber que as narrativas dos sujeitos são as representações da sua realidade e estão repletas de ressignificados e reinterpretções, abre um vasto caminho de possibilidades em revelar universos subjetivamente visíveis. A pessoa, quando destaca determinados momentos de sua vida, tende a suprimir, reforçar ou esquecer determinadas situações. São justamente estes aspectos ressaltados ou esquecidos que poderão ser interpretados como elementos importantes no processo de pesquisa, pois o exercício da memória, neste aspecto, poderá evidenciar sentimentos, talvez, antes não percebidos, provocando mudanças na maneira como as pessoas se percebem.

Para Souza (2006, p. 124), “as memórias passam a manifestar a vontade de dizer exatamente aquilo que escapou aos primeiros papéis, colocando no texto um olhar privilegiado; as memórias são escritas visando um público, a ele destinadas.” A memória, como afirma Bosi (1994, apud OLIVEIRA, 2006, p. 180), “não é vista como sonho, mas como trabalho. Trabalho representado pelas experiências e vivências construídas no percurso das suas práticas.”

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

As narrativas provocam este sentimento no sujeito, pois permite, diante das representações, propiciar processos de reflexões individuais e também coletivas. Os registros traduzidos na escrita e na realidade apresentam processos significativos de aprendizagem que se transformam pelo movimento dos tempos. Narrar histórias é uma experiência humana muito

vasta, no tempo e espaço, a exemplo de como os gregos contaram a *Iliada*, o texto da literatura universal que narra a célebre “Guerra de Tróia”.

A cultura narrativa tem ampla importância, pois os espaços e os tempos cotidianos, de certa forma, contemplam os conhecimentos duradouros e podem ser repetidos, embora não garantam a fixação desses conteúdos, mas permitem uma evolução e uma história.

A memória cotidiana desenvolvida nos múltiplos contextos socioculturais em que vivemos é muito diferente daquela das narrativas escritas nos romances, o que demanda trazer a baila uma narrativa que não é linear nem progressiva, mas vista de “baixo”. Todas as formas de narrar são necessárias para a construção de novos conhecimentos. Assim, naturalmente, toda a narrativa apresenta certo enredo; uma história pode ser parada e ficar sem uma finalização se, no momento, a lembrança de algum novo fato surge e ganha alguma importância.

Como afirma Halbwachs, a memória tem um caráter múltiplo, no sentido em que cada grupo cultiva um conjunto particular de lembranças. Por ser seletiva, a memória não abarca todos os eventos do passado, quer seja pelos processos de ajustes e de escolhas desses eventos, quer seja por alguma outra razão, mas contribuem diretamente para a formação de identidades positivas. É sobre esses aspectos que iremos refletir, trazendo mais uma vez Certeau (1998, p. 157-158),

[...] questão de “idade” dizem os textos à irreflexão da juventude, eles opõem “a experiência do ancião”. Este saber se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. Não tem enunciados geral e abstrato, nem lugar próprio é uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desfiando as suas singularidades instituídas por muitos acontecimentos onde circula sem possuí-los (cada um deles é passado, perda de lugar, mas brilho de tempo), ela suspeita e prevê também “as vias múltiplas do futuro” combinando as particularidades antecedentes ou possíveis. (CERTEAU, 1998, p. 157-158).

Todas as formas de apreensão desses saberes e do lugar de onde se fala são importantes para a produção do conhecimento histórico, e como bem diz Certeau, não podemos separar o velho e o novo, o oficial do não oficial; não há combinação para obter um resultado linear, pois a vida cotidiana não obedece a rituais cristalizados, uma vez que é feita de acontecimentos múltiplos, importantes e necessários para a difusão da história.

Nesse sentido, situar a história da cidade a partir das narrativas, sejam escritas ou orais, das pessoas que nela vivem suas singularidades vistas na paisagem, na arquitetura, nos fragmentos de memórias daqueles que viveram e que vivem em seu cotidiano essa prática da

construção e produção dessa escrita da história a partir do que a cidade representa, é muito desafiador, sobretudo porque não serão “invenções”, mas realidade de um tempo que não volta e que estão “impressas” nessas memórias. Como bem diz Almeida sobre a cidade de Caxias,

De fato ao caminhar pelas ruas, surpreende a forma como o espaço se encontra marcado, a diversidade de indivíduos, grupos e formas de apropriação do lugar. Neste cenário, que é vivenciado, as pessoas fazem papel de ator e espectador. A opulência e expressividade do casario colonial, dos monumentos públicos e religiosos e a riqueza artística encontrada no interior das igrejas fornecem a dimensão da importância desde núcleo a partir de meados do século XIX, ou como se atribui nesse período da *belle époque* de Caxias. (ALMEIDA, 2010, p. 153).

Esses lugares, coisas e fazeres, que estão na memória das pessoas, são referências de um passado que está em seus imaginários, seja nas mais velhas como nas mais jovens. Todos trazem à memória uma cidade que tem relação com um passado rico e heroico, com o poeta Gonçalves Dias, com a Balaiada, com os festejos São Benedito, com casarões antigos e tantas outras denominações que faz da cidade um lugar de memórias.

Escrever sobre a história da cidade, trazer o passado ao presente, numa dinâmica que busca sentir a cidade através dos olhares de seus moradores e a dimensão que essa construção memorialística sobre os diferentes espaços e situações vai ganhando, torna-se um meio de reconstituir identidades e não as deixar esquecidas.

Caracterizamos os cidadãos como uma comunidade dialógica no campo de uma esfera semântica; igualmente nos reconhecemos como configuradores de um pensamento sobre os modos do tempo ali vividos. Consideramos que a leitura da cidade pode se dar de várias formas além das narrativas orais; com base em imagens e fotografias é possível compreender o significado de sua história, como uma das maneiras de leitura, uma vez que estará sujeita ao olhar do observador. As imagens possuem características bem particulares na relação com os estudos históricos. Tendem a ter uma função no sentido de desfazer e refazer o mundo a partir do senso comum e histórico. Desenvolvem redes e criam outras formas de relacionar-se com o tempo. Em especial, nesse caso, o passado é vivido como presente.

As imagens da cidade têm caráter cultural e coletivo, todos compartilham, no tempo e no espaço, dos momentos de forma equivalentes, resultando na construção das imagens. Pois são representações que contém uma concepção ideológica que faz conexão entre o homem e o espaço. São ideias formalizadas de um tempo passado, que serão observadas segundo a ideologia do observador.

São esses discursos, transmitidos nas imagens, que nos possibilitam compreender a memória desse passado. Toda cidade, seja grande ou pequena, tem um artista, um fotógrafo que é conhecido por todos e que registra os acontecimentos mais particulares do cotidiano das pessoas, desde batizados, aniversários, casamentos, participação em festividades, em velórios, fotos nas praças, nos festejos; quem não se lembra daquele fotógrafo da família? Essas imagens são registros históricos, pois ali estão embutidos o contexto histórico, social, cultural e econômico.

Produzir a escrita da história da cidade de Caxias significa garimpar saberes, informações que tratam da e sobre a cidade. No trabalho de pesquisa, utilizei mais a história oral e as imagens do que os documentos escritos; na história oral, a narrativa é capaz de produzir significados, de desencadear reflexões, de criar espaços para o diálogo, possibilitando um amplo conhecimento, pois tem tarefa de expressar através de suas histórias os saberes denotados individualmente e coletivamente. Da mesma forma, as fontes documentais são a materialização objetiva e o registro dos eventos históricos, econômicos e políticos preservados. Portanto, nesse caso, depoimentos e imagens concorrerão para subsidiar a produção da escrita.

Caxias é uma cidade que tem uma grande representatividade para a história local e nacional; lugar de muitas riquezas culturais, lugar de vivências dos seus antepassados. Nesse sentido, Caxias é uma cidade que tem algumas produções, no âmbito acadêmico, de pesquisas que tratam da história da cidade. No quadro abaixo, apresentamos alguns trabalhos que focaram a história da cidade ou que a tem como referência e que balizaram a escrita de parte dos capítulos II e III dessa tese.

Quadro 4 - Produção dos trabalhos que retratam sobre a cidade de Caxias/MA.

<b>Títulos</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Autores</b>
<b>Percorrendo Becos e Travessas: feitiços e olhares das Histórias de Caxias</b>	Livro	Jordânia Pessoa, Salânia Melo (Org.)
<b>Caxias: memórias, história e outros saberes.</b>	Livro	Salânia Melo, Joana Batista, Denise Salazar (Org.).
<b>Esquinas do tempo e narrativas de Caxias.</b>	Livro	Salânia Melo, Joana Batista, Denise Salazar (Org.).
<b>Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em</b>	Dissertação	Joana Batista
<b>O patrimônio edificado do centro histórico de Caxias-MA como lugar de memória: entre a materialidade e a imaterialidade</b>	Dissertação	Eliane Almeida
<b>Mastro de São Sebastião: uma análise das mudanças ocorridas no século XXI.</b>	TCC	Lediane de Sousa Oliveira
<b>Clube Cassino Caxiense: espaço de sociabilidade da elite local.</b>	TCC	Ricardo Bruno P. Santos
<b>Itapecuru: a trajetória do transporte fluvial no desenvolvimento socioeconômico de Caxias-Ma, final do século XIX e início do século XX.</b>	TCC	Maria Raimunda B. Silva
<b>Senhoras de São Benedito: memórias da participação das mulheres no festejo de São Benedito (1960-2000)</b>	TCC	Jeane Maria Pereira da Silva
<b>A história e memória da cultura escolar do colégio Diocesano São Luís Gonzaga em Caxias-MA 1956-1992</b>	TCC	Antônio Carlos de Alcântara
<b>Salvaguardar de memórias: uma história da instalação e consolidação do Ginásio caxiense enquanto escola da elite em Caxias-MA (1935-1945)</b>	TCC	Thaisse Pereira P. Costa
<b>Análise dos modos de viver nas décadas de 40 a 60 do século XX em Caxias.</b>	TCC	Domingas de Almeida Nascimento.

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Tais produções sobre a história da cidade abarcam alguns de seus aspectos, que vão desde as praças ao centro histórico. No entanto, podemos dizer que ainda são poucas diante do arsenal de espaços e patrimônios que existem, não somente aqueles que estão cristalizados pelo passado, que são mais ressaltados nas pesquisas, mas também aqueles que ainda não aprendemos a olhar, a perceber: ruas, esquinas, um barzinho, um mercadinho, a senhora que vende beiju há anos no mesmo lugar, representam também essa realidade e essa história.

Nas palavras de Traverso (2012:84), “quanto mais forte é a memória - em termos de reconhecimento público e institucional -, mais o passado de que é vetor se torna susceptível de ser explorado e historicizado”. Entretanto, isso não significa apenas uma tática, como diz Certeau (1998), utilizada somente para fazer apologias, mas, sobretudo, uma forma de

manifestar para as pessoas que temos história, e que cada espaço, festa, embate, monumento tem a sua história e que é importante conhecê-la para poder opinar, criticar e saber dos acontecimentos que nos foram apresentados, seja na escola ou no cotidiano, e com isso ter mais subsídios para compreendê-la. A história é um exercício constante do espírito crítico (LE GOFF, 1990). Na verdade, o “conhecimento” da história da cidade sempre esteve transitando entre o passado e o presente; a falta de uma formação da consciência histórica talvez não tenha permitido a sua compreensão, devido, provavelmente, à posição cartorial e linear no tratamento da história. Duby corrobora ao dizer que:

[...] o valor decisivo da História, o seu valor moral reside afinal no próprio método histórico. A história ‘dá lições’ na medida em que ensina a dúvida metódica, o rigor, em que é aprendizagem de uma crítica da informação. É isto que me faz pensar que a história(o ensino da história, a sua prática, a leitura de obras históricas), é, como se diria ainda há pouco, a ‘escola dos cidadãos’; que ela contribuiu para formar pessoas cujas opiniões sejam mais livres, que sejam capazes de submeter as informações com que são bombardeadas a uma análise lúcida, mais capazes de agir com conhecimento de causa, menos enredadas nas malhas de uma ideologia. Ela também ensina a complexidade do real. Ensina a ler o presente de modo menos ingênuo a perceber, pela experiência de sociedades antigas, como é que os diversos elementos de uma cultura, e de uma formação social, atuam uns em relação aos outros.” (DUBY, 1989, p. 158).

Nesse sentido, as intervenções, com base em pesquisas sobre a história, surgem dos questionamentos do presente, gerando uma problematização em decorrência de outros objetos, como bem enfatiza Dosse (2004), sobre as fronteiras entre história do passado, presente e futuro, ressaltando o testemunho e a importância da memória na escrita da história.

Nesse contexto, em que as produções sobre a história da cidade se estruturam, buscando ressaltar os pormenores do lugar, destacando questões que possibilitem o direito à memória, cabe a afirmação em que a história da cidade refere-se a história dos procedimentos de poder, dos escritos artísticos, das intervenções, das sociabilidades, as quais transformam os transeuntes em cidadãos (Mattos, 1994).

Cabe ressaltar que, assim como toda cidade com um porte grande, a cidade de Caxias cresceu, e os paradigmas da modernidade acompanharam esse crescimento; a modernidade a ela foi incorporada e, com isso, o novo, o diferente, o “belo”, às vezes, deslumbra e ofusca o antigo, impossibilitando se perceber a historicidade do lugar.

Assim sendo, observamos, nas falas dos moradores, como eles percebem os elementos do patrimônio cultural, tão inerentes ao seu cotidiano e a tudo que se refere às relações por eles

estabelecidas, tendo como elo unificador um lugar, uma festa, um monumento, um evento. São as permanências vivificadas a partir, por exemplo, da Igreja São Benedito, citada nos relatos praticamente de todos os moradores entrevistados, que passa a ser esse *locus* de guarda da tradição cultural e religiosa. Isso nos diz que há permanências culturais mantidas na realidade, quer seja no imaginário de alguns ou, ainda latente ou mesmo invisíveis, para outros.

Na verdade, falar sobre ou identificar o patrimônio cultural numa perspectiva acadêmica, até agora é uma prática pouco realizada; o próprio entendimento de patrimônio é ainda incompleto, pois ainda remete à ideia de “pedra e cal”, relacionada apenas as artes visuais e à arquitetura, já que no Brasil o conceito de patrimônio esteve sempre associado à concepção europeia e francesa (PAIN,2012, p. 80).

No caso de Caxias, constamos o pouco conhecimento que se tem sobre essa discussão e a ampliação do conceito de patrimônio por parte da academia e do poder público, principalmente desse último, o que pode ser percebido pela exiguidade de patrimônios formais e, quando ocorrem, são sempre de bens materiais. Para que o leitor tenha uma ideia, nem mesmo o sítio histórico onde está o Museu da Balaiada constitui um bem oficialmente tombado à época da pesquisa.

Por isso trago o aporte do olhar cidadão, no qual o sentimento de pertencimento ao lugar, ao bairro, à cidade passa a compor uma relação de corporificação (FREIRE, 1996), uma relação que se dá desde a infância, como assevera Bosi (2004, p. 73): “[...] a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida [...]”. Diante do contexto apresentado, o patrimônio cultural da cidade, representado nos diversos elementos narrados, são construções elaboradas pelo olhar de alguns de seus moradores, suscitando sentimentos de diferentes formas e ordens em suas memórias.

Buscando sintetizar, de forma muito esquemática, o que foi colocado acima, a fim de mostrar as diferenças de olhares ao patrimônio caxiense (por um lado seus cidadãos comuns, por outro o âmbito oficial, na esfera pública municipal, estadual e federal), o quadro abaixo articula os elementos de caráter memorial e patrimonial dos narradores das ações das políticas públicas patrimoniais efetivas relacionadas ao patrimônio do município.

Quadro 5 - Patrimônio cultural no olhar dos moradores e pelos órgãos oficiais.

<b>Narradores</b>	<b>Local</b>	<b>Lugares</b>	<b>Festas</b>	<b>Patrimônio formal</b>
<b>José Alexandrino de Abreu</b>	Bairro Cangalheiro	- Igreja de São Benedito - Colégio João Lisboa - Clube de Festas União	- Festejo de São Benedito - Baile do Clube União Artística	Decreto estadual nº 7.660/1980, sobre “tombamento da fábrica têxtil”, conhecida atualmente como Centro de Cultura José Sarney
<b>Juciê Costa Mourão</b>	Bairro Trizidela	- Igreja de Santo Antonio - Igreja Nossa Senhora de Nazaré - Igreja de São Benedito - Clube de Festas União - Rio Itapecuru - Morro do Alecrim	- Festa de Santo Antônio - Festejo de São Benedito - Baile do Clube União Artística	
<b>Maria de Jesus de Melo Lobão</b>	Bairro Centro	- Praça Panteon - Fábrica Têxtil - Casas comerciais - Igreja de São Benedito - Casa de Alderico Silva	- Festejo de São Benedito	Lei estadual nº 11.681/1990, sobre tombamento do centro histórico da cidade de Caxias
<b>Justina Neves de Assunção</b>	Bairro Galiana	- Estação do trem - Igreja de São Benedito - Igreja da Matriz - Colégio João Lisboa - Colégio Eugênio Barros - Escola Jaime Tavares - Colégio Gonçalves Dias	Festejo São Benedito	Lei nº 2.064/2013, que dispõe sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural do município de Caxias, cria o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural, institui o Fundo Municipal de Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural e dá outras providências.
<b>João Batista Lima</b>	Bairro Ponte	- Clube União e Cassino - Praça Panteon - Mercado Central	Festas de São Benedito, Santo Antonio, Nossa Senhora de Nazaré	

Fonte: Elaborada pela autor (2017).

Observando esse quadro, depreende-se que existe um grande espaço aberto entre a memória e a história percebida pelos entrevistados, que representam o olhar do cidadão comum caxiense e aquilo que efetivamente traduziu-se em patrimônio oficial, normatizado através dos

órgãos formais de governo, muitas vezes amparados pelo conhecimento acadêmico. Obviamente, não é o caso, aqui, de posicionar-se contra a ação governamental e muito menos a acadêmica, já que essa tese é também uma produção desse tipo, mas salientar a importância e relevância do olhar popular sobre as escolhas patrimoniais.

No caso da cidade de Caxias, em se tratando de patrimonialização no âmbito federal, não há nenhuma representação oficial, embora alguns bens tenham sido encaminhados para análise, mas obtiveram resultado indeferido, tais como a Igreja Matriz de N. S. da Conceição e São José, Igreja do Rosário e as ruínas do quartel do Morro do Alecrim (Balaiada). Percebe-se, novamente, o teor exclusivamente material do foco patrimonial.

No tocante a esfera estadual, as ações são um pouco mais efetivas, mas também restritas à pedra e a cal, temos: o prédio da antiga Fábrica Têxtil de Caxias, o primeiro bem tombado, por ter uma representatividade na composição da história da cidade, sobretudo, em relação às questões econômicas, políticas e sociais; e o tombamento do Centro Histórico e seu casco arquitetônico, incluindo também o Balneário Veneza, visitado por muitos turistas, onde a água ali corrente possui uma “lama” com propriedades medicinais e, há uma área de 40 hectares de reserva florestal contígua. Nesse caso, poderíamos falar tanto de patrimônio histórico como também natural e paisagístico.

Na esfera municipal, a ação mais importante foi o sancionamento de um decreto que dispõe sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural do município, criando um conselho e um fundo econômico para administrar as questões patrimoniais locais. Porém, acredito que poucos cidadãos tenham conhecimento desse órgão e instrumento público.

#### **4.2 Intercruzando olhares: uma análise das vozes dos professores de história**

Produzir a história da cidade, a partir de vários olhares, implica em dizer que as narrativas históricas são consideradas artefatos linguísticos (PETERSEN, 2013) e que o pesquisador está na condição de atribuir significados a elas. Na tessitura dessa pesquisa, compreendemos os relatos orais como fontes para a construção da memória e do conhecimento histórico, pelo fato de existir entre a memória e a história um elo de complementaridade, considerando que a história tem um papel disciplinador da memória. Essa é também função do historiador: perceber as transformações e permanências relacionadas a múltiplos aspectos da vida cotidiana. Entretanto, a construção do conhecimento histórico, estabelecido a partir do relato de memória, comporta-se como uma das formas de representação do passado.

Vimos nas narrativas dos moradores dos bairros, homens e mulheres comuns, o seu sentimento pela cidade, à sua maneira; pessoas que têm na sua memória um passado que reflete as discussões presentes. Bosi complementa a importância da escuta à essas pessoas:

[...] a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 2004, p. 82-83).

No caminhar da pesquisa, muitos foram os enfoques sobre a descrição patrimonial da cidade. Os moradores entrevistados apresentaram, através de suas memórias, um cenário com elementos significativos sobre a vida comum da cidade. Nesse sentido, encontramos nas suas falas uma tradução das riquezas implícitas no olhar de quem vivenciou a história na forma como ela aconteceu, assimilado pelos olhos de quem a conheceu, embora conscientemente não seja perceptível seu olhar histórico revelador das teias que compõem as narrativas dos lugares, coisas e fazeres que fossem destacados.

Como contraponto, para suscitar maiores discussões em torno da temática em ênfase, ouvimos o relato de três professores<sup>21</sup>, partindo do lugar da sua fala: Mercilene Barbosa Torres, professora de História e diretora do Memorial da Balaiada; José de Ribamar Gomes Falcão Filho, professor de História em escolas de Educação Básica; e Joana Batista, professora de História do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Buscando com isso proporcionar um ponto de vista mais acadêmico sobre a memória, a história e o patrimônio caxiense. Obviamente, consideramos que talvez a representatividade em termos quantitativos não corresponda a um corpus consistente do objeto de estudo, entretanto vimos que os três professores responderiam de forma satisfatória aos questionamentos outrora elaborados no início do estudo, atendendo assim, aos objetivos de nossa pesquisa.

Ao analisarmos as falas dos professores entrevistados sobre a história da cidade, encontramos uma ótica particular, baseada nas produções acadêmicas, as quais apresentam um conhecimento formal, elaborado sobre a realidade social local. Nessa perspectiva, iremos

---

21 Os Termos de Aceite preenchidos e assinados, para o uso dos depoimentos, encontram-se nos Anexos.

perceber que cada professor tem seu arcabouço de conhecimentos oriundos da sua própria formação, o que possibilita um olhar subsidiado na literatura, perscrutando as discussões históricas.

A princípio, direcionamos a entrevista com a professora Mercilene Barbosa a partir de alguns questionamentos sobre as percepções em torno do patrimônio cultural que envolve a identidade local. Com a palavra, Mercilene:

Bom dia professora Mariângela. Nos sentimos lisonjeados em nome do memorial da Balaiada e de toda equipe que aqui trabalha. A memória da cidade de Caxias (ela) precisa de uma maior divulgação no caso a busca por conhecer a cidade ela é necessária, ela sempre foi necessária e hoje (urge) é muito mais urgente pelo fato que estamos no século XXI e é impossível as pessoas habitarem uma cidade como Caxias, uma cidade que sua história remonta desde o século XVIII e não conhecerem a história da própria cidade, a história onde teve uma guerra marcante que é a Guerra da Balaiada, a própria adesão de Caxias a independência do Brasil que é outro grande marco e por ser uma terra de grandes literatos. Então muitos deixam as vezes de conhecer o espaço onde eu atuo que é o Memorial da Balaiada. Minha incumbência é essa de divulgar essa história, então eles deixam de vir ou por não terem informações no sentido de possibilidade de alguém ter dito a eles que na cidade tem o Memorial da Balaiada ou por que realmente ocupam o seu tempo, seu dia a dia com trabalho ou com outra atividade e terminam deixando de vir a um espaço tão importante para a cultura, para a cidade como o Memorial da Balaiada, não só Memorial da Balaiada mais outros pontos históricos da cidade como igrejas bicentenárias, como a antiga fábrica de tecidos fundada em 1889. (BARBOSA, 2017).

Na fala da professora, verificamos que não há um interesse dos cidadãos, especialmente por parte das novas gerações, em conhecer a história e a memória da cidade. Percebendo a necessidade urgente em fazer esse trabalho com todos, lamenta essa falta de conhecimento, justamente pelo fato de a cidade ter sido palco de acontecimentos históricos conhecidos em âmbito nacional.

No Memorial, existe um espaço cultural e pedagógico de guarda e divulgação dessa memória, acessível a toda a sociedade. A entrevistada chama a atenção para o resgate dessa história, mesmo pelas pessoas “que não tem tempo”, pois considera importante conhecer o espaço onde se vive, pois isso pode colaborar para a construção de identidades individuais e coletivas, na forma como se refere Catroga (2001). A cultura e a identidade serão mantidas conquanto se manifeste o sentimento de pertença. Por isso a proposta da professora é a sensibilização para a busca dos saberes históricos referentes à cidade.

A respeito do conhecimento sobre a história de Caxias, por parte do público que procura o Memorial, comenta Mercilene:

Percebemos que muitos indivíduos, na nossa experiência aqui no atendimento, do nosso dia a dia na instituição Memorial da Balaiada, (eles) tem informações sobre o que a cidade possui, não de todos os pontos, de todos os patrimônios, igrejas, praças, logradouros, a antiga fábrica, ruínas do quartel da Balaiada mas eles trazem uma, duas ou três informações a respeito do patrimônio material da cidade. No coletivo, quando mais pessoas discutem e trocam informações, se percebe que há uma maior familiaridade, as pessoas idosas repassam para aqueles mais jovens, para seus netos, bisnetos, familiares, parentes e outra prática muito comum é de recebermos visitas de pessoas que deixaram a cidade há muitos anos, então, quando elas retornam elas chegam inclusive aparentando surpresa com o que a cidade tem de patrimônio material e aí ficamos assim: poxa, ela morou tanto tempo na cidade, mas ela não percebeu o que a cidade tinha. Isso é comum quando vem parentes, grupos de parentes, família, grupos de 8, 10 pessoas, às vezes menos. (BARBOSA, 2017).

Nesse trecho, as narrativas ressaltam a necessidade da circularidade dessa história na perspectiva coletiva; ela entende que quanto mais pessoas discutem essa temática, mais as difundem. Também ressalta como a participação dos idosos é importante na transmissão de informações para gerações posteriores. Quanto às visitas ao memorial, especialmente dos antigos moradores que já residiram na cidade e a ela retornam, é interessante notar a surpresa em, agora, conhecer um patrimônio que sempre existiu, considerando-o como se fosse algo novo. Nesse sentido, vale a pena lembrar novamente Catroga (2012, p. 46), quando afirma que “... a revelação destas características não deve subsumir o papel sobredeterminador da esperança na vivência do tempo [...] tanto mais que se sabe que só com abertura ao futuro o “olhar” para trás fugirá da ilusão terminal do presente”.

Ainda sobre esse “desconhecer o patrimônio” de Caxias e a própria instituição em que atua, Mercilene fala:

A cidade, como eu disse anteriormente, tem muitos pontos históricos que devem ser conhecidos, como citei: a antiga fábrica, o Balneário Veneza, que tem uma história, que contam-se lendas sobre o espaço; o Riacho do Ponte, o antigo Riacho do Ponte que já foi cantado e decantado por poetas, por escritores da cidade, também pelo jornal *Crisálida*, de 1883 e 1884, que falava do próprio riacho. Então Caxias tem muitos encantamentos, tem muitos pontos que deveriam ser conhecidos principalmente pelos moradores da cidade, então algo que acreditamos ser realmente importante é que as pessoas às vezes, deixam de conhecer pelo seu dia a dia, por eles estarem atarefados ou também por não ter o costume, como em outros locais, de fazerem visitas

a espaços museais, como é o caso do Memorial da Balaiada. Mas uma grande parte dos moradores da cidade conhece o espaço, já veio uma vez ou mais de uma vez, mas ainda faltam muitas pessoas frequentarem, pessoas inclusive adultas, de uma faixa etária acima de 30 anos que, no seu cotidiano, deixou de ter essa oportunidade, então é algo que realmente com as visitas que recebo eu constato, não só eu, mas como guias do memorial podemos constatar. As pessoas chegam e dizem: professora, eu tenho 70 anos e é a primeira vez que venho no Memorial da Balaiada. Eu acho estranho, mas ao mesmo tempo não vai me surpreender tanto porque há algum tempo não era comum as pessoas visitarem espaços, no caso de museu ou alguns pontos históricos de sua cidade. Essa ênfase foi dada, digamos, há pouco tempo. (BARBOSA, 2017).

A professora, em seu relato, descreve de forma enfática as belezas do lugar, pontuada na imprensa local desde o início do século XIX. No conteúdo do jornal mencionado, os pontos que chamavam atenção eram o riacho, por sua limpidez e beleza. Os poetas cantaram em seus versos a imponência das águas cristalinas, que entrecortavam a cidade, delimitando o espaço geográfico entre os bairros. Ela refere-se ainda ao distanciamento das pessoas, em especial da cidade, como lugar de abrigo das memórias. Interessante o fato de que, ao receber pessoas com mais de 70 anos, depara-se com o encantamento dos mesmos por somente agora visitar um espaço que possui importância fundamental na construção da identidade coletiva local, envolvendo a revolta da Balaiada. Essa atitude de perplexidade das pessoas dessa faixa etária, possivelmente, tem resposta no contexto social, econômico e cultural da época em que eram jovens; ao ter a oportunidade de vivenciar essa realidade somente agora, reconhecem o valor da matriz cultural de sua própria história. Neste sentido, a cidade se transforma em um artefato, o qual pode ser integralmente apreendido pelo olhar comum (BARROS, 2012, p. 22). Acaba-se por compreender que a história da cidade é um bem comum e que a identidade tem referência nesses aspectos culturais. Basta lembrar a partir do seu olhar ou das pessoas que convivem em seu entorno.

Ao ser questionada quanto aos aspectos da produção formal (incluindo a acadêmica) de conhecimento sobre a história e patrimônio de Caxias e da divulgação desse conhecimento, assim se coloca Mercilene:

Apesar de termos várias instituições que fazem o trabalho de divulgação do referido patrimônio, o Memorial da Balaiada, a ASLEAMA (Academia Sertaneja de Letras, Educação e Artes do Maranhão), com o presidente Manuel de Pascoal Medeiros Teixeira (o Passinho) já falecido, o Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, a Academia Caxiense de Letras, a própria universidade CESC-UEMA (Centro de Estudos Superiores de Caxias), que é um espaço onde os estudantes hoje tem acesso a um discurso, a debates que dão ênfase ao que a cidade possui de patrimônio material (da cidade) e

imaterial, inclusive muitos alunos adentram ao Memorial da Balaiada em busca de pesquisa documental, em busca de referências sobre o que a cidade tem, não só no quesito Balaiada, mas também no quesito da origem da cidade, o que a cidade possui, o que a cidade já perdeu ao longo da sua história, como foi ocorrendo essa descaracterização do patrimônio da cidade; temos também pessoas como Ezíquio Barros Neto, que faz um trabalho de Caxias ontem e hoje, a partir de painéis com fotografias antigas e atuais da cidade, expondo esse trabalho em vários pontos da cidade. Então é uma forma de divulgação dessa história e as pesquisas, por exemplo, realizada por você, professora Mariângela, que aqui está buscando se aprofundar cada vez mais no quesito patrimônio material da cidade de Caxias. (BARBOSA, 2017).

Ao tratar de como transcorre a divulgação do patrimônio da cidade, cita que existe um trabalho desenvolvido por vários órgãos, como UEMA, especialmente, no curso de História, ASLEAMAS, a Academia Caxiense de Letras, entre outras instituições de produção, guarda e divulgação da memória e da história de Caxias, incluindo obviamente o Memorial da Balaiada. Enfatiza também que há pessoas da cidade que se dispõem a pesquisar sobre o tema, contribuindo com sua conservação e difusão. A preocupação dela, nesse discurso, é ampliar a percepção sobre patrimônio cultural, desmistificar esses construtos elaborados e já cristalizados.

Nesse sentido, compreender o que se guarda e que transformações ocorreram é fundamental. Muitas ações já foram empreendidas na tentativa de apresentar esse conhecimento sobre a história local a todos, mas, sobretudo, para aqueles que não têm acesso a esse tipo de informação. Porém, a professora mesmo relatando que esses órgãos e pessoas fazem esse trabalho, considera que há necessidade de mais movimentos em torno desse processo, ressaltando a importância de fazer circular esse conhecimento que não é estanque, mas é capaz de dar sentido e alimentar a vida dos cidadãos.

É disso que fala Menezes, quando coloca que:

[...] a cidade (do passado, do presente e do futuro) sempre será um objeto de conhecimento infinitamente mais amplo e complexo do que qualquer acervo ou documentação que possa referenciá-lo, ela própria deve ser mobilizada, na sua condição de organismo empírico, vivo e histórico. (MENEZES, 2003, p. 258).

A cerca dos mesmos questionamentos dirigidos à Mercilene Barbosa sobre a história e o patrimônio histórico e cultural da cidade de Caxias, passemos à fala do professor José de Ribamar Falcão, como percebido por ele a partir do espaço escolar.

Bom dia. Nesse primeiro ponto com relação a cidade, (ela) ainda não conhece a sua própria história, a gente procura destacar pelo fato de Caxias ter sido palco, talvez da maior revolta regencial de cunho popular que foi a Balaiada, essa história da própria cidade (ela) terminou sendo maquiada. Por exemplo, a título de senso comum, a maioria da população pensa que o aniversário da cidade é dia 1 de agosto e não é, é dia 5 de julho. Eu lembro que quando foi resgatada essa data, acho que na época em 1989, quando o prefeito era o Sebastião, Dr. Sebastião Lopes de Sousa, correu a boca miúda uma crítica dizendo “olha estão querendo mudar o aniversário da cidade e todo mundo sabe”, só que historicamente falando o aniversário é no dia 5 de julho e não 1 de agosto, que é adesão de Caxias a Independência do Brasil. Em relação a isso até que tem sido mudada, por que as últimas gerações de professores de história já estão discutindo isso. Na educação do município se criou uma cartilha onde se trabalha um pouco da história da cidade, dentro do contexto da história geral e isso está aos poucos tendo um pouco de conhecimento. Hoje já não é tanto assombro quando se fala que o aniversário de Caxias é 5 de julho. Uma outra coisa também é que foi criada uma certa ilusão com relação a Balaiada; por exemplo tem as ruínas do forte. Pra muitas pessoas aquelas ruínas é da época da Balaiada e o forte é posterior, ele foi construído depois, mas a senso comum essa ideia ainda prevalece. Por exemplo, agora está tendo uma querela com relação a construção de uma estátua, fazer um santuário religioso lá no morro e ai o pessoal tá dizendo “ha... vai suplantando a Balaiada, vai destruir o patrimônio da Balaiada”, sendo que na realidade lá praticamente não tem nada que remonte o período da guerra, tem posterior e o morro que não se pode mudar, não se pode tirar (o morro das Tabocas), que é o morro do Alecrim. (FALCÃO, 2017).

O prof. Falcão tem uma posição bastante enfática quando se reporta para o não conhecimento da história da cidade, levantando questões que se contrapõem ao apresentado oficialmente; desmistifica inclusive a ideia de que o episódio da Balaiada tenha ocorrido no Morro das Tabocas (atualmente chamado de Morro do Alecrim) e que não tem nada que remonte a essa guerra; questiona também a data do aniversário da cidade e a confusão existente sobre a mesma. Mas ao mesmo tempo informa que a Rede Municipal de Educação vem realizando um trabalho dando ênfase a história local.

Com relação à importância da memória sobre a valorização da história local, o prof. Falcão coloca:

A memória individual é muito importante para que se possa manter vivo, e termina sendo fonte constante de pesquisa. A própria UEMA já lançou dois, três livros baseado nesse conhecimento da memória, nessa busca da memória, do resgate pra esses indivíduos. Por exemplo: se fala muito na Praça Gonçalves Dias como sendo o ponto da juventude na década de 60, 70 mas era o ponto da juventude da elite e nessa leitura, nesse resgate da memória, por exemplo, se fala na Praça da Matriz como sendo o reduto da classe operária, o reduto de encontro da classe operária, das meninas, das famosas

pipiras que trabalhavam nas fábricas. Então, nessa memória a história individual é vivida, vivenciada por determinadas pessoas e que esta sendo resgatada, ela termina construindo uma teia que vai beneficiar toda coletividade. (FALCÃO, 2017).

A percepção do prof. Falcão sobre a necessidade da manutenção da memória individual é bastante pertinente, pois a mesma se manterá pulsante quando tornar-se fonte para as pesquisas. Nesse sentido, a UEMA vem desempenhando essa atividade de produção do conhecimento histórico, com lançamentos de livros e trabalhos de conclusão de curso. Ele ainda faz um contraponto sobre os ritos que aconteciam na cidade, em especial nas praças, quando diz que uma praça era frequentada pela elite e a outra pelas operárias da fábrica. Nessa linha crítica, levanta questões sociais e econômicas, questões estas que muitas vezes não são observadas, ou então não são colocadas no centro do debate, partindo de fatos que emergiram ou suscitaram alterações sociais, como ressalta Candau (2011, p. 66) ao afirmar que “... não se pode recordar um acontecimento passado sem que o futuro desse passado seja integrado à lembrança”.

A relação entre memória individual e coletiva é procedente das atividades realizadas no cotidiano, pois “... são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p. 65). Nesse contexto, as lembranças manifestadas pelos indivíduos é que formaram a memória coletiva. O cotidiano foi possibilitando essa formação do entendimento individual e a vivência no grupo vai estruturando o conhecimento e dando forma ao espaço onde se manifesta.

E como se dá a produção formal e sua transferência à comunidade? O prof. Falcão responde:

As instituições culturais que nós temos, elas terminam sendo fragilizadas pelo fato de não ter tanto apoio dos órgãos públicos, mas aos trancos e barrancos ela vai mantendo viva o Reisado, a Festa do Divino em alguns bairros, que isso fortalece essa ligação do indivíduo com o local. Está tendo resgate também de alguns festejos que tinham, que é extremamente famosos na cidade, como o festejo de Santo Antônio, no Ponte em cima do morro; está retornando o festejo de São Benedito, no centro da cidade. Então esses festejos estão mantendo essa cultura ainda pulsante na cidade. (FALCÃO, 2017).

Fica claro, na fala do prof. Falcão, que as instituições culturais não têm recebido apoio dos órgãos públicos, o que dificulta não só a produção de conhecimento como a sua difusão; ainda assim tentam disseminar a cultura existente, entendendo que os aspectos históricos e

culturais da cidade ainda são latentes e precisam ser resgatados para a manutenção da identidade local. Festejos antigos, conhecidos pelos cidadãos que ascendem à cultura da cidade, são desenvolvidos com muitas dificuldades, mas os mesmos compreendem a sua importância e, portanto, a necessidade de sua continuidade. A fragilidade institucional mencionada pelo prof. Falcão, por sua vez, está vinculada às questões políticas e econômicas de um determinado contexto local, num determinado momento e, por isso, pode mudar quando mudam os focos relacionados àquelas questões. Isso só corrobora que, em contraste com escolhas e tomadas de decisões oficiais, a memória e a história popular possui um peso muito significativo, como se percebe na manutenção ou no ressurgimento dos festejos populares mencionados pelo professor.

Cabe, nesse caso, a afirmação de Vaz (2003, p. 232) de que “[...] a criação de novos espaços caracterizados como culturais, assumem, pois, as mais diversas formas e dimensões; desenvolvem-se a partir de diferentes elementos geradores, remetendo ao passado ou apontando para o futuro, conforme as diferentes políticas e contextos em que se inserem”.

Como complemento e, ao mesmo tempo, contraponto às falas anteriores e ao olhar popular, trago o depoimento da professora Joana Batista, ligada ao curso de História da UEMA. Mais uma vez, início com a discussão envolvendo a percepção do patrimônio caxiense e suas relações fragmentadas com a memória e história da cidade.

Bom dia professora. Vamos por partes, quando você fala da fragmentação da memória isso está muito ligada com essa primeira parte, porque a cidade ainda não conhece a sua própria história e isso está muito ligado com esse fragmento mesmo, fragmento de pesquisa, fragmento do fazer popular, dos dizeres, dos saberes populares ... há essa fragmentação da memória (BATISTA, 2017).

Para a prof. Joana, a forma como o patrimônio local é percebido de maneira fragmentada deve-se ao fato de que a história da cidade ainda não é conhecida com efeito pelos cidadãos, ou seja, conhecem apenas parte dela a partir de fragmentos de memória. Segundo a professora, isso se dá pela forma como o processo de aquisição desse conhecimento foi se estabelecendo. Em outras palavras, para ela a memória sobre a cidade é fragmentada e não está definida em sua totalidade.

Nesse ponto, pode-se lembrar Pollak (1992, p. 206), quando afirma que “[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.”

A professora Joana continua:

Então hoje, teoricamente, depois de ter lido alguns historiadores, os próprios memorialistas dessa cidade, que quando vão falar dessa cidade, falam com uma paixão, a gente sente que falta informação. Então isso de certa forma tem mudado um pouco ultimamente, tem mudado desde o início do século XXI, por volta do ano 2000 isso começa a mudar. Mas ainda não é como nós gostaríamos e como nós percebemos em outros lugares, a própria pessoa da cidade, as pessoas, os cidadãos envolvidos com a história por conta dessa fragmentação mesmo, os testemunhos da história, eles estão muito mais ligados querendo ou não, à elite. A elite ainda guarda essa memória, ainda guarda tradição das famílias; você pode perceber isso quando você está num grupo de intelectuais conversando na praça por exemplo, e aí começam a contar histórias e começam a relembrar momentos, e começam a dizer de fontes. O que é mais comum não falam, eles não dizem, isso eu tenho comprovado muito nos meus passeios. Eu passeio com crianças, com jovens e com adultos, então o que falta em Caxias é isso, é formação da consciência histórica. Quem diz isso pra nós é Rios, é a professora Maria Auxiliadora Schmidt, quem diz é essas vozes que vem de Portugal, a Isabel Barca, a Professora Helena Pinto, que vai nos mostrando que formar uma consciência histórica é preciso que o sujeito dessa formação histórica primeiro ele conheça, mas primeiro ele consiga gostar da cidade, e aí tem uma frase do Paulo Freire que me encanta muito: “você só dá valor aquilo que você conhece, você só preserva aquilo que você ama”. E há esse contraste aqui em Caxias, as pessoas gostam da cidade mais não conhecem, não param pra conhecer, e aí isso é uma relação que temos com o século XIX, essa relação de uma cidade que tem, como a diz a professora Jordânia, um turbilhão de modernidade. Ela sai do século XIX e vai pro XX totalmente fragmentada mesmo, mas com um olhar voltado pro passado, até hoje nós temos um olhar voltado pro passado. Talvez isso não nos ajude e atrapalhe, por que esse olhar voltado no passado, e aí eu até fiz esse discurso na minha dissertação, que é um olhar de uma cidade cristalizada, que a cidade é a princesa do sertão, é a cidade da Belle Époque, é a cidade maravilhosa, é a cidade do Gonçalves Dias, então é uma cidade cristalizada no passado, e aí só vivifica isso, o passado; só diz “olha como essa igreja é bonita” mas não adentra na igreja para conhecer” (Joana Batista, 2017).

Ao analisar essa fala da profa. Joana, compreendemos que o conhecimento formal da história e da memória da cidade ainda está restrito às pessoas cultas; quem discute sobre isso é a elite, que teve acesso ao conhecimento elaborado e responde à tese de que o conhecimento da cidade circula somente nos espaços onde estão os intelectuais. A professora enfatiza a necessidade da formação de uma consciência histórica, mas para isso, segundo ela, não basta gostar da cidade, mas vivê-la, o que significa conhecê-la não somente pela ótica cristalizada de um passado, de uma época onde tudo parece ter sido um “esplendor”, mas também olhar e experimentar o agora.

[...] nós enquanto cidadãos, a gente (deve) entrar na história, dizer dos lugares. Caxias em cada esquina, em cada rua, em cada praça tem lugar de memória; então falta isso pra nós e eu acredito que isso deve estar mudando. Por exemplo, é isso: você fazendo doutorado e falando desses testemunhos; quanto às vozes tem muitas, se você andar em Caxias tem muitas vozes e aí o que falta muito das vozes também é ter essa consciência histórica para poder escrever mais, e nós poderemos ir mais atrás, nós temos muita documentação, nós temos muitas fontes em Caxias, inesgotáveis. Mas como eu disse que a memória está cristalizada para o passado, a gente só olha a fábrica, a gente só olha a Balaiada, a gente só olha isso por que é, como diz o Antônio Arantes, é uma cristalização do passado a partir de um presente, e nós temos que nos desligar desse passado para podermos compreendê-lo e esses testemunhos, eles estão por aí. (BATISTA, 2017).

A percepção da profa. Joana, de entrar na história ou percebê-la em cada esquina, rua, praça, é significativo, pois a memória se constitui nesses lugares. Rocha e Eckert corroboram isso ao dizerem que

[...] não podemos separar a memória do projeto de desejar, criar, transformar e, portanto, de construir uma duração para a vida social. Somos sempre as recapitulações de nós mesmos, ou o resultado da nossa vontade de fazer sentido com tudo o que nos aconteceu; somos a projeção dessas intenções, dessas expectativas, das antecipações, mas também dos atos de vontade que se expressam em que são sempre os projetos, em coisas por fazer. (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 230).

Com relação à transmissão desse conhecimento sobre a memória e a história de Caxias, a profa. Joana tem uma posição muito clara:

Bom, então a minha ideia a princípio, de quando mostrar a cidade para os alunos, é pra que a gente a partir daquele momento, isso eu estou falando de 2003, 2004 que eu começo a fazer isso, é tentando trazer essa geração do ano 2000 pra ela poder se conscientizar; e aí hoje já não falo mais em conscientização, hoje a gente fala mais em sensibilização e a formação histórica está em sensibilizar, levar um garoto para entender como é a praça, por que ela é circular num determinado momento, por que o prédio tal existe em lugar tal, como é a história daquele prédio, do dono daquele prédio, então esses personagens vão formando essa consciência histórica e uma outra coisa importante que nós precisamos e a gente tem saído, quando lançamos um livro desse a gente tem saído dos muros da academia pra poder dizer que a gente pesquisa sobre isso e quando a gente trás pessoas comuns os fotógrafos, as senhoras que fazem comida no mercado. Então essas vozes aí elas precisam ser ouvidas. Quando nós fomos ao mercado a um mês, ela disse “olha eu trabalho aqui há 50 anos”, isso é uma voz importantíssima, mais eles próprio não tem essa liberdade de falar, então essas vozes são meio que abafadas por conta da falta dessa formação histórica (BATISTA, 2017).

Nesse contexto, a prof. Joana vem desenvolvendo um trabalho junto aos acadêmicos e alunos do ensino básico, não mais tratando da conscientização, mas da sensibilização para a formação histórica, fazendo o percurso de levar a universidade à comunidade e trazer a comunidade à universidade. Ressalta a necessidade da escuta das pessoas comuns, pois elas têm muito a nos dizer, uma voz que tem muito a contribuir, ainda que em alguns momentos seja silenciada. Como afirma Catroga (2001, p. 28), “[...] a memória revivifica-se, portanto, num “campo de experiência” aberto à recordação e às expectativas”.

Quanto à ideia de importância da memória individual e coletiva, elas estão ligadas justamente com essa formação dos sujeitos caxienses. Se ouve muito, ainda até hoje, e é isso no popular, a cidade não tem nada, mais ainda mantém essa simbologia ou representação de que nós somos uma cidade que tem muita coisa, que já teve muita coisa e hoje não tem nada por conta desse apagamento da memória mesmo e aí a tentativa de mudança está quando a gente sai pra discutir na televisão, nas entrevistas, nas palestras, na sala de aula, nos eventos, de dizer não, a cidade ela é de um determinado tempo e período e assim é que a gente tem que discutir como, por exemplo, a desmistificação do 1º de agosto. Isso pra nós é ainda um desafio enorme, por que ainda a gente conversa isso no aniversário da cidade. Não é dia 1º de Agosto, pois é a adesão. Então isso tira um pouco esse esclarecimento, esse conhecimento da história para as pessoas, porque quem tem pesquisa, quem tem base teórica vai dizer uma coisa, a televisão vem e diz outra, isso acaba que interferindo um pouco nessa formação histórica da cidade. (BATISTA, 2017).

Nessa fala, a professora se reporta a uma ideia corrente entre muitos cidadãos que repetem invariavelmente: “aqui é o lugar do já teve”. Enfatiza que o papel da academia é mudar tal percepção, mostrar que “ainda há” e que isso se relaciona diretamente com a memória individual e coletiva, que é “... formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc), em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às conseqüentes alterações ocorridas no campo das representações” (CATROGA, 2001, p. 16). A formação histórica, de acordo com a professora Joana, constitui-se no processo coletivo dos “sujeitos caxienses”.

Em grande medida, essa não percepção de uma memória e uma história local se deve a distintos interesses por parte de determinadas instituições que deveriam fortalecer e consolidar o patrimônio caxiense.

Qual é o interesse que as instituições têm para formar esse sujeito histórico, para garantir a memória da cidade de Caxias? Que instituições são essas que apagam a memória quando deixam o prédio cair, quando não associam um simples monumento para eles? ... o centro histórico é um laboratório de pesquisa, mas está completamente descaracterizado, você olha a vista do morro, você só vê prédios agora, um quadrado. E isso faz parte das instituições culturais. Elas não estão dando devido valor a consciência histórica do lugar, das pessoas, do sujeito. Por exemplo: nós do grupo de pesquisa em histórias do Maranhão, nós corremos muito, fomos atrás da prefeitura para transformar aquela casa do lado da Graúna, a casa do Zé Delfino, a Delfilândia, em um centro de memória; uma maior burocracia, um maior empecilho. Então para o poder público, é melhor cair do que transformar aquilo num centro de memória e nós somos cobrados lá fora. (BATISTA, 2017).

Fica claro aqui uma insatisfação em relação às instituições públicas que deveriam garantir o patrimônio histórico, ou então fazer o controle dos espaços tombados, pois esses são lugares de memória por excelência, um laboratório para a pesquisa, como é o centro histórico, mas que está sendo descaracterizado. Sugere ainda que determinados espaços poderiam ter uma utilidade cultural e pedagógica, mas a eles não é dada a devida atenção. É importante ressaltar essa visão do patrimônio como um espaço educacional para fortalecer a memória e a história da cidade, já que esta "... sempre será um objeto de conhecimento infinitamente mais amplo e complexo do que qualquer acervo ou documentação que possa referenciá-lo, ela própria deve ser mobilizada, na sua condição de organismo empírico, vivo e histórico" (MENEZES, 2003, p. 258.).

Nesse mesmo compasso, a professora continua:

Caxias não tem um centro de memória, Caxias não tem um museu, Caxias tem um memorial, que ele não faz a função de um museu, ele faz a função de uma escola pedagógica, um museu pedagógico e que é uma outra coisa importantíssima que a gente poderia estar discutindo em Caxias. Os museus pedagógicos da escola, os museus pedagógicos das fantasias de carnaval, os museus pedagógicos da cultura material, isso tudo aqui é material, é cultura, material escolar. Então as instituições culturais elas trabalham, isso de forma esporádica, é nas festas juninas, é no agosto; então outro exemplo disso é a destituição de órgãos públicos voltados para o patrimônio, como nós tínhamos o departamento de patrimônio e cultura e ele foi desfeito (BATISTA, 2017).

Ainda que elogie e valorize o trabalho realizado pelo Memorial da Balaiada, uma instituição que se abre à pesquisa e para a sensibilização das pessoas para a memória, a história e o patrimônio da cidade, a profa. volta-se novamente ao descaso do poder público.

Para ela, um fator fundamental para a produção de conhecimento histórico sobre a cidade de Caxias é a pesquisa acadêmica efetuada no âmbito da UEMA, como pode ser percebido no depoimento transcrito abaixo:

Então não há um interesse institucional a não ser da academia, da UEMA e aí sim nós conseguimos ver daqui, mas as outras instituições que deveriam ser parceiras nessa formação da consciência, no guardar da memória da cidade, a meu ver falta muito ... para nós mantermos a história da cidade. Para que outras pessoas, quando elas chegam aqui na cidade, que elas possam dizer assim: nossa, eu saí de Caxias e Caxias realmente me mostrou história, me mostrou isso, mais como eu penso que em outras cidades não foram fáceis também, aqui não vai ser. (BATISTA, 2017).

Há seguramente, um esforço da UEMA, enquanto instituição que tem o curso de História, para alavancar esse conhecimento, com a organização de eventos, seminários, congressos, na preocupação em salvaguardar a memória da cidade. Porém somente a UEMA não consegue desenvolver ações isoladamente, e outros órgãos precisam estar envolvidos.

Nesse sentido, a entrevistada reclama do fechamento dos arquivos documentais públicos ou privados, impossibilitando a pesquisa de uma vasta gama de temáticas ligadas à memória e a história de Caxias. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se atualmente parcerias com outras instituições de ensino superior, a fim de incrementar a pesquisa na UEMA, como pode ser lido abaixo:

Bom, essa segunda parte relacionada às instituições culturais, que já falamos, ela também é prejudicial na formação da memória porque ela não libera, não liberta a gente para pesquisar também, como por exemplo, as secretarias. Tem muita documentação, as próprias secretarias das igrejas também têm documentação, as paróquias, as escolas. Uma escola dessa, como o Colégio Caxiense, o João Lisboa, tem uma documentação riquíssima, mas eles não abrem mão. Como por exemplo, agora nós vamos atrás enquanto grupo de pesquisa, nós vamos atrás de documentação da fábrica Curinga, que vai ser toda exonerada, aí isso trava a escrita da história, isso trava a própria memória, no sentido de guardar essa memória para posteriori ... imagens, elas estão cristalizadas na fotografia do Sinésio Santos, nas imagens dos jornais, nas imagens dos calendários. Nós temos a possibilidade de estudar outras histórias, discutir a história da cidade, a história dos bordéis da beira do rio, essa história das praças mesmo, de como era essa movimentação da elite, da história do cinema, da história das ruas, e agora a gente quer fazer um trabalho sobre a rua Arão Reis, que é uma ideia de Londrina, a Londrina no Paraná, eles pulsam a educação patrimonial. No Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria, eles pulsam e a gente está tentando fazer uma parceria com eles, pra eles nos ensinarem o que é educação patrimonial, um mecanismo de construção da história da cidade e trazer essa história ao conhecimento da

população. Eu acho que falta muito isso, essa formação histórica. (BATISTA, 2017).

Um exemplo de como as parcerias institucionais podem ser lucrativas quanto à produção de conhecimentos novos, está na fala reproduzida abaixo, onde a profa. Joana relata a visita de uma colega de Portugal ao Memorial da Balaiada:

[...] quando a professora Maria Auxiliadora veio e eu estava conversando com ela ali enfrente o memorial da balaiada, ela ligou para Isabel Barca, em Portugal: “Isabel .....não imagina onde eu estou, eu estou em Caxias do MA, estou do lado de quem lutou na Guerra da Balaiada e de quem lutava ao lado da Coroa Portuguesa e você não imagina o que tem aqui, que é uma estatização da memória.” Quando ela disse estatização da memória eu disse: professora, mas o que é mesmo isso? Ela falou: “Olha minha filha - muito lindo ela falando - estatização da memória é isso, é proposital, quando colocaram os Balaios aqui de frente para o Duque de Caxias, é proposital, isso é uma estatização da memória.” Então a memória coletiva, ela está aqui, mas também ela está na memória individual. Esse momento aqui é de suma importância para nós estudarmos, isso aqui é o que acontece na Alemanha, nos monumentos da guerra, sempre se colocam um confronto de uma memória repressora e de uma memória que não pode ser manipulada. Pois quando ela fala da estatização da memória ela quer dizer bem isso, esse confronto de memória e no Memorial da Balaiada há isso, mas a gente não percebe; quem percebe é só quem estuda, então a história do lugar ela tem que ser feita por nós, do lugar, fora desse lugar. É nós que estudamos essa memória, cabe a nós buscar tanto nessa memória individual, quando na nossa memória coletiva essa ligação entre os sujeitos, que são as pessoas comuns da cidade. Eu lembro muito bem quando a gente colocou aqui no café os fotografos da praça do Panteon, quando seu Alberto disse assim: “ah... a praça do Panteon é a minha casa” Nossa... isso é lindo. “A praça do Panteon é a minha casa”. Mas o senhor fica quanto tempo lá? “Ah... eu fico o dia inteiro”. Então lá ele vê a movimentação da cidade, que é importante para nós, ele vê as histórias que chegam ali para fotografar, ele registra isso e de certa forma ele guarda isso. Quantas histórias nós não temos guardadas e que precisam ser lidas, ditas, ouvidas, essas vozes precisam ser ouvidas. (BATISTA, 2017).

Como bem diz Traverso (2012, p. 50), “.... o historiador não é a norma, é uma virtualidade - pode conhecer em profundidade uma época já passada e, graças ao seu olhar retrospectivo, reconstituir os seus traços com uma muito maior clareza.” Nesse caso a profa. Maria Auxiliadora, compreendeu o discurso apresentado na disposição das imagens. Mais uma vez, o relato indica como o homem simples, comum (no caso, os Balaios) tem muito a contribuir com a história do lugar. Essa ideia tem relação com o que Thompson (2001) discute, sobre a história vista de baixo; a produção do conhecimento histórico a partir do ponto de vista de mulheres e homens considerados comuns, e que precisam ser ouvidos.

Então a educação do olhar, ela é muito importante para a formação da consciência histórica e é isso que a gente faz nas aulas, nos passeios pelo centro da cidade, nos passeios nos logradouros públicos, nas casas. É fazer com que eles observem os detalhes, a história está nos detalhes. Então essa educação do olhar ela é fundamental para a formação da consciência histórica; tem muita gente hoje debruçada nisso, no estudar a educação do olhar. É fundamental mesmo educar o olhar para percebermos o lugar onde nós vivemos e como vivemos, e o que tem nesse lugar, que é isso que se configura com o que os teóricos falam da formação da memória. (BATISTA, 2017).

A professora Joana finaliza seu relato fazendo um chamado sobre a urgência em se utilizar a educação como um transporte na orientação desse olhar para a formação da consciência histórica. É a colocação do indivíduo, qualquer um, como sujeito da história. Sobre isso, Freire (2006, p. 54) enfatiza que “... minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História.”

Nesse estar no mundo, o cidadão deve ser considerado como um dos sujeitos principais. Ele descobrirá situações que até então não percebia, saberá sobre a história do lugar e se encontrará nesse contexto, seja a partir dele mesmo ou daqueles que já não estão mais lá, mas que deixaram um legado em constante movimento, e nessa dialética a formação histórica do lugar será mais perceptível, e o discurso histórico mais bem constituído.

Nesse capítulo, procurei trazer à tona a voz daqueles que, formalmente e academicamente, têm como missão traduzir memórias em uma história teoricamente amarrada e que são responsáveis, em última análise, pela produção e divulgação do conhecimento formal que poderá se traduzir em patrimônio.

Essas vozes foram colocadas aqui para dialogarem diretamente com aquelas trazidas no Capítulo II dessa tese, que representam o conhecimento vindo da esfera popular da sociedade, de pessoas cuja identidade individual e coletiva se forjou na experiência direta com o cotidiano da cidade e nele percebem aquilo que as toca, consolidando memórias e histórias que constituirão sua própria noção de patrimônio.

Percebe-se que, mesmo no discurso dos professores de História cada um falando a partir de um lugar, a importância do conhecimento popular não é esquecida; muito antes, tal conhecimento é confirmado como um repositório importante de memórias que devem ser encaradas como fontes essenciais sobre a história e o patrimônio de uma cidade.

Nesse capítulo, pude compreender que as vozes dos narradores de cada bairro sobre a história local, o seu patrimônio material e imaterial, salientado nas suas memórias, e como estão esquecidos pela sociedade, é o que os professores chamam de formação de consciência histórica, da necessidade urgente desse processo se fazer constante na formação acadêmica, pois mesmo com algumas produções existentes sobre esses saberes da história local, ainda são ínfimas.

Educar o olhar para a cidade é uma ação que poderá ser desenvolvida nas aulas, nas pesquisas, nos estudos. São ações que podem se articularem entre os poderes públicos, as Instituições Superiores, órgãos que primam pela história da cidade.

Mister ressaltar que os moradores dos bairros Ponte, Centro, Cangalheiro, Galiana e Trizidela, ao falar em suas memórias da cidade de Caxias, abordam sobre patrimônio material e imaterial, história, cidade confirmou-se na fala da professora Joana Batista “... somos uma cidade que já teve muita coisa e hoje não tem nada por conta desse apagamento da memória”. Na fala do professor José de Ribamar falcão reafirma “Nessa memória a história individual é vivida, ela termina construindo uma teia que vai beneficiar toda coletividade”. Bem como corrobora a professora Mercilene Barbosa ao dizer “A memória da cidade de Caxias (ela) precisa de uma maior divulgação, conhecer a cidade é necessária, ela sempre foi necessária e hoje é muito mais urgente pelo fato que estamos no século XXI e é impossível as pessoas habitarem uma cidade como Caxias, uma cidade que sua história remonta desde o século XVIII e não conhecerem a história da própria cidade”.

Com isso, passamos a seguir para as considerações finais desse trabalho.



Fonte: Cordeiro (2017).

---

## CONCLUSÃO

*Peguei o trem em Teresina  
Pra São Luís do Maranhão  
Atravessei o Parnaíba  
Ai, ai que dor no coração.*

*Bom dia Caxias  
Terra morena de Gonçalves Dias  
Dona Sinhá avisa pra seu Dá  
Que eu tô muito avexado  
Dessa vez não vou ficar [...]*

*(João do Vale, De Teresina a São Luís)*

Celebrar, rememorar, pensar são ações inerentes ao ser humano; só não imaginei que, num dado momento, poderia me utilizar desses elementos para revisitar um lugar que a princípio, já conhecia, mas agora à luz de diversos olhares, em um caminhar pela cidade.

Essa pesquisa foi tomando corpo e forma quando comecei a pensar mais profundamente sobre o seu tema: “Fragmentos da memória: contribuições à história da cidade de Caxias (MA)”. Que fragmentos? Que memórias? Que história? O que fazer inicialmente com terminologias e conceitos tão repletos de significados no cotidiano de um educador, porém tão distantes enquanto conhecimento teórico? Meu caminhar pela disciplina História, a priori, talvez tenha sido um feixe de luz que, a exemplo do que ocorre no Mito da Caverna de Platão, traria mais dúvidas que respostas. Uma certeza teria de que revisitar um espaço que em um dado momento me foi um ambiente tão familiar, mas que agora, visto a partir de outro lugar, do lugar do pesquisador, parecer-me-ia diferente.

No percurso da pesquisa que se formatava, o conhecimento que tinha sobre a cidade de Caxias do Maranhão, considerada a minha “casa”, dava lugar a uma mais profunda compreensão da cidade, seu patrimônio, suas memórias e histórias, em um discurso que precisava se fazer concreto nas ações do povo da cidade.

Ao realizar esse percurso, constatei que a cidade, seus testemunhos e seus patrimônios precisavam ser difundidos para todos, buscando informações não somente na produção acadêmica, mas naqueles que, por diversas razões, não tiveram a possibilidade de adquirir esses saberes formais.

Meu objeto foi tomando corpo na medida em que utilizei, obviamente, as fontes de conhecimento acadêmicas, mas se cristalizou, sobretudo, ao me aproximar das fontes orais, possibilitando elementos para serem estudados e compreendidos, tendo em vista os objetivos dessa investigação.

Dessa forma, pude me voltar ao principal objetivo da pesquisa: compreender como as memórias de sujeitos comuns podem contribuir para a escrita da história e como elas - essas memórias - podem assumir um lugar de importância na construção da identidade coletiva da cidade. Para isso, propus-me a analisar como os testemunhos da população da cidade narram a história de Caxias, que “patrimônios” são mais recorrentes nessas memórias e como se constituem no contexto da cidade e, por fim, discutir o valor dessas contribuições, na forma de

reminiscências sobre a cidade, para a sua conservação, manutenção e difusão dessa história e patrimônio.

Nessa rota, busquei inicialmente compreender os conceitos analíticos com os quais embasaria o estudo - memória, história, cidade, patrimônio. Com essa base elaborada, teria que buscar os diferentes olhares, e ali estava o momento singular da proposta metodológica com o uso da história oral, certamente sem o rigor acadêmico que merece, mas como estratégia possível, complementada com a pesquisa na produção acadêmica e em algumas (poucas) fontes documentais. Na medida em que avancei, busquei como narradores homens e mulheres dos bairros mais antigos da cidade, que seriam os vetores determinantes para impulsionar a pesquisa, identificados pelas memórias que narram da cidade a partir do lugar de onde falam – seus bairros.

Fui em busca dessas vozes, tendo como critérios básicos serem moradores de bairros representativos da cidade e terem experiência de vida, portanto com idades mais avançadas, acima dos 70 anos e, um dado importante, ser uma pessoa ‘comum’, que tem suas experiências e vivências baseadas nas estruturas simples do cotidiano, não o “intelectual”; este teria o seu momento, que não seria agora. E encontrei cinco vozes de lugares diferentes, mas semelhantes na tessitura dos significados da memória, dispostas a falar. A partir daí, cada narrativa me conduzia a refletir sobre o que diziam. Nas suas narrativas, foram produzindo elementos que permitiram perceber como entendiam a cidade e seus patrimônios e avaliar como faziam essas escolhas. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento pelo espaço vivido relacionava a cidade como extensão de suas casas. As escolhas de coisas, lugares, saberes e fazeres se davam a partir de suas vivências e experiências com a cidade.

A partir dessas falas e da recorrência de elementos que indicavam determinados lugares e eventos, os ressaltai e realizei uma breve incursão pelas suas histórias, buscando compreender suas temporalidades, que memórias guardam e que transformações sofreram. No caminhar sobre a pesquisa, procurei fazer o debate sobre a produção da escrita da história da cidade e aquilo que as narrativas orais apresentavam.

Os entrevistados, na grande maioria, falaram da cidade e de seus patrimônios com nostalgia, mas sempre demonstrando um forte sentimento de pertencimento aos lugares e eventos sobre os quais suas memórias os levavam. Criavam, assim, um imaginário da cidade que funcionava como extensão de suas próprias vidas. As lembranças que guardavam traduziam-se em verdadeiros desafios para a compreensão acerca do cotidiano da cidade, que é

vista como algo no passado, não aceitando o presente embora reconhecendo que mudanças ocorreram.

Quando se referem aos dias atuais, com espaços completamente transformados, dizem... “é o fim”. Essa ideia de finitude se reporta a percepção daquilo que havia antes - bailes, festas, casas, comidas, pessoas – mas que agora já não existe. O tempo é uma expressão utilizada por todos, em um sentido saudosista – “naquele tempo”, “no meu tempo” - como se tudo, no presente, tivesse acabado para eles. Fica claro que, desde o lugar de onde falam, estão intimamente ligados com aquilo que os apreendeu, enquanto indivíduos que vivenciaram um determinado tempo/período.

No entanto, e apesar disso, não desconhecem os processos históricos, pois reconhecem que transformações ocorreram, mas em direção a algo que lhes é negativo: no distanciamento das pessoas das conversas na porta da casa, do banho do rio, das quermesses e festas religiosas, dos bailes no clube, das “pipiras” da fábrica, do apito e da fumaça dos trens...tudo se foi minguando, desaparecendo.

Conforme observado ainda nas falas dos entrevistados, ao mencionarem determinados bens culturais, deram vida à pesquisa, com seu olhar a partir do senso comum. Foram igrejas, praças, festas, escolas, clubes e monumentos que se tornaram popularmente legitimados por eles como “patrimônios”. Ressaltaram, à luz de suas vivências, o que viram, ouviram e viveram nesse tempo histórico.

Assim, pelo fato dessas vozes apresentarem esses bens culturais, busquei resgatar aquilo que oficialmente nos é trazido como patrimônio. Apesar de existirem leis federais, estaduais e municipais que dispõem sobre tombamento e preservação de patrimônios edificados e registro de patrimônios intangíveis, somente o prédio da antiga Fábrica Têxtil e o centro histórico da cidade são tombados, nem mesmo as ruínas do Quartel da Balaiada foram contempladas com estas leis. O que chama a atenção é que poucos caxienses conhecem essas leis e que somente os intelectuais conversam sobre o patrimônio nessa perspectiva.

Para estabelecer um certo contraponto às falas dos entrevistados dos bairros e suas memórias, ouvi também professores de História – do ensino básico, da universidade e do Memorial da Balaiada. Pude perceber o contraste de dois mundos que, apesar de se complementarem, possuem discursos muito distintos. Obviamente, era de se esperar. Mas, como coloquei, existe aí uma relação de complementaridade, pois é possível conjugar essas duas percepções da história. Penso que essa Tese tenha demonstrado, ainda que de forma tentativa, essa possibilidade.

Ao fim da pesquisa, pude perceber que as memórias individuais e coletivas assumem sua importância na construção histórica da cidade. Consta-se que a cidade se constrói a partir dos fragmentos de sua história e que seus patrimônios devem ser vistos como signos erguidos no presente, com vistas a proferir um passado ou uma versão do passado, mas talvez não uma verdade sobre ele.

Sou consciente das armadilhas da história oral, ao olhar somente para as falas e imaginar que são realidades concretas. Entendo Guimarães Neto (2010, p. 4) quando coloca que

No caso das fontes orais (...) não se tem mais a ingenuidade de considerá-las “testemunhos do real”, “elos com a realidade”, “captura do real”, ou até mesmo levantar questões, tais como, “reviver o passado” e “dar voz aos silenciados”, entre tantas afirmações do mesmo tipo. Mas, de maneira enfática, a orientação é outra, procura-se ampliar os aportes teóricos que dão amparo às discussões e sistematizações dos procedimentos de análise próprios ao seu uso e complexidade. (GUIMARÃES NETO, 2010, p. 4).

Realmente, ao trazer as falas de moradores de diferentes lugares da cidade, usei suas memórias naquilo que elas realmente são, reminiscências que funcionam como testemunhos de uma história possível, fragmentos de memórias que podem ajudar a construir uma perspectiva mais ampla, auxiliada pelo conhecimento acadêmico, de compreensão da cidade e de seus patrimônios.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração no campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009, p. 34-48.

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKI, Carla Bassanezi et al.(Orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p.155-202.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. De festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, 2011, p. 134-150.

\_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaio de teorias da História. São Paulo: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Eliane de S. Patrimônio cultural e memórias: percorrendo os dias e sentido a cidade de Caxias In: PESSOA, Jordânia; MELO, Salânia (Orgs.). **Percorrendo becos e travessas**: feitos e olhares das histórias de Caxias. Teresina: EDUFPI, 2010.

\_\_\_\_\_. **O patrimônio arquitetônico e artístico da cidade de Caxias-MA**. Caxias: CESC/UEMA, 2001. (Trabalho de Conclusão do Curso).

\_\_\_\_\_. **O patrimônio edificado do centro histórico de Caxias-MA como lugar de memória**: entre a materialidade e a imaterialidade. Teresina: UFPI, 2009. (Dissertação de Mestrado).

AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho. **São Luís**: reabilitação do centro histórico-patrimônio da humanidade. São Luís: IPHAN, 2012.

ARAÚJO, Raimundo Pereira Lima de. **Uma análise histórica-geográfica do processo de (re)produção do espaço urbano de Caxias**. Caxias: UFMA, 2002.

- ARENDDT, Hanna. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARTHES, Roland. **A Aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BATISTA, Leticia Maria Mesquita. **Memórias de Caxias: cada rua, sua história**. Caxias, 1992.
- BECKER, Bertha. O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, B.; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. (Orgs.). **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983, p. 1-21.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, 1985, p. 222-234.
- BERND, Zilé, SANTOS, Nádía Maria W. **Bens culturais: temas contemporâneos**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987, p. 16-41.
- \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRASIL. **Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1937.
- \_\_\_\_\_. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: UNESP, 1991.

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: USP/FFLCH, 2007.

CARVALHO NETA, Raimunda Nonata F.; PIMENTEL, João Carlos. **A cidade e a memória**: as representações artísticas formando a identidade ludovicense. São Luís: UEMA, 2015.

CASTELLI JUNIOR, Roberto. **Brasil do Café á indústria**: transição para o trabalho livre. São Paulo, Brasiliense, 2004.

CASTRIOTA, Leonardo B. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e histografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAXIAS. Prefeitura Municipal. Lei 1.838/2009. **Dispõe sobre a definição e delimitação dos bairros da cidade de Caxias/MA**. Caxias: Prefeitura Municipal, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Difel, 1990.

CHOAY, F. A. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_. **As questões do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CIFELLI, G. **Turismo**: patrimônio e nova s territorialidades em Ouro Preto (MG). Campinas: UNICAMP, 2005. (Dissertação de Mestrado).

COSTA, M. B. **Ecos da Balaiada em Caxias- MA na memória oral de idoso/os (uma interpelação á Política Nacional de Patrimônio Imaterial)**. Teresina: UFPI, 2010. (Dissertação de Mestrado).

COUTINHO, Milson. **Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história**. São Luís, PMC, 2005.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E PAISAGÍSTICO DO MARANHÃO. **Arquivo público**. DPHAP/MA: São Luís, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral, memória, identidades. In: **História oral, memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, p. 9-66.

DELGADO, Andréa Ferreira. Goiás: a invenção da cidade “patrimônio humanidade”. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005, p. 113-143.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Canção do exílio: primeiros contos de 1848**. [S.l.]: [s.n], [19??].

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. São Paulo, Edusc, 2004.

DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FELIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediuf, 1998.

FERNANDES, Renata Vieira, BROPOPO, Luís Antônio, PARK, Margareth Brandini (Orgs). **Cidade: patrimônio educativo**. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

FERREIRA, Marieta de M. et al. **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação: prioridade nacional**. Brasília: [s.n.], 1982.

FOLHA DE CAXIAS. [Periódico]. Caxias, 1963.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI JÚNIOR, Décio. Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares. **Cadernos de História da Educação**, v. 1, nº 1, 2002, p. 29-31.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2006.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S., ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GUATTARI, Felix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço e Debates**, v. 5, n. 16, 1985.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia e narrativa: do arquivo ao texto. **Revista Clio**, Recife, n. 28, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo, Thomson Learning, 2007.

HOBSBAWN, E. J.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Tradução Celina C. Cavalcanti. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010:** características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Brasília: IBGE, 2010.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE CAXIAS. Caxias: IHGC, 2016.

ISNARD, Hilebert. **O espaço geográfico**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

KERN, Arno Alvarez, MUTTER, Débora. Discussões acerca do patrimônio cultural. In: PAIM, Elison Antônio, Guimarães, Maria de Fátima, (Orgs.). **História, Memória e Patrimônio:** possibilidades educativas. Jundiaí: Paco Ed. 2012. p. 183-200.

LACROIX, M. L. L. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís: Lithograf, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa, Edições 70, 1997.

MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo?** a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARANHÃO. Decreto de tombamento. Lei Estadual nº 5.082, de 20 de dezembro de 1990. In: **Diário Oficial**, São Luís, 18 de dezembro de 1990.

MARSHALL. T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Guilherme de Oliveira. **Patrimônio, herança e memória:** a cultura como criação. São Paulo: Gradativa, 2009.

MATTOS, Olgária. “O Direito à Paisagem”. In: PECHMAN, Robert (Org). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MEDEIROS, F. C. **Aconteceu em Caxias**: relatos históricos. Caxias: Academia Caxiense de Letras, 2005.

MELO, Cláudio. **Caxias no tempo das Aldeias Altas**. Caxias: Academia Caxiense de Letras, 1986.

MELO, Salânia Maria Barbosa, SOUZA, Joana Batista de, SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campo. **Caxias**: memórias, histórias e outros saberes. Teresina: EDUFPI, 2016.

MEIRA, Ana L. G. **O passado no futuro da cidade**: políticas públicas e participação dos cidadãos na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004.

MENEZES, Ulpiano B. de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 34, 1992, p. 9-23.

\_\_\_\_\_. Morfologia das cidades brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, 1996. p. 144-153.

MIRANDA, Antônio Luís Alencar. A construção histórica do espaço urbano de Caxias. In: PESSOA, Jordânia Maria; BARBOSA, Salânia M. (Orgs.). **Percorrendo becos e travessas**: feitos e olhares das histórias de Caxias. Teresina, EDUFPI, 2010.

MIRANDA, Antônio Luis Alencar; BITENCOURT, Erlinda Maria (Orgs.). **Linguagem**: múltiplos objetos, múltiplas leituras. São Luís: UEMA, 2006.

MIRANDA, Antonio Luis Alencar. **Caxias**: uma leitura semiológica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. (Dissertação de Mestrado).

MORAIS, Francinaldo de Jesus. **Ecos da escravidão**: memória e “imagens identitárias” de indivíduos negros em Caxias-Maranhão (1980-2000). Imperatriz: Ética, 2008.

MOTA, Lia. O patrimônio das cidades. In: SANTOS, Afonso Carlos; KESSEL, Carlos; GUIMARAES, Cêça (Orgs.). **Museus e cidades**. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2003, p.123-152.

MOTTA, Diomar das Graças. A emergência dos grupos escolares no maranhão. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 141-152.

NASCIMENTO, Franc-Lane Sousa Carvalho do. **Os saberes da formação inicial do pedagogo dos anos iniciais do ensino fundamental: experiências nas escolas públicas municipais de Caxias-MA**. Teresina, UFPI, 2011. (Dissertação de Mestrado).

NORA, Pierre. Entre memória e história: o problema dos lugares. **Projeto História**, n. 10, 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PAIM, Elison Antônio; GUIMARÃES, Maria de Fátima. **História, memória e patrimônio: Possibilidades Educativas**. Jundiá, Paco Ed., 2012.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: Vários autores. **O direito a memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo/Departamento do Patrimônio Histórico, 1992, p. 25-28.

PASSERINI, Luísa. Mitobiografia em História Oral. **Projeto História**, n. 10, 1993, p. 29-40.

PELEGRINE, Sandra C.A. A salvaguarda e a sustentabilidade do patrimônio imaterial brasileiro: Impasses e jurisprudências. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI (Orgs.). **Patrimônio cultural e ambiental: questões legais e conceituais**. São Paulo: Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense: práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**. Imperatriz: Ética, 2009.

PESSOA, Jordânia; MELO, Salânia (Orgs.). **Percorrendo becos e travessas: feilios e olhares das histórias de Caxias**. Teresina: Edufpi, 2010.

PETERSEN, Silva Regina Ferraz, LOVATO, Bárbara Hartung. **Introdução ao estudo da história: temas e textos.** Porto Alegre, Edição do autor, 2013.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Grupos escolares “escolas de verdade”?** João Pessoa: Cultura Educacional. UFPB, 2010.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto História**, n. 17, 1998, p. 203-211.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alexandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, v. 1, n. 2, 1996. p. 59-72.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, n. 15, 1997.

POULET, G. **O espaço proustiano.** Rio de Janeiro, Imago, 1992.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20.** Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla Luz. **“O que os monumentos podem dizer sobre a imigração”** 4º Simpósio Internacional e 12º FÓRUM de Estudos Brasileiros. 09/06/2015. (manuscrito).

REMÓND, René. Por uma História Presente. In: REMÓND, René (Org.). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p.13-36.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo, Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros passos).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. Entre memória e história In: CATROGA, Fernando. **Memória, história e histografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornelia. **Etnografia da Duração**. Porto Alegre, Marcavisual, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros passos).

ROMANELLI, Otaiza de O. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROXO, Lucas Costa. A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação. **Mouseion**, n. 9, 2011, p. 3-18.

SANTOS, Afonso Carlos. **Museus e cidades**. Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. Os trabalhos em festa: cultura e cotidiano em Camocim-CE (1960-1970). **Homem, espaço e tempo**, set/out. 2009, p.110-124.

SANTOS FILHO, Raphael David dos. **Lugares de memória: vassouras do conhecimento crítico a apropriação pela comunidade de seu patrimônio**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. Hucitec, São Paulo, 1988.

SARLO, Beatriz. **Tempo: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILIGMANN, Silva Márcio. **História, memória, literatura: O testemunho na era da catástrofe**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **A política de revitalização urbana na área central de João Pessoa como estratégia para a reprodução do capital**. X Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Campinas, 2013. (Manuscrito).

\_\_\_\_\_. **As Singularidades do Bairro na Realização da Cidade**: um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999. (Dissertação de Mestrado em Geografia).

SOUSA, Isaac Gonçalves; MENESES, Renato Lourenço de; VIANNA, Jerônimo Moreira (Orgs.). **Cartografias invisíveis: saberes e sentires de Caxias**. Caxias: Academia Caxiense de Letras, 2015.

SOUZA, Joana B. **Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Caxias-MA**. São Luís, UFMA, 2016. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Rosa Fátima. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SWAIN, Tânia Navarro. **História no plural**. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. São Paulo: Edições Unipop, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**. São Paulo: Campus, 2002.

VELOSO, Mariza. O fetiche do Patrimônio. **Habitus**, v. 4, n. 1, 2006. p. 443-454.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VILANETO, Quincas. **O município de Caxias**. Caxias, 2006.

VOUVELLE, Michel. O retrocesso pela História na redescoberta da festa. In: **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

## **ANEXOS**

TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Juciel Costa Mourão  
CPF 01928284349. RG 155-130-2101, após conhecer e  
entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem  
como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento,  
AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães  
Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:  
CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO  
TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu  
depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para  
fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da  
pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_ de outubro de 2016.

Juciel Costa Mourão  
Participante da Pesquisa

Mariangela Santana G. Santos  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

**TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS**

Eu Luclina Neves da Assunção  
CPF 064.662.303.68 RG \_\_\_\_\_, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_\_ de outubro de 2016.

Luclina Neves da Assunção  
Participante da Pesquisa

Mariangela S. Guimarães Santos  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

#### TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu Maria de Jesus do Melo Jesus  
CPF 099.939.629-19, RG 722749-79, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_ de outubro de 2016.

Maria de Jesus do Melo Jesus  
Participante da Pesquisa

Mariangela S. Guimarães Santos  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu JOÃO BATISTA LIMA  
CPF 959.922.333-68 RG \_\_\_\_\_, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_\_ de outubro de 2016.

João Batista Lima

Participante da Pesquisa

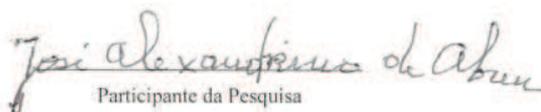
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu JOSE ALEXANDRINO DE ABREU  
CPF 075899643-87, RG —, após conhecer e  
entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem  
como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento,  
AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*,  
autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:  
CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO  
TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu  
depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para  
fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da  
pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_ de outubro de 2016.

  
Participante da Pesquisa

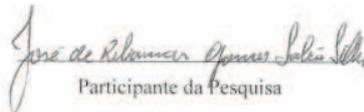
  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

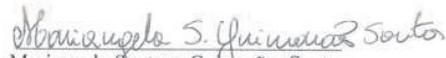
## TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu JOSE DE RIBAMAR GOMES FALCÃO FILHO  
CPF 483.932.393-72, RG 060860062016-2, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

  
Participante da Pesquisa

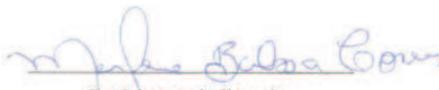
  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

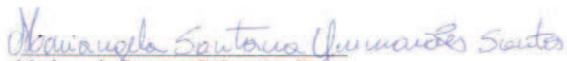
TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

Eu MERCILENE BARBOSA TORRES  
CPF 249763343-6 RG 709026 SSP/PI, após conhecer e  
entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem  
como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento,  
AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães  
Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA:  
CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO  
TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu  
depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para  
fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da  
pesquisadora acima especificada.

Caxias, \_\_\_ de outubro de 2016.

  
Participante da Pesquisa

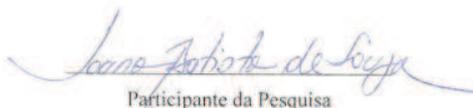
  
Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

## TERMO DE ACEITE DE DEPOIMENTOS

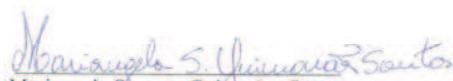
Eu JOANA BATISTA DE SOUZA  
CPF 693.233.993-53, RG 044319732012-6, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a doutoranda *Mariangela Santana Guimarães Santos*, autora do projeto de pesquisa intitulado "FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DE CAXIAS (MA) A PARTIR DA CIDADE COMO TESTEMUNHO" a realizar fotos e filmagem que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos, vídeos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora acima especificada.

Caxias, 17 de DEZEMBRO de 2016.



Participante da Pesquisa



Mariangela Santana Guimarães Santos  
Pesquisadora responsável pelo projeto

ALVARA — DE 31 DE OUTUBRO DE 1811

Grãa Villa de Caxias das Aldéas Altas da Comarca do Maranhão.

Eu o Principe Regente faço saber aos que este alvará virem, que tendo-me sido presente em consulta do Conselho Ultramarino, os justificados motivos pelos quaes merecia ser creado em Villa o Julgado do Arraial das Aldéas Altas da Comarca e Capitania do Maranhão, e ser exercitada a jurisdicção civil, crime e dos orphãos no seu territorio, por um Juiz letrado; o qual, em resolução da mesma consulta, houve logo por bem de nomear: e sendo-me também presente, em consulta da Mesa do Desembargo do Paço deste Estado do Brazil, que havendo eu nomeado outro Juiz de Fôra para o referido logar, houvesse por bem se expedissem os despachos necessarios para ter effeito a sobredita graça; e conformando-me com o parecer da mesma Consulta, hei por bem fazer mercê aos moradores do Julgado das Aldéas Altas de o crear em Villa, com a denominação de Villa de Caxias das Aldéas Altas; e crear na mesma Villa um logar de Juiz de Fôra, do Civil, Crime e dos Orphãos, para exercitar a jurisdicção ordinaria que ao mesmo cargo compete na fôrma das leis do Reino.

Na sobredita Villa de Caxias das Aldéas Altas será a Camara composta de tres Vereadores e um Procurador, a cuja eleição se procederá, e à eleição de dous Juizes Almotacés, os quaes observarão os Regimentos que lhes estão estabelecidos pelas Ordenações e leis do Reino. E a dita Villa gozará de todos os privilegios, prerogativas, autoridades e franquezas que pelas minhas leis competem ás outras Villas; e os seus moradores concorrerão com os das mais Villas daquella Comarca e deste Estado, com os mesmos privilegios e isenções sem differença alguma, excepto naquelles que precisam de graça especial. E concluidos que sejam os actos necessarios da criação e mais estabelecimentos, poderão requerer, e se lhes passará carta em fôrma por mim assignada e passada por minha Chancellaria para seu titulo.

O termo da mesma Villa será composto do Julgado das Aldéas Altas, do Julgado de S. Bernardo da Parnayba, e do Julgado de Pastos Bons, emquanto en assim o houver por bem; e os moradores de todos elles gozarão dos mesmos privilegios dos moradores da dita Villa de Caxias e seu termo, para entrarem nos cargos da governança della sem differença de uns a outros, além do que prescreve a lei do Reino; ficando extinctos os Juizes de Julgado, e elegendo-se os Juizes dos logares na fôrma da ordenação.

O Juiz de Fôra terá o ordenado, propinas e emolumentos que pelo Alvará de 8 de Maio de 1811 fui servido estabelecer para o logar de Juiz de Fôra das Villas da Parnahyba e Campo Maior, que é confinante. E hei outrossim por bem de crear na mencionada Villa de Caxias dous Officios de Tabellião do Judicial e Notas, a um dos quaes serão annexos os Officios de Escrivão da Camara e Almotaceria, e ao outro o de Escrivão dos Orphãos; assim como também haverá os Officios de Alcaide e seu Escrivão, que hei por bem crear, os quaes serão providos na fôrma da Ordenação e leis do Reino. E os rendimentos e patrimonios da dita Villa poderão estabelecer-se na fôrma concedida para as outras Villas pelo Alvará de 27 de Julho de 1811.

E este se cumprirá, como nelle se contém, sem duvida ou embargo algum, porque assim é minha mercê. E mando à Mesa do Desembargo do Paço e da Consciencia e Ordens; Presidente do meu Real Erario; Conselho da minha Real Fazenda; Regedor da Casa da Supplicação; Governador e Capitão General da Capitania do Maranhão, e a todos os mais Governadores, Magistrados, Justiças e pessoas a quem o conhecimento deste haja de pertancer, o cumpram e guardem e façam muito inteiramente guardar e cumprir como nelle se contém. E valerá, como se fosse passado pela Chancellaria, posto que por ella não haja de passar, e o seu effeito haja de durar por um e mais annos, não obstante a Ordenação em contrario. Dado no Rio de Janeiro a 31 de Outubro de 1811.

PRINCIPE com guarda.

*Marquez de Angeja P.*

Alvará por que Vossa Alteza Real ha por bem crear em Villa o Arraial das Aldéas Altas da Comarca do Maranhão.



LEI Nº 1.838/2009

DISPÕE SOBRE A DEFINIÇÃO E  
DELIMITAÇÃO DOS BAIRROS DA  
CIDADE DE CAXIAS/MA.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAXIAS, Estado do Maranhão, faz saber que a Câmara aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Art. 1.º Ficam definidos os bairros da Cidade de Caxias com suas respectivas delimitações estabelecidas pelo mapa anexo e pela "Descrição da Delimitação dos Bairros" conforme incisos seguintes:

**I. ANTENOR VIANA:**

Inicia-se este ponto de interseção da Travessa do Cajueiro com a Rua do Cajueiro; deste ponto segue a norte pela Rua do Cajueiro até interceptar a Travessa do Cajueiro 3 onde segue a leste pela Estrada Cajueiro – Teso Duro onde inicia-se uma linha imaginária sentido sul até encontrar a 3ª Travessa da Pedreira, seguindo por essa rua até a Rua Parnaíba; dobra a leste até a Rua Teso Duro onde prossegue por essa rua até interceptar a Estrada Caxias – Aldeias Altas; deste ponto segue sentido oeste até a bifurcação com a Rua do Aeroporto até encontrar a Rua dos Milagres; continuando a oeste por essa última até encontrar a Travessa do Cajueiro, onde segue-se por essa travessa até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

**II. BACURI:**

Inicia-se este ponto na bifurcação entre as ruas Aluisio Lobo e São Francisco, deste ponto segue sentido norte pela Rua do Aeroporto até a coordenada S04°50'00,5" W43°19'13,8"; onde vira-se a sul e segue-se uma linha imaginária até encontrar com a rua São Francisco, na coordenada S04°50'41,6" W43°19'48,7"; Deste ponto segue-se a oeste por esta última até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

**III. BAIXINHA:**

Inicia-se este perímetro no ponto de interseção da Rua da Baixinha com a linha férrea. Deste ponto acompanha-se a linha férrea até a coordenada S04°51'11,0" W43°19'44,9";. Dai segue rumo norte até encontrar a rua São Francisco na coordenada S04°50'41,6" W43°19'48,7";. Dai segue por esta rua a oeste até encontrar a Rua 03; Dai seguindo pela Rua 03 a sul, cruzando o Riacho São José, encontra-se o ponto inicial deste perímetro.

**IV. BELA VISTA:**

Inicia-se este ponto na rotatória da Avenida 04 e Avenida Benjamin Constant; Deste ponto segue-se pela avenida Benjamin Constant a leste até a rua João Viana; daí vira-se esta rua até encontrar a Avenida Manoel Emídio; Daí seguindo por esta avenida encontra-se a BR-316; Seguindo deste ponto pela BR-316 encontra-se a rua Alto da Cruz, onde vira-se por esta rua até encontrar a Avenida Ayrton Senna; Deste ponto segue-se pela Avenida 04 até encontrar o ponto inicial deste perímetro.



se o riacho a leste até a Rua Siqueira Campos indo sentido sul até encontrar a linha férrea: Deste ponto segue-se a leste acompanhando a linha férrea até encontrar o Beco do Onze. daí segue-se por esta rua, passa-se pela Avenida Central até a Rua Manoel Gonçalves e seguindo ao sul por esta via até a rua Abel Antunes e seu prolongamento, a Avenida Bandeirantes, prossegue até a bifurcação que se encontra a rua Aarão Reis. Deste ponto segue a oeste pela rua Aarão Reis até Travessa do Hospital onde segue por trás da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, seguindo adiante passa pela subida do Morro do Alecrim até a Rua do Fio com a Travessa do Alecrim, deste ponto segue a Rua das Lages que seguindo seu sentido até a Rua da Barrinha se atinge o ponto inicial deste perímetro.

#### X. DINIR SILVA:

Inicia-se este perímetro na rotatória da rua Aarão Reis com a Avenida Senador Alexandre Costa, Deste ponto segue pela rua Alto da Cruz, cruza-se a avenida Ayrton Senna, até encontrar a BR-316; Daí segue pela BR-316 a oeste até encontrar a rotatória com a Avenida Senador Alexandre Costa; Deste ponto segue-se por esta avenida e toda sua extensão até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

#### XI. FAZENDINHA:

Inicia-se este perímetro no ponto de interseção entre a Avenida N. Sra. de Nazaré e a 3ª Travessa São José. Deste ponto passa-se por trás da Antiga Rodoviária seguindo pela 3ª Travessa São José até encontrar a Rua 7 de Setembro; Daí segue por esta última a leste onde vira-se na Travessa 7 de Setembro, onde seguindo por esta via chega-se a Travessa do Matadouro. Deste ponto segue esta travessa até o ponto de cruzamento do Riacho Fazendinha; Daí segue-se por este riacho até encontrar a 5ª Travessa São José, onde segue-se por esta via até a Rua Maria do Rosário; Daí segue-se a rua Maria do Rosário até encontrar a BR-316; Daí segue pela BR-316 até a coordenada S04°52'42.3" W43°23'22.1"; Deste ponto segue em linha imaginária até o Caminho Fazendinha / Paulistão; Daí segue por esta via até encontrar a 2ª Rua do Paulistão; Daí segue rumo norte pela cruzando a 1ª Rua do Paulistão, seguindo pela Rua do Paulistão onde vira-se a oeste na Travessa da BR; Deste ponto segue pela Avenida Pirajá a leste até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

#### XII. FUMO VERDE:

Inicia-se este perímetro no cruzamento de acesso ao Balneário Venezia, na MA-034; Deste ponto segue a linha de transmissão de energia elétrica, rumo sudeste até a coordenada S04°54'58.5" W43°20'27.5"; Daí segue em linha imaginária, rumo sudoeste até o Riacho Pedro Coleta, na coordenada S04°55'37.0" W43°20'52.8"; Deste ponto acompanha-se o curso natural deste riacho, cruzando a MA-034, até seu encontro com o Rio Itapecuru; Daí segue rumo norte acompanhando o curso natural do Rio Itapecuru até seu cruzamento com a linha de transmissão; Deste ponto segue a linha de transmissão até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

#### XIII. ITAPECURUZINHÓ:

Inicia-se este perímetro no ponto de interseção da rotatória da BR-316 com a MA-034; Deste ponto segue pela MA-034, rumo sul até a bifurcação com a Rua Itapecuruzinho; Daí segue por esta rua onde encontra-se a ponte sobre o Riacho



segue em linha imaginária até encontrar a BR-316 na coordenada  $S04^{\circ}52'42.3''$   $W43^{\circ}23'22.1''$ . Dai segue pela BR-316, cruzando a rotatória de acesso a cidade, até a outra rotatória da fábrica Schincariol; Deste ponto segue em linha imaginária, rumo norte, limitando-se com a APA, seguindo a estrada vicinal até sua extensão a Rua Amazonas; Dai segue em linha reta até o Riacho Sanharó; Deste ponto segue o percurso natural do riacho até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

#### XXIII. PONTE:

Inicia-se este perímetro entre o ponto de interseção da BR 316 com o Riacho do Ponte; Dai segue-se o curso natural do riacho, cruzando o terreno da A.A.B.B., até encontrar a ponte de concreto; Deste ponto segue pela Rua da Glória até a Rua Campo de Belém; Segue por esta última até encontrar a Rua Aniceto Cruz; Dai segue por esta última sentido norte até encontrar a 2ª Travessa S. Luzia; Dai segue por esta até a Avenida Independência, que seguindo seu percurso encontra a leste a Travessa do Fio; Seguindo por esta travessa encontra-se o Rio Itapecuru; Deste ponto segue o percurso do rio a sul até encontrar o Riacho do Ponte; Então segue o percurso do riacho até a Rua Heraclito Noronha, que seguindo seu sentido se chega a Rua Nova; Dai segue o percurso desta última até encontrar a BR-316; Dai segue pela BR-316 até encontrar o perímetro inicial deste perímetro.

#### XXIV. RAIZ:

Inicia-se este perímetro da interseção entre a rua Travessa do Cajueiro 3 e a Estrada Cajueiro-Tesoduro; Deste ponto segue acompanhando a via da Estrada Cajueiro-Tesoduro até seu encontro com a Travessa do Aeroporto na coordenada  $S04^{\circ}49'54.2''$   $W43^{\circ}21'08.2''$ ; Dai segue o traçado da estrada vicinal, rumo norte até a coordenada  $S04^{\circ}49'28.4''$   $W43^{\circ}21'09.5''$ ; Dai segue rumo oeste, seguindo o percurso do Rio da Raiz, até encontrar o Rio Itapecuru; Dai vira-se a sul seguindo pelo Rio Itapecuru até a coordenada  $S04^{\circ}50'13.4''$   $W43^{\circ}22'03.9''$ ; Deste ponto segue em linha imaginária até encontrar a Travessa do Cajueiro, onde segue por essa via até a Travessa do Cajueiro 3, onde encontra-se o ponto inicial deste perímetro.

#### XXV. REFINARIA:

Inicia-se este perímetro no ponto de interseção do Beco do Onze com a Avenida Central, seguindo pela última sentido leste até encontrar a Rua Costa e Silva, vira-se essa rua no sentido sul até encontrar a Avenida Castelo Branco, a partir desse ponto segue-se por essa última até o ponto de encontro da Rua São Pedro; Segue-se esta via no sentido norte, cruza a Avenida Central até encontrar a Rua da Baixinha, onde segue sua via até interceptar a linha da Estrada de Ferro; Deste ponto segue-se a linha no sentido oeste pela Rua 19 de Abril até o Beco do Onze, daí segue-se até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

#### XXVI. SALOBRO:

Inicia-se este ponto na interseção da Rua Nova com a BR-316; daí segue pela Rua Nova circunferindo o bairro Salobro até encontrar a Rua Heraclito Noronha; Dai segue-se por esta rua até o Riacho do Ponte; Deste ponto segue o curso natural do riacho ao sul até encontrar o Rio Itapecuru; Dai segue pelo rio até a BR-316, onde, seguindo por esta BR ao oeste, encontra-se o ponto inicial deste perímetro.



com a Travessa do Aeroporto; Daí segue pela Estrada Cajueiro – Tesoduro até o limite do bairro Antenor Viana; Daí segue rumo sul pela 3ª Travessa da Pedreira até seu encontro com a Rua Parnaíba; Daí segue por esta rua onde vira-se a Rua Tesoduro até encontrar a Estrada Caxias - Aldeias Altas; Deste ponto segue a oeste onde encontra o ponto inicial deste perímetro.

**XXXI. TREZIDELA:**

Inicia-se este perímetro na bifurcação da Rua do Tamarineiro com a Rua dos Calderões; deste ponto segue-se rumo norte por essa última até encontrar a linha férrea; Deste ponto segue-se pela linha férrea até encontrar o Rio Itapecuru; Daí segue pelo Rio, seguindo o seu curso pelo sul, passando por duas pontes, pelo Parque da Cidade, até encontrar em seu leito no lado oeste a Travessa do Fio; Segue-se por esta última até encontrar a Avenida Rodrigo Otávio, vira-se a sul por esta avenida até a 2ª Travessa Santa Luzia por onde segue seu trajeto até a Rua Aniceto Cruz; Daí segue rumo norte por esta última até encontrar o Riacho Fazendinha; Deste ponto segue o curso do riacho até a Travessa do Matadouro; Daí segue pela Travessa 7 de Setembro até encontrar a Rua 7 de Setembro; Daí segue por esta última a oeste onde encontra a 3ª Travessa São José; Deste ponto segue por esta travessa, passando por trás da Antiga Rodoviária onde encontra a Avenida N. Sra. De Nazaré; Daí cruza-se esta avenida onde encontra a Rua do Tamarineiro; Deste ponto segue por esta última, cruzando o Riacho Sanharó até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

**XXXII. VILA ALECRIM:**

Inicia-se este perímetro no ponto de encontro da 2ª Travessa do Fio com a Rua Espírito Santo; Daí segue pela rua Espírito Santo no rumo sul, onde vira-se a leste na 2ª Travessa Bela Vista e segue por sua via até encontrar a 2ª Travessa Espírito Santo; Daí segue por esta travessa a leste até seu encontro com a Travessa 21 de Abril; Daí passa-se por trás da Escola circulando por ela até voltar novamente a Travessa 21 de Abril, onde segue sua via até encontrar a Rua da Coheb; Daí segue por esta última até Rua do Mangueirão, onde seguindo por esta rua encontra-se a rotatória na Avenida Senador Alexandre Costa; Daí segue pela Rua Aarão Reis onde vira-se a oeste na 2ª Travessa do Fio, percorrendo toda sua extensão até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

**XXXIII. VILA LOBÃO:**

Inicia-se este perímetro na bifurcação entre a Avenida Senador Alexandre Costa e a Rua do Mangueirão; Daí segue a Rua da Coheb, rumo sul, até seu encontro com a Avenida Volta Redonda; Daí segue a leste pela avenida Volta Redonda até a rotatória na Avenida Senador Alexandre Costa; deste ponto segue pela Avenida Senador Alexandre Costa, rumo norte, até encontrar o ponto inicial deste perímetro.

**XXXIV. VILA SÃO JOSÉ:**

Inicia-se este perímetro no ponto de intercessão da rotatória da BR-316 com a MA-034; Deste ponto segue-se a MA-034, rumo sul, onde vira-se na Rua Nova Vida a leste; Daí segue por esta última até a 1ª Travessa Nova Vida, onde seguindo seu trajeto encontra-se o Riacho Itapecuruzinho; Daí segue o curso do riacho, cruzando a Rua da Coheb, até encontrar a Estrada Para o Matadouro; Deste ponto segue por



esta estrada até a BR-316, onde, seguindo a oeste encontra-se o ponto inicial deste perímetro.

**XXXV. VOLTA REDONDA:**

Inicia-se este perímetro no ponto de intercessão entre a Rua do Sol e a Avenida Edson Lobão. Dai segue pela avenida Edson Lobão, rumo sul onde vira-se a leste na 2ª Travessa Espírito Santos. ; Dai segue por esta travessa a leste até seu encontro com a Travessa 21 de Abril. Dai passa-se por trás da Escola fazendo uma volta em seu terreno até voltar novamente a Travessa 21 de Abril, onde segue sua via até encontrar a Rua da Coheb; Deste ponto segue pela Rua da Coheb no sentido sul até a Avenida Volta Redonda; Dai segue por esta avenida até a rotatória na Avenida Senador Alexandre Costa; Dai segue pela BR-316, rumo oeste, até a ponte sobre o Rio Itapecuru; Deste ponto acompanha-se o curso natural do Rio Itapecuru até a coordenada  $S04^{\circ} 52' 32.2'' W43^{\circ} 21' 37.7''$ ; onde seguindo a linha imaginária chega-se a Rua do Sol e encontra o ponto inicial deste perímetro.

**Art. 2.º** Ficam definidas para efeito do macro zoneamento da cidade as seguintes Zonas

**I. ZONA CENTRAL:** Centro, Morro do Alecrim, Castelo Branco e Refinaria.

**II. ZONA NORTE:** Serenita, Antenor Viana, Raiz, Teso Duro, Bacuri e São Francisco.

**III. ZONA SUL:** Vila Alecrim, Cangalheiro, Vila Lobão, Volta Redonda, Vila São José, Pampulha, Itapecuruzinho, Fumo Verde e Luiza Queiroz.

**IV. ZONA LESTE:** Dinir Silva, Nova Caxias, Bela Vista, José Castro, Pai Geraldo, Baixinha, João Viana e Mutirão.

**V. ZONA OESTE:** Caldeirão, Tamarineiro, Trezidela, Pirajá, Fazendinha, Campo de Belém, Ponte e Salobra.

**Art. 3.º** As Associações de bairros extintos continuarão existindo, mudando, apenas, a denominação bairro por comunidade, e continuarão com a mesma representatividade já conquistada anteriormente.

**Art. 4.º** É parte integrante desta Lei o mapa que segue anexo.

**Art. 5.º** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS, ESTADO DO MARANHÃO,  
AOS 31 DIAS DO MÊS DEZEMBRO DE 2009.

Humberto Ivar Araujo Coutinho  
Prefeito Municipal

♦ ESTRADA DE FERRO

## Antiga estação é entregue a ação do tempo

Um dos capítulos mais interessantes da história de Caxias é o das vias de transportes, especialmente no que se refere à estrada de ferro. Ela apareceu como um marco importante no desenvolvimento e prosperidade da Princesa do Sertão maranhense. A estrada de ferro Caxias - São José das Flores (hoje Timon) foi inaugurada no ano de 1895 e encampada em 12 de março de 1921. A linha da estrada de ferro São Luís - Teresina foi inaugurada em Caxias no dia 20 de outubro de 1920. No final da década de 50, o principal meio de transporte em Caxias era o ferroviário. O transporte aéreo, largamente usado era feito pelo Consórcio Real-Aerovias-Nacional, para passageiros e cargas, ligando Caxias a todas as localidades servidas desse rápido meio de locomoção. A cidade comunicava-se com as cidades vizinhas - a Codó pelo meio ferroviário; a Coelho Neto, de animal ou rodoviário; a Timon, ferroviário ou rodoviário; a Dom Pedro, Parnarama, Matões e São Domingos do Maranhão, rodoviário; e União do Piauí, ferroviário, rodoviário ou fluvial. A comunicação com a capital estadual era feita pelos meios ferroviários, 373 quilômetros ou aéreo, 282 quilômetros. Mais de trinta anos depois, o quadro mudou.



Jadhriel Carvalho

O antigo aeroporto situado na Avenida Santos Dumont deu lugar às casas de um conjunto habitacional (IPEM). A mudança de local acabou eliminando os frequentes contatos por via aérea a Caxias. A cena se repetiu com a antiga estrada de ferro. Hoje ela se encontra praticamente desativada, limitando-se ao transporte de cargas. No ano de 1995, o meio mais utilizado pela população que entra e sai de Caxias se restringe ao transporte rodoviário que também serve para o escoamento da produção do município.

Um dos antigos funcionários da RFFSA também diretor do órgão no período de 1951 a 1995. Na época, o engenheiro Jadhriel Carvalho colocou em funcionamento 37 locomotivas a vapor e um

trem diário para passageiros. Foi também a época em que conseguiu ativar 17 cargueiros por dia. De acordo com o engenheiro, a estrada de ferro era um instrumento de coação política pelo poder dominante no Maranhão, mas quando assumiu, regularizou a igualdade de todos perante o transporte. "O resultado é que a receita dobrou sem aumento de tarifa" diz Jadhriel Carvalho. Ainda segundo o ex-diretor da RFFSA, depois do desenvolvimento da política rodoviária do Brasil, a qual foi dada ênfase em detrimento da ferrovia por causa das pressões da indústria automobilística nascente e das grandes construtoras que tomaram força na construção de Brasília, a rodovia ocupou espaço readquirindo as verbas das ferrovias. "As ferrovias foram interrompidas porque não eram de interesse das multinacionais, exportadoras de matérias-primas". O engenheiro atribui a queda da ferrovia de Caxias à política "zarolha" do Governo Federal. "É a mentalidade colonialista que ainda existe" - explica. Ele acredita que o que falta é, além da competência de técnicos ferroviários, a vontade política. "Tenho esperança que um dia o governo se interesse pela reconstrução das ferrovias" - conclui Jadhriel Carvalho.

m  
e  
lo  
e im-  
e para  
r. Ge-  
ora do  
te an-  
men-  
tensi-  
ome-  
a hos-  
ta tra-  
ir de-  
o pri-  
tomar  
noite  
mente  
ego e  
Passa-  
te da  
incia,  
vitan-  
fra as  
bebe-  
do de  
sparu-  
endo.  
ntido,  
e em  
Mas,  
ito do  
rda-  
las as  
atimo

od  
oj  
qj  
to  
p  
e  
a  
s  
i

...m...  
...m...  
...m...

ESTRADA DE FERRO CAXIAS A CAJAZEIRAS

- Decreto nº 10.250, de 31-5-1 889 - O Governo concede o privilégio de 80 anos para a construção de uma estrada de ferro de Caxias a São José das Cajazeiras, à firma organizada pelo engenheiro Nicolau Vergueiro, Le. Cog. (empresa particular concessionária de serviço da União).

- Decreto nº 529, de 28-6-1 890, transfere a concessão à "Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil"

- Ato do Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de 23 de março de 1 891, a concessão passou à Companhia de Melhoramentos do Maranhão. Sobre mesmo regime foi o tráfego inaugurado em 9-6-1 895.

- Decreto nº 14.589-A, de 30-12-1 920, incorporou a E.F. Caxias a Cajazeiras à E.F. São Luís a Caxias.

- Decreto nº 14.823, de 24-5-1 921, estabeleceu a ligação com Teresina, resultando a estrada única com a denominação de Estrada de Ferro São Luís-Teresina.

ESTRADA DE FERRO SÃO LUÍS A CAXIAS

- Decreto legislativo nº 1.329, de 3-1-1 905, autoriza a construção da Estrada de Ferro São Luís a Caxias.

- Decreto nº 7.073, de 20-8-1 908, aceita a proposta da firma Proença Echeverria & Cia para construção da Estrada (empresa particular).

- Decreto nº 7.425, de 27-5-1 909, transferiu o contrato de construção para a firma Hircaby & Cia.

- Decreto nº 9.303, de 10-1-1 912, transferiu o contrato de construção à Companhia São Luís a Caxias.

- Decreto nº 13.120, de 24-7-1 918, rescindiu o contrato de construção por firma particular e determinou que os trabalhos prosseguissem por administração direta (serviço público federal).